

Marcelo Almeida Silva

**O REICH E O STATO AOS PÉS DO CRISTO:**

O TOTALITARISMO SOB A ÓTICA DAS CHARGES DA REVISTA *CARETA* DURANTE A  
SEGUNDA GRANDE GUERRA

Marcelo Almeida Silva

**O REICH E O STATO AOS PÉS DO CRISTO:**

O TOTALITARISMO SOB A ÓTICA DAS CHARGES DA REVISTA *CARETA* DURANTE A  
SEGUNDA GRANDE GUERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, para a obtenção do título de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Poder, Mercado e Trabalho.

Orientadora: **Dr<sup>a</sup> Cláudia Maria Ribeiro Viscardi**

Juiz de Fora – 2014

Marcelo Almeida Silva

**O REICH E O STATO AOS PÉS DO CRISTO:**

O TOTALITARISMO SOB A ÓTICA DAS CHARGES DA REVISTA *CARETA* DURANTE A  
SEGUNDA GRANDE GUERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em História. História e sociedade. Linha de Pesquisa: Poder, Mercado e Trabalho.

Aprovada em    /    / 2014

---

Profª Drª Cláudia Maria Ribeiro Viscardi

---

Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

---

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta

*Aos meus pais, Cida e Paulo, com amor e eterna gratidão.*

## **AGRADECIMENTOS**

Àquilo que governa a todos, cujo nome desconheço.

À minha mãe, pelo amor incondicional e indispensável suporte.

Ao meu pai, por grande apoio.

Aos meus cinco dedos da mão direita, Clara, Victor, Rodrigo, Fernando e Diego, não necessariamente nessa ordem.

À minha família, e particularmente à Aline.

À minha orientadora, por ideias, paciência e crédito. Obrigado pela confiança.

Aos professores da banca, foi uma honra.

À UFJF e à CAPES/CNPQ.

Finalmente, à Théo, J. Carlos e Osvaldo, os quais adoraria ter conhecido.

*Mas eu desconfio que a única pessoa livre,  
realmente livre,  
é a que não tem medo do ridículo.*

Luís Fernando Veríssimo

**RESUMO**

As páginas que se seguem têm como objetivo analisar e compreender como os chargistas cariocas formaram representações e mergulharam em críticas os movimentos totalitários, mais especificamente o nazismo, através de charges publicadas na revista periódica *Careta*, durante o período da Segunda Guerra Mundial, que durou de 1939 a 1945. As charges circularam no Rio de Janeiro, capital do país na época, num período em que o Brasil vivenciava, desde 1937, a ditadura do Estado Novo comandada por Getúlio Vargas.

Palavras-chave: Charges; Totalitarismo; Nazismo; Segunda Guerra Mundial

**ABSTRACT**

The following pages are designed to analyze and understand how the locals cartoonists built representations and dived in critical totalitarian movements, specifically Nazi movement through cartoons published in the periodical *Grimace*, during the Second World War, which lasted from 1939 to 1945. The cartoons circulated in Rio de Janeiro, capital of the country at the time, a period when Brazil was experiencing, since 1937, the Estado Novo dictatorship led by Getúlio Vargas.

Keywords: Charges; Totalitarianism, Nazism, World War II

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I: O BIGODINHO “ILUMINADO” .....	26
1.1 A CONSOLIDAÇÃO DO PODER E A CRIAÇÃO DO FÜHRER .....	27
1.2 DES(D)ENHANDO O FÜHRER .....	35
CAPÍTULO II: O NAZISMO ENTRE RATOS, JUMENTOS E ARIANOS .....	94
CAPÍTULO III: “É RIR PRA NÃO CHORAR” - O “EIXO QUEBRADO” NA GUERRA MUNDIAL .....	145
CONCLUSÃO .....	201
ANEXO I .....	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	214



## INTRODUÇÃO

*“O nazismo viria a transformar todos os  
homens em parafusos de uma só máquina.  
Minha ojeriza por ele tem sua lógica simples.  
É que não quero ser parafuso.”*

J. Carlos

As livrarias e bibliotecas de todo o país estão repletas de obras sobre a Segunda Guerra Mundial, o Nazismo, o Fascismo, Hitler e Mussolini, de autoria estrangeira ou mesmo nacional. E diversas são as óticas: coletâneas sobre a guerra, suas estratégias militares, suas operações secretas, memórias de combatentes, a tecnologia da morte; as origens do nazismo e do fascismo, a vida e os hábitos de seus líderes, os segredos dos regimes, suas técnicas de propaganda, o ocultismo dos bastidores, os horrores do genocídio, diários de vítimas do holocausto, dentre outros. Por muitos caminhos se enveredaram historiadores, sociólogos, cientistas políticos, jornalistas e escritores para estudar os acontecimentos que marcaram com sangue o século XX – uns optaram por abordar o aspecto técnico-bélico do conflito, outros se valeram do horror para construir sua análise, alguns, ainda, se ocuparam da iconografia mnemônica que sobreviveu aos anos. Listas, documentos, mapas, cartas, fotos, vitórias, derrotas, encontros e despedidas, terror, lágrimas, dor e morte. Todas essas foram opções que deram suporte para a construção da vasta bibliografia existente sobre a Segunda Guerra Mundial e seus apêndices. Nós escolhemos o riso.

Embora nosso objetivo aqui seja o mesmo compartilhado por todas as outras obras, isto é, tentar entender um pouco o que foi tudo isso, ou como tudo isso foi entendido por quem o viveu, a proposta é, sob certo ângulo, inovadora. Num primeiro olhar, pode parecer estranho tratar de eventos tão pavorosos como os da Grande Guerra sob a ótica do riso, mas ver-se-á adiante que, com a destreza com que foi feita por mãos de talentosos desenhistas, a abordagem transforma rapidamente o estranhamento em admiração. As páginas que se seguem tentarão mostrar de que maneira as ações das três potências do Eixo na guerra, sobretudo a Alemanha, foram representadas sob a forma de imagens cômicas de uma revista carioca durante os longos anos que cobriram a luta mundial. É nesse sentido que tentaremos fazer a análise do discurso de diversas charges e caricaturas, examinando os caminhos que esse discurso percorre e que objetivos atinge.

A revista carioca escolhida vem a ser a *Careta*, que, embora publicada no Rio de Janeiro, circulava em outros estados do país. A revista foi fruto da efervescência de modernidade pela qual passou a imprensa periódica brasileira no fim do século XIX e início do XX, bem como das transformações nos cenários urbanos de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Esse processo de expansão teve diversas implicações para o setor da imprensa, e uma delas foi o desaparecimento progressivo das pequenas iniciativas e a transição do jornalismo artesanal para o empresarial<sup>1</sup>. Uma característica dessas novas publicações referiu-se à sua apresentação gráfica, uma vez que apostaram em novas formas de comunicação social para atrair o leitor, oferecendo notícias, reportagens, humor e publicidade, elementos que, aliados a uma linguagem ágil e acessível, garantiram o sucesso das vendas<sup>2</sup>. A *Careta*, obviamente, não era a única publicação desse tipo a circular pelas ruas do Brasil – entre os diversos periódicos ilustrados do período, destacam-se ainda *A Vida Moderna*, *Fon-Fon!*, *Eu Sei Tudo*, *O Malho* e *A Cigarra*.

Foi ela, no entanto, a escolhida como nossa fonte de análise, não apenas por estar impecavelmente organizada nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, ou ainda digitalizada na plataforma online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Não somente por quase não apresentar lacunas em suas edições existentes, ou por estar plenamente disponível ao pesquisador para consulta e coleta. A *Careta* foi um empreendimento do jornalista e empresário Jorge Schmidt, depois de experiências anteriores com outras revistas, como *Kosmos* e *Fon-Fon!*<sup>3</sup>. Tinha um *design* ousado em relação a outros periódicos, devido aos experimentalismos gráficos de seu fundador<sup>4</sup>, e, segundo Herman Lima, foi seu empreendimento mais ousado, por consistir em uma *nova publicação de moldes revolucionários, no campo da sátira política e social, pelo humorismo e irreverência das suas crônicas e sueltos, como pela finura do comentário ilustrado dos fatos da semana*<sup>5</sup>.

Lançada em 1908, em formato original 18,5 x 26,7cm, a *Careta* tinha publicação semanal, e circulava aos sábados<sup>6</sup>. Era impressa toda em papel *couché* até o ano de 1916<sup>7</sup> e,

<sup>1</sup> GARCIA, Sheila Nascimento. **Revista *Careta*: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1930-1945)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ASSIS, 2005, p. 30.

<sup>2</sup> LIMA, Y.S. **A ilustração na produção literária**. São Paulo, década de 20. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1985, p.14.

<sup>3</sup> Lançada também por Jorge Schmidt em 1905, com a colaboração artística dos caricaturistas Kalixto, Raul e J. Carlos (após 1907). GARCIA, Sheila Nascimento. *Idem*.

<sup>4</sup> MACHADO, Rosely Diniz da Silva. **O funcionamento discursivo de charges políticas**. Dissertação de Mestrado. Pelotas (RS): UCP, 2000. p. 01.

<sup>5</sup> LIMA, H. J. Carlos. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação. Coleção Artistas Brasileiros, 1950, p.18.

<sup>6</sup> As informações acerca das redes ou malhas de distribuição da revista são imprecisas. Contudo, Herman Lima afirma que a publicação era encontrada de norte a sul do país, possuindo um “prestígio paradoxal, disputada

posteriormente, com suporte misto em papel jornal. Em seu editorial de abertura, em que a revista defende sua proposta irreverente e singularmente crítica à sociedade carioca de seu tempo, são explícitas suas intenções, ao elegerem o humor como principal elemento de seu projeto editorial:

Ahi vae a nossa Careta

Aí vai a nossa Careta. Lançando à publicidade esse semanário, é preciso confessar, e contritamente o fazemos, que a Careta é feita para o público, o grande e respeitável público, com P maiúsculo! Se tomamos esta liberdade foi porque sabíamos perfeitamente que ele não morre de caretas. Longe vai o tempo em que isso acontecia. Todavia, nossa esperança é justamente que o público morra pela Careta, a fim de que ela viva. E, feita cinicamente essa confissão egoísta (...) digamos logo que o nosso programa cifra-se unicamente em fazer caretas. (...) As nossas caretas são sérias como as sessões do Instituto Histórico e a sua perfeição e semelhança garantidas. Se ao ver a Careta, gentil senhorita, apreciadora entusiasta das seções galantes do jornalismo smart, franzir graciosamente as graciosas sobranceiras, na boquita rubra estalando um desprezado muxoxo, nós já temos meia vingança: o muxoxo é meia careta, pelo menos.<sup>8</sup>

Nas palavras de R. Magalhães<sup>9</sup>, a *Careta*:

Transcende do plano municipal e nacional ao internacional, dando os seus tiros de atiradora solitária contra os tubarões do fascismo, contra os pretensos salvadores do mundo, do tipo de Mussolini, de Hitler, de Franco, de Salazar, etc. Careta foi um símbolo de resistência heroica da imprensa brasileira às tentativas de “modelação do espírito nacional” para aceitar Hitler e Mussolini como nossos aliados naturais.<sup>10</sup>

Mas não é apenas seu caráter vanguardista e contestatário que justifica sua adoção como fonte para a pesquisa que se segue. O aspecto peculiar que diferiu a revista dos demais projetos de Schmidt consistiu na configuração de seu quadro de colaboradores, composto por literatos, artistas plásticos e desenhistas. Sob a influência do convívio íntimo entre imprensa e literatura, *Careta* contou com a colaboração de Olavo Bilac, que nela publicou sonetos de *A Tarde*; além de Martins Fontes, Olegário Mariano, Aníbal Teófilo, Alberto de Oliveira, Goulart de Andrade, Emílio de Menezes, Bastos Tigre e Luís Edmundo. A atuação desse

tanto pelos fregueses de engraxates e barbeiros como pela elite intelectual do Brasil”, facilmente encontrada em comércios e livrarias, sendo também distribuída pelo serviço dos correios. Além disso, outro fator deve ser considerado: o número de tiragem não corresponde diretamente à circulação desta, uma vez que o mesmo exemplar poderia ser lido por várias pessoas, e não somente por aquela que o adquiriu. (LIMA, H. op.cit., p.152.)

<sup>7</sup> Em consequência da Primeira Guerra Mundial, o artigo tornou-se raro, o que levou à seguinte justificativa aos leitores: *Careta, aceitando, forçada pelas circunstâncias, um tipo corrente, modifica hoje o formato original e próprio adaptado e mantido desde sua fundação. As terríveis necessidades impostas pela guerra obrigam os fabricantes à produção uniforme (...). Careta, ano X, nº 472, 07/07/1917, p.05.*

<sup>8</sup> *Careta* Ano I, nº 01, 06/06/1908, p.03.

<sup>9</sup> Jornalista, biógrafo e teatrólogo cearense, membro da Academia Brasileira de Letras. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em <<http://www.academia.org.br>> acesso em 15/12/2013.

<sup>10</sup> Nas palavras de R. Magalhães Júnior, em 28/04/1945. In: LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.1. p. 150.

grupo de intelectuais, de singular comportamento boêmio, e os padrões de produção pouco convencionais para a cultura letrada do período, conferiram um aspecto irreverente e provocador à publicação<sup>11</sup>.

Além de todos esses colaboradores e motivos, a *Careta* ainda se justifica como fonte por contar com profissionais de grande renome no campo nacional da caricatura, como Djalma Pires Ferreira – Théó<sup>12</sup> – e José Carlos de Brito e Cunha – J. Carlos<sup>13</sup>, cuja produção artística, reconhecida mundialmente, foi presença constante nos mais de cinquenta anos de veiculação do semanário. Suas charges eram publicadas na capa – religiosamente – e no interior da revista, e revelavam sempre uma crítica astuta e uma valiosa análise dos diversos acontecimentos nacionais e internacionais.<sup>14</sup> J. C. responsável por ilustrá-la com exclusividade até 1921. Ao lado dos dois, Osvaldo Navarro<sup>15</sup> – embora sem o mesmo reconhecimento de

---

<sup>11</sup> VELLOSO, M. P. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

<sup>12</sup> Djalma Pires Ferreira – ou Théó, pseudônimo do artista – nasceu em Salvador em 2 de julho de 1901. Sua aparição na imprensa coincidiu com a vibração política da sucessão presidencial de 1919, na qual competiam Rui Barbosa e Epitácio Pessoa, e seus primeiros trabalhos foram publicados na imprensa local, no jornal *Tarde* (1918-1922) e no *Diário de Notícias* (1919). Transferido definitivamente para o Rio de Janeiro em maio de 1922, Théó passou a colaborar com mais frequência no *Don Quixote*, ingressando a seguir em outras publicações ilustradas, entre elas a *Careta*, com a qual colaborou de 1926 a 1930, depois de 1936 a 1947 e depois de 1950 até o final do periódico, que data de 1960. Sofreu influências de vários caricaturistas, e utilizou-se delas para formar e firmar sua personalidade, assegurada desde logo pela segurança do traço e pela destreza do desenho. Théó era dotado de extraordinária capacidade de apreensão do detalhe fisionômico decisivamente característico, o que lhe permitiria se tornar, com o passar do tempo, um dos maiores caricaturistas políticos do Brasil. A marca fundamental das charges de Théó foi sempre a flagrante semelhança de seus personagens, nos quais todos os tiques próprios se achavam fixados de maneira admirável, junto à graça irresistível com que os veste doutras vezes, de piratas, jôqueis, alquimistas ou arlequins, na mesma ordem mirabolante (LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.1, p. 1388).

<sup>13</sup> José Carlos de Brito e Cunha, ou só J. Carlos, que, ao lado de Raul e Kalixto, formam a grande trindade da caricatura brasileira, nasceu em Botafogo em 18 de junho de 1884. Do início da carreira, demorou pouco tempo para que J. Carlos pudesse ter sob seu nome artístico a direção da *Careta*, lançada, lançada em junho de 1908 por Jorge Schmidt, e por ele ilustrada com exclusividade até 1921. Publicou, durante alguns anos, além da capa, oito ou dez desenhos por semana, em cada número da *Careta*, d'O Malho e do *Para Todos*. Trabalhando a maior parte da sua vida na revista, J. Carlos transformou-a na crônica mais exata da realidade política de seu tempo. Considerado o maior caricaturista de todos os tempos, seus desenhos ficaram logo com uma vida à parte na nossa coletividade gráfica. Focalizando seus tipos com o máximo de precisão fisionômica, deve-se, contudo, ressaltar que J. Carlos nunca descia à sátira de alcance pessoal, valendo-se antes com exclusividade da sua imensa força de interpretação que lhe dava o flagrante justo. Outra faceta das mais sedutoras do espírito e da arte de José Carlos é a da autoria de legendas tão finamente sugestivas, pela malícia e pelo permanente toque de graça, quando não pelo profundo sentido humano. Como caricaturista político, a verve de J. Carlos não era menos viva. Fustigou durante quatro décadas de profissão, com muitas charges, as mazelas do cenário de interesses pessoas que caracterizava, com raríssimas exceções, a política nacional. Todos os acontecimentos marcantes – exceto o Estado Novo – ficaram registrados indelevelmente pela ironia do seu traço e do seu comentário. Era de uma aguda sensibilidade, de um horror total ao cabotismo, como aos assomos da opressão ou da violência, possuído sempre por uma alta chama de liberdade espiritual e idealismo. (LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V. 3. P. 1070.)

<sup>14</sup> SODRÉ, N. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.p. 150.

<sup>15</sup> Osvaldo Navarro nascera no Rio de Janeiro em 16/04/1893, mas muda-se para Barbacena, no interior de Minas Gerais, a fim de cursar o ginásio local. Constitui-se, talvez, a única exceção da história da caricatura brasileira, por ter feito vida artística, através das principais revistas ilustradas do Rio. Suas primeiras charges na *Careta* datam de 1913, com legendas que já revelavam o profissional espirituoso e prenunciavam decisivamente o humorista de tão intensa colaboração nas mesmas páginas da *Careta* de anos mais tarde. Transfere-se

Théo e J. Carlos, mas com o mesmo aguçado instinto satírico – completa o trio de caricaturistas que assinaram as charges que se seguirão adiante. Foram três homens que fizeram da profissão um instrumento de luta em prol da liberdade, do humanismo e da paz.

Antes de iniciarmos a análise dos trabalhos desses três anos, cabem ser feitas algumas considerações prévias, unicamente para familiarizar o leitor com o assunto e para mostrar, enfim, de que maneira o riso pode nos dar suporte para a elaboração deste texto. A primeira delas consiste em estabelecer a diferencia conceitual entre charge, caricatura e cartum, uma vez que os termos costumam ser utilizados indistintamente. Ainda que não haja completo consenso sobre o assunto, a ideia de que caricatura e charges são gêneros distintos já está consolidada para a maioria dos estudiosos de imagens<sup>16</sup>. A charge é um instrumento universal de crítica e sátira política limitado pelas especificidades culturais de cada país, ao contrário da caricatura e do cartum, sempre iguais, independentemente de origens<sup>17</sup>. Partindo do problema que a charge, a caricatura e o cartum têm em comum, isto é, a produção de uma identidade capaz de identificar – sem qualquer relação de estranhamento – a realidade com a ficção, a verdade com a fantasia, o sujeito com o personagem, Luiz Guilherme Teixeira Sodré nos oferece uma diferenciação conceitual aceitável das três categorias.

Trata-se, para cada um, de produzir e projetar nos personagens imaginários que criam uma identidade do sujeito que corresponda perfeitamente aos sujeitos reais dos quais se originam. Assim, a *identidade por diferença* é própria da charge, porque constrói um personagem que não se assemelha com o sujeito real do qual deriva. Ao contrário, é a relação de diferença entre eles que aprofunda a sua mútua identificação. Na charge, é a diferença que torna possível o personagem como outro do sujeito real. Já a *identidade por dissemelhança* surge como inerente à caricatura, porque duplica o próprio sujeito real no mesmo sujeito fictício, esse duplo que o repete como tal. Não há, no traço da caricatura, alteridade do sujeito. A função do dissemelhante é ressaltar semelhanças, e na caricatura, o dissemelhante produz e repete o mesmo. A *identidade coletiva* é a que busca o cartum, porque cria personagens à margem de qualquer sujeito real para, assim, evidenciar temas passíveis de serem apropriados

---

provisoriamente para o Rio de Janeiro em 1917, quando começa a colaborar com outras revistas, como a *Razão* e o *Rio Jornal*. Suas charges justificam o título que recebera de Kalixto, o de “caricaturista rural” – Osvaldo se especializou justamente na fixação das figuras mais genuínas das cidadezinhas do interior, tão bem conhecidas de seus percursos do Rio de Janeiro para Minas Gerais (LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.4. p, 1345).

<sup>16</sup> ARRIGONI, Mariana de Melo. **Debatendo os conceitos de caricatura, charge e cartum**. In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, 2011. p 2061. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/>> Acesso em dezembro de 2013.

<sup>17</sup> TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão, a charge**. Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 2005. p. 20.

consensualmente. Não há sujeito e não há real no universo do cartum, porque nele o sujeito é imaginário e a realidade, fantasia. O personagem do cartum não se refere ao *outro*, como na charge, nem ao mesmo, como na caricatura, mas a temas imaginários que não se referem, necessariamente, a sujeitos ou realidades individuais e particulares<sup>18</sup>.

Dos três gêneros, o que nos acompanhará em grande parte do trabalho será a charge, não se excluindo, contudo, a caricatura. Como charge se designa um traço de reflexão através do humor, que reproduz sujeitos reais e resume conflitos políticos. O humor é o principal fundamento de sua narrativa, o instrumento singular de sua linguagem, uma vez que é através dele que a charge transforma a notícia numa *consciência* sobre ela. Como charge se designa, sobretudo, um discurso no campo da comunicação, articulado por imagens, cujo sentido está além dos limites da razão<sup>19</sup>. R. Magalhães é quem nos diz:

Acho admirável o espírito de síntese da charge, que supre com algumas imagens e duas ou três frases todo o texto de um artigo, chegando à alma popular e a compreensão das multidões, de uma forma tão direta e tão facilmente assimilável que nos mete inveja, a nós, que manejamos apenas a arma das palavras.<sup>20</sup>

Raimundo Magalhães sintetizou com excelência o potencial da charge – a maneira prática e assimilável de se resumir artigos inteiros, facilitando sua compreensão e atingindo maior número de pessoas. As charges possuem esse particular – o de atingir um público superior ao do discurso verbal<sup>21</sup> – por carregarem uma linguagem artística simples e, portanto, de grande alcance popular, mobilizada para a extensão do debate político. Elas ajudam a trazer a política, como seus conflitos, seu líderes e situações, para a “língua do povo”, tornando-os temas menos complexos. As charges possuem inclinação histórica para os temas políticos, e constituem-se em espaço de discussão dentro da esfera pública do país e um elemento mobilizado para a própria disputa política<sup>22</sup>. Sendo assim, elas são uma arma de grosso calibre a serviço da manifestação de uma “opinião pública”<sup>23</sup>, canalizando sua agressividade latente contra quem se encontra em evidência publicamente.

---

<sup>18</sup> TEIXEIRA, op. cit., p. 23.

<sup>19</sup> Idem. p. 73.

<sup>20</sup> LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Op. cit. 1394.

<sup>21</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 17.

<sup>22</sup> LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. vol. 1. p. 175.

<sup>23</sup> O conceito de opinião pública é de um duplo sentido: quer no momento de sua formação, uma vez que não é privada e nasce do debate público, quer no seu objeto, a coisa pública. Como “opinião”, é sempre discutível, muda com o tempo e permite a discordância: na verdade ela expressa mais juízos de razão do que juízos de fato, próprios da ciência e dos entendidos. Enquanto “pública”, isto é, pertencente ao âmbito ou universo político, conviria antes falar de opiniões no plural, já que nesse universo não há espaço apenas para uma verdade política, para uma epistemocracia. A opinião pública não coincide com a verdade, precisamente por ser opinião, por ser

Trabalhar com imagens é um privilégio: para além de sua dimensão plástica, elas nos põem em contato com os sistemas de significação das sociedades, com suas formas de representação, com seus imaginários<sup>24</sup>; são veículos próprios de representações simbólicas que a sociedade e a cultura forjam sobre si mesmas. As charges, imersas na categoria imagética, traduzem visões de mundo revestidas de historicidade, porque são a manifestação de representações que agentes históricos construíram acerca da época em que viveram. Logo, são pontos de vista extremamente parciais, já que carregam consigo não só as ideias e preconceitos do seu autor, como também toda a linha editorial do meio na qual é inserida, seja um jornal ou uma revista, e configuram parte importante do discurso político de quem a emite. Portanto, apesar de parecerem textos ingênuos e despreziosos, charges são carregadas de parcialidade e se caracterizam como importantes ferramentas de conscientização, pois ao mesmo tempo em que divertem, informam, denunciam e criticam.

Além de sua função de crônica política, boas charges podem atuar como fonte de conhecimento, pois estimulam o pensamento e a reflexão<sup>25</sup>, além de serem importantes veias de análise, uma vez que se caracterizam como elementos sincréticos, capazes de unir o verbal, na forma de textos, e o visual, na forma de imagens, num único conteúdo.

Finalmente, muito importante ainda é o fato de esse tipo de iconografia mobilizar o humor<sup>26</sup> como estratégia de comunicação e crítica, já que, como lembra Rodrigo Patto, “em épocas de grande insegurança e temor, as linguagens capazes de mobilizar a comicidade e o humor tornam-se particularmente atraentes, pois o riso ajuda a lidar com o medo”. Além disso, a comicidade está ligada a uma operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri<sup>27</sup>, por isso o riso causa tanto desconforto. Transformar alguém em alvo de zombaria, como no caso de Hitler nas próximas charges, significa indicar e ressaltar suas debilidades, fraquezas e medo. O psicológico de Hitler era conhecido pelos caricaturistas, que procuraram explorá-lo para transformar o ranzinza e temeroso Hitler em uma figura cômica e desacreditada. Análises freudianas apontam, também, para o fato de que, ao rir de uma

---

*doxa* e não *episteme*; mas, na medida em que se forma e que se fortalece no debate, expressa uma atitude racional, crítica e bem informada (BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Edunb, 1993. p. 842.)

<sup>24</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. A História-conhecimento e o documento fotográfico. In: **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 78.

<sup>25</sup> MOTTA, Rodrigo Patto. Op. cit. p. 24.

<sup>26</sup> Segundo Henri Bergson, “o nosso riso é sempre o riso de um grupo” (BERGSON, Henri. **O riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p. 13.), o que faz do riso mobilizado pelas charges um eco do julgamento da sociedade.

<sup>27</sup> MOTTA, op. cit., 2006. p. 21.

charge, por exemplo, inconscientemente o leitor expressa concordância com a mensagem que o autor-deseñhista da charge procurara transmitir<sup>28</sup>.

A Segunda Guerra Mundial se arrastou do dia 1 de setembro de 1939 até 14 de agosto de 1945, quando os japoneses se renderam. Nesse intervalo foram para as ruas centenas de edições da *Careta*, que levaram em seu interior milhares de charges, que, obviamente, tiveram que ser selecionadas para figurarem neste trabalho. O primeiro critério – abordar a temática desejada – foi responsável pela eliminação de um grande contingente de charges, uma vez que muitas delas se voltavam para acontecimentos brasileiros e se detinham no cotidiano do Rio de Janeiro, não sendo, portanto, relevantes para o estudo que se propunha. Entre as que restaram – entre 350 e 400 imagens – cabia ainda uma nova seleção: constariam no trabalho aquelas charges que portassem o discurso mais relevante, a linguagem mais apelativa, as ideias mais interessantes. Não foram selecionadas seguindo qualquer critério de produção individual de cada caricaturista, uma espécie de abordagem personalizada, tampouco por serem belas ou engraçadas. A presença das charges aqui se justifica unicamente pelo argumento político que sustentam e pela profundidade da crítica que tecem.

Charges cuja temática incidia com maior recorrência também receberam maior atenção, já que, fazendo eco às palavras Rodrigo Patto, o fato de certos temas terem sido objeto de repetição e reiteração é significativo, pois isso ajuda a revelar o eixo central das polêmicas. É possível supor uma maior disseminação de tais temas, já que um número maior de pessoas teve acesso a eles, provavelmente recebendo as mesmas mensagens várias vezes<sup>29</sup>.

A respeito da divisão dos capítulos, pode-se dizer que se deu quase naturalmente, pois as próprias charges seguiam um tipo de lógica que inconscientemente as agrupava. Havia charges cujo protagonista era Hitler, outras privilegiavam os acontecimentos da guerra, algumas se voltavam contra as políticas nazistas, outras ainda se posicionavam sobre as demais potências do Eixo, Japão e Itália, transformando seus líderes em alvo de escárnio. Descarta-se, portanto, uma organização das imagens por critério cronológico – os capítulos foram organizados seguindo recortes temáticos. Cabe, ainda, ressaltar que a proposta aqui presente não foi a de estudar a recepção dos discursos veiculados por essas charges – embora se reconheça a importância de estudos nesse sentido –, mas sim os caminhos que esses discursos percorreram para atingir seus objetivos.

Com o decorrer das páginas, se apresentarão charges de diversas naturezas, que foram passíveis de atenta análise, mas algo precisa ser dito a esse respeito. Com tais análises, não se

---

<sup>28</sup> FREUD, Sigmund. **O Chiste e sua relação com o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>29</sup> MOTTA, Rodrigo Patto. Op. cit. p. 11.



tentou – nem se poderia tentar – esgotar todas as possibilidades de leitura das imagens, tampouco revelar uma “verdade” por trás do traço do artista, ou ainda inferir seu significado essencial, isto é, o que o artista realmente pretendeu ao desenhar a charge. Como leitor, relacionei-me com cada um dos caricaturistas de modo particular, com trocas de experiências únicas a cada charge. A compreensão da mensagem que uma charge busca emitir, ao mesmo tempo em que depende do quanto se sabe sobre o contexto em que foi produzida, está intimamente ligada com a dimensão do espaço de interseção entre o universo de experiências do leitor e do artista-dramaturgo que é o chargista. Quanto maior a interseção, mais íntimos se tornam leitores e chargistas, e melhores são compreendidas as charges. É claro, contudo, que eles muitas vezes se valem de inúmeros “senso comuns” para elaborar suas criações, caso contrário seriam incapazes de atingir o grande público, missão cabível à charge enquanto charge. Pretender esgotar as veias de análise de uma charge significaria violar uma de suas maiores virtudes, isto é, seu caráter fundamentalmente polissêmico.

Como já dito, as charges, ao contrário da caricatura e do cartum, possuem uma intensa relação com as condições histórico-sócio-políticas do lugar e do tempo em que foram concebidas. Sem o mínimo de informações a este respeito, sua compreensão se torna tão dispendiosa que suprime a sátira e o humor. A leitura que aqui se propõe se tornaria árdua – ou, ainda pior, esvaziaria de sentido cada charge incompreendida – não fosse o trabalho de reconstrução contextual que acompanhou as análises que o solicitaram. De que outra forma a charge da figura 56 se tornaria risível a não ser pelo resgate do acontecimento – atualmente por muitos desconhecido – a que se refere? O exercício de contextualização foi, sobretudo, uma medida profilática: auxiliou-nos a nos despir de nossa subjetividade e prenoções ao julgarmos as fontes – desconhecendo o contexto em que a problemática se desenrola, corríamos o risco de produzir inferências incorretas, pecar por preconceitos, ideias preconcebidas. Muitas vezes, as interpretações irracionais ou equivocadas do comportamento de outrem resultam de nossa incapacidade – por falta de informação ou de perspicácia, ou porque cedemos ao sociocentrismo de que fala Piaget – de descortinar as razões que os determinaram, e cuja identificação é na maioria das vezes difícil<sup>30</sup>.

Em muitos casos, a contextualização se consistiu em uma pequena reconstrução dos fatos relevantes para a compreensão desta ou daquela imagem, uma vez que o aprofundamento excessivo em determinados pontos significaria uma fuga da questão central proposta, qual seja a compreensão das *representações* dos acontecimentos, não dos

---

<sup>30</sup> BOUDON, R. & BOURRICAULD, F. "Ação". In: BOUDON, R. & BOURRICAULD, F. **Dicionário Crítico de Sociologia**. SP: Ática, 1993. P. 50

acontecimentos *em si mesmos*. Ao final, contudo, espera-se que se tenha uma visão satisfatória do contexto geral da circulação, mesmo que seja construída a partir de casos particulares, como as charges.

No momento da circulação das charges, à parte o cenário internacional, o Brasil passava pela experiência do Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas desde 1937. Não iremos nos ater, aqui, em um estudo profundo das origens da ditadura de Vargas, mas cabe dizer que em meados da década de 1930, bem como na Europa no mesmo período, a política no Brasil marchava para a radicalização. À esquerda, a ala legalista do Partido Comunista criou a Aliança Nacional Libertadora (ANL), um movimento que agrupou grande número de eleitores da classe média, preparados para suplementar seu anterior liberalismo com uma dose de progressismo simbolizado por Luis Carlos Prestes, presidente da ANL. A plataforma ANL pedia o cancelamento das dívidas imperialistas, a nacionalização das empresas estrangeiras e a liquidação dos latifúndios. Em posição radical também estavam os ativos da direita, dando forças ao movimento Integralista liderado por Plínio Salgado. Por isso, em 1935 o Congresso deu ao governo poderes para reprimir atividades políticas subversivas. Em meio aos preparativos para as eleições presidenciais, ainda neste governo foi descoberto um suposto plano comunista, denominado Plano Cohen, para a tomada do poder, o que deu ao governo Vargas o argumento de que precisava para endurecer sua postura. Tudo isso culminou com o golpe de Estado que deu origem ao Estado Novo, em 1937. A justificativa do Exército era a de que a competição política havia entrado em decadência, tornando-se perigosa<sup>31</sup>.

Com o golpe, Vargas começou a segunda metade do seu domínio de quinze anos. Apesar de os *milagres da Revolução de 1930*, nas palavras de Edgard Carone, proclamarem que foi ela a responsável por todo processo de hoje, que representa a supremacia da burguesia sobre as oligarquias agrárias, a vitória da indústria sobre a agricultura, a hegemonia da cidade sobre o campo, na verdade todo o processo de mudança estrutural e social se dá, principalmente, através do Estado Novo<sup>32</sup>, ou seja, se verificam mudanças a partir de 1930, mas que só se consumam na ditadura de Vargas<sup>33</sup>. Surgiu um governo interventor e nacionalista, burocrático e centralizador chefiado por Vargas, que sabia como ninguém usar a bajulação, a persuasão e a promessa de favores para explorar, em seu benefício, as lutas pelo poder no seio da liderança dos principais Estados. Com o episódio da

---

<sup>31</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo** (1930 – 1964). São Paulo: Paz e Terra, 1982. p. 40.

<sup>32</sup> CARONE, Edgard. **A Terceira República (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1976, p. 5.

<sup>33</sup> MARTINS, Luciano. A Revolução de 1930 e seu significado político. In. **A Revolução de 1930: seminário realizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas**, Rio de Janeiro, setembro de 1980. Brasília, EdUnb, 1983. p. 685.

queima de todas as bandeiras estatais, Vargas simbolizou o suprimento das diferenças regionais em nome do bem maior da nação.

Getúlio Vargas conseguiu implantar uma poderosa estrutura administrativa no país, necessária ao quadro econômico do Brasil. Enquanto o preâmbulo da nova Carta constituinte externava sua preocupação com “assegurar à Nação a sua unidade, o respeito à sua honra e à sua independência, e ao povo brasileiro, sob um regime de paz política e social, as condições necessárias à sua segurança, seu bem-estar e sua prosperidade”, o artigo 122 exterminava a liberdade de imprensa, admitindo desabridamente a censura:

Art. 122; 15) todo cidadão tem direito de manifestar o seu pensamento, oralmente, ou por escrito, impresso ou por imagens, mediante as condições e nos limites prescritos em lei.

A lei pode prescrever:

- a) Com fim de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, a censura prévia da imprensa, do teatro, do cinematógrafo, da radiodifusão, facultando à autoridade competente proibir a circulação, a difusão ou a representação;
- b) Medidas para impedir as manifestações contrárias à moralidade pública e aos bons costumes, assim como as especialmente destinadas à proteção da infância e da juventude.
- c) Providencias destinadas à proteção do interesse público, bem-estar do povo e segurança do Estado.

A imprensa regular-se-á por lei especial, de acordo com os seguintes princípios:

- a) A imprensa exerce uma função de caráter público;
- b) Nenhum jornal pode recusar a inserção de comunicados do governo, nas dimensões taxadas em lei;
- c) É assegurado a todo cidadão o direito de fazer inserir gratuitamente nos jornais que o infamarem ou injurarem, resposta, defesa ou retificação;
- d) É proibido o anonimato;
- e) A responsabilidade se tornará efetiva por pena de prisão contra o diretor responsável e pena pecuniária aplicada à empresa.(...)<sup>34</sup>

Apressou-se a ditadura em organizar os instrumentos de repressão do pensamento. A engrenagem fundamental de todo o sistema sensório foi o DIP, órgão que representava um aprimoramento da experiência haurida pelo governo com o Departamento Oficial de Propaganda (DOP). As empresas jornalísticas, bem como as atividades profissionais, só podiam se estabelecer caso obtivessem registro no Departamento. As matérias passaram a ser controladas, cerca de 60% do conteúdo dos jornais e revistas da época eram fornecidas pela Agência Nacional. A partir de 1940, 420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro, sendo interditas ou fechadas pelo governo<sup>35</sup>. Nesse ambiente de intenso controle dos meios de comunicação, muitos veículos com posicionamento político divergente foram silenciados.

<sup>34</sup> COSTELLA, Antônio F. **O controle da informação no Brasil**: evolução histórica da legislação brasileira de imprensa. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 111-112.

<sup>35</sup> BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990. p.302.

A produção humorística brasileira também sofreu cerceamento por parte dos órgãos oficiais, sobretudo a que se baseia na linguagem visual – entre elas, as charges e caricaturas. Preocupado com a repercussão que essas imagens têm entre as massas, bem como com suas potencialidades para veicularem posicionamentos críticos, o DIP publicou, no Anuário da Imprensa Brasileira, algumas considerações sobre o humor visual:

De todas as artes é a caricatura a que melhor reflete o seu tempo (...) Arma de combate e meio de reconstrução, ela tanto serve para destruir como para reformar (...) Mas, exercendo uma função social e vivendo paralelamente à evolução política, com o atual regime ela teve, logicamente, de perder o seu caráter libelário. A sua função de crítica cumpriu com brilho, enquanto necessário; mostrou-se à altura de sua função, vigilante e ativa. Mas, cessando a necessidade de vigilância atenta ao que se desenrolava no palco politiquês, pela perfeita entrosagem da vida nacional de hoje, a Caricatura, como órgão de crítica e polêmica, tornou-se obsoleta (...) mas a caricatura não morreu. O Estado Novo, pela sua identificação como os ideais brasileiros, fez com que ela enveredasse por outros caminhos (...) a caricatura política deixa de existir para ceder lugar à caricatura de costumes<sup>36</sup>.

Essa era a intenção. A prática, satisfatoriamente, não foi exatamente o que se desejava, uma vez que apesar dos órgãos reguladores, o projeto de dominação política e de hegemonia cultural sofreu interferências que o fizeram se desviar de seu caminho linear. Vozes destoantes que, com lápis, papel e irreverência, conseguiram burlar a censura que Théo chamaria de inepta, possibilitando novas formas de se apreender o tempo que se vivia. É nesse contexto que o humor visual divulgado pela *Careta* se insere, já que, na contramão de toda a censura e imposição do “correto”, suas capas – e não só elas – exibiam charges que, dispondo dos infinitos meios que possui para tanto, incitavam os leitores ao questionamento sobre sua realidade<sup>37</sup>. O caráter combativo do semanário, tão defendido desde sua criação, sobreviveu à institucionalização da censura graças, muitas vezes, pelo talento dos artistas que assinavam suas charges e que dispunham sempre de humor perspicaz e muita criatividade.

A opinião pública nacional, a partir do ano de 1938, foi formalmente proibida de comentar a atuação política de grupos identificados com o Eixo<sup>38</sup>. Até 1942, o governo Vargas explorava possibilidades oferecidas por ambos os centros em disputa, sem optar por uma aliança clara com um dos dois, mas, não obstante a neutralidade política do Brasil, as paixões políticas internas vibravam ao estímulo de cada progresso dos exércitos alemães. Ao

<sup>36</sup> SCARBI, O. Introdução à História da caricatura brasileira. **Anuário da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda, 1942, p. 77.

<sup>37</sup> BASTIDE, R. **Arte e sociedade**. Tradução Gilda de Mello e Souza. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1971, p.144.

<sup>38</sup> GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**. Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: E. Símbolo, 1977, p. 76.

mesmo tempo, Washington pressionava fortemente o Brasil na tentativa de afastar a influência do Eixo no país e levar o governo brasileiro a aderir à estratégia de defesa do continente, o que implicava em concessões amplas de natureza política, militar e econômica<sup>39</sup>. Já no final de 1941, Vargas começou a pender para o lado dos norte-americanos e, com a declaração de guerra dos EUA contra as potências do Eixo após o ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, em janeiro de 1942 o Brasil finalmente se alinhou à causa aliada, tornando a contradição representada pelo fato de uma ditadura declarar guerra ao fascismo praticamente cristalina<sup>40</sup>. Com o posicionamento brasileiro ao lado dos Aliados, e o consequente rompimento de relações diplomáticas com os países do Eixo, a regra censora arrefeceu-se substancialmente, o que é plenamente visível quando se observa os temas das charges contidas na *Careta*. A partir de 1942, as charges começam a se posicionar mais rigidamente no sentido de se opor aos regimes totalitários. Enquanto de 1939 a 1942 o que se observou foram charges mais frias e discretas, a partir desse ano as mensagens passaram a ficar mais elaboradas e complexas, com figuras conhecidas começando a ganhar forma – surgem as primeiras caricaturas de Hitler, e charges envolvendo sua pessoa.

\*\*\*\*\*

Os estudos que, como o nosso, utilizam charges e caricaturas não como simples ilustração, mas como portadoras de discursos políticos extremamente críticos e contemporâneos, são, de certa forma, incipientes no Brasil. Ao decidir utilizar as charges como fontes primárias, em detrimento da clássica documentação arquivística geralmente utilizada, assumiu-se a tarefa de tentar compreender uma documentação de certa forma desviante da tradição acadêmica brasileira e, portanto, carente de uma metodologia que lhe seja consensualmente própria.

Nossos métodos de análise das imagens que se seguem devem muito à obra de Rodrigo Patto Sá Motta, já citada anteriormente, por nós considerada referência entre as obras publicadas sobre o tema na última década. Segundo o próprio autor, seu objetivo central ao escrever o livro era “ajudar na compreensão das razões que explicam o evento de 31 de março, de desdobramentos tão marcantes para a história recente do Brasil”, e para alcançá-lo, utilizou charges e caricaturas do governo Jango e do Golpe Militar. No prefácio e na introdução do livro, Patto prestou grande contribuição acadêmica quando detalhou os

---

<sup>39</sup> MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões**: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: FGV, 1991. p. 7

<sup>40</sup> GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**. Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: E. Símbolo, 1977. p. 79.

princípios que nortearam seus métodos de pesquisa. Certamente, raros serão os trabalhos semelhantes – pelo menos na fonte – posteriores que não mencionarão a metodologia de Patto como fundamental na análise de charges e caricaturas, no trabalho de decifrar as significações que a “naturalidade” aparente das mensagens imagéticas implicam<sup>41</sup>.

Ulpiano Menezes nos alerta para o fato de serem as fontes visuais mais que documentos, ingredientes do próprio jogo social, na sua heterogeneidade e complexidade<sup>42</sup>. Portanto, devem ser tratadas com o mesmo olhar perspicaz e questionador que contemplam as demais fontes geralmente utilizadas por pesquisadores em seus trabalhos. A metamorfose metodológica surgida com os *Analles* no século passado fez da história-narrativa obsoleta e introduziu a história-problema, alterando também a concepção que se tinha acerca dos documentos históricos, não mais concebidos como um dado puro que fala por si mesmo e se oferece, objetivamente, ao historiador. Em princípio, o novo paradigma histórico implicaria a negação da antiga hierarquia de importância entre os diferentes tipos de documentos: fontes escritas, orais e visuais teriam a mesma importância no trabalho do historiador<sup>43</sup>. Não obstante o apelo de Braudel em seu texto *Posições da História em 1950* os historiadores ainda resistiram a encarar as imagens com bons olhos: apenas dez anos depois a situação começaria a mudar, e as imagens visuais seriam um dos mais importantes veículos de divulgação de uma série de acontecimentos que, a um só tempo, sustentaria a bipolarização do mundo e começaria a colocá-la em questão. Homens e mulheres que se dedicam a pensar e a refletir sobre os diferentes campos da dinâmica social não podem desconhecer o poder das imagens, uma vez que, para além de sua dimensão plástica, elas nos põem em contato com os sistemas de significação das sociedades, com suas formas de representação, com seus imaginários<sup>44</sup>.

Com a elevação das imagens à categoria de fontes históricas, surgiram campos do saber destinados a conhecê-las – entre eles a iconologia e a semiótica. Essas duas vertentes, ambas preocupadas com a leitura das imagens, buscam circunscrever o que vem sendo chamado de iconosfera, isto é, o conjunto de imagens-guia de um grupo social ou de uma sociedade num dado momento e com o qual ela interage<sup>45</sup>. Da iconologia, Patto alerta para atenção na observação das imagens em seus menores detalhes. A iconologia nos é útil por sua ênfase em

<sup>41</sup> JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996. p. 43.

<sup>42</sup> MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Rumo a uma “história visual”**. Material didático produzido para aula ministrada pelo Departamento de História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo FFLCH/USP aos 14 de junho de 2005. (versão 2). p. 04.

<sup>43</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. A História-conhecimento e o documento fotográfico. In: **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 76-77.

<sup>44</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. op cit. p. 78.

<sup>45</sup> MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. op. cit. p. 01.

tentar compreender as mensagens contidas na imagem, tratando-a como documento que contém informações a serem decifradas e submetidas à crítica<sup>46</sup>.

Já a semiologia encontra terreno mais fértil nas análises das charges. É a área do conhecimento dedicada ao estudo dos signos, cuja tipologia básica para seu estudo foi proposta por Charles Peirce e classificada por ele em ícone, índice e símbolo. De acordo com Patto:

O ícone é um signo que representa seu objeto através de uma relação de similaridade (exemplo: pintura realista, desenho figurativo); o índice implica uma relação de contiguidade com o que se representa (exemplo: fumaça para indicar fogo, pegadas para identificar o caminhante); e o símbolo é um signo cuja conexão com seu objeto está baseada em convenção (exemplo: foice e martelo para o comunismo, bandeiras para os países). Não se deve supor que os diferentes tipos de signo apareçam em estado puro; muitas vezes numa mesma representação é composta da combinação entre elas. E isso aplica-se particularmente ao presente caso: nas caricaturas, encontramos, com frequência, o uso simultâneo dos três tipos de signos<sup>47</sup>.

Mas foi Roland Barthes e seus seguidores que prosseguiram com um maior desenvolvimento teórico da semiologia. Desses estudos, Rodrigo ressalta as reflexões sobre os laços entre linguagem verbal e visual e a possibilidade de usar categorias de análise comuns aos dois campos. Assim, surgiu um recurso válido e eficiente, utilizado por Patto e presente também neste trabalho: captar na mensagem das charges a utilização de figuras de linguagens comuns no discurso verbal, sendo as principais apontadas por Patto e encontradas nas presentes análises – ironia (que consiste em exprimir uma ideia contrária ao que se pensa, a fim de criticar), metáfora (que é a alteração do sentido de uma palavra ou expressão, pelo acréscimo de um segundo significado, havendo entre eles uma relação de semelhança) e metonímia (emprego de uma palavra por outra, com que se acha relacionada). Às três categorias de figuras de linguagem citadas por Rodrigo, acrescentaríamos mais uma quarta, a hipérbole (o exagero de expressão de uma ideia<sup>48</sup>).

Para além das influências metodológicas da obra de Patto, outros recursos foram utilizados e desenvolvidos para uma melhor compreensão das mensagens que as charges continham. Um deles, que em grande parte se identifica com a proposta semiológica, consiste no destaque dos signos relevantes da charge. A análise da charge da figura 4 é ilustrativa: através da evidência de determinados signos presentes na charge, é possível detectar os

<sup>46</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op. cit. p. 30.

<sup>47</sup> MOTTA, Rodrigo Patto. Op cit. p. 27-28.

<sup>48</sup> CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. p. 358.

pontos-chaves que o artista criou para dar sentido ao seu desenho, facilitando a compreensão do que foi pretendido por ele.

Além do trabalho de Patto, mais duas obras foram úteis para a descoberta de formas de analisar imagens e desenvolvimento de possíveis aprimoramentos dessas formas. O primeiro deles foi a dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro por Pedro Krause Ribeiro. O objetivo de sua pesquisa consistia em perceber as permanências e mudanças da releitura do personagem Zé Povo, presente no traço dos diferentes caricaturistas cariocas, levando em conta a polissemia do conceito de “povo”, entre os anos 1875 a 1907. O estudo da obra possibilitou a interação com um trabalho que privilegiou a produção individual dos caricaturistas – o que, dentre outros motivos, a diferencia da pesquisa aqui apresentada – e promoveu a atenção ao contexto linguístico do período de produção das charges. Foi também útil – e constatou-se isso tanto no trabalho de Patto quanto na realização desta pesquisa – a percepção de que apenas um conhecimento satisfatório das ações dos atores envolvidos nos conflitos políticos que as charges procuravam representar pode possibilitar uma leitura adequada das charges, e sua consequente e aceitável análise.

Também do período imperial – e portanto distante de nosso período de análise – é o trabalho de Aristides Elisandro Machado Lopes. Trata-se também de uma dissertação, dessa vez defendida na UFRGS, que investigou as representações da política imperial, veiculadas nos periódicos ilustrados e humorísticos que circularam nos anos 1880 na cidade de Pelotas. O comportamento dos periódicos, quem eram os caricaturistas e colaboradores atuantes nos jornais, de qual forma a política nacional era abordada, como a questão republicana foi tratada pelos periódicos, todas essas foram questões respondidas pelo autor. Embora Aristides não se valha somente de charges para construir seu trabalho, o que também distancia nossas realidades, de sua pesquisa pode ser deduzido um cuidado detalhado com o contexto e alertas para as interpretações denotativas e conotativas das charges.

Finalmente, vale uma última ressalva. As charges eram feitas para ser compreendidas pelo grande público, logo, deveriam necessariamente ser de fácil entendimento. Não é necessária nenhuma erudição para se ler uma charge, caso contrário ela se distanciaria de seu objetivo. Contudo, o olhar apurado, o emprego de métodos coerentes de análise e o rigor acadêmico proporcionam, obviamente, leituras mais profundas e entendimentos menos naturalizados por trás das inocentes imagens cômicas.



\*\*\*\*\*

Vamos, contudo, deixar que as charges falem por elas mesmas. O primeiro capítulo, “O Bigodinho ‘Iluminado’”, é dedicado exclusivamente às representações pictóricas de um dos principais protagonistas do conflito – Adolf Hitler. Alvo mais visado por nosso trio implacável, Hitler teve sua vida e personalidade extremamente expostos nas páginas da *Careta*, suas fraquezas e debilidades evidenciados em prol de seu descrédito político e pessoal. No capítulo seguinte, “O Nazismo entre ratos, jumentos e arianos”, se dedicou a conhecer o discurso das charges a respeito das políticas nazistas e dos arianos. O nazismo foi traduzido aos brasileiros de maneiras diversamente inusitadas, teve suas práticas brutais denunciadas, enquanto seus adeptos eram comparados a porcos e a ratos. Já no terceiro e último capítulo, não menos importante que seus predecessores, descobriremos o que foi dito nas charges a respeito da atuação dos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial. De fracassados a fujões, Alemanha, Itália e Japão não foram poupados pela avalanche de críticas, que desejava a paz e defendia a liberdade.

## CAPÍTULO I: O BIGODINHO “ILUMINADO”

*“Prezado senhor Hitler!*

*As mais cordiais felicitações pela vitória eleitoral de ontem é o que lhe desejam, muito estimado Führer, um nacional-socialista com sua família. Quando eu, há anos, escolhi Simbach/Inn como local de residência, pude dizer que um homem ao qual o povo alemão confia seu próprio Eu surgiu [em] Braunau/Inn. Viva os seus méritos em relação a Hindenburg! Sim, senhor Hitler, nós lutamos e ganhamos algumas coisas, fizemos isso com prazer, com amor, amor profundo pelo senhor, nosso Führer, nosso popular salvador dessa escravidão. Mas, senhor Hitler, não sangramos e sacrificamos nossas vidas por uma liderança nacional-socialista que queira voltar a colaborar com o antigo opositor. Horst Wessel e outros não estão no túmulo para isso!!! Queremos ser completamente libertados pelo senhor daqueles que até agora só nos trouxeram necessidade e miséria. Não queremos saber de nenhum outro no governo, só queremos*

**ADOLF HITLER**

*como Führer, como única mão forte, como ditador.*

*Queremos Adolf Hitler, o qual nos prometeu expulsar esses bonzos dos cargos, livrar-se imediatamente dos sacerdotes que fazem política. Queremos o Adolf Hitler que jamais capitula e faz concessões e não se envolve em negociações com antigos inimigos que atacaram nosso amado Führer com sujeira e difamação. Queremos viver em breve a elevação e a libertação da Alemanha, e não depois de anos. Ofertamos nossas vidas por essa meta e pelo nosso Führer!*

*Nunca abandonamos Adolf Hitler, pois de outra forma não é possível vencer. Ainda não temos o poder para o nosso Führer. Mussolini é forte, Hitler deve ser ainda mais forte e severo. Nós, batalhadores, desejamos isso e queremos ser libertados da economia judaica. Só então teremos vencido, quando tivermos atingido essa meta.*

*Estamos prontos e queremos marchar pelo nosso Führer Adolf Hitler e pelas suas ideias! Esperamos treze anos pelo nosso salvador, agora chega. Avante com o que urge. Desejamos Adolf Hitler como ditador e não Hindenburg, que se opôs à elevação. Nós não queremos uma rebelião, o que certamente para muitos é sensacional. Queremos conquistar a liberdade com mãos ousadas.*

*Nós, nacional-socialistas, queremos a proibição de todos os jornais que espalharam veneno contra nosso Führer, expulsão de todos os judeus, deposição de todos os prefeitos que opoquentaram os habitantes dos vilarejos e cometeram injustiças revoltantes. Queremos a proibição de vários partidos. Punição dos criminosos da inflação, nenhum pagamento a ministros que saírem, pensões, etc.*

*Adolf Hitler, a quem ofertamos nosso sangue: segure os renitentes com mão de ferro e severidade e complete o programa com vontade ditatorial. Não negocie, mas aja! Confiamos em nosso Führer e o presenteamos com nossos corações e cada batimento!*

*Heil Hitler!*

*Salve-nos da escravidão do inimigo interno!*

*P.F. Beck, Lauben/Silésia*

*25.04.1932”<sup>49</sup>*

### **1.1. A CONSOLIDAÇÃO DO PODER E A CRIAÇÃO DO FÜHRER**

O denso processo político que levou Hitler ao cargo de Chanceler, indicado pelo presidente do Reich, não conferiu a ele plenos poderes num primeiro momento. As ações de Hitler eram limitadas pelo presidente e por personagens conservadores que faziam parte do novo gabinete formado – uma exigência presidencial para a posse de Hitler no cargo – o que fazia com que os nazistas não obtivessem maioria absoluta nas decisões. O início da *nazificação* da Alemanha, contudo, ao mesmo em tempo que via as campanhas de Hitler, feitas para líderes industriais, militares, latifundiários e o próprio povo – cujas principais pautas eram a erradicação do marxismo, a sustentação da sociedade futura por camponeses e operários, repressão aos opositores do programa de renascimento nacional simbolizado pelo NSDAP, e a honestidade perante o povo alemão – eram acompanhadas por uma onda de terror e repressão que varreu a Alemanha em estados dominados pelos nazistas.

O quadro foi agravado no dia 27 de fevereiro de 1933, quando um jovem holandês, Marinus van der Lubbe, imbuído de um forte sentimento de injustiça diante da miséria da classe operária nas mãos do sistema capitalista, ateou fogo no Reichstag<sup>50</sup>. A verdade completa sobre o incêndio provavelmente nunca será conhecida, já que quase todos que a

<sup>49</sup> EBERLE, Henrik (org.). **Cartas para Hitler**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. p. 90.

<sup>50</sup> O Parlamento alemão.

sabiam estão agora mortos, a maioria chacinada por ordens de Hitler nos meses que se seguiram, ainda que se suspeite que os nazistas estejam envolvidos no caso<sup>51</sup>. O fato é que a culpa do incêndio foi atribuída aos comunistas, e já na manhã seguinte, o ministro do Interior do Reich, Wilhelm Frick, já rascunhara um decreto “Para Proteção do Povo e do Estado”, que suspendia indefinidamente as liberdades individuais consagradas na Constituição de Weimar.

As eleições do Reichstag ocorridas no dia 5 de março, nas quais os nazistas conquistaram 43,9%<sup>52</sup> dos votos, foram o ponto de partida para a verdadeira tomada do poder onde os nacional-socialistas ainda não dominavam completamente, a chamada *Gleichshaltung* (coordenação), ou alinhamento dos estados ao governo do Reich. Uma corrente de manipulações foi traçada para garantir a maioria de dois terços nas votações do Parlamento, que conferiria a Hitler poderes excepcionais.

Durante o verão e a primavera de 1933, toda a Alemanha alinhou-se sob o comando de seus novos governantes. No outono, a ditadura nazista – Hitler no poder – já estava enormemente fortalecida. Foi criado o cargo de Governadores do Reich, para sustentar as linhas de política estabelecidas por Hitler. As mudanças radicais ocorridas na cena política após o incêndio do Reichstag, acompanhadas de uma avalanche de terror e intimidação, atingiram em grande medida os judeus, deixando-os totalmente expostos à violência, e fragilizaram completamente a posição dos adversários de Hitler. Um a um, os partidos foram capitulando. Os movimentos sindicais foram destruídos. Em 5 de junho de 1933, o *Zentrum*, último partido remanescente além do NSDAP, se dissolveu<sup>53</sup>. Dias depois, a Lei contra a Constituição de Novos Partidos faria do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* o *único partido político legal na Alemanha*:

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães constitui o único partido político da Alemanha. Aquele que tentar manter ou formar um novo partido político será punido com trabalhos forçados por três anos ou com prisão de seis meses a três anos, se a ação não estiver sujeita a penalidade maior, em conformidade com outros regulamentos..<sup>54</sup>

Em outubro do mesmo ano, Hitler dissolveu o Reichstag e convocou novas eleições, cujos resultados (92,1%) constituíram um Parlamento puramente nacional-socialista. A conquista da Alemanha por Hitler, contudo, ainda estava incompleta: uma velha questão

---

<sup>51</sup> SHIRER, W. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

<sup>52</sup> Percentual difícil de se obter no sistema eleitoral de Weimar (KERSHAW, Ian **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 309.)

<sup>53</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 322.

<sup>54</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 275

ameaçava pôr em risco o próprio regime – a questão da SA<sup>55</sup>. Liderada por Ernst Röhm, homem consumido por grandes ambições militares, a SA havia sobrevivido para além do objetivo de Hitler, que era a tomada do poder. Era uma pedra em seu sapato, uma vez que se transformara num fator de desestabilização, sobretudo em relação ao Exército.

Sua chefia era categórica quanto a não aceitação de sua submissão ao partido. Sua eliminação, todavia, não era uma questão simples, tendo em vista que se tratava de uma organização enorme, que abrigava velhos combatentes e havia sido a espinha dorsal da militância que forçara o ritmo da revolução nazista desde que Hitler assumira a Chancelaria<sup>56</sup>. O Exército estava cada vez mais alarmado com as pretensões militares da SA, e Hitler temia que os chefes militares acabassem buscando uma outra alternativa para chefe de Estado, caso não conseguisse resolver o problema. Os abusos da SA em relação à campanha de terror que vinha empregando causou ampla afronta pública, inclusive em círculos pró-nazistas. A organização estava incontrolável.

Röhm era um homem ambicioso e popular dentro da SA, o que desagradava Hitler, que logo notou que precisava romper com Röhm sem mais tardar. Aproveitando-se de rumores sobre um golpe da SA, Hitler armou o bote. Em 26 de junho de 1933, uma ordem, provavelmente forjada, dada por Röhm para que a SA se armasse fez soar os alarmes. Em 27 de junho, Hitler tomou a decisão de convocar toda a liderança da milícia para uma conferência e prendê-la. Membros da SA, conscientes dos rumores que corriam sobre um ataque contra a organização, estavam agitados na manhã de 30 de junho de 1934, data da reunião. Homens da SA de Munique, gritando ofensas ao Führer, tentaram fazer uma manifestação armada na cidade. Hitler, quando informado sobre o caso, o interpretou como traição de Röhm, e deu a autorização para o expurgo sangrento de 30 de junho, a Noite dos Longos Punhais, onde lideranças da SA foram presas e fuziladas, bem como antigos inimigos políticos de Hitler. Em 2 de julho, Hitler anunciou formalmente o fim da “ação de limpeza”<sup>57</sup>. A SA fora transformada em pouco mais do que um órgão de esportes e treinamentos militares.

Enquanto isso, o presidente do Reich agonizava. Seu estado de saúde, há muito lamentável, piorara, e, em 2 de agosto, estava morto. No entanto, uma lei criada por Hitler na véspera combinava o cargo de chanceler ao de presidente do Reich, o que significava que, com a morte de Hindenburg, Hitler se tornaria automaticamente comandante supremo das

---

<sup>55</sup> A SA, ou *Sturmabteilung*, eram as tropas de assalto alemãs, que funcionavam como uma organização paramilitar do partido e desempenharam importante papel na tomada do poder pelos nazistas. Seus membros eram os chamados “camisas pardas”, devido à cor de seus uniformes, e como forma de distinção em relação aos membros da SS. (COUTO, Sérgio Pereira. **Dossiê Hitler**. São Paulo: Universo dos Livros, 2007.p. 90)

<sup>56</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit.

<sup>57</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit.

forças armadas, fardo que pertencia ao antigo presidente. Um plebiscito apresentou a mudança nos poderes do Führer ao povo alemão, que, com 89,9% dos votos, concordou com os poderes constitucionalmente ilimitados de Hitler como chefe de Estado, chefe de governo, líder partidário e comandante supremo das Forças Armadas. Estava criado o Estado do Führer.

Depois do verão cheio de crises, entre os dias 4 e 10 de setembro, Hitler estava novamente em sua zona de conforto no enorme palco de propaganda do IV Congresso do NSDAP em Nuremberg, evento retratado pela cineasta Leni Riefenstahl no documentário *O Triunfo da Vontade*. Hitler, ao longo de sua jornada em busca do poder, tomou a precaução de se tornar fundamental e indispensável ao partido. Sem ele, o movimento teria sido destruído pelo faccionismo; com ele, a unidade ainda precária poderia ser preservada, com apelo à sua lealdade como dever primeiro<sup>58</sup>. Este protagonismo do Führer é o que Leni Riefenstahl enfatizou em seu *Triunfo*. Todo o Congresso do Partido em Nuremberg foi estruturado para as filmagens, revelando uma Alemanha feliz, arianizada, cega por seu Führer. Por todos os lados o que se via eram bandeiras e suásticas, rostos felizes e um militarismo disciplinado. Quando Hitler desfilou em um carro aberto, ladeado por alemães eufóricos, o cenário falava por si: todos espaços que circundavam os cidadãos, nas ruas, nos edifícios, no estádios, nos prédios públicos e privados, nas fábricas e nas escolas, tudo o que fosse impresso ou que circulava no ar, estava preenchido pelas mensagens, slogans e símbolos do partido nazista. Nas ruas, milhares de homens aglutinados traduziriam o triunfo da vontade, a vitória do desejo. Do desejo de ser nação, unidade, desejos materializados na figura de um líder redentor.

Refletindo a proposta do regime nazista, a película se estrutura em torno de noções básicas: exaltação da figura de um líder, formação de uma identidade nacional e a construção de uma nação, tanto no que diz respeito ao território, como ao sentimento nacionalista. O filme mostra constantemente como Hitler era aclamado pelo povo, que exaltava seu Führer, e todas as cenas possuem como centro a sua pessoa, responsável por “criar” uma identidade e uma noção de nação que até então a Alemanha só tinha vivido em sua unificação na criação do II Reich. Hitler vem para enaltecer o povo alemão, revelar suas qualidades e despertar um sentimento de união da nação.

É importante destacar que, como menciona Norbert Elias<sup>59</sup>, durante grande parte do século XVIII, os alemães, notadamente a burguesia, imitavam a corte francesa em seus hábitos e comportamentos, não existindo de modo específico uma identidade alemã. Com o final da

---

<sup>58</sup> KERSHAW, Ian, op. cit. p. 218.

<sup>59</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 67.

Primeira Guerra, já no início do século XX, a identidade do povo alemão foi abalada pelas prerrogativas humilhantes impostas pelo Tratado de Versalhes. Hitler, com seus discursos ufanistas de enaltecimento das qualidades dos alemães, reverteu esse quadro de humilhação, criando no povo um sentimento de orgulho e auto-estima.

Durante todo o filme, em cenas de discursos de Hitler, as câmeras são posicionadas de baixo para cima, tornando o Führer um gigante com imensa superioridade. Logo na cena inicial, na qual Hitler surge em um avião sobrevoando a cidade de Nuremberg, Leni nos mostra um homem vindo dos céus, o próprio “messias” destinado a governar o povo alemão. Os efeitos entre nuvens e luzes enfatizam essa ideia, transformando Hitler no “iluminado”. Em solo, ele é recepcionado por milhares de pessoas entusiasmadas, recebe presentes de mulheres e crianças vestidas com roupas típicas alemãs, um resgate da tradição. Não faltam sorrisos, cumprimentos e gentilezas, tanto da parte do povo, como de Hitler. No desfile em carro aberto, a cidade para para vê-lo passar. As janelas, os muros e as calçadas tornam-se espaços para admirar o líder na nação. As fusões lentas entre o Führer e o povo confirmam a ideia de que o mesmo era a personificação dos desejos da Alemanha.

O movimento nazista tornara-se metonímico por excelência: Hitler era a parte do todo, o elemento de coesão, o próprio NSDAP. De acordo com Ian Kershaw:

O mais importante é que o NSDAP se tornara um “movimento de líder” consciente de si mesmo, centrado do ponto de vista ideológico e organizacional no culto de Hitler. Em retrospecto, o período “sem liderança” de 1924 e a obstinação de Hitler – nascida da fraqueza – em recusar-se a tomar partido na luta interna do movimento *völkisch* haviam sido enormemente vantajosos. A derrota em Bamberg daqueles que desejavam mudanças programáticas significou, ao mesmo tempo, a vitória dos fiéis dispostos a não olhar além de Hitler para encontrar a “ideia”. Para estes, o programa sem o líder não tinha sentido. E (...) sem Hitler não poderia haver nenhuma unidade e, portanto, nenhum movimento<sup>60</sup>.

Em diversos momentos de crise partidária, como num dos casos de rebeldia da milícia do partido, a SA, Hitler conseguia restaurar os ânimos através de juras de lealdade à sua pessoa. As campanhas para a eleição de 12 de novembro de 1933 também direcionaram suas energias para uma exibição de lealdade a Hitler em pessoa – que já era chamado, até pelo que restava da imprensa não nazista, simplesmente de “o Führer”.

---

<sup>60</sup> KERSHAW, Ian. Op cit. p. 218.

A dependência em relação a Hitler e a ideia de líder único surgiram, contudo, em tempos anteriores à tomada do poder. No início da década de 1920, Hitler estava satisfeito por ser o “arauto” que incitava as massa ao “movimento nacional”. Contudo, já em 1921, para o público de Munique, Hitler já era o NSDAP. Era a voz do partido, sua figura representativa, sua personificação<sup>61</sup>. O culto ao Führer ainda não era o ponto central da ideologia e da organização do partido, mas os inícios da criação consciente de um perfil público das qualidades de liderança de Hitler por seu séquito, com alusões fortes em seus próprios discursos, datam do período imediatamente posterior à Marcha sobre Roma, de Mussolini. Hitler começava a atrair excessos de adulação, que chegavam a comparações grotescas com Napoleão, de admiradores da direita nacionalista. O terreno para a rápida difusão do culto ao Führer já estava bem fertilizado<sup>62</sup>. Foi em dezembro de 1922 que o *Völkischer Beobachter*<sup>63</sup> afirmou pela primeira vez que Hitler era um tipo especial de líder – com efeito, o líder por quem a Alemanha esperava<sup>64</sup>.

O tema da personalidade e liderança, pouco enfatizado antes de 1923, passou a ser o fio condutor dos discursos e escritos de Hitler da segunda metade dos anos 1920. O povo, segundo ele, formava uma pirâmide. Em seu ápice estava o “gênio, o grande homem”. O líder era o “ponto central” ou “preservador” da “ideia”. Isso exigia, como ele sublinhava com frequência, obediência cega e fidelidade dos seguidores. O culto ao líder era, desse modo, elevado a mecanismo de integração do movimento. Para o próprio Hitler, o “mito do Führer” era ao mesmo tempo uma arma de propaganda e um dogma central de crença<sup>65</sup>.

Durante a primavera e o verão de 1933 a adulação popular do novo chanceler alcançou níveis inenarráveis. Estabeleceu-se o culto ao Führer não somente no partido, mas em todo o Estado e a sociedade, como a própria base da nova Alemanha. Já na primavera de 1933, o culto da personalidade em torno dele florescia e provocava manifestações extraordinárias. “Poemas” - em geral versos melosos, às vezes em tom pseudorreligioso – foram escritos em sua honra. “Carvalhos-Hitler” e “Tílias-Hitler”, árvores cujo antigo simbolismo pagão lhes dava significado especial para os nacionalistas e praticantes de cultos nórdicos, foram plantados em vilas e aldeias de toda a Alemanha. Vilas e cidades apressaram-se em conferir cidadania honorária ao novo chanceler. Ruas e praças receberam seu nome.

---

<sup>61</sup> Ibidem, p. 129

<sup>62</sup> Ibidem, p. 144

<sup>63</sup> Jornal comprado pelo partido nazista em 1920, responsável em grande medida pela difusão do culto ao Führer na Alemanha. KERSHAW, Ian. Op. cit.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 145

<sup>65</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit.p. 214.



No verão de 1934, quando Hitler combinou a chefia do Estado com a liderança do governo, seu poder já havia se despojado de restrições formais, e o culto da personalidade construído em torno de Hitler já atingira novos graus de idolatria e fazia milhões de novos adeptos, à medida que o “chanceler do povo” – como a propaganda o havia definido – passava a ser visto como um líder nacional e não meramente partidário<sup>66</sup>. A expressão mais banal de aquiescência, a saudação “Heil Hitler”, disseminou-se rapidamente. A “saudação alemã” era o sinal exterior de que o país se transformara num “Estado do Führer”, e esse grau de culto ao herói jamais fora testemunhado na Alemanha: nem mesmo Bismarck, nos últimos anos do fundador do Reich, chegara perto disso. Por mais bem orquestrada que fosse a propaganda comandada por Goebbels, o fato é que ela captava sentimentos populares quase religiosos de devoção que não podiam ser apenas fabricados. Hitler caminhava para se tornar não apenas o líder do partido, mas o símbolo de unidade nacional<sup>67</sup>.

A quantidade de cartas recebidas por Hitler mostra o desenvolvimento de sua popularidade. Em 1925, as cartas cabiam em uma única pasta de arquivo. De janeiro a abril de 1933, foram mais de 3 mil cartas, como comprovam os carimbos de entrada da chancelaria de Hitler. No final do ano foram aproximadamente 5 mil. Em 1934, chegaram pelo menos 12 mil cartas, em 1941, ainda foram mais de 10 mil. Em seu aniversário, em abril de 1945, menos de cem pessoas parabenizaram Hitler.<sup>68</sup>

Assim como P. F. Beck, o funcionário do partido e autor da carta que iniciou o capítulo, os milhares de remetentes do Führer queriam expressar seus sentimentos, dar conselhos políticos, prestar homenagens, apresentar demandas pessoais, ou simplesmente venerar a imagem de Hitler como o Messias ressuscitado. Em suas cartas a Hitler, as pessoas abriam seus corações. Contavam o que as emocionava. O fato de milhares de cartas terem sido escritas mostra uma confiança no governo como nunca existiu, nem antes, nem depois.

Weber, em suas pesquisas sobre dominação, estabeleceu a diferença entre exercício do poder e exercício da autoridade. Em sua análise, Weber diferenciou a autoridade formal da liderança. A autoridade formal é inerente ao cargo – pressupõem-se a autoridade em virtude da posição ocupada –; a liderança, por sua vez, é fruto de habilidades, interesses e comportamentos exercidos pelo líder e aceitos pelos liderados. Logo, a fonte da autoridade formal está no cargo, enquanto a fonte da liderança está na aceitação de uma pessoa como líder por parte de seus seguidores. O exercício da liderança é amplo, ainda que restrito ao

---

<sup>66</sup> Ibidem, 294.

<sup>67</sup> ROVAI, Mauro Luiz. **Imagem, tempo e movimento**: os “afetos” alegres no filme O Triunfo da Vontade de Leni Riefenstahl. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005. p. 183.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 9.

grupo social em que a liderança é exercida, e esse exercício compreende as relações entre o líder e seus seguidores. O poder está associado ao exercício da autoridade formal e é decorrente do cargo de chefia exercido pela pessoa. São as prerrogativas do cargo que conferem poder ao seu ocupante, e não ele, como pessoa. A autoridade, por sua vez, tem a ver com a liderança, pois depende das habilidades, conhecimentos e experiência do indivíduo. O exercício da autoridade, na concepção weberiana, equivale ao exercício da liderança, pois significa “influenciar positivamente as pessoas”, fazê-las aceitar de boa vontade suas ideias.

Hitler tornou-se líder antes de possuir a autoridade formal fruto do cargo de Chanceler e chefe do Estado, isso graças ao fascínio que gerava em seus interlocutores e a uma propaganda incessante. O “feitiço” com que Hitler dominava os seus ouvintes foi reconhecido muitas vezes. Esse fascínio – “o estranho magnetismo que Hitler irradiava com tanta força” – era devido “à crença fanática que ele tinha em si mesmo”, em sua competência sobre qualquer assunto, e no fato de que qualquer parecer que emitisse – fosse a respeito dos efeitos nocivos do fumo ou sobre a política de Napoleão – sempre podia ser incluído numa ideologia que pretendia abranger todas as coisas do mundo.

*“A responsabilidade por essa terrível catástrofe repousa sobre os ombros de um único homem, o chanceler alemão, que não hesitou em mergulhar o mundo na miséria a fim de servir a suas próprias ambições absurdas”*<sup>69</sup>. Essas são palavras de Neville Chamberlain, primeiro ministro inglês, na Câmara dos Comuns no dia primeiro de setembro de 1939, dois dias antes da declaração de guerra formal por parte de Inglaterra e França, em decorrência da intransigência alemã em relação à retirada das tropas concentradas no território polonês. Embora a declaração do primeiro ministro fosse simplista por demais, uma vez que deixava claramente de lado os pecados de omissão e comissão de outros que haviam ajudado Hitler a acumular tamanho poder a ponto de suas ações determinarem o destino da Europa, é impossível negar que Hitler teve um papel central nos episódios que contribuíram para transformar o século XX no mais sangrento da História.

Por incrível que pareça para um Estado moderno complexo, não havia governo além de Hitler e os indivíduos que ele escolhia para consultar num determinado momento. Ele era a única ligação entre as partes componentes do regime, os passos essenciais podiam ser dados somente em sua presença. O governo interno do Reich tornara-se uma autocracia de Hitler. Não se tratava de um homem *qualquer*, e a guerra em que a Europa se via mergulhada também não era uma guerra *qualquer*.

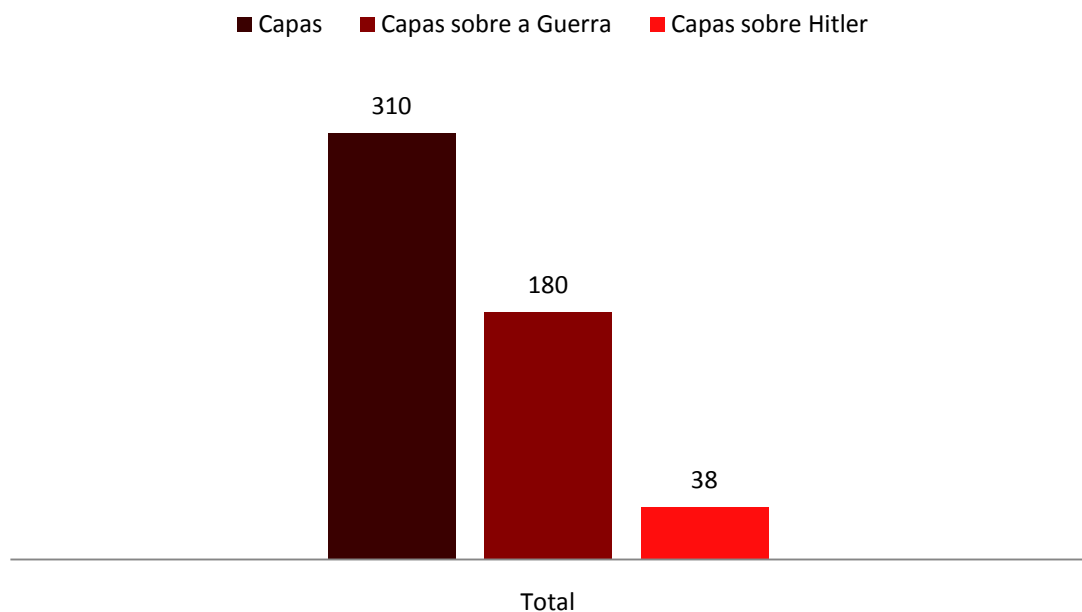
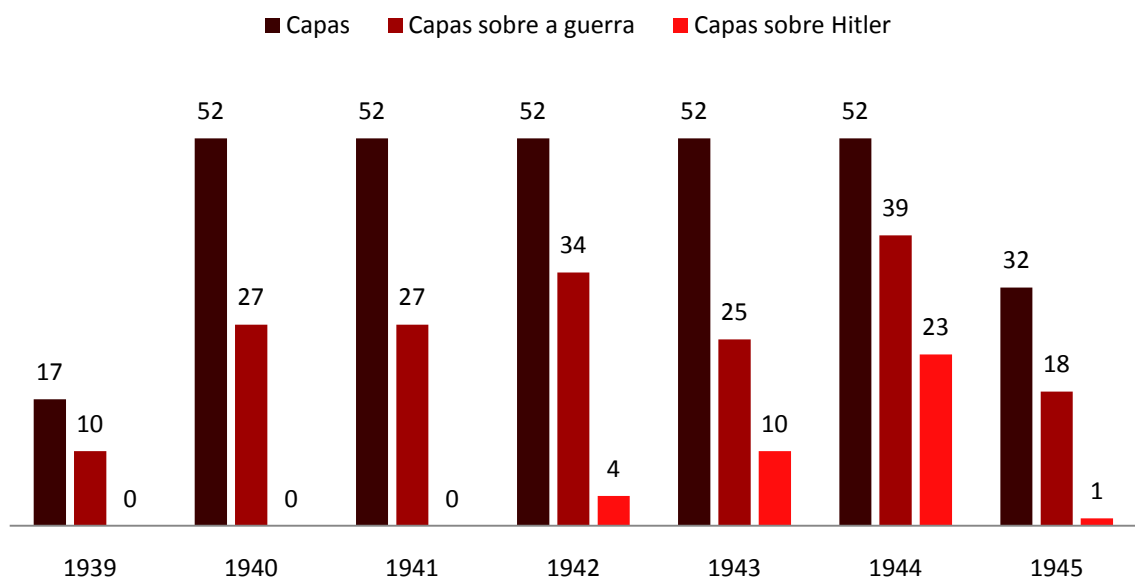
---

<sup>69</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 543

## 1.2. DES(D)ENHANDO O FÜHRER

Assim como os alemães estavam conscientes do papel central que Hitler representava em seu país, também aqui nossos caricaturistas captaram o protagonismo do líder nazista. Em meio aos muitos acontecimentos dos seis anos de guerra retratados por Théó, J. Carlos e Osvaldo, a figura de Hitler recebeu algum destaque. Não foi à toa.

### Frequência Temática nas Capas da *Careta* ao longo da Segunda Guerra Mundial



Todos os exemplares da *Careta* possuíam a área de sua capa tomada completamente por uma imensa caricatura, geralmente assinada por J. Carlos. Considerando que os editores selecionam os acontecimentos e temas de maior relevância para comporem as capas de suas revistas, os gráficos nos permitem notar como a guerra, embora se desenrolasse do outro lado do Atlântico, fez parte da vida dos brasileiros. Levando em conta apenas o universo de revistas publicadas no período da guerra, isto é, entre setembro de 1939 e agosto de 1945, o conflito ocupou quase 60% das capas do periódico.

As capas que traziam Hitler como protagonista podem parecer poucas à primeira vista, se comparadas com o número total. Mas mesmo números devem ser contextualizados: no início da guerra, o Brasil estado-novista comandado por Getúlio Vargas optou por permanecer neutro e, obviamente, através do DIP, impunha rigorosa censura sobre críticas às ditaduras de direita europeias; isto justifica a ausência de capas que traziam o Führer do Terceiro Reich como tema principal, até 1942, ano divisor de águas na política externa brasileira.

Foi quando surgiram com maior frequência caricaturas sobre o curioso líder nazista. J. Carlos, Théo e Osvaldo, juntos, empenharam-se em destruir e desmistificar a imagem de Hitler em terras brasileiras. Nadando contra a maré da propaganda nazista, procuraram mostrar um Führer de carne e osso, histérico, louco e digno de desconfiança. Ignorando a preocupação de Hitler com sua própria imagem, os caricaturistas atropelaram a seriedade que a propaganda oficial nazista procurava transmitir ao seu público e nos trouxeram um Hitler cômico e inusitado.

Hitler era fácil de caricaturar. Possuidor de características físicas marcantes e facilmente identificáveis pelo público, Hitler foi presa fácil para os soldados do lápis. Seu modo particular de pentear os cabelos e seu bigode único foram distorcidos pelos artistas com facilidade, pois a arte da caricatura, e aí reside a principal fonte do riso, consiste em identificar e realçar o assimétrico e disforme, retratando de maneira exagerada características tidas como salientes ou defeituosas. Além do cabelo e bigode, o uniforme militar e a faixa com a suástica nazista presa ao braço tornam as caricaturas de Hitler imediatamente identificáveis a qualquer espectador.



**Figura 1** Recortes de Hitler retirados de caricaturas de Théó (as duas da primeira coluna, a última da segunda coluna e a primeira da terceira coluna) e J. Carlos (as três demais).

A aparência de Hitler não era motivo de riso apenas no desenho em si. Muitas charges traziam como principal sátira seu peculiar bigode, espécie de *marca registrada* de sua imagem. Osvaldo Navarro, munido de seu tradicional traço de “caricaturista rural” e mantendo a linha de diálogos disparatados sobre fatos noticiados na imprensa, desdenha o bigode de Hitler sem desenhá-lo: o cavalheiro considera improvável que, de acordo com a imprensa, Hitler consiga viajar sem ser reconhecido pela Alemanha, já que o exótico bigode denunciaria sua posição.



**Figura 2** Osvaldo. *Careta*, 19/06/1943, nº 1825, ano XXXVI, p. 36.

Essas viagens secretas de Hitler pela Alemanha ao longo da guerra seguiam um protocolo de sigilo estratégico, que teve seu início nos primeiros meses de 1940. Na ocasião, estava em discussão entre os altos níveis do Estado Maior de Hitler a melhor opção para se efetuar a ofensiva ocidental, plano conhecido como Caso Amarelo. O grau de sigilo, mantido até mesmo nos círculos mais íntimos do poder nos dias anteriores à ofensiva, foi profundo. Quando seu trem blindado especial, de codinome *Amerika*, saiu de uma estação pequena e isolada dos arredores de Berlim na noite de 9 de maio, o chefe de imprensa Otto Dietrich pensou que ele estivesse a caminho de uma visita aos estaleiros de Hamburgo. Suas secretárias acharam que estivesse partindo para a Dinamarca e a Noruega, numa visita às tropas. Depois da meia noite, o trem mudou de rota na vizinhança de Hanover e seguiu para o oeste. Mesmo assim, o destino não foi revelado, mas já não havia mais dúvidas sobre o objetivo da viagem. A manhã surgia quando desceram do trem numa pequena estação do Eifel, perto de Euskirchen. Havia carros esperando-os para levá-los a sua nova casa temporária: o quartel general do Führer perto de Münstereifel, que ganhou o nome de Felsenest (Ninho do Rochedo). Quando a equipe se reuniu diante do Bunker de Hitler, os sons pacíficos do campo na primavera foram interrompidos pelo rumor distante dos obuses. “Cavalheiros, a ofensiva contra as potências ocidentais acaba de começar”, declarou. Essas viagens se sucederam continuamente.

Com o avanço das tropas alemãs, Hitler deixou o Eifel para se instalar em seu QG – Ravina dos Lobos – em Bruly-le-Pêche, pequeno burgo situado a 100 quilômetros de Bruxelas. Na campanha da Iugoslávia, outra viagem secreta aos olhos do grande público, mas dessa vez sem QG: Hitler não deixou seu trem especial, onde elaborou com tranquilidade os planos da campanha da Rússia. Quando o ataque fulminante contra o colosso russo foi lançado, ele se encontrava na extremidade da Prússia Oriental, numa instalação que recebeu o nome de Wolfsschanze (Toca do Lobo). Todos estes locais que abrigaram quartéis gerais eram mantidos em rigoroso sigilo, pelo perigo causado por prováveis e temíveis ataques Aliados no caso de sua revelação. Obviamente, os translados de Hitler e sua *entourage* também eram mantidos em segredo, de modo que o paradeiro de Hitler era sempre um mistério, o que, contudo, parece implausível ao interlocutor de D. Eleutéria, que vê no bigode do Führer, por seu exotismo, algo capaz de denunciar facilmente sua localização.

Parece que a aparência de Hitler realmente incomodava nosso caricaturista. Meses antes da charge acima – 20 de fevereiro de 1943 –, a *Careta* publicou outra charge de Osvaldo sobre este tema: desta vez, dois amigos dialogam sobre uma notícia segundo a qual Hitler estaria usando óculos. A



Figura 3 Osvaldo. *Careta*, 20/02/1943, nº 1808, ano XXXV, p. 8.

comicidade se encontra na dúvida dos dois amigos sobre onde o Führer do Terceiro Reich usaria seus óculos, já que a forma de pentear os cabelos e de manter o bigode seria diferente de todos os outros homens. Portanto, fica sugerido que Hitler escolheria outra parte do corpo, menos apropriada, para o uso dos óculos.

Christa Schroeder, secretária particular de Hitler por doze anos, depois da guerra ficou mantida prisioneira no campo de Augsburg, onde foi abordada pelo agente francês Alfred Zoller, que cumpria ordens do exército norte-americano. Durante várias semanas, ela relatou a ele detalhes de sua vida junto a Hitler, e este testemunho ficou perdido por anos, até ser descoberto graças à tenacidade de pesquisadores alemães e americanos. Neste relato, que posteriormente foi transformado em livro, Schroeder discorre sobre as longas noites de ditados de Hitler às suas secretárias, que eram acompanhados de revisões pelo próprio Führer, que diversas vezes era incapaz de decifrar suas próprias anotações, ocasiões em que recorria ao socorro de suas meninas. Ao longo dos anos, sua visão fora piorando sensivelmente, e Hitler se viu obrigado a usar óculos. Mas Hitler tinha verdadeiro pavor de aparecer em público portando óculos, resultado de sua constante preocupação com sua aparência e com a maneira que sua figura seria percebida pelos outros. Estava persuadido a não demonstrar nenhuma debilidade perante algum colaborador ou até mesmo perante o grande público, mas não pode evitar que o traço e o comentário crítico de Osvaldo evidenciasse sua deficiência e lhe incrementasse um toque de exotismo.



Figura 4 Osvaldo. *Caretta*, 06/03/1943, nº 1810, ano XXXV, p. 3.

Na legenda da charge lemos, seguido do título “*‘Bigodinho’ estrategista*”, um pequeno texto-chave que conduz ao raciocínio do chargista: “*Hitler promoveu a marechal o general*



*Paulus, comandante das tropas em Stalingrado*”. Em seguida, a frase dita por um dos homens em cena: - “Hitler é assim mesmo. Não deixa de recompensar aqueles que executam seus planos estratégicos. O. N.”. A crítica central proposta por Osvaldo é voltada contra a capacidade estratégico-militar de Hitler, mas o bigode não deixa de estar presente: é ele quem identifica o tema da charge. Dessa vez, o recurso estratégico das figuras de linguagem não aparece no desenho, e sim na parte textual da composição: a metonímia vem resgatar uma parte de Hitler para invocá-lo por completo; todos fariam a associação desejada se Osvaldo identificasse o “ponto-chave” de Hitler – e este é um dos principais segredos para ser bem sucedido como caricaturista. Vale ressaltar ainda a posição de destaque da charge no contexto da revista, uma vez que se encontra na terceira página, a primeira logo após a capa.

Mas a provável pioneira entre as charges da *Careta* em trazer em evidência o bigode de Hitler no período da guerra pertence a Théo, e circulou pelo país em 23 de novembro de 1940, devido a um acontecimento muito particular.



**Figura 5** Théo. *Careta*, 23/11/1940, nº 1691, ano XXXIII, p. 48.

Ela foi veiculada em 23 de novembro de 1940, aproximadamente um mês após a estreia de *O Grande Ditador*, protagonizado por Charles Chaplin, e é bem mais elaborada, se comparada com as três charges assinadas por Osvaldo.

Em uma breve sinopse, no filme, Chaplin faz um papel duplo: interpreta um barbeiro judeu e Adenoid Hynkel – nome que, obviamente, referencia às iniciais de Adolf Hitler – que vive na Tomânia, equivalente à Alemanha. As primeiras cenas do filme mostram o barbeiro judeu combatendo durante a Primeira Guerra, quando, heroicamente, salva um oficial aviador e entrega um documento importante para o transcurso dos combates, mas era tarde demais e a guerra já chegara a seu fim. Cansado e assustado, o soldado desmaia e é levado a um hospital, onde fica por muitos anos com amnésia. Quando retoma sua vida, sem saber exatamente quanto tempo se passou, a Tomânia já está sob o comando de Hynkel, um ditador, e os judeus encontram-se confinados em guetos. O enredo se desenrola mostrando alternadamente o cotidiano do barbeiro judeu e do governante tirânico, até que o oficial salvo pelo barbeiro, outrora afastado do cargo pelo próprio Hynkel, resolve fazer um atentado contra o ditador. Ambos, o oficial e o barbeiro, são presos e levados a um campo de concentração, de onde conseguem fugir. No final, em uma situação embaraçosa, o barbeiro e Hynkel, parecidos fisicamente, são confundidos e o primeiro pronuncia um discurso emocionante em prol da democracia e da liberdade.

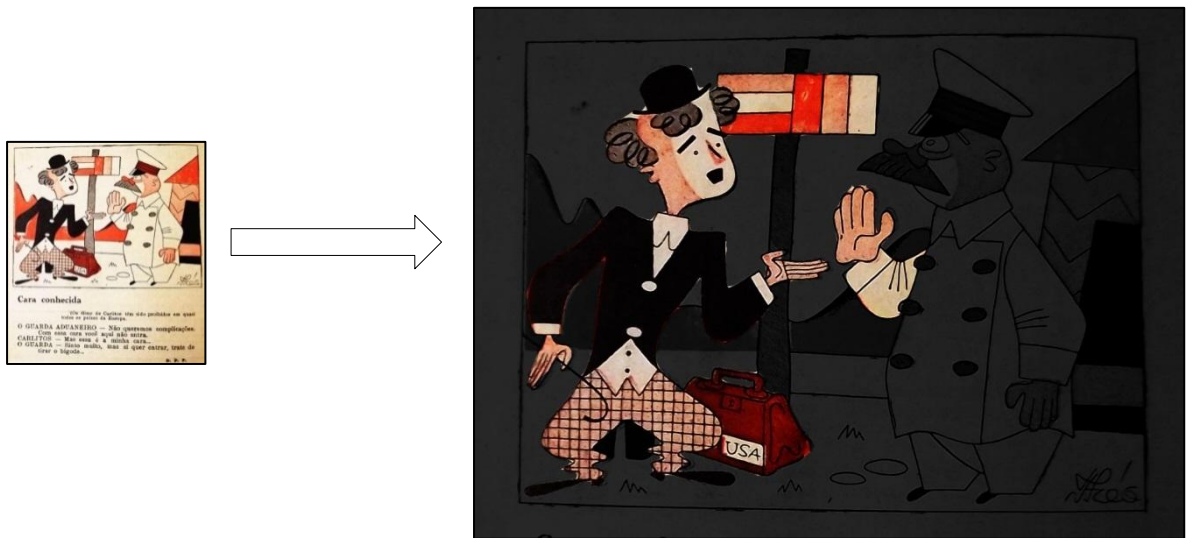
É impossível desconsiderar as coincidentes semelhanças entre o cidadão inglês Charles Spencer Chaplin e o austríaco Adolf Hitler: nascidos no mesmo ano, ambos sustentavam ambições artísticas e, à sua maneira, marcaram o século XX. O amor ao cinema e as semelhanças físicas não são os últimos aspectos que os aproximam, pois é evidente o enorme carisma possuído por ambos. O roteirista norte-americano Garson Kanin teria dito, antes da execução de *O Grande Ditador*, as seguintes palavras: “*Em certa época, na história da humanidade, o pior vilão e o maior comediante conhecidos se parecem um ao outro*”<sup>70</sup>. Hitler e Chaplin nutriam, ainda, uma admiração por Leni Riefenstahl, cujo *Triunfo da Vontade* inspirou, claramente, diversas cenas de *O Grande Ditador*.

O filme é considerado uma grande sátira em relação ao nazismo, seus defensores e sua política<sup>71</sup>. Distante de apenas lúdico, *O Grande Ditador* é um grande instrumento de crítica e denúncia social, cuja comicidade é transformada como meio de contestação. Charles, claramente exibindo características de Hitler, traça uma linha narrativa envolvendo a ameaça real do ditador alemão e do imaginário Hynkel. Vamos à prática.

---

<sup>70</sup> GOMES JR., Wanderlei de Souza. (editor) **Os grandes filmes de Chaplin**. Barcelona: Ediciones Altaya, 1997.

<sup>71</sup> LOBASSI, E. Washington. A morte de Carlitos: **O Grande Ditador** – um marco entre o cinema mudo e falado do diretor Charles Chaplin. Dissertação de Mestrado. Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2009. p. 33.



Em destaque, os elementos centrais para a compreensão da mensagem proposta por Théó. Apesar de monocromática, menos por vontade do caricaturista que pelas condições de custo de produção iconográfica editorial da imprensa no período, percebe-se a presença das bandeiras alemã – a primeira, com listras horizontais – e italiana – a segunda, com listras verticais. São estes os países escolhidos por Théó para representar os espaços tomados pelo domínio do nazi-fascismo – segundo a legenda da charge, tal proibição teria se dado em outros países, além dos dois representados na figura. A mala que repousa no chão ao lado de Chaplin e traz a gravação USA representaria todos os ideais de democracia e liberdade presentes no filme protagonizado por Chaplin, e que Hitler e os seus partidários tanto fizeram para repelir de seu país. A análise do aspecto corporal da charge também contribui para uma compreensão mais apurada de sua mensagem: os traços de linguagem corporal presentes na charge, encarados como a mensagem que não é dita por palavras, dizem muito sobre o que o chargista se propôs – se o gesto desempenhado por Carlitos, com a mão estendida na direção do guarda aduaneiro é encarado como atitude de pedido, o braço do guarda realiza um gesto oposto facilmente reconhecido por todos como empecilho/negação para solicitação; as sobrancelhas, ligeiramente inclinadas, estampadas no semblante de Carlitos, representam o descontentamento da personagem perante a atitude do guarda. A imagem por si só seria capaz de comunicar a mensagem desejada. Mas Théó, ao acrescentar uma legenda em forma de diálogo, adiciona comicidade à cena: o deboche gira novamente em torno do elementar bigode de Hitler, tão único e tão remissivo à sua pessoa.

Um breve vislumbre da charge e a leitura da legenda deixam claro o objetivo de Théó: a proibição dos filmes de Carlitos, personagem criada por Charles Chaplin, mais especificamente *O Grande Ditador* nos países influenciados por ideais totalitários ou com

políticas alinhadas às da Alemanha e Itália. Embora não apresente uma caracterização evidente de Hitler, uma vez que a figura caricata é a de Carlitos, o sentido da charge encontra sua legitimidade nas entrelinhas. Chaplin, ao incorporar a personagem do barbeiro judeu, confundido com o ditador Hynkel, era a imagem invertida da liderança de Hitler, pois adotava o discurso oposto ao do ditador: em favor da democracia e da paz, o barbeiro era a antítese de Hitler. Assim como em diversas charges, o que aparece é um Hitler estereotipado, caricato portador de um “bigodinho” existente apenas nele, e tal figura é satirizada na pele de Charles Chaplin, que na trama de *O Grande Ditador* cria não apenas um Hitler invertido, como também um sócia judeu do Führer.

Para além do aspecto físico de Hitler, sua personalidade, seus trejeitos e seu modo particular de liderança também não foram poupados por nossos artistas. A imagem histórica frequentemente associada à figura de Hitler deve muito à campanha feita pelos opositores do nazismo, e foi exatamente isso que Théo procurou fazer em dezembro de 1942.



Figura 6 Théo. *Caretta*, 12/12/1942, nº 1798, ano XXXV, p. 40.

A notícia dos telegramas, conforme indica Théo na parte textual da charge, aponta para dificuldades enfrentadas por Hitler em sua carreira, que o estariam levando a uma das piores crises. O ano de 1942 marcou o fim do período de grandes vitórias conquistadas pelos exércitos alemães, e, principalmente com a entrada dos Estados Unidos na guerra no final de 1941, inaugurou um tempo de ligeiro equilíbrio de forças entre as potências envolvidas no conflito, que logo seria substituído por um temporal de reveses sofridos pelo Eixo, que culminaria com sua derrota. Na charge de Théo, dois cavalheiros discutem a notícia dos

telegramas, quando um deles se questiona sobre a possibilidade de crises ainda piores na carreira do Führer. A resposta do outro é positiva: sim, existem crises ainda piores, as de histerismo. A hipérbole é clara, e procura destacar um aspecto comportamental cuja ênfase seria, obviamente, indesejada por Hitler. É o que assusta o Papai Noel que, na charge da figura 7, assinada pelo mestre J. Carlos, se esconde atrás de um muro, observando furiosas explosões ao fundo. A legenda é esclarecedora:

“As últimas explosões

- Deve ser Hitler em conferencia com seu Estado Maior.” J.C.



**Figura 7** J. Carlos. *Careta*, 02/01/1943, nº 1801, ano XXXV, p. 28.

Explosões, tão comuns em tempos de guerra, geralmente são atribuídas aos explosivos lançados por inimigos, e, quase sempre, assustam quem as escutam. Na Alemanha, contudo, não era sempre certa a causa das explosões: ao mesmo tempo em que poderia ser consequência dos combates da guerra, poderia ser obra de Hitler e seus ataques histéricos. Ao menos é o que pondera o Bom Velhinho que, evocado por J. Carlos, protege-se, com o auxílio do muro, das longínquas explosões.



**Figura 8** J. Carlos. *Careta*, 21/12/1940, nº1695, ano XXXIII, capa.

A figura do Papai Noel já havia sido resgatada antes, em dezembro de 1940, numa charge que mostra a figura lendária possuída por fúria, amparando o cadáver de uma criança, em meio aos escombros causados pela guerra. A Segunda Guerra Mundial, quando comparada com outros conflitos predecessores, deixou um legado de morte civil assustador, e, se já em 1940 ela já era capaz de tirar do Papai Noel seu habitual sorriso – como sugere a legenda –, imaginemos o desgosto que mais cinco anos de guerra causariam ao Bom Velhinho.

Evocar a figura simbólica do Papai Noel pode ter sido uma estratégia inteligente por parte dos caricaturistas, uma vez que os valores representados por ele – bondade, humanidade, caridade, paz – vão

de encontro a tudo o que a guerra provoca. É o antagonismo perfeito, o contraste entre o bem e o mal, e sensibiliza ver a figura tão associada pelo povo aos tempos de paz do Natal segurando o cadáver de uma criança morta. Era a maneira ideal de tocar a parte sentimental do leitor, utilizar uma figura lendária tradicional no pensamento cristão ocidental como fator de formação de motivações opostas ao conflito e a seus causadores. Se a fúria de Hitler, passível de ser confundida com as explosões da guerra, assusta o Papai Noel, o Führer encontrara um opositor a quem temer.

O desequilíbrio temperamental e as explosões de raiva de Hitler não eram fruto unicamente do desgaste provocado pelas atividades de grande responsabilidade executadas por um chefe de Estado, ou ainda dos problemas acarretados pelo comando de um país em desvantagem em uma guerra mundial. Ambos – o desequilíbrio e as explosões – eram inerentes a Hitler, faziam parte de sua personalidade, foram evoluindo com o tempo e desde a juventude se manifestavam nas mais diversas ocasiões, mas, em geral, suas crises de histerismo eram um sinal de frustração, até de desespero, mas não de força<sup>72</sup>. Otto Wagner,

<sup>72</sup> Ibidem, p. 136.

nazista que fora designado para a chefia do Estado-Maior da SA em 1929, estava entre os muitos totalmente extasiados por Hitler. Certa vez, depois de ouvi-lo num ataque de fúria tão alto – numa briga com Franz Pfeffer von Salomon sobre as relações entre a SA e a SS – que sua voz reverberava pela sede inteira do partido, Wagner achou que havia algo nele que se parecia a *“uma vontade asiática de destruição. Não gênio, mas ódio; não grandeza primordial, mas rancor nascido de um complexo de inferioridade; não heroísmo germânico, mas a sede de vingança do huno”*<sup>73</sup>.

Mas o que mais provocava a ira de Hitler era a “incompetência” dos superiores das forças armadas da Alemanha, quando recomendavam ao Führer cautela, quando alertavam sobre a ineficiência de determinada estratégia, quando mostravam-se pessimistas face a determinada decisão de Hitler e, principalmente, quando recuavam no *front* de batalha. Na ocasião dos preparativos para o ataque à Tchecoslováquia, Hitler derramara em seus generais uma onda de fúria devido ao pessimismo de alguns deles em face da posição militar no oeste, que estaria ameaçada caso Inglaterra e França resolvessem intervir como represália ao ataque alemão aos tchecos<sup>74</sup>.

Os meses após a derrota em Stalingrado em 1943 intensificaram seus traços de caráter arraigado. De vez em quando sua máscara de otimismo, usada em prol da confiança em uma causa perdida, escorregava em observações que revelavam uma profunda depressão e fatalismo. Esse reconhecimento de que havia perdido a iniciativa provocava invariavelmente novas torrentes de fúria que recaíam sobre qualquer um que pudesse arcar com a culpa – sobretudo, como sempre, seus comandantes militares: eram todos mentirosos, desleais, inimigos do nacional socialismo, reacionários e carentes de apreciação cultural<sup>75</sup>. Evacuações e recuos também levavam Hitler a um frenesi de fúria.

Assim era a relação de Hitler com seus oficiais, desconfiada e explosiva, e não deixou de ser satirizada no Além Mar pelas páginas da *Careta*, cujos caricaturistas não pouparam esforços para denegrir a imagem do líder do Terceiro Reich, abordando, inclusive, um ponto obscuro e polêmico até em dias atuais: a sanidade de Hitler. Para eles, contudo, não havia mistério, tampouco polêmica, como vem ilustrar Théo, numa charge datada de 1943.

---

<sup>73</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 342.

<sup>74</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 501.

<sup>75</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 783.



Figura 9 Théo. *Careta*, 27/03/1943, nº 1813, ano XXXV, p. 16.

“Diagnostico tardio

– Parece que Hitler enlouqueceu de fato.

– Louco está ele ha muito tempo, mas infelizmente só agora foi que os alemães perceberam.”

D.P.F.

Djalma Pires Ferreira nos leva a mais uma cena de diálogo descomprometido entre dois cavalheiros, cujo assunto gira em torno da demora pela parte dos ingênuos alemães em reconhecer e perceber que seu líder messiânico era, na verdade, um louco. Aqui, a loucura de Hitler era óbvia para seus inimigos, e os alemães, alienados pelo fascínio e pela propaganda nazista, foram impedidos de perceber tal insanidade a tempo. Osvaldo também pôs em cheque a saúde e sanidade de Hitler ao publicar, já no final de 1944, uma charge (figura 9) que novamente traz duas personagens anônimas discutindo acerca de alguma notícia, que desta

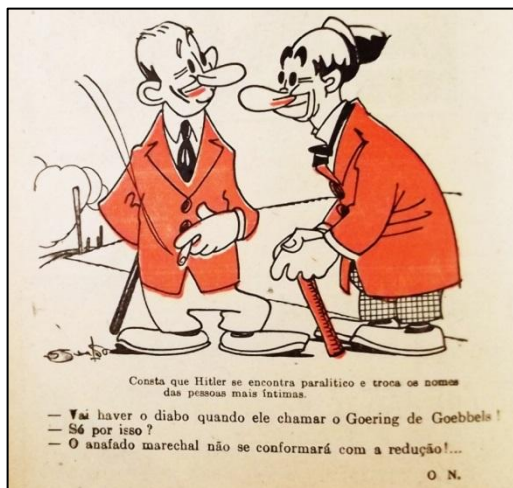


Figura 10 Osvaldo. *Careta*, 16/12/1944, nº 1903, ano XXXVII, p. 28.

“Consta que Hitler se encontra paralítico e troca os nomes das pessoas mais íntimas.

- Vai haver o diabo quando ele chamar o Goering de Goebbels!

- Só por isso?

- O anafado marechal não se conformará com a redução!...” O. N.



vez informava que Hitler se encontrava paralítico e incapaz de atribuir às pessoas os nomes que lhes são próprios.

Com isso, a saúde de Hitler, sua legítima condição para governar a Alemanha, bem como sua sanidade – uma vez que trocar o nome de pessoas tão íntimas como Goebbels e Göering não aponta na direção de um cérebro são e saudável – são colocadas em questão. A charge, honrando a característica polissêmica desse tipo de linguagem, possui outro viés de interpretação, que põe em evidência o caos burocrático que dominava a administração da Alemanha ao longo do Terceiro Reich, permeado por disputas internas por poder e prestígio, que envolviam inclusive os dois grandes homens do nazismo citados.

O assunto “Hitler louco” foi novamente abordado de maneira irreverente por Théo em 1943, alguns meses depois da veiculação da charge da figura 9. De maneira distinta do habitual, o caricaturista especifica o local onde se passa a charge: trata-se de um hospício, onde dois “malucos” dialogam entre si. Ao contrário das personagens tradicionais, sóbrias, trajando casacos, chapéus e bengalas, os da cena abaixo vestem roupas rapidamente identificáveis como as utilizadas pelos pacientes de qualquer manicômio (assim como listras em preto-e-branco são associadas a cárceres e prisioneiros, o branco das vestes e o acessório na cabeça, associados à legenda esclarecedora, compõem a contextualização espacial do conjunto).



**Figura 11** Théo. *Careta*, 10/07/1943, nº 1828, ano XXXVI, p. 32.

O segundo maluco parece indignado diante da possibilidade, narrada pelo primeiro, da chegada de Hitler e Mussolini – aqui também, assim como o líder nazista, tachado como um louco cujo destino óbvio é um hospício – ao manicômio. De acordo com a charge, o segundo maluco via a si e ao companheiro como grandes personalidades (Júlio Cesar, imperador romano, e Napoleão Bonaparte, governante da França após a Revolução Francesa) que marcaram seus nomes nas páginas da História principalmente pelo caráter expansionista de seus governos, o que tornaria a chegada dos dois líderes do fascismo europeu extremamente incômoda, até inadmissível, principalmente pela disputa que, provavelmente, existiria entre os “farsantes” expansionistas e os novos pacientes do manicômio. Cabe, aqui, um parêntese para ressaltar a associação diversas vezes estabelecida entre Hitler e Napoleão Bonaparte. Embora na charge em questão Théo não tenha estabelecido uma associação clara e direta entre Hitler-Napoleão / Mussolini-Júlio Cesar, em mais de uma ocasião a figura de Hitler se agrega ao do líder francês do século XIX, como na charge abaixo, também de autoria de Théo.



Figura 12 Théo. *Careta*, 02/10/1943, n° 1840, ano XXXVI, p. 16.

Com a charge em questão, veiculada em outubro de 1943, e marcada pela torcida e pelo prognóstico de uma vitória Aliada sobre o Eixo, Théo traça um breve panorama dos acontecimentos que marcaram o “tema do século XX por excelência”<sup>76</sup>, além de, claramente, traçar um paralelo sintético entre os feitos dos dois líderes, assustadoramente coincidentes. Os próprios alemães atentaram para este fato. Quando entrou para o incipiente Partido dos Trabalhadores Alemães em setembro de 1919, Hitler ainda fazia parte, como ele mesmo disse, dos “anônimos”. Mas, em três anos, ele receberia uma cascata de cartas adulatórias, sendo mencionado nos círculos nacionalistas como o Mussolini da Alemanha e até comparado a Napoleão<sup>77</sup>. Hitler, quando possuído por uma autoconfiança imensurável após alguns triunfos, atingia níveis de completa megalomania, chegando ao ponto de ele mesmo se equiparar a Bonaparte até mesmo com seus convidados ao Berghof<sup>78</sup>. Mas Hitler tinha consciência de que o paralelo entre os dois envolvia o temor de que a história se repetisse e que a Alemanha, como o Império Napoleônico, teria seu fim sob os reveses do inverno russo. Contra isso, a autoconfiança de Hitler no ataque aos soviéticos o fazia declarar sempre que não haveria repetição de Napoleão, embora tivesse uma aversão instintiva a seguir o mesmo caminho que o outro<sup>79</sup>.

Fechando o parêntese, voltemos às debilidades da saúde de Hitler. As charges foram veiculadas em 1943 e 1944, momentos que tornavam cada vez mais evidente o resultado da guerra, e em que a saúde de Hitler caminhava para sua total degradação. Em 8 de setembro de 1944, enquanto as notícias de todas as partes de seu império iam de mau a pior, Hitler ficava doente. Em suas anotações, Morell, o médico pessoal do Führer, indicou alta pressão arterial, e seis dias depois registrou flutuação na pressão arterial “após grande agitação”. No dia 15 de setembro, Morell anotou: “Queixas de tontura, cabeça latejante e retorno do tremor nas pernas, particularmente a esquerda, e mãos”. Nos dias que se seguiram, seus espasmos estomacais agudos retornaram, sua pele tinha uma aparência amarelada e ele já estava bastante doente. A icterícia, acompanhada de febre e severas cólicas estomacais, mantiveram-no na cama por alguns dias.

Embora muitos se questionassem a respeito do tratamento alternativo adotado por Morell, a verdade é que ele e seus remédios não desempenhavam papel algum na explicação dos apuros em que estava a Alemanha. Pode-se dizer que Hitler era envenenado por esticnina

---

<sup>76</sup> SONTAG, Susan. Fascinante fascismo. In: \_\_\_\_\_. **Sob o signo de Saturno**. Porto Alegre: LP&M, 1986. p. 59-83.

<sup>77</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 112.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 517.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 675.

e beladona nos comprimidos contra gases e outros medicamentos, drogado com opiláceos receitados para aliviar seus espasmos intestinais, ou dependente da cocaína que compunha 1% das gotas oftalmológicas receitadas pelo dr. Giesing para conjuntivite. É provável que, àquela altura, ele fosse mesmo dependente do coquetel nocivo de medicamentos administrados por Morell. Porém, seus problemas físicos, embora fossem crônicos, eram decorrência, em boa medida, de seu estilo de vida, sua dieta, falta de exercício e do estresse excessivo. Mentalmente, ele estava sob uma tremenda pressão que ampliava seus traços de personalidade. Suas fobias, a hipocondria e as reações histéricas eram provavelmente indicadores de alguma forma de distúrbio de personalidade ou anormalidade psiquiátrica. Mas Hitler, segundo estudos, não sofria de nenhum dos principais distúrbios psicóticos. Com certeza, não era clinicamente insano, a menos que não tenha sido corretamente diagnosticado.

Se havia loucura na posição em que a Alemanha se via, não era a suposta insanidade de um homem, mas aquela do jogo do tipo “o vencedor leva tudo” feito de altas apostas pelo domínio continental e poder mundial que os líderes do país – não apenas Hitler –, com o apoio de grande parte da população crédula, haviam feito e que cobrava seu preço<sup>80</sup>. Mas tal visão não é compartilhada por aqueles que seguiram à espreita de Hitler. Embora tardiamente, a sanidade de Hitler começou a ser questionada mesmo por seu círculo mais íntimo. Sua secretária relatou que a decadência do chefe adquirira tamanhas proporções nos últimos dias que ela não podia deixar de se questionar se não se tratava simplesmente de um desequilíbrio mental. Os rumores mais contraditórios circulavam a este respeito, e as pessoas que achavam que Hitler perdera progressivamente a razão, sobretudo depois do atentado malogrado de 20 de julho de 1944, eram cada vez mais numerosos. Falava-se veladamente, uma vez que a menor indiscrição valia a morte imediata ao imprudente que blasfemasse contra o ídolo do Terceiro Reich. Morell e seus generais concordavam em dizer que Hitler vivia cada vez mais à margem da realidade do mundo, mas que seguia o desenrolar dos acontecimentos com lucidez. Dava-se conta perfeitamente da corrida para o abismo na qual seu império se lançava, mas sua obstinação sem limite e sua fé na missão o impediam de tirar as conclusões que se impunham. Nutria ainda a esperança insensata de conseguir reverter a situação e arrancar a vitória no *finish*.

Christa Schroeder manteve sua convicção na ruína mental de Hitler quando o Führer lançara os meninos da Juventude Hitlerista de Berlim contra os blindados russos cujo círculo de ferro apertava o cerco à cidade, e não conseguiu se desfazer da ideia de que tais gestos só

---

<sup>80</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 907.

podiam ser obra de um irresponsável mental. Horrores como estes não poderiam emanar de um homem dispendo de todas as suas faculdades.

O acaso quis que eu encontrasse um dia, privadamente, um antigo presidente do Tribunal de Estado que eu conhecera quando ele colaborava estreitamente com o Reichsleiter Bormann. Com muito tato levantei diante dele a questão de saber se era possível que Hitler não estivesse mais de posse de todas as suas faculdades mentais. A resposta me fulminou literalmente. Aquele homem sério, jurista eminente e objetivo, cujas capacidades de psicanálise unanimemente reconhecidas não tinham sido nem um pouco contaminadas, me respondeu com esta frase que encerrava a questão de uma vez por todas: “Sim, Hitler está acometido de demência”.

Tive outra confirmação quando me hospedei no Berghof pela última vez em abril de 1945. Eu encontrara no meio dos pertences do dr. Karls Brandt uma notícia de imprensa onde se anunciava que o desaparecimento de um célebre psiquiatra da Universidade de Koenigsberg preocupava a opinião pública alemã. Esse especialista, cujo nome me escapa, fora secretamente enviado ao QG de Hitler para examiná-lo. Tinha concluído que se impunha uma estada prolongada em um sanatório especial. O médico foi imediatamente convocado por Himmler e depois desapareceu misteriosamente<sup>81</sup>.

À parte os interesses dos sujeitos declarantes da confirmação de que Hitler perdera as faculdades mentais, que se distanciam de estudos que apontam para o fato de que é impossível afirmar incisivamente que o líder alemão estivesse realmente demente, um certo consenso gira em torno da ideia de que a Alemanha não era governada por um homem saudável, completamente racional e capaz de administrar com competência e fazer escolhas prudentes. Mas aos nossos caricaturistas, incansáveis oponentes do nazismo, era interessante pintar um Hitler desequilibrado como mais um viés de oposição, utilizado para esvaziar de legitimidade as ações do Führer – um louco não merece ser respeitado como líder, suas ações não devem ser levadas a sério. Mesmo em charges que não se debruçavam especificamente sobre o tema da insanidade, é possível ver que o Hitler que nascia dos lápis dos artistas possuía um “quê” de insano e debilitado, como é possível constatar nas figuras subsequentes.

---

<sup>81</sup> SCHROEDER, Christa. Op. cit. p.206.



**Figura 13** Recortes de Hitler caricaturado como doente/louco. As duas extremas de autoria de Théo, a central, J. Carlos.

Mas o inimigo de nossos “combatentes” não era apenas bizarro esteticamente, histérico e louco. Era, ainda, um homem frustrado, um projeto não executado de artista fadado ao fracasso. E isso foi peculiarmente percebido por Théo, que, em duas ocasiões, soube particularizar com maestria a temática da frustração artística de Hitler. Na charge da figura 13, de setembro de 1943, observamos um diálogo entre dois “cavalheiros”.



**Figura 14** Théo. *Careta*, 25/09/1943, nº 1839, ano XXXVI, p. 40.

A charge, em cores róseas, tira Hitler de seu tradicional traje militarizado e veste-o como um típico artista, com traços que evocam o Renascimento. Não apenas pela paleta de tinta e pelos longos pincéis, mas também pela boina preta projetada na lateral da cabeça, cuja apropriação por Théo procurou, evidentemente, referenciar alguns mestres renascentistas, retratados portando, também, boinas semelhantes, como foi o caso de Rafael, Leonardo e Rembrandt.

Mas o observador atento percebe, rapidamente, que não se trata de um sensível pintor a serviço de um inocente mecena: a suástica em seu peito indica a quem o pintor serve, e o homem calvo em sua frente dita as coordenadas do trabalho. Trata-se de Goebbels, um dos homens de primeira linha de Hitler, confiado ao elementar cargo de Ministro da Propaganda do Reich Alemão. A caracterização de Théo não deixa a desejar, não há dúvida quanto à identidade da figura criada pelo caricaturista: a aparente calvície, as linhas de expressão facial, a boca fina, a gravata, tudo aponta na direção de uma mesma identidade: Goebbels. A charge, embora satirize em primeiro plano a ironia de entregar uma encomenda a um pintor fracassado, possui dois vieses de interpretação, ambos evidenciando quão perspicazes eram as “tiradas” de Théo.

O primeiro, mais nítido, e, portanto, mais óbvio, está presente na compreensão de que Théo procurou, mais uma vez, captar um ponto fraco de Hitler e colocá-lo no papel. É conhecido o ressentimento de Hitler em não ter sido aceito na Academia de Belas Artes de Viena em 1907, embora fosse grande admirador e conhecedor das artes e da arquitetura mundial. Ainda assim, fora considerado inapto, e é aí que reside a ironia da charge: Hitler – de cenho franzido, que denota incompreensão, constrangimento – seria incapaz de cumprir com eficácia as ordens de Goebbels. A mesma ironia ganha corpo escrito na frase “*tudo, agora, depende de seus dotes artísticos*”. Em seguida, Goebbels anuncia a segunda parte da fala, que é onde reside a segunda possibilidade de interpretação: “*É preciso pintar, com cores roseas, um quadro da situação!...*”, é preciso que, aos olhos do povo, as notícias soem agradáveis, traço marcante nas estratégias de propaganda nazista, principalmente em tempos de maiores reveses. Em qualquer sistema político, a propaganda é estratégica para o exercício do poder, mas, nos regimes de pretensão totalitária, ela adquire uma força ainda maior, uma vez que o Estado detém o poder de censura e, muitas vezes, o monopólio dos meios de comunicação, exercendo o controle sobre o conjunto das mensagens<sup>82</sup>. Pintar, com cores róseas, um quadro da situação da Alemanha na guerra em setembro de 1943 equivaleria a

---

<sup>82</sup> CAPELATO, M. H. **Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional**. In: Revista Brasileira de História – ANPHU. São Paulo: Contexto, vol. 16, nº 31 e 32, 1996, 328.

enganar o povo, a manipular, como em tempos de luta e consolidação do poder, a opinião pública a seu favor, e a mostrar uma realidade inexistente. Essa ambiguidade interpretativa é também encontrada em outra charge de Théo, que foi às ruas um ano depois.



Figura 15 Théo. *Careta*, 18/11/1944, nº1899, ano XXXVII, p. 4.

Novamente Hitler, dessa vez trajando sua habitual vestimenta com a braçadeira nazista, segurando paleta na mão esquerda e pincel na direita, e observando uma cena inusitada. Um suposto modelo vivo – que deveria cumprir o papel de Vitória – posa ao lado de uma de uma tela finalizada, mas as duas figuras não convergem. A mulher retratada na tela, magra, com cabelos lisos, alada, portadora do escudo intacto nazista, representação perfeita da vitória, é exatamente o oposto do que deveria ter sido sua inspiração: uma mulher obesa, de aparência repugnante, tomada por escoriações e lesões, apoiada em uma muleta trajando trapos, segurando o estandarte nazista em frangalhos. Embora não tenha sido representada a incapacidade de Hitler em elaborar uma obra apreciável, já que a tela da charge é um quadro perfeito da vitória, Théo utiliza esta arma para criticar as atitudes de Hitler, que, ao lado de seu Ministério de Propaganda, pintava – para os olhos dos alemães – um quadro de otimismo



em relação ao rumo tomado pela guerra, enquanto a Alemanha caminhava, em 1944 já a passos largos, para o abismo. Apresentava uma Alemanha e uma realidade inexistentes, apoiado na ideia de que o que convence as massas não são os fatos em si, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência do sistema do qual esses fatos fazem parte<sup>83</sup>.

Durante a guerra, ele me confiou mais de uma vez que a sua maior felicidade teria sido tirar o uniforme e se consagrar unicamente às questões da arte.<sup>84</sup>

As palavras da secretária revelam como as artes ocupavam lugar de destaque na personalidade de Hitler. A ideia de se tornar artista dominou sua penosa juventude. Viena, a brilhante e barroca capital, atraiu fortemente o jovem, ambicioso e criativo Adolf. Em 1906, logo após completar 17 anos, Hitler seguiu para lá, a fim de passar dois meses na grande metrópole. Embora essa cidade viesse a ser, mais tarde, palco dos seus anos mais amargos, quando, algumas vezes, teve de viver, literalmente, nas sarjetas, Viena o encantou em sua primeira vista. Indagou acerca do que era necessário à matrícula na Academia de Belas-Artes de Viena e, um ano mais tarde, em outubro de 1907, voltou à capital para prestar exame de admissão, como primeiro passo prático no sentido de realizar o seu sonho: tornar-se pintor. Tinha 18 anos e alimentava muitos sonhos – que iriam por água abaixo<sup>85</sup>.

Mas o que a lista de classificação da Academia dizia ia de encontro aos planos do futuro Führer: *Os seguintes candidatos fizeram exame com resultados insuficientes, ou não foram admitidos (...) Adolf Hitler, alemão, católico, nascido a 20 de abril de 1889, em Braunau am Inn. Pai: funcionário público. Quarta série do curso secundário. Poucas matérias. Teste de desenho insatisfatório*<sup>86</sup>. As palavras de Hitler em *Mein Kampf* revelam suas expectativas e as reações diante do resultado:

Achava-me agora, pela segunda vez, na grande cidade, e esperava com ardente impaciência, e, ao mesmo tempo, com orgulhosa confiança, o resultado do meu exame de admissão. Estava tão convencido do êxito do meu exame que a reprovação que me anunciaram feriu-me como um raio que caísse de um céu sereno.<sup>87</sup>

<sup>83</sup> ARENDT, Hannah. Op. cit. p. 401.

<sup>84</sup> SCHROEDER, Christa. Op. cit. p. 52.

<sup>85</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 36.

<sup>86</sup> HEIDEN, Konhad. **Der Führer**. Boston, 1944. p. 52.

<sup>87</sup> HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Mestre Jou, 1962. p. 20.

É obvio que jamais ocorrera ao excessivamente autoconfiante Adolf que pudesse fracassar no exame de admissão para a academia. Restam da época e do período da guerra 1914-1918 aquarelas nas quais Hitler, não sem talento, reproduziu monumentos e construções públicas com um cuidado quase fotográfico do detalhe. Pintar e desenhar iam ser sempre o hobby de sua vida. Mesmo ao longo de sua existência trepidante de chefe de Estado, ele encontrava tempo para exercer este talento.

Os chás que Hitler compartilhava com convidados seletos eram dominados por exposições orais do Führer sobre os mais variados assuntos. Como tudo geralmente terminava em um monólogo sem fim, seus convidados ficavam invariavelmente entediados e, em grande parte das vezes, apenas fingiam prestar atenção nas palavras de Hitler<sup>88</sup>. Nessas dissertações, a Arte ocupava lugar de destaque. Ele considerava a Grécia Antiga e Roma como o berço da cultura, onde as concepções do cosmos, da ciência e do intelecto encontraram suas primeiras expressões. No entanto, Hitler desprezava a pintura moderna. Considerava-a excessivamente marcada pelas tendências expressionistas e impressionistas. Para Hitler, só existiam duas Artes: a Antiguidade e o Romantismo. Ele comprava frequentemente telas que não lhe agradavam, com o intuito de encorajar os artistas, mas poucos pintores contemporâneos obtinham sua aprovação diante de sua crítica mordaz. Os projetos de Hitler, no entanto, não tinham apenas um cunho pessoal. Havia a ideia de dotar de museus regionais as pequenas cidades de província, e com isso grande parte do território alemão. Mas era em Linz, considerada por ele sua cidade natal, que Hitler queria erguer o museu mais opulento da Alemanha.

Seus conhecimentos sobre arquitetura eram verdadeiramente assombrosos. Ele se lembrava das dimensões e dos planos de todas as construções importantes do mundo. Do ponto de vista urbanístico, Paris e Budapeste estavam acima, em sua opinião, de todas as outras capitais. Durante a guerra, em junho de 1940, Hitler visitou Paris antes que a maioria dos parisienses acordasse. O tour não durou mais que três horas, e Hitler teve a companhia dos arquitetos Hermann Giesler e Albert Speer, bem como de Arno Breker, seu escultor preferido. Ver Paris, contou para Speer, era o sonho de sua vida. Mas, para Goebbels, disse que achara grande parte da cidade muito decepcionante. Havia pensado em destruí-la. Porém, segundo Speer, observou que “quando tivermos terminado em Berlim, Paris será apenas uma

---

<sup>88</sup> SCHROEDER, Christa. Op. cit. p. 44.

sombra. Por que deveríamos destruí-la?”<sup>89</sup>. A mesma “piedade” teve Hitler em relação à Atenas, quando proibiu seu bombardeio em 1941.<sup>90</sup>

Seu profundo conhecimento sobre o tema e seu potencial artístico, contudo, não impediram que os caricaturistas brasileiros acrescentassem o desmoronamento de seu sonho e seu fracasso de juventude ao caldeirão de “motivos para não levar Hitler a sério”, grande objetivo dos três. Mais uma vez um traço incômodo de Hitler – aos seus próprios olhos – era utilizado contra ele, uma característica realçada para enfatizar um ponto negativo do Führer. A amargura e a decepção de um homem transformados em motivo de riso em prol da desmistificação da figura do mesmo. E essa ideia de ler Hitler a contrapelo perpassou ainda por outros aspectos da figura do Führer, e uma das propostas era a de apresentar aos brasileiros um líder militar arrogante, mau estrategista e, em consequência, fracassado. Mas, antes, permitam-me contar-lhes uma pequena história...

*Era uma vez um camponês que vinha enfrentando um grande problema em sua vida. Ele, dono de uma grande plantação de milho, estava em desespero, preocupado com o futuro de sua safra, que vinha sendo constantemente atacada por um grupo de macacos que morava na floresta ao redor de sua propriedade. Se as coisas continuassem como iam, perderia toda sua produção e teria enormes prejuízos. O camponês, sem saber como proceder para evitar o pior, resolveu procurar um velho sábio da região, que ouviu toda a história e, após refletir por um momento, deu a ele o seguinte conselho: “Consiga uma cabaça, seca e vazia. Fure-a na parte de cima, um furo que permita a passagem da mão de um macaco, mas muito à justa. Coloque uma quantidade de milho no interior da cabaça, depois prenda-a a um fio forte, que deve estar ligado a um pedaço de pau bem preso ao chão. Isso surpreenderá o macaco ladrão, que ficará preso. Dê uma lição no macaco e depois solte-o, para que conte aos outros sua experiência”.*

*Seguindo o conselho do sábio, o camponês prendeu uma cabaça furada cheia de milho a um tronco e escondeu-se a espera dos invasores, que não tardaram a chegar. Foi quando um dos macacos, um macho, de maior tamanho, encontrou a cabaça e começou a espreitar seu interior pelo buraco. Ao encontrar o milho, rapidamente, o macaco estreitou a mão e enfiou-a pelo buraco, segurando grande quantidade de grão, mas, ao tentar tirar a mão para comer o milho, havia ficado preso. Espantado e assustado, soltou o primeiro grito, e foi, então, surpreendido pelo camponês, que estava armado com um bastão. Os outros macacos*

---

<sup>89</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 595

<sup>90</sup> Ibidem, 642.

*do bando, indecisos entre fugir ou ajudar o companheiro, preferiram fugir, enquanto o outro, por não querer largar o milho que lhe enchia a mão, continuava preso. Após tomar uma surra, o macaco foi posto em um saco e levado para a casa do camponês. No dia seguinte, transportado para a cidade, foi vendido a um comerciante, de forma que o dinheiro da venda compensasse parte do prejuízo causado pela destruição de sua plantação. Preso pela cintura a uma corrente comprida, o macaco veio a viver parte de seus dias em um quintal, levando uma vida triste e infeliz, até que, cansado de o aturar, o comerciante o devolveu novamente ao mato, já velho, desabitinado, sem orientação e sem qualquer possibilidade de se reintegrar no grupo a que pertencera.*

O conto acima, que carrega consigo uma mensagem de alerta em relação aos perigos da ganância e da ambição, foi a grande inspiração de Théó em agosto de 1943, ocasião da publicação da seguinte charge:



**Figura 16** Théó. *Careta*, 21/08/1943, nº 1834, ano XXXVI, p. 8.

A charge, embora sem assinatura, pertence naturalmente a Théó, pelo estilo de traço e pela assinatura do comentário, e trazem duas personagens até agora inéditas: Sir Winston Leonard Spencer-Churchill, o sucessor de Chamberlain no governo da Inglaterra, e adversário

mais desafiador e incansável de Hitler; e Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1933 e 1945.

Esta será, comumente, a forma como os dois homens declaradamente rivais de Hitler serão representados pelos chargistas: Churchill sempre com os olhos apertados, invisíveis, charuto na boca, vez ou outra portando chapéu; Roosevelt com os traços do rosto mais realçados, demonstrando idade avançada, e óculos. Na charge de 1943, os dois presenciam outro chefe de Estado em uma situação embaraçosa. Théó cria um paralelo metafórico entre o conto e a guerra, designando a Hitler o papel do macaco, enquanto os observadores Churchill e Roosevelt atuariam, ao que parece, como astutos camponeses.

Na charge, Hitler, visivelmente angustiado, segura uma cabaça semelhante à do conto, que prende seu braço. A cabaça, contudo, não é uma cabaça qualquer, mas a Rússia. E isso explica tudo: trata-se de uma crítica à estratégia – classificada por Théó como “burra” – elaborada pelo “iluminado” – adjetivo que referencia, ironicamente, a ideia de Hitler de que teria sido designado pela providência como o homem que conduziria a Alemanha ao paraíso, o escolhido. Invadir a Rússia seria o mesmo que enfiar a mão em uma cabaça contendo milho, uma grande armadilha. O desenrolar dos acontecimentos viria mostrar que Hitler realmente não conseguiria escapar do destino do macaco.

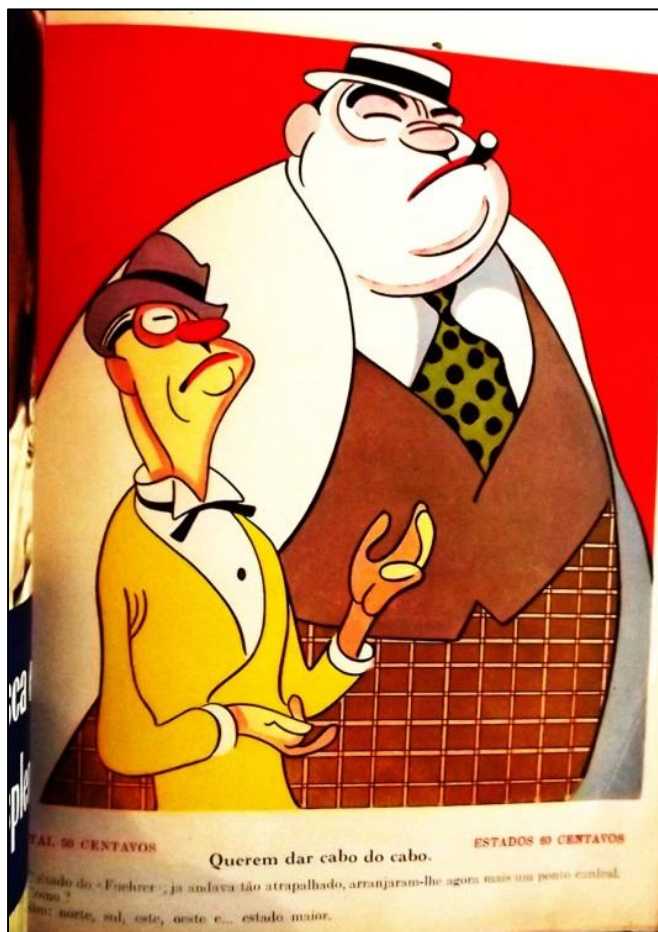
Através do resgate de um conto popular, Théó conseguiu construir uma brilhante narrativa – disse muito, com apenas uma frase. A ganância de Hitler o impedia de “largar o milho”, e por isso seria capturado por seus inimigos, que observam a cena com ar de satisfação. Para os conhecedores da história, é impossível não traçar uma linha de continuidade do enredo e imaginar o destino que teria macaco-Hitler nas mãos de seus captores.

A insistência de Hitler na questão russa e, portanto, sua recusa em “largar o milho” – retirar a mão da cabaça e escapar dos captores é justificada por estratégias militares forjadas no comando militar do Reich. O ataque à União Soviética tornou-se mais evidente nos planos de Hitler quando, no final de 1940, após terríveis ofensivas aéreas na ilha britânica, ficou claro que não seria simples tirar a Grã-Bretanha da guerra. Era um passo indispensável e encarnava uma de suas obsessões ideológicas mais antigas: a destruição do bolchevismo. Antes de assinar a diretriz, em dezembro de 1940, para preparar o que se transformaria rapidamente numa “guerra de aniquilação” contra URSS, houve um hiato em que a direção futura da guerra permaneceu incerta. Durante essa fase, que se estendeu de setembro a dezembro de 1940, ele esteve disposto a explorar diferentes possibilidades de forçar a Grã-Bretanha a sair do conflito antes que os americanos entrassem nele. A partir do fracasso da

“estratégia periférica”, que em nenhum momento gozou do entusiasmo pleno de Hitler, surgiu o endurecimento da intenção de invadir a Rússia. “Quando o exército russo for batido uma vez, o desastre final será inevitável”, disse Hitler, em sua total subestimação das forças soviéticas. Em uma reunião com Hitler e seus dirigentes militares do Berghof, o Ministro do Exterior Franz Halder fez algumas anotações que mostram que a conclusão crucial de Hitler era tirar a Rússia da equação:

Com a Rússia esmagada, a última esperança da Grã-Bretanha seria destruída. A Alemanha será então senhora da Europa e dos Bálcãs. Decisão: a destruição da Rússia deve, portanto, fazer parte dessa luta. Primavera de 1941. Quanto mais cedo a Rússia for esmagada, melhor. O ataque atinge seu objetivo apenas se o Estado Russo puder ser destruído até as raízes com um único golpe. Segurar somente parte do país não servirá. Ficar parado no próximo inverno seria perigoso. Então é melhor esperar um pouco mais, mas com a determinação resolvida de eliminar a Rússia<sup>91</sup>.

Ao contrário das reações ansiosas de 1938 e 1939, quando os generais haviam temido a guerra com a Grã-Bretanha, não há indicações de que tenham ficado horrorizados diante do

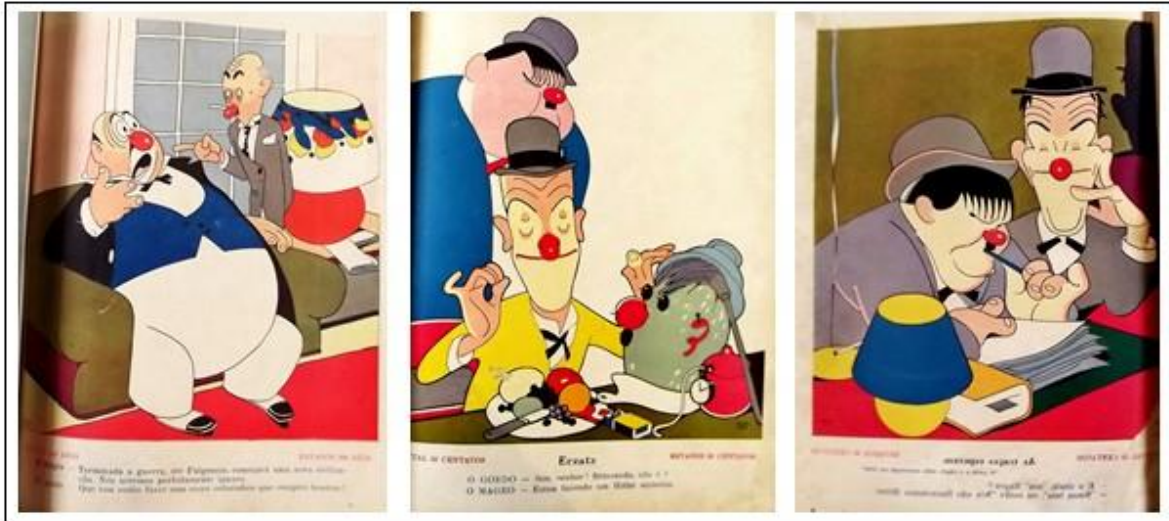


que ouviram. Mas a relação de Hitler com seu Estado Maior nem sempre foram pacíficas e concordantes desta forma. Ao contrário, os conflitos e hostilidades entre Hitler e seu corpo de comando, principalmente seus generais, foram bem explorados por nossos caricaturistas, que procuravam retratar um governo conflituoso, ineficiente, confuso na tomada de decisões. Mobilizaram inclusive, para tanto, duas figuras divertidas e familiares no período.

Figura 17 J. Carlos Careta, 05/08/1944, nº 1884, ano XXXVII, capa.

<sup>91</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 602.

*O Gordo e o Magro* – ou, de acordo com seus nomes originais em inglês *Laurel and Hardy* – foi uma das duplas de comediantes mais populares do cinema dos Estados Unidos nas décadas de 1920 e 1930. Em atividade desde o cinema mudo até a Era de Ouro de Hollywood, a dupla era composta por um magro, o inglês Stan Laurel, e um gordo, o americano Oliver Hardy. A dupla era particularmente cara a J. Carlos, que, mais de uma vez, explorou, a serviço de suas críticas ao totalitarismo e à guerra, a figura dos comediantes.



**Figura 18** Outras utilizações da dupla em charges de J. Carlos. Referências, em ordem: J. Carlos. *Careta*, 03/08/1940, nº 1675, ano XXXIII, capa; J. Carlos. *Careta*, 06/03/1943, nº 1810, ano XXXV, capa; J. Carlos. *Careta*, 07/08/1943, nº 1832, capa.

Trazer, sem sofrer censura por parte do DIP, nas capas das publicações, figuras icônicas e referentes ao cinema americano criticando abertamente o nazi-fascismo e a guerra, diz muito sobre o posicionamento do Brasil diante do contexto político internacional, e da postura democrática e liberal da *Careta*. Na legenda, o diálogo travado entre os dois homens:

“Querem dar cabo do cabo.

- Coitado do <Fueher>, já andava tão atrapalhado, arranjaram-lhe agora mais um ponto cardeal
- como?
- Sim: norte, sul, leste, oeste e... estado maior.”

O título da charge evidencia o caráter regional deste tipo de linguagem, e como é preciso conhecer com precisão os códigos para se conseguir compreender de modo eficiente a mensagem pretendida pelo autor. Apenas na cultura e no linguajar brasileiro é possível dar sentido à frase “Querem dar cabo do cabo”. À parte a expressão “do cabo” – referência à posição ocupada por Hitler no exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial, onde

atuou como cabo –, “querem dar cabo” é uma peculiar expressão do português no Brasil para “dar fim”, e somente munido deste conhecimento é possível compreender o sentido buscado por J. Carlos. A associação entre a legenda da imagem e a data de sua veiculação – agosto de 1944 – é a chave para se entender que os dois amigos se referem ao atentado contra a vida de Hitler em julho do mesmo ano, a conhecida “Operação Valquíria”, que analisaremos com maior profundidade mais adiante, e que se constituiu do clímax de tensão entre Hitler e seu Estado Maior. Por isso a conclusão, por parte de um dos dois comediantes, de que o Estado Maior alemão seria mais um problema para o “já atrapalhado” Hitler.



Figura 19 Osvaldo. *Careta*, 28/11/1942, nº 1796, ano XXXV, p. 12.

Mas o assunto dos problemas entre Hitler e seus generais também fora abordado antes por Osvaldo, de maneira tradicional, porém irreverente. O título da charge, “plus ça change...” é apenas a metade de um ditado popular em francês, cuja frase integral é “plus ça change, plus



c'est la même chose”, que em português significa algo próximo a “quanto mais as coisas mudam, mais elas parecem as mesmas”<sup>92</sup>. A legenda é a seguinte:

“Plus ça change...

Hitler volta e meia substitue seus generais por outros que, por sua vez, já haviam sido substituídos.

- Eu andava mal de vida. Tinha dois ternos já muito usados. Batia com um até que ficasse pior do que o outro... E, assim, ia revezando...

- Pipócas! Hitler não tem nada de original! ... O. N.”

Com temas corriqueiros, como a posse de apenas dois ternos velhos, que se revezavam até que um ficasse pior que o outro, Osvaldo tece uma crítica ao “nada original” Hitler e sua estratégia de ciranda entre os generais do exército alemão. Sua falta de confiança nos generais o levava a substituí-los, mas, como seu leque de opções era, de certa forma, limitado, acontecia, às vezes, de o substituto já ter sido substituído em um momento anterior. Mas não eram apenas substituições. Quando, em 1938, assumiu o controle conjunto das forças armadas, seguiu-se uma onda de destituições de cargos – ao todo dezesseis generais perderam seus cargos – e transferências – 44 outros, considerados menos entusiastas em sua devoção ao nazismo<sup>93</sup>. Goering, durante seu interrogatório em maio de 1945, dissera que, durante a guerra, o melhor aliado de Hitler fora o próprio Hitler<sup>94</sup>. Essa exclamação do antigo Reichsmarshall, nos primeiros dias de sua prisão, descreve a tensão que sempre existiu entre Hitler e os chefes da Wehrmacht. Os desacordos contínuos e trágicos começaram a nascer quando, pouco depois da tomada do poder, a Wehrmacht constatou que o Estado nacional-socialista tinha feito suas raízes na massa proletária da população em vez de buscar sua substância na classe dos intelectuais.

O problema de Hitler com seus generais fora, ainda, constatado pelo general Alfred Jodl, em anotações em seu diário na ocasião da crise Tcheca. Nelas, Jodl afirma que apenas por meio de ações os generais derrotistas – algo intolerável para Hitler – poderiam sanar com honra o dano que causaram por sua falta de firmeza de ideias e de obediência. O problema se assemelhava a 1914, continuava em suas anotações, e só havia um exemplo de desobediência no exército, a dos generais, que decorre de sua arrogância. Não se achavam em condições de acreditar e obedecer porque não reconheciam o gênio de Hitler. “*Muitos deles ainda o veem*

<sup>92</sup> Tradução livre do autor.

<sup>93</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 426.

<sup>94</sup> SCHROEDER, Christa. Op. cit. p. 155.

como o cabo da Primeira Guerra Mundial, mas não como o maior estadista desde a época de Bismarck”<sup>95</sup>.

As estratégias de Hitler continuaram a ser criticadas por Osvaldo em 1943, quando o artista divulga uma charge na terceira página da *Careta* – cujo título inspirou o nome do presente capítulo –, criticando a postura de Hitler de confiar a direção da guerra aos generais alemães.



**Figura 20** Osvaldo. *Careta*, 03/04/1943, nº 1814, ano XXXV, p. 3.

O argumento era que, não importava o que Hitler fizesse, os reveses alemães jamais seriam reparados, os mortos jamais levantariam de seus túmulos, os erros do passado já não podiam mais ser recuperados. Em outras palavras, os fracassos de Hitler eram irremediáveis. Pintar um líder fracassado era voz comum entre os caricaturistas, nutridos pela mesma chama antifascista. Mas nenhum Hitler fracassou tanto quanto o de Théo no final de 1944.

<sup>95</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 502.



Figura 21 Théo. *Careta*, 25/11/1944, nº 1900, ano XXXVII, p. 13.

Na sessão “Cartaz da Semana”, espaço que a *Careta* reservava para charges especiais, Djalma mostra, novamente, toda a sua genialidade a nos trazer uma “História sem palavras” fantástica, que torna até a legenda – “o pescador ambicioso que queria todo o peixe do mar...” – dispensável. Hitler, a bordo do III Reich, seu pequeno barco, entretêm-se numa pescaria. Começa com apenas um peixe, e guarda-o no barco. Em seguida pesca outro, e depois outro,

até que, de repente, sua vara de bambu se quebra. Insistente, Hitler tenta puxar o peixe apenas pela linha exercendo esforços sobre humanos, quando descobre que se tratava de um peixe maior do que ele e seu pequeno barco poderiam suportar. A charge é uma crítica seca e direta ao caráter expansionista – sob o álibi do *Lebensraum* (Espaço Vital) – do Terceiro Reich, que foi, em grande medida, o principal responsável pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. Ao lado da charge da figura 20, o Cartaz da Semana traz a ambição sem medidas e a ganância de Hitler como a principal causa de seu fracasso, representado pelo naufrágio do barco, arruinado sob o peso do grande peixe. São muitas as charges que pintam Hitler malogrado, e uma das que melhor traduz essa ideia foi veiculada em julho de 1944, assinada pelo mestre J. Carlos.



**Figura 22** J. Carlos. *Careta*, 15/07/1944, nº 1881, ano XXXVII, capa.

Adolf Hitler considerava-se um homem chamado a cumprir uma missão histórica, cujo objetivo era, para ele, desfazer a mancha da derrota e da humilhação de 1918 com a destruição dos inimigos – internos e externos – da Alemanha e restaurar a grandeza nacional<sup>96</sup>. Diante dos triunfos dificilmente imagináveis obtidos desde 1933, e se tornando pouco a pouco vítima do mito de sua própria grandeza, Hitler ficou cada vez mais impaciente para ver sua missão cumprida enquanto estivesse vivo<sup>97</sup>. Passara a se considerar predestinado pela Providência: “Eu sigo com a certeza de um sonâmbulo ao longo do caminho traçado para mim pela Providência”, disse numa grande concentração em Munique, no dia 14 de março de 1936. Quando atingia níveis exorbitantes, a megalomania egocêntrica de Hitler o fazia acreditar que, com seu objetivo atingido, seria lembrado como o maior alemão do século<sup>98</sup>. Essa certeza aumentava sempre que os planos de Hitler, muitas vezes ajudados simplesmente pela sorte, mostravam-se mais corretos que os demais, ou que uma aposta sua revelava-se verdadeira enquanto os outros emitiam palpites errados. Segundo imaginava, quando tivesse finalmente triunfado, teria seu nome escrito nas páginas da História.

E, por incrível que pareça, J. Carlos representa, em terras brasileiras, este profundo desejo de Hitler. A diferença é simples: não são por suas proezas, mas por seus fracassos, que o Führer seria “indelevelmente gravado sobre as páginas da História”. E os responsáveis por essa escrita têm nome e rosto – Roosevelt, Stálin e Churchill. Mas não estão sozinhos. Seu rolo compressor, utilizado para esmagar Hitler sobre o metafórico livro da História, é dirigido por eles, mas é composto por nações que, representadas por suas respectivas bandeiras, atuaram na luta contra o nazi-fascismo, e dentre elas o Brasil. Hitler, desesperado, já com metade do corpo esmagado, tenta agarrar-se em nada para escapar da ofensiva, mas a grande quantidade de fumaça que sai da chaminé do veículo – que se assemelha neste ponto a uma locomotiva – mostra que o contra movimento de Hitler é em vão. Detalhe para quem, de fato, comanda o avanço do rolo compressor: Churchill, considerado o mais empenhado inimigo de Hitler durante a guerra.

Essa, talvez, seja a charge que melhor retrata o ideal de fracasso que os artistas procuravam transmitir, uma vez que, além de mostrar um Hitler visivelmente em pânico, sendo suprimido por seus inimigos, traz também os protagonistas do teatro da guerra, os grandes responsáveis pelas desgraças militares da Alemanha. Até aqui, vimos charges em que o insucesso de Hitler era causado por elementos endógenos a ele, como seus problemas de

---

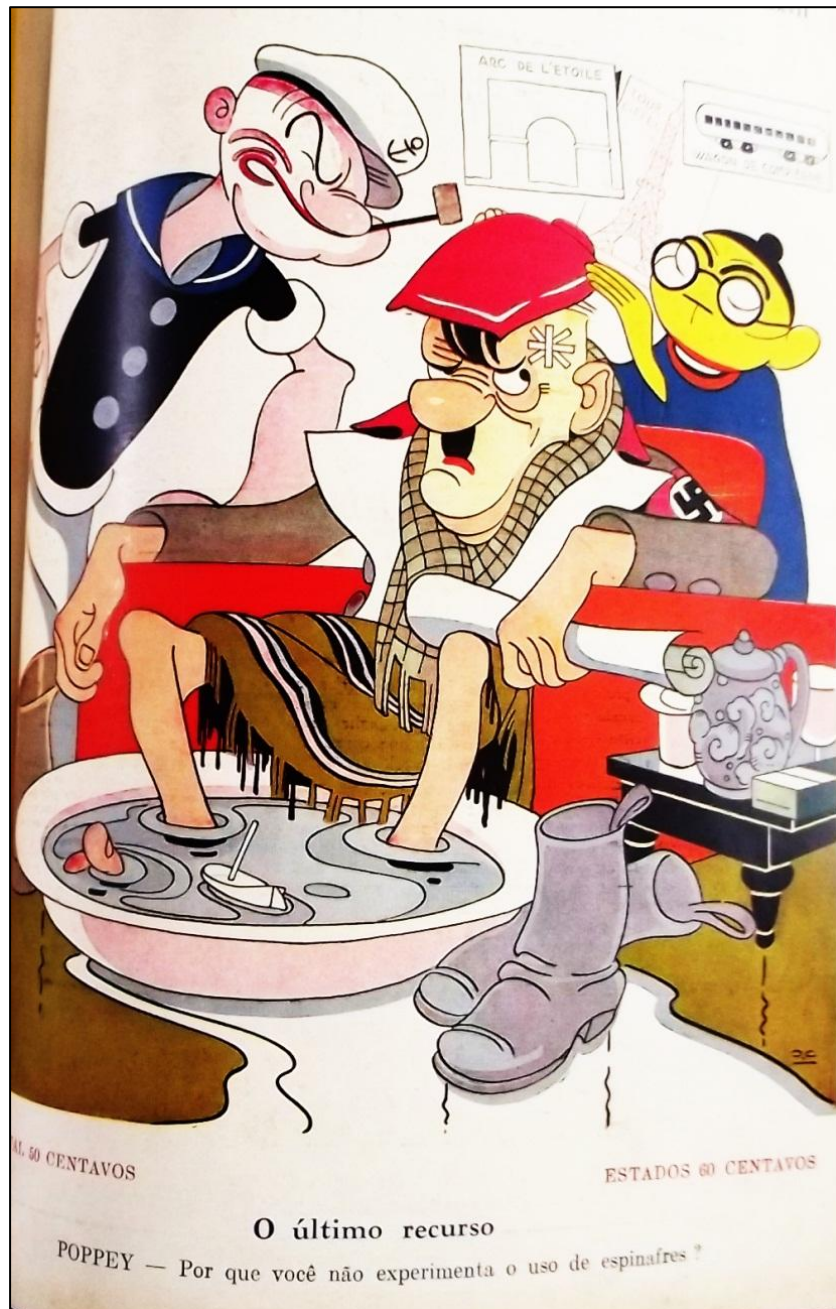
<sup>96</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 547.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 411.

<sup>98</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 877.

relação com seu corpo de oficiais, sua ganância, sua ineficiência. Aqui, o que aparece é um Hitler derrotado por inimigos externos, donos de corpos e rostos evidenciados pelo caricaturista.

J. Carlos, privilegiado pelos recursos gráficos mais sofisticados disponíveis para as charges da capa da revista, explorou como ninguém – e de diversas formas – a imagem de Hitler derrotado. Para a edição de número 1892, o mestre da caricatura brasileira evoca outra conhecida figura do mundo do entretenimento americano, o Marinheiro Popeye.



**Figura 23** J. Carlos. *Caretta*, 30/09/1944, nº 1892, ano XXXVII, capa.

Aqui, a personificação do nazismo – regime que orgulhava de exibir sua força, ordem e disciplina – aparece rabugenta e com canelas finas. O que os leitores veem é um Hitler fraco, debilitado, adoecido. Sem o tradicional uniforme nazista, Hitler, exibindo profundo descontentamento (e profundas olheiras), descansa os pés numa bacia de água quente, e tem um cobertor sobre os joelhos e um lenço ao redor do pescoço, para proteger-se do frio. O cenário é o da reabilitação de um doente à moda antiga. Atrás de Hitler, Hirohito, o imperador japonês, aliado do nazismo durante a guerra, tenta amenizar a situação, colocando sobre a cabeça do Führer uma bolsa de água. A charge é recheada de elementos antinazistas: o curativo na cabeça de Hitler tem a forma da bandeira britânica; os cartazes ao fundo trazem desenhos representando lugares conhecidos da França, como o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel; ao lado de Hitler, ninguém menos que Popeye, vetor da sátira da charge, simbolizando o setor norte-americano da oposição à Hitler. O marinheiro oferece uma nova sugestão ao problema de Hitler: o uso de espinafres. Isso porque, no desenho no qual Popeye é protagonista, o vegetal age sobre ele como uma mágica: quando come espinafres, Popeye adquire uma força inacreditável, que o capacita para resolver qualquer um de seus problemas, que geralmente envolvem sua amada Olívia Palito e seu inimigo Brutus.

A charge é o oposto de todo o triunfo que Hitler e seu regime – representado pela discreta suástica presa ao seu braço – procuraram transmitir ao mundo através de sua propaganda. O que se vê é um homem doente, líder de um regime (já em 1944) suprimido por seus inimigos. A descrença na vitória do nazismo na guerra é acentuada quando Popeye sugere que Hitler experimente o uso de espinafres, fazendo com que as chances de um resultado favorável aos alemães passem do plano do possível para o do imaginário/hipotético. Uma charge simples de Théo também exprime de forma genial os fracassos de Hitler.



**Figura 24** Théo. *Careta*, 16/01/1943, n 1803, ano XXXV, p. 4.

Nela, o “Bigodinho Iluminado” trava um jogo de cartas, que representa a guerra, com um adversário implacável – um esqueleto coberto por um manto, portando uma foice: a imagem típica da morte. Na legenda, Hitler se queixa sobre as dificuldades de vencer um adversário daquele nível. Os inimigos de Hitler deixam de pertencer ao plano humano e passam ao sobrenatural, tornando a missão de Hitler obviamente impossível, e sua derrota iminente.

As capas da *Careta* eram um grande veículo de disseminação da ideia de fracasso do nazismo. J. Carlos, grande assinatura da maioria delas, empenhava-se em dar o melhor de si quando a questão era essa, criando charges muitas vezes complexas, buscando legitimidade argumentativa, inclusive, nos episódios de nossa própria História. É o que faz em novembro de 1944.



Figura 25 J. Carlos. *Careta*, 11/11/1944, nº 1898, ano XXXVII, capa.



Na legenda, lê-se:

(O Fueher resistirá nas montanhas, adotando a tática das guerrilhas.)

- Agora, sim. Ninguém mais duvidará que ele é um iluminado!
- Como?
- Acabará como Lampeão.

Neste diálogo construído por J. C. é possível, pelas expressões faciais, descobrir o autor de cada frase. O homem de chapéu marrom e olhos arregalados conta ao outro, que o escuta com evidente interesse e curiosidade, a relação que acabara de estabelecer. Ambos estão diante de um quadro que exhibe um homem que poderia facilmente ser o maior dos *bandidos da terra*, se não possuísse o bigode mais característico da História. O cenário também altera a concepção: diferente da paisagem sertaneja que marca o cangaço, nosso Lampeão ariano é retratado tendo ao fundo montanhas cobertas pela neve.

O traje de Hitler muito se assemelha ao do maior líder do cangaço brasileiro, Virgulino Ferreira da Silva. O chapéu de cangaceiro, os óculos de armação redonda, o cigarro na boca, o lenço no pescoço, a faca a tiracolo, a munição cruzada no peito e a arma na mão formam o ícone perfeito do típico cangaceiro, exceto por um detalhe: a suástica no chapéu particulariza esta figura, que passa a simbolizar outros valores. A legenda da charge torna complexa ainda mais a mensagem: J. Carlos não deseja apenas que os leitores associem a imagem de Hitler à de Lampeão e ao destino que teve, mas cria, ainda, uma sátira envolvendo o jogo de palavras. Lampeão, além de poder fazer referência ao líder nordestino, também pode significar o típico objeto utilizado para iluminação. Assim, agora o caráter “iluminado” de Hitler fazia todo o sentido, mas não como ele gostaria que fosse – Hitler seria, de fato, o “iluminado” por ser portador em potencial do mesmo destino do homem que possuía o apelido que denomina o objeto portador de luz.

A charge de J. Carlos traz, na legenda e entre parênteses, a informação de que Hitler resistiria nas montanhas adotando táticas de guerrilha, de onde surgiu a relação com o Rei do Cangaço brasileiro. Há, contudo, autores que contestam o caráter guerrilheiro de Lampeão. Como aponta Júlio Chiavenato, cantado a torto e a direito como guerrilheiro, Lampeão foi um, ao contrário, terrorista<sup>99</sup>. Não usou táticas de guerrilha: ampliou pelo terror os modos de luta

---

<sup>99</sup> Sua estratégia limitava-se a aplicar os truques simples, como dividir o bando em grupos e atacar em várias frentes, recuar e avançar dando a impressão de ser forte ou fraco, despistar rastros ou deixar pistas falsas. É evidente que essa atuação exigia talento guerreiro. Não se nega a capacidade de comando de Lampeão nem o uso arguto e inteligente de táticas de combate, mas o que ele praticava não era guerrilha, mas terrorismo. A guerrilha implica o conhecimento global do terreno, um relacionamento das partes com o todo e uma direção política, um

do Nordeste conflagrado. Polícia e cangaço tinham o mesmo comportamento: impunham-se pelo terrorismo espalhavam pânico, abusavam da violência. A “guerrilha” de Lampião resumia-se às espertezas características das “brigadas” nordestinas. Não se deve esquecer que ele teve o apoio do próprio sistema que o criou e que o combatia. Negros aquilombados e cabanos rebeldes, por exemplo, jamais pensariam em receber as ajudas dadas a Lampião. A guerrilha não se alia ao poder. O terrorismo, quando já não é sua prática, pode ser utilizado para seus fins de dominação.

Não cabe aqui examinar detalhadamente o significado político da guerrilha, apenas destacar o equívoco dos que exageram a inteligência militar de Lampião, transformando em guerrilheiro um feroz terrorista<sup>100</sup>.

Guerrilheiro ou terrorista, o fato é que a charge de J. Carlos nos desperta ao estabelecimento de uma série de semelhanças entre o líder do cangaço brasileiro e o líder do nazismo alemão. Ambos eram líderes de “movimentos” que chocavam por sua extrema crueldade e falta de escrúpulos. Um folheto citado por Nertan Macedo, publicado, ao que parece, em 1953, narrava como Lampião, ao descer ao inferno, vencera Satanás e se transformara no rei das profundezas. Seus generais eram Hitler e Mussolini, os latifundiários eram seus representantes na terra, encarregados de arrancar dos pobres “o resto do ouro” que porventura ainda carregassem<sup>101</sup>. Hitler, embora inicialmente tenha construído as bases de seu poder sobre seu carisma e magnetismo exercido sobre as massas, cativando a simpatia do povo e obtendo, assim, incontestável apoio ao seu governo, não excluiu de seu aparato de dominação uma eficiente polícia política – basta lembrar das milícias SA, as SS e a Gestapo, as tenebrosas polícias do Reich. Sua trilha a caminho do poder exigiu dele a conquista das massas, sobre o que Joseph Goebbels diria no IV Congresso do Partido em Nuremberg, 1934, um ano após a tomada do poder pelos nazistas: “*O poder baseado em armas pode ser uma coisa boa; é, porém, melhor e mais gratificante conquistar o coração de um povo e mantê-lo*”. De fato, foi o que fizeram: o apoio dado a Hitler até o advento da guerra em fins de 1939 era total e absoluto em toda a Alemanha. Os sucessos na política internacional nos anos que imediatamente antecederam a guerra deram impulso à adoração de Hitler e sua liderança, e, mesmo com a efetivação da guerra contra as potências ocidentais, embora o fantasma do

---

alvo específico a ser alcançado, além da simples sobrevivência ou saque. CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço**: a força do coronel. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 83.

<sup>100</sup> CHIAVENATO, Júlio J. op. cit. p. 83.

<sup>101</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. p. 66.

conflito trouxesse consigo receio e morte, enquanto a Alemanha manteve posições de vantagem e sucessos militares, os alemães, mesmo aqueles que desejavam paz, mantiveram o apoio em seu Führer.

Quando, porém, as atividades militares passaram a exigir do Führer quase exclusividade de atenções, fazendo com que se afastasse do povo e das questões internas do Reich, as coisas mudaram de figura. Ao mesmo tempo em que os reveses da guerra começaram a ser sentidos de forma mais veemente pela população e a paz começou a ser mais que um desejo, a insatisfação com relação à Hitler fez com que o descontentamento tomasse proporções maiores. Constatando, em meados de 1943, que chegara o momento de endurecer o controle na frente interna e eliminar qualquer perspectiva de que o moral baixo se transformasse em ação subversiva, Hitler nomeara Heinrich Himmler, o *Reichsführer-SS*, para o Ministério do Interior. Para Hitler, a nomeação equivalia ao reconhecimento de que sua autoridade na Alemanha repousava agora na repressão policial e não na adulação das massas de que outrora gozara. Chegara o momento em que ser temido apresentava maior segurança que ser amado, relembrando a dicotomia de Maquiavel.

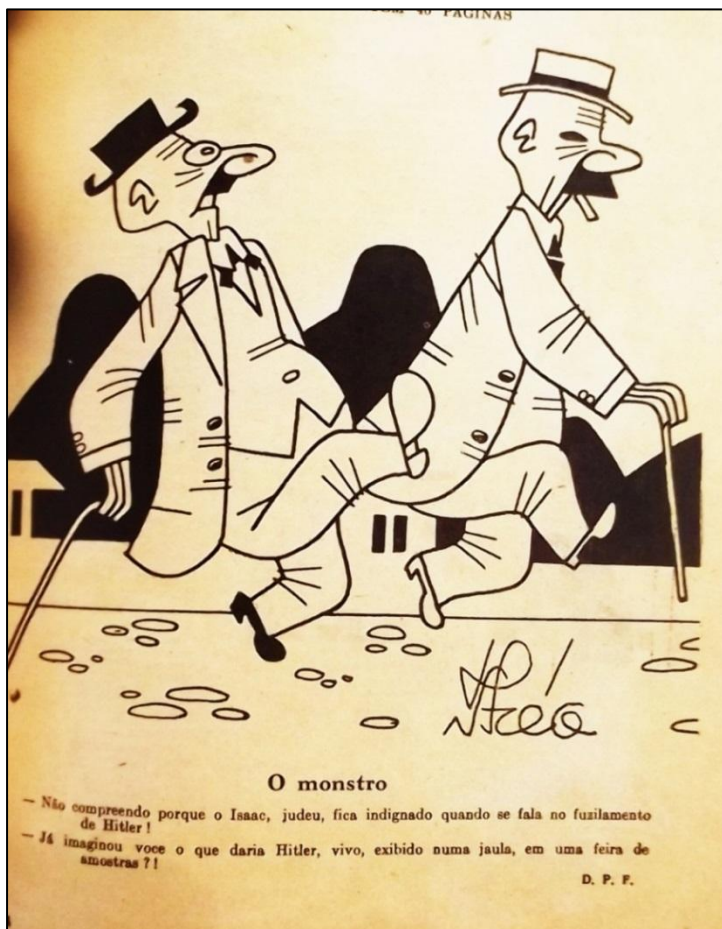


Figura 26 Théophile. *Caretta*, 02/12/1944, nº 1901, ano XXXVII, p. 3.

A história de Lampião e do cangaço brasileiro era, no momento da publicação da charge, de certa forma recente e contemporânea à maioria dos leitores da *Caretta*. Era conhecido o destino que teve Lampião nas mãos de seus captores, e o que J. Carlos faz em sua charge é traçar um prognóstico semelhante em relação a Hitler, que representava, além de prognóstico, um desejo. Começam, então, a surgir com maior frequência charges com o tema “destino de Hitler”. Sua morte começa a ser discutida entre os caricaturistas, e diversas

abordagens são oferecidas. Théo não esconde sua repulsa por Hitler ao publicar, em dezembro de 1944, uma charge intitulada “O Monstro”.

Nela, novamente o objeto é excluído para dar lugar a dois cavalheiros num cenário neutro que travam um diálogo sobre os acontecimentos da guerra. Um dos amigos diz não compreender o porquê de um judeu, seu conhecido<sup>102</sup>, não concordar com a ideia de ver Hitler fuzilado. Seria, aos seus olhos, incompreensível que um judeu, fazendo parte do grupo que se constituiu como maior alvo e vítima do regime nazista, não desejasse a morte de Hitler, à maneira que fosse. Mas o amigo acredita ter a resposta, que seria uma solução mais inteligente: a hipótese de capturar Hitler vivo e exibi-lo em uma jaula, como um monstro em uma feira de amostras seria muito mais interessante. Hitler aqui seria uma espécie rara, que atrairia a atenção de curiosos por todo o mundo. A ideia de utilizar Hitler como exemplo e exposição é a mesma nas duas últimas charges, mas em uma o Führer estaria morto e decapitado, e na outra seria exibido vivo em uma jaula.

É verdade que a condição de mortal preocupava Hitler. Já foi dito a respeito de sua preocupação em viver para ver o cumprimento de sua missão. Mas, caso a Alemanha se visse à beira do abismo e o cerco se fechasse completamente, o Führer não queria, em nenhuma hipótese, que seus inimigos tivessem posse de seu corpo. Nos últimos dias do Bunker, Hitler já sabia que Mussolini fora capturado e executado por guerrilheiros italianos. Não sabemos se lhe contaram os detalhes – como Mussolini fora pendurado de cabeça para baixo em uma praça de Milão, junto com sua amante Clara Petacci, e apedrejado por uma multidão. Se ficou sabendo de tudo, isso só pode ter confirmado sua ansiedade em tirar a própria vida antes que fosse tarde demais, e evitar que seu corpo fosse tomado pelos inimigos<sup>103</sup>.

Théo, em outra ocasião, vai além de sua visão de Hitler como monstro e o pinta como o próprio demônio. É o que mostra uma charge publicada em 1943. Nela, traça-se um nítido paralelo entre a figura do Führer e a do diabo, quando um dos cavalheiros, após a declaração de seu amigo de que Hitler protegeria o Papa, diz que, portanto, Deus ficaria sob a proteção do demônio. Era a maneira mais direta de desmerecer e expor oposição ao nazismo, pintar seu líder como o próprio Satanás.

---

<sup>102</sup> Era estratégia dos caricaturistas, como veremos em outras charges, adotarem nomes típicos de uma cultura ou religião para criar personagens reais facilmente identificáveis. É o caso de “Isaac”, o judeu, na charge em questão, e de “Fritz”, em várias outras, para designar um alemão.

<sup>103</sup> KERSHAW, I. op. cit. p. 988.



Figura 27 Théo. *Careta*, 25/09/1943, nº 1839, ano XXXVI, p. 32.

A figura de Lúcifer novamente é invocada para tratar da morte de Hitler. Trata-se da capa da edição número 1894 da *Careta*, novamente assinada por José Carlos, pintada, predominantemente, nas cores vermelho, ocre e preto. Hitler novamente é omitido, mas não completamente: na charge em questão, o Führer se encontra do outro lado da linha telefônica, e é seu interlocutor quem merece destaque.



**Figura 28** Théo. *Caretta*, 14/10/1944, n° 1894, ano XXXVII, capa.

O ousado mestre da caricatura arrisca um título em latim para sua charge: “*Amicus certus in re incerta*”. Trata-se de uma parte de um ditado que, em versão integral corresponde a: “*Amicus certus in re incerta cernitur*”, cuja tradução para o português aproxima-se de “O amigo certo aproxima-se na ocasião incerta”. O diabo é apresentado aos brasileiros como amigo de Hitler, e faz uma ligação para o Führer a fim de tranquiliza-lo: “*Alô! Adolfo! Adolfo! Não te preocupes com asilo. Conta comigo. Tenho ao teu dispor um bom apartamento. Aquecimento perfeito. Grande lareira...*”. O desejo de ver Hitler morto é endossado pelo de vê-lo no inferno, aquecido pela grande lareira de Lúcifer, que receberia com grande hospitalidade seu amigo austríaco.

Enquanto os caricaturistas brasileiros apenas desejavam a morte de Hitler e trabalhavam por seu falecimento político, outros procuraram transformar o sonho em realidade, e suas

ações não deixaram de ser representadas nas páginas do periódico ilustrado. Christa Schroeder, em seu depoimento após a guerra, contou que Hitler havia lhe enumerado sete tentativas de assassinato dirigidas à sua pessoa.

Ele nos contou que, antes da tomada do poder, um homem tinha tentado abatê-lo usando um revólver, no hall do Kaiserhof, enquanto ele tomava chá. Outra vez, os sanduíches que tinham sido preparados para ele nesse mesmo hotel para uma viagem tinham sido envenenados. Ele nos disse textualmente: ‘Felizmente eu estava sem fome nesse dia. Passei o sanduíche para o meu motorista Schreck, que sentiu na mesma hora dores violentas e todos os sintomas de envenenamento. Só foi salvo graças a uma intervenção enérgica. Com meu estômago delicado, aqueles pãezinhos, passados no cianureto, certamente teriam me feito ir desta para a melhor. O bravo Schreck, que tinha uma constituição particularmente robusta, teve a felicidade de se safar’. Outra vez, durante uma reunião pública, Hitler notara que um homem sentado na frente dele, na tribuna, se encontrava em estado de extrema agitação. Seu comportamento pareceu de tal maneira bizarro que Hitler pressentiu um perigo e mandou que revistassem o indivíduo imediatamente. E descobriu-se que ele era portador de uma bomba cuja explosão teria feito desmoronar a sala toda.<sup>104</sup>

Cada vez que Hitler relatava esses atentados de que quase fora vítima, reconhecia ter sido privilegiado por uma sorte insólita. Mas destacava também que eu faro extraordinário o tinha ajudado muito a afastar-se daqueles perigos mortais. Os inspetores da Kripo (Kriminalpolizei, as agências de investigação criminal da Alemanha), que o acompanhavam em seus deslocamentos, eram cobertos de sarcasmos por Hitler toda vez que sua própria intuição lhe evitava a morte. Inútil dizer que os guarda-costas tratados dessa maneira renunciavam por sua própria vontade ao privilégio com que tinham sido honrados, e retornavam às fileiras. Mas dois desses atentados merecem atenção especial.

No fim de 1939, Hitler poderia ser derrubado somente de duas maneiras: por um golpe de Estado, ou seja, um ataque de dentro da liderança do regime por parte daqueles que tinham acesso ao poder e à força militar, ou por algo que o ditador nunca descartou – uma tentativa de assassinato vinda de baixo, por um indivíduo rebelde agindo sozinho, sem nenhum vínculo com grupos conhecidos de resistência clandestina de esquerda, agora minúsculos, fragmentados e impotentes, que podiam ser facilmente infiltrados pela Gestapo. Enquanto generais e altos funcionários ponderavam se *poderiam* ou não agir, mas careciam de vontade e determinação para fazê-lo, um homem sem nenhum acesso aos corredores do poder, sem

---

<sup>104</sup> SCHROEDER, Christa. Op. cit. p. 170

vínculos políticos e nenhuma ideologia rígida, um carpinteiro suábio chamado Georg Elser *agiu* efetivamente.

Sentado em seu compartimento do trem especial, discutindo com Goebbels que o confronto final deveria esperar pelo fim da guerra, Hitler ignorava totalmente o que acontecera até que sua viagem para Berlim foi interrompida em Nuremberg pela notícia. Sua primeira reação foi de que o informe deveria estar errado. De acordo com Goebbels, ele achou que se tratava de uma “brincadeira”. Logo foi posta em circulação a versão oficial de que o Serviço Secreto Britânico estava por trás da tentativa de assassinato e que o perpetrador era “uma criatura” de Otto Strasser. A captura, no dia seguinte, dos agentes britânicos major R. H. Stevens e capitão S. Payne Best na fronteira dinamarquesa foi usada pela propaganda para sustentar essa interpretação forçada<sup>105</sup>.

A verdade era menos complexa, mas ainda mais assombrosa. O atentado era obra de uma única pessoa, um alemão comum: Elser era um carpinteiro de 36 anos de idade, que, depois de 1933, disse que observou a deterioração do padrão de vida da classe operária e as restrições à liberdade. Sem que ninguém o instigasse, ficou obcecado em encontrar maneiras de melhorar a situação dos trabalhadores e evitar a guerra. Concluiu que somente a eliminação da liderança do regime – ou seja, Hitler, Göring e Gobbels – traria esse resultado.

Naquela noite, como sempre acontecia em 8 de novembro, a “velha guarda” do partido se reuniu. O discurso anual de Hitler durava normalmente de 20h30 até perto das 22 horas. Já fora anunciado que, devido às circunstâncias da guerra, a reunião daquele ano começaria mais cedo e a comemoração de dois dias do *putsch* seria encurtada. Mais uma vez, sua intuição o salvara: embora Hitler tivesse o hábito, nos anos precedentes, de apertar a mão individualmente de cada um de seus antigos companheiros de luta, Hitler não fez esse gesto de camaradagem na noite do atentado. Ele explicaria à sua secretária:

De repente, senti em mim uma necessidade de voltar para Berlim naquela mesma noite. No fundo, não havia para isso nenhuma razão peremptória, dado que nada de importante me aguardava na capital; mas eu escutei aquela voz interior me dizendo para fugir. Se eu tivesse, como de hábito, saudado meus companheiros de primeira hora, como eu tinha a intenção de fazer no começo, meus inimigos teriam indiscutivelmente conseguido me eliminar<sup>106</sup>.

---

<sup>105</sup> KERSHAW, I. op. cit. p. 578

<sup>106</sup> SCHROEDER, Christa. Op. cit. p. 172.



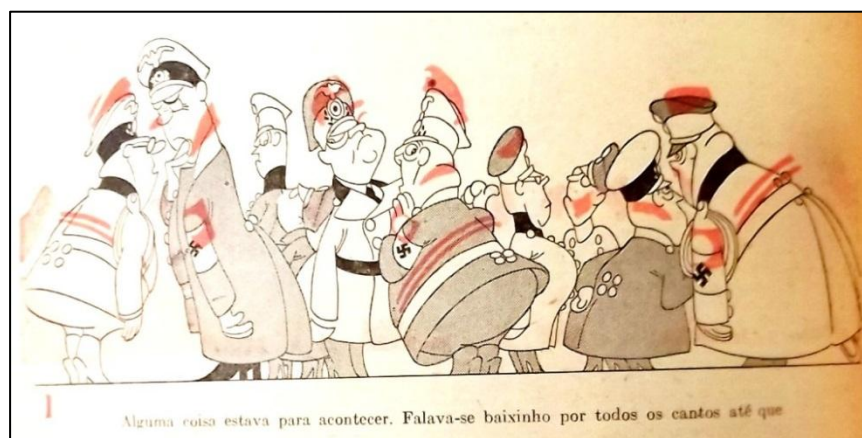
Ele atribuiu sua salvação à obra da “Providência” – um sinal de que ele cumpria a tarefa que o destino lhe reservara. Em sua manchete de 10 de novembro, o *Völkischer Beobachter* chamou o fato de “a milagrosa salvação do Führer”. Na verdade, não havia nada de providencial ou milagroso. Foi pura sorte – uma sorte do diabo.

A mesma sorte o salvou no conhecido atentado de julho de 1944, que, em 2008, virou filme e foi às telas dos cinemas do mundo inteiro, protagonizado por Tom Cruise. J. Carlos nos conta melhor o ocorrido, em uma charge nos moldes das histórias em quadrinhos, dividida em quatro cenas, e intitulada “Um serviço mal feito”.



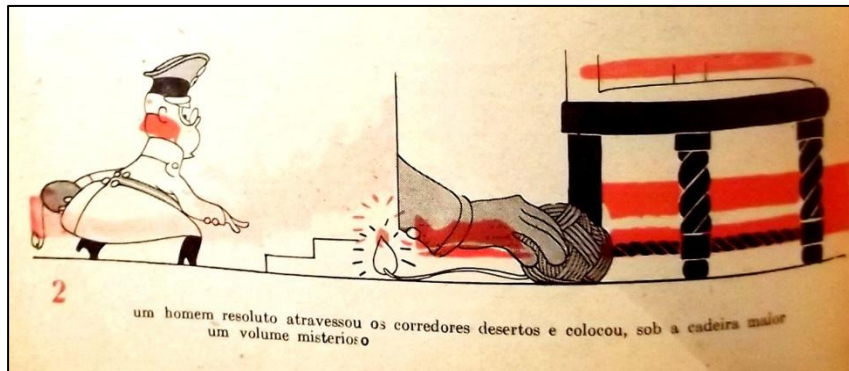
Figura 29 J. Carlos. *Caretá*, 26/08/1944, nº 1887, ano XXXVII, p. 36-37.

Primeira cena:



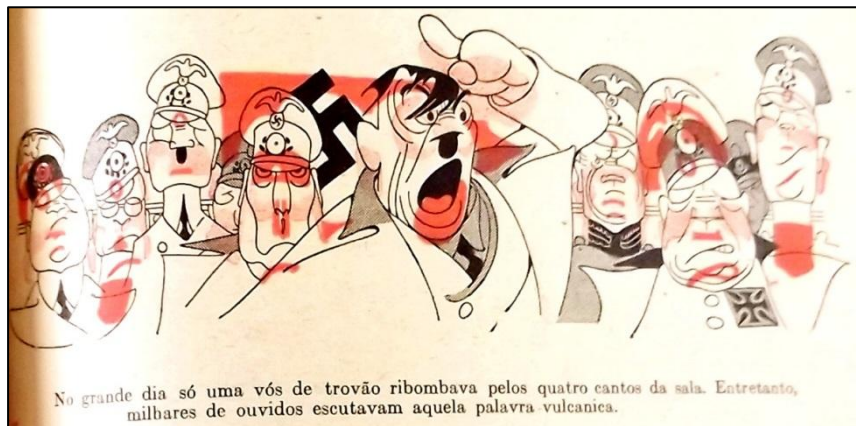
“Alguma coisa estava para acontecer. Falava-se baixinho por todos os cantos até que”

Segunda cena:



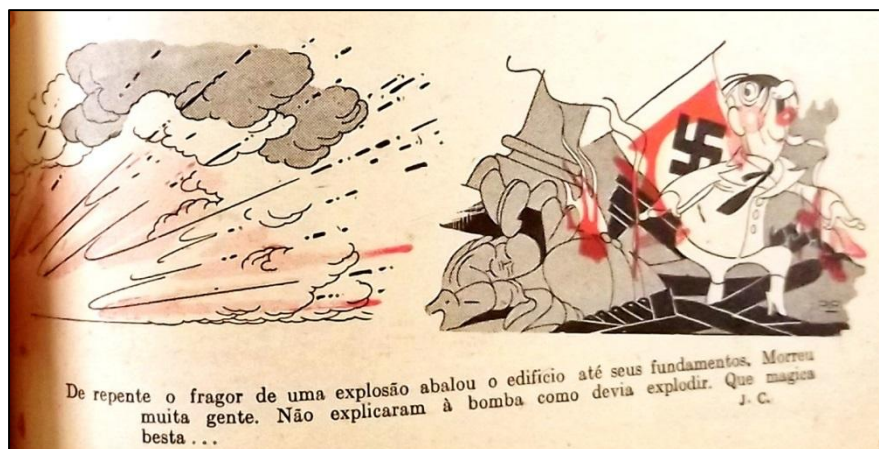
“um homem resoluto atravessou os corredores desertos e colocou, sob a cadeira maior um volume misterioso”

Terceira cena



“no grande dia só uma vós de trovão ribombava pelos quatro cantos da sala. Entretanto, milhares de ouvidos escutavam aquela palavra vulcanica.”

Quarta cena:



“De repente o fragor de uma explosão abalou o edifício até seus fundamentos. Morreu muita gente. Não explicaram à bomba como devia explodir. Que magica besta...”

O serviço fora considerado mal feito por não ter atingido seu principal objetivo: eliminar Hitler. Para a tristeza dos conspiradores, e também de nossos caricaturistas, Hitler havia milagrosamente sobrevivido. Vale ressaltar a ênfase dada ao assunto pela *Careta*: o investimento nesta charge demonstra a relevância do tema, uma vez que ela ocupa duas páginas do periódico, e se organiza de maneira distinta das demais charges veiculadas por ele; aqui, vemos J. Carlos assinando um trabalho publicado nas páginas internas da revista – lembrando que o caricaturista habitualmente se dedicava às capas da *Careta*.

No decorrer de 1942, alguns pontos focais da praticamente adormecida oposição dentro da Alemanha – militar e civil – começaram a dar sinais de vida. A selvageria da guerra na frente oriental e, à luz da crise do inverno de 1941-42, a magnitude da calamidade para a qual Hitler conduzia a nação revitalizaram a ideia, ainda menos que concreta, de que era preciso fazer alguma coisa. Oficiais do exército começam a se organizar em torno da ideia de assassinar Hitler e efetivar um golpe de Estado. Já durante o aprofundamento da crise de Stalingrado, perto do final de 1942, Tresckow (primeiro oficial do Estado-Maior do marechal de campo Von Bock no Grupo de Exército Centro, fundamental na resistência ao governo) defendia o assassinato de Hitler sem demora. Convencera-se de que não se podia esperar nada do alto comando militar quanto a iniciar um golpe. Ele assumiu o encargo de fornecer a “ignição”, como os conspiradores rotularam o assassinato de Hitler que levaria à destituição da liderança nazista e à tomada do Estado.

Um problema óbvio era como se aproximar o suficiente de Hitler para executar um assassinato, uma vez que seus movimentos eram imprevisíveis e que sua segurança tornava-se cada vez mais rígida. Diversos planos foram colocados em prática, tentativas variadas de matar Hitler, todas fracassadas por razão da tremenda sorte de Hitler.

Tresckow, enquanto estava de licença em Berlim, era incansável nas tentativas de levar adiante planos de ação contra Hitler. Mas, em outubro de 1943, foi designado para comandar um regimento no *front*, longe de sua antiga posição influente no quartel general do Grupo de Exércitos Centro. De qualquer modo, na mesma ocasião Kluge (também da oposição) feriu-se num acidente de carro e foi substituído pelo marechal de campo Ernst Busch, um firme adepto de Hitler, de tal modo que uma tentativa de assassinato oriunda do Grupo de Exércitos Centro deixava de ser possível. Naquele momento, reviveu-se um plano anteriormente pensado, de realizar o ataque contra Hitler não através do Exército do front, mas a partir do quartel general do Exército de Reserva, em Berlim. Um grande problema fora encontrar um assassino com acesso a Hitler. Agora, havia um à mão: o conde Claus Stauffenberg.

Tal como muitos jovens oficiais, ele foi atraído inicialmente por aspectos do nacional-socialismo, mas rejeitava muitos de seus dogmas. A barbárie do regime deixou-o estarecido. No início de setembro, Stauffenberg já fora apresentado às principais figuras da oposição. No outono de 1943, discutiu com Tresckow sobre a melhor maneira de assassinar Hitler e sobre a questão relacionada, mas separada, de organizar o golpe que se seguiria. Como meio de tomar o Estado, tiveram a ideia de remodelar um plano operacional, batizado de Valquíria, aprovado por Hitler, para mobilizar o Exército de Reserva dentro da Alemanha, caso houvesse uma agitação interna séria. O objetivo da Valquíria, que fora proteger o governo, transformava-se agora numa estratégia para acabar com ele.

Tresckow concluía que somente uma tentativa de assassinato no quartel general do Führer poderia evitar a imprevisibilidade de sua agenda e as precauções de segurança que o rodeavam. Era vital que o golpe fosse dado, que o mundo exterior visse que existia um movimento de resistência alemão cujos membros estavam dispostos a perder suas vidas para derrubar o impiedoso regime.

Uma última oportunidade apresentou-se. Em 1º de julho de 1944, promovido agora a coronel, Stauffenberg foi designado para chefe do Estado Maior de Fromm. Isso lhe deu o que até então faltava: acesso a Hitler em reuniões de informações militares relacionadas com o Exército interno. Ele mesmo poderia executar a missão e matar Hitler. A ação fora marcada para uma visita de Stauffenberg à Toca do Lobo, no dia 20 de julho. No dia da reunião, Stauffenberg montou os dispositivos dentro de sua pasta. A reunião já havia começado quando Stauffenberg entrou na sala. Hitler, sentado no meio o longo lado da mesa mais próximo da porta, ouvia sobre a deterioração rápida da posição na frente oriental. Distraído, Hitler apertou a mão de Stauffenberg e voltou ao informe. Claus, alegando debilidades devido à sua deficiência auditiva, pediu um lugar mais próximo ao Führer. Abriram espaço para ele à direita de Hitler, e Stauffenberg colocou sua pasta no chão, encostada no pé da mesa. Logo após chegar à sala, Stauffenberg arranhou uma desculpa para sair, o que não atraiu nenhuma atenção especial, devido à sua normalidade. Foi quando a explosão aconteceu.

Quando a bomba explodiu, com um clarão de chamas azuis e amarelas e ruído ensurdecedor, Hitler estava inclinado sobre a pesada mesa de carvalho, apoiado no cotovelo, mão no queixo, estudando posições de reconhecimento aéreo num mapa. No momento da explosão, 24 pessoas estavam no local. Alguns foram jogados no chão ou atirados do outro lado da sala. Outros tinham os cabelos e roupas em chamas. Ouviram-se gritos de socorro. Hitler havia, incrivelmente, sobrevivido apenas com ferimentos superficiais. Após o choque inicial da explosão, percebeu que estava inteiro e podia mover-se. Então seguiu para a porta

através dos escombros, batendo nas chamas de suas calças e arrancando os cabelos queimados da parte posterior da cabeça. Estava com o uniforme rasgado, as calças e as ceroulas aos pedaços, quando saiu do prédio.



Figura 30 Théo. *Careta*, 05/08/1944, nº 1884, ano XXXVII, p. 8.

O episódio das calças em frangalhos foi apropriado por Théo para criar uma charge publicada antes da “história em quadrinhos” de J. Carlos, com o suporte de uma informação do noticiário, que afirma que a bomba que explodira no Q. G. de Hitler, em vez de mata-lo, destruiu-lhe as calças, fazendo-o surgir apenas de cuecas. Na conversa com seu marechal de

Campo Erwin Rommel, Hitler confessa que *“tudo poderia perdoar, menos que o Estado Maior visse o estado de minhas cuecas”*. Aqui, Théo inverte a lógica da sátira, mostrando Hitler mais preocupado com a impressão causada pelo estado de suas cuecas que pelo atentado contra sua vida. O ditador da Alemanha, além de homem muito simples, possuidor de um guarda-roupa pouco numeroso e desprovido de qualquer sofisticação, ignorando a moda, era extremamente reservado. Dormia sempre por trás de uma porta trancada e fechada a chaves. O criado de quarto batia na hora convencional – geralmente por volta das 11 horas da manhã –, gritando *“bom dia, meu Führer! Está na hora de se levantar”*. Ao mesmo tempo, depositava os jornais e os relatórios da manhã diante da porta. Hitler ia pegá-los para percorrê-los rapidamente. Seu criado jamais o viu trocar de roupa ou de robe<sup>107</sup>. É, portanto, fácil imaginar o constrangimento do Führer ao ver-se de cuecas perante grande parte de seu Estado Maior, logo após uma tentativa – que por pouco não obteve sucesso – de tirar-lhe a vida.

<sup>107</sup> SCHROEDER, Christa. Op. cit. p. 68.

Para encerrar o capítulo não havia melhor escolha, entre todas as charges sobre Hitler publicadas ao longo dos seis anos de guerra, do que a assinada por Théo em 16 de dezembro de 1944. Sob o título “*HITLER MORREU*”, ladeado por uma vela e um crânio e escrito em letras garrafais, o caricaturista, lançando mão do mesmo recurso utilizado por J. Carlos na charge sobre o atentado, constrói uma narrativa em quadrinhos, e em cada um deles uma figura aparentemente lamentava a morte de Hitler. Pura sátira.

# HITLER MORREU



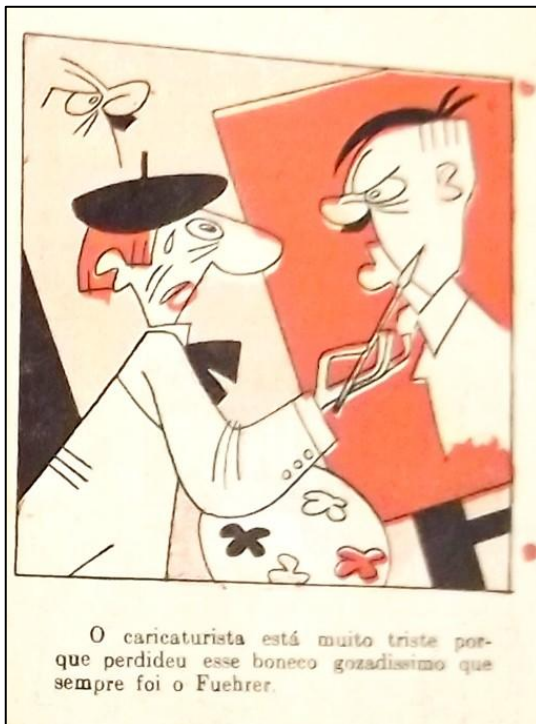
Figura 31 Théo. *Careta*, 16/12/1944, nº 1903, ano XXXVII, p. 13.

Primeira cena:



“A morte de Hitler causou profundo pesar. Os estrategistas aliados estão desolados por terem perdido as vantagens decorrentes da intuição do ‘General Orelhada’...”.

Segunda cena:



“O caricaturista está muito triste porque perdeu esse boneco gozadíssimo que sempre foi o Fuehrer” .

Terceira cena:



“O carrasco está decepcionado com o desaparecimento prematuro do grande homem que havia de proporcionar-lhe momentos de grande emoção!”

Quarta cena:



“O diabo também está desolado com o falecimento do “predestinado”. Vão surgir no inferno inúmeros problemas: “putschs”, proteção, “anschluss”, racismo, espaço vital, etc.”.



A genialidade e completude da charge são difíceis de serem expressas em palavras. O desenho fala por si, jamais poderá ser tão bem analisado como no silêncio da observação. Em uma única página – especificamente na treze da edição de número 1903 da *Careta* – Théo foi capaz de sintetizar toda a essência de longos anos de crítica à pessoa e à liderança de Adolf Hitler. A charge, sem dúvida uma das mais geniais na abordagem do assunto, traz em traços elegantemente satíricos uma hipotética, porém famigerada, morte de Hitler. A data de veiculação representa um momento em quando os países do Eixo já não tinham nenhuma possibilidade de vencer a guerra, as fronteiras do Reich alemão estavam irremediavelmente reduzidas e as cidades alemãs já estavam na mira de tanques soviéticos, a leste, e americanos, a oeste<sup>108</sup>. A hipotética morte de Hitler é seguida, na lógica narrativa de Théo, por uma grande lástima por quatro tipos diferentes de indivíduos, guardados em suas especificidades.

Na primeira cena, o aspecto bélico/militar é abordado. Nela, os inimigos de Hitler, um deles representado à mesma maneira com que Stálin o era, lamentariam a morte do Führer porque dela derivaria a perda das vantagens da grande intuição do “General Orelhada”, referência às grandes orelhas dos burros, animais que, na cultura popular, são sinônimos de falta de inteligência. Ao fundo da cena, um quadro de Hitler com os olhos notadamente saltados das órbitas mostra um líder claramente louco, representando algo que era compartilhado por expectadores que viam de fora o “espetáculo” encenado e dirigido por Hitler. Em apenas uma cena, Théo aborda a ineficiência estratégico-militar de Hitler e questiona sua sanidade mental, temas que foram, ao longo da guerra, abordados em charges reservadas exclusivamente para eles. Na segunda cena quem lamenta a morte de Hitler é o caricaturista, que, com a morte do ditador, perdera um grande – e gozadíssimo – objeto de sátira, enfatizando o empenho, por parte desse grupo de artistas, que ao longo dos anos acompanhou a crítica ao regime nazista. A construção da cena – que mostra um pintor trabalhando em um retrato de Hitler – ao mesmo tempo que enobrece a atividade da caricatura, faz referência ao aspecto artístico da vida de Hitler, que foi objeto de recorrente crítica nas páginas da *Careta*. Uma observação mais atenta pode levar a mais uma possibilidade de análise: as duas faces de Hitler presente na imagem expressam traços animais de fúria, que, ao lado da histeria, marcaram a imagem que os caricaturistas procuraram construir a respeito de Hitler.

Já na terceira cena quem chora pela morte de Hitler é o carrasco, que, com o “desaparecimento precoce” – uma vez que o paradeiro de Hitler no período era desconhecido,

---

<sup>108</sup> KERSHAW, I. op. cit. p. 975.

inclusive, pelo próprio povo alemão, que, em alguns casos, julgara-o também como morto – fora privado do privilégio de executar Hitler. O assunto aqui é o desejo de ver Hitler morto, de preferência executado em praça pública, como era o hábito das execuções comandadas por carrascos. A morte de Hitler também fora, como visto anteriormente, objeto de chiste em diversas outras charges da *Careta*. Mas é no último quadro que toda a sátira se concretiza: Hitler encara um demônio que, ao contrário do construído por J. Carlos em outubro do mesmo ano, não era simpático ao Führer, e estaria profundamente preocupado com os problemas que a presença do líder nazista causaria no inferno. Na charge, Hitler surge como alguém pior que o próprio Satanás, que aparece na cena em desespero após ser assombrado por Hitler – como a linguagem corporal de ambos é capaz de traduzir. Diversos aspectos das políticas nazistas são resgatados para construir o quadro caótico que se instalaria no inferno com a chegada do “predestinado” – *putschs*, proteção, *anschluss*<sup>109</sup>, racismo e espaço vital. Théo pinta, portanto, a Alemanha de Hitler como um lugar pior que o próprio inferno, que, na visão do caricaturista, embora fosse um lugar tenebroso, ainda podia ser pior com a presença do nazista.

\*\*\*\*\*

Nosso primeiro capítulo procurou mostrar de que modo o protagonista – pelo menos midiático – da Segunda Guerra Mundial foi caricaturado em terras brasileiras. Foi visto de que maneira Hitler conseguiu consolidar sua imagem e, por meio de uma engenhosa máquina de propaganda, entrar nos lares e no imaginário de um povo carente de esperança e união, marcado pela derrota e humilhação no conflito mundial de 1914-1918. Hitler Estimulou o desenvolvimento de um culto à personalidade jamais visto na Alemanha, tornou-se essencial a um movimento que ele próprio criara, marcado pela lealdade à sua pessoa. Criou um sistema de terror e simpatia em que a simples ideia e oposição ao chefe de Estado constituiria crime de alta traição, à ele e à própria Alemanha, envolvida em uma luta externa em proporções titânicas contra um inimigo cuja vitória ameaçava a própria existência de um Estado Alemão. Hitler, movido por um ambicioso jogo de apostas do tipo “tudo ou nada” conduziu o Velho Mundo a um colossal conflito que escapou de suas próprias fronteiras para atingir todos os continentes do planeta. Embora não fosse a única figura responsável pela guerra,

---

<sup>109</sup> Em português, anexação (tradução livre do autor).

indubitavelmente foi um de seus protagonistas, e, por isso mereceu toda a atenção dispensada por nossos guerreiros do lápis, em terras tupiniquins.

Por meio do estudo dessas charges, foi possível compreender de que modo o *Careta* se posicionou contra um líder ditatorial inescrupuloso e odiado, alinhando-se à oposição ao nazismo antes mesmo que o próprio governo estado-novista de Getúlio Vargas decidisse qual o melhor lado a apoiar em um momento crítico – senão o mais crítico – da História mundial. Caricaturou-se um líder esteticamente bizarro, histérico, louco, frustrado, ambicioso, ganancioso, mau estrategista, fracassado, monstruoso e diabólico. Odiado por todos, teve a morte desejada como poucos. Um atentado malogrado contra sua vida fora considerado um serviço mal feito. Até mesmo Satanás perdera seu status de crueldade absoluta para o líder nazista, que em gestualidade temível o assombra. Para esvaziar toda a legitimidade de sua liderança e suas ações, os caricaturistas trabalharam incansavelmente para destacar os inúmeros fracassos de Hitler, seja em torno de uma simples questão de desejos de juventude, seja em torno de missões consideráveis, como nos esforços de guerra. Ao transformarem Hitler em objeto de riso, o Führer deixava de ser alguém a quem temer e respeitar e passava a ser simplesmente um personagem “gozadíssimo”, como, segundo Djalma Pires Ferreira, sempre fora.

## CAPÍTULO II: O NAZISMO ENTRE RATOS, JUMENTOS E ARIANOS

*“A queima de livros provém da necessidade de purificação radical da literatura alemã de elementos estranhos que possam alienar a cultura germânica”*

Hans Jölst, 1933.

*“Onde os livros são queimados, no fim, as pessoas também são queimadas”*

Heinrich Heine, 1797-1856

A prática de purificar uma sociedade ameaçada de ser corroída por ideias malditas é antiga, e foi comum tanto aos homens da Igreja medieval quanto aos inquisidores do Santo Ofício de Portugal e Espanha na época Moderna<sup>110</sup>. A inquisição construiu a “teoria do maléfico”, na qual o cristão novo<sup>111</sup> ocupava um espaço significativo, peça-chave para a compreensão daquele universo social. Durante todo o tempo em que atuou, o Tribunal do Santo Ofício colaborou para formular um mundo onde os desvios e a livre crítica não tinham lugar. A verdade imposta não deveria nunca ser contestada: a ordem deveria ser mantida e os “elementos heréticos” e “diabólicos” que colocavam em perigo a sociedade deveriam ser eliminados. Foi através do fogo que a Santa Inquisição eliminou os pecadores e seus escritores, quando era o caso. Condenar apenas não adiantava: era preciso queimar, transformando o Mal em cinzas e os descendentes dos condenados em párias. A queima pelo fogo restabelecia a ideia de uma sociedade purificada inocentando os “homens da Inquisição”, responsáveis pelo estabelecimento da ordem.

O fogo era elemento imprescindível nas encenações públicas do Poder. De fenômeno natural, o fogo transformava-se em elemento-símbolo da purificação, configurando a ideia de desobediência a Deus – pecado – e ilustrando a imagem do Inferno. O herege, elemento crítico e contestador da “verdade” imposta, deveria ser eliminado, mas, se o fogo destruía seu corpo, nem sempre era eficaz na destruição de suas ideias. Por isso a prática de queimar em

---

<sup>110</sup> CARNEIRO, M. L. **Livros proibidos, ideias malditas**: O DEOPS e as minorias silenciadas. São Paulo: Ateliê Editorial – PROIN; Fapesp, 2002, p. 25.

<sup>111</sup> Expressão utilizada para designar os judeus e muçulmanos convertidos ao cristianismo.

praças públicas não apenas os responsáveis pelas ideias malditas, mas também os livros avaliados pelos inquisidores como símbolos do pecado.

“A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas. Essa ‘apropriação penal’ dos discursos, segundo a expressão de Michel Foucault, justificou por muito tempo a destruição dos livros e a condenação de seus autores, editores ou leitores.”<sup>112</sup>

No dia 10 de maio de 1933 a Alemanha vivenciou o momento simbólico da capitulação dos intelectuais ao “novo espírito” representado pelos nazistas no poder. Na praça central de Berlim, montanhas de livros inaceitáveis ao regime foram queimadas, marcando o fim dos fundamentos intelectuais da tão desprezada República de Weimar, e o início de uma nova era, controlada pelo “Santo Ofício” nazista. Não apenas Berlim reviveu momentos medievais: em toda a Alemanha, principalmente em cidades universitárias, como Frankfurt e Munique, centenas de milhares de livros portadores de ideias temíveis foram reduzidos a pó. Intelectuais, escritores, artistas, atores e publicistas colaboraram com medidas que não apenas empobreceram e ataram a cultura alemã, mas baniram e puseram fora da lei seus expoentes mais brilhantes, como Einstein e Freud. Houve pouquíssimos protestos contra os expurgos de professores universitários promovidos pela nova lei do serviço público de abril de 1933, quando muitos dos mais ilustres acadêmicos foram demitidos e forçados ao exílio<sup>113</sup>.

Com a nomeação de Hitler a chanceler do Reich em janeiro de 1933, teve início um processo de conquista do poder total pelos nazistas. Após o incêndio do Reichstag em fevereiro de 1933, os nazistas encontraram o motivo que precisavam para radicalizar seu governo. A Alemanha viveu uma mudança sísmica na cena política, que fragilizara a posição dos adversários de Hitler: havia agora pouca luta nos partidos de oposição, e a disposição para entrar em acordo logo se tornou uma disposição para capitular.

O episódio da queima de livros em praças públicas ocorreu num momento de terrível decadência do nível cultural de um povo, nível que fora tão elevado durante tanto tempo. Coisa inevitável, naturalmente, a partir do momento em que os dirigentes nazistas decidiram que a arte, a literatura, a imprensa, o rádio e o cinema deviam servir exclusivamente aos fins de propaganda do novo regime e à sua exótica filosofia. Todo esse movimento de

---

<sup>112</sup> CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 23

<sup>113</sup> KERSHAW, Ian. Op cit. p, 321.

encarceramento da cultura alemã numa camisa de força fazia parte de uma estratégia maior: a chamada *Gleichshaltung*, ou a “coordenação” de instituições postas sob o controle nazista. Em 1933, toda a Alemanha se alinhou ao comando de seus novos governantes. Tão inchado ficou o NSDAP com o influxo em massa daqueles ávidos para aderir ao novo regime que em 1º de maio foi proibida a entrada de novos membros. dois milhões e meio de alemães já haviam aderido ao partido, 1,6 milhão deles depois que Hitler se tornou chanceler.

Tratava-se de um processo de doutrinação e educação do povo alemão, levado a cabo sob a liderança implacável de Joseph Goebbels, designado ministro da Propaganda e Informação do Povo, que assumiu com grande energia e entusiasmo sua tarefa de reorganizar todas as formas de atividade cultural do Terceiro Reich. No momento em que os livros queimados transformavam-se em cinzas, Goebbels falava aos estudantes: “*O espírito do povo alemão pode exprimir-se novamente. Estas chamas não apenas iluminam o final de uma velha era, mas lançam suas luzes sobre a nova*”.<sup>114</sup>

A educação alemã, nessa “nova era”, foi regida pelas mãos do maestro nacional-socialismo: o controle ditatorial da ciência, das escolas públicas, das instituições de altos estudos e das organizações juvenis foram confiadas a Bernhardt Rust, homem inculto, demitido de seu último emprego por manifestações de debilidade mental. A educação no Terceiro Reich, como Hitler pretendia que fosse, não devia ser restringida às salas de aulas abafadas e sim realizadas à maneira espartana, em grupos juvenis consecutivos treinados política e militarmente; e atingiria seu ponto culminante não tanto em universidades e escolas técnicas, que absorviam apenas uma reduzida minoria, mas principalmente aos 18 anos de idade, no trabalho compulsório, e, depois, servindo como conscritos nas forças armadas.

Hitler lançara suas ideias sobre a educação em *Mein Kampf*. “A educação total por um estado nacional”, escreveu, “não deve primordialmente transmitir o simples conhecimento, mas construir corpos que sejam fisicamente saudáveis até a medula”. Mas, de maior importância ainda, acentuou no seu livro a significação de atrair e depois treinar a juventude para o serviço “de um novo Estado nacional.” As escolas alemãs, do primeiro grau até as universidades, foram rapidamente nazificadas. Os manuais foram reelaborados precipitadamente, os currículos modificados, *Mein Kampf* convertido – nas palavras do *Der Deutsche Erzieher*, órgão oficial educadores – em “nossa infalível estrela polar pedagógica”. E os professores que não conseguissem ver a nova luz eram postos na rua. A maioria dos docentes era constituída de nazistas nos sentimentos, quando não diretamente membros do

---

<sup>114</sup> SHIRER, W. Op. cit. p. 327

partido. Para fortalecer sua ideologia, foram enviados a escolas especialistas de treinamento intensivo nos princípios do nacional-socialismo, nos quais eram destacadas as doutrinas raciais de Hitler.

O resultado de semelhante *nazificação* foi catastrófico para a educação e o ensino alemães. A história foi tão falsificada nos manuais e pelos professores em suas aulas, que chegou a ficar cômica. O ensino das “ciências raciais”, exaltando os alemães como raça dominadora e apresentando os judeus como causadores de quase todos os males existentes no mundo era mais cômico ainda. O ensino das ciências naturais, no qual a Alemanha durante gerações ocupara lugar proeminente, deteriorou-se rapidamente. Grandes mestres, tais como Einstein e Frank, na física, Haber, Willstätter e Warburg, na química, foram despedidos ou se afastaram. Dos que permaneceram, muitos deles se entusiasmaram pelas aberrações nazistas e tentaram aplica-las à ciência pura.

Durante o Segundo Reich, os professores universitários e o clero protestante apoiaram cegamente o governo conservador e seus propósitos expansionistas, e as salas de aula se transformaram em fonte de virulento nacionalismo e antissemitismo. A República de Weimar instituiu a completa liberdade acadêmica, e uma das consequências disso foi que a vasta maioria dos professores universitários, antiliberais, antidemocráticos, antissemitas, como eram, ajudaram a minar o regime democrático. A maioria dos professores constituía-se de nacionalistas fanáticos, que desejavam a volta da Alemanha monárquica e conservadora. Embora para muitos deles os nazistas fossem muito arruaceiros e violentos para ganhar sua confiança, suas prédicas facilitaram a preparação do terreno para a subida do nazismo. Em 1932, a maioria dos estudantes parecia entusiasmada por Hitler<sup>115</sup>.

Outra arma importante para a educação e nazificação da Alemanha durante o Terceiro Reich foi a Juventude Hitlerista. Hitler a tinha como base para educar a juventude alemã para as finalidades que tinha em mente. Nos anos da luta pelo poder, o movimento da J. H. não crescera muito – no último ano da república, em 1932, o alistamento total atingia apenas a 107.956, número insignificante perto dos dez milhões de jovens pertencentes às diversas organizações unificadas no Comitê do Reich das Associações da Juventude Alemã. Em nenhum país do mundo houvera um movimento juvenil de tal vitalidade e tão numeroso como na Alemanha republicana. Em março de 1939, o governo promulgou uma lei recrutando todos os jovens para a J. H., nas mesmas condições em que o eram para o exército.

---

<sup>115</sup> SHIRER, W. op. cit. p 339.

Assim eram preparados, no Terceiro Reich, os jovens para a vida, para o trabalho e para a morte. Apesar de suas mentes terem sido envenenadas, seu curso escolar interrompido, seus lares abandonados, enquanto eram educados, os rapazes e as moças, homens e mulheres, jovens, pareciam imensamente felizes, cheios de amor pela vida, na Juventude Hitlerista. A prática de reunir as crianças de todas as classes e fazê-las passar a vida em comum, onde as que tivessem vindo da pobreza ou da aristocracia partilhavam das mesmas tarefas, era boa em si mesma.

A nova era nazista não somente foi marcada pelo nivelamento nazificado da educação, ou apenas iluminada pelas fogueiras de livros e pelas mais eficientes, embora menos simbólicas, medidas que proibiam a venda ou a circulação de centenas de volumes e a publicação de muitos novos títulos. Traço marcante foi a arregimentação da cultura numa escala que nenhuma nação moderna do Ocidente experimentara. Logo em 22 de setembro de 1933 foi criada por lei a Câmara de Cultura do Reich, sob a direção de Goebbels. Sua criação era justificada pelo fato de que para levar a cabo uma política de cultura alemã, é preciso unir os artistas criadores de todas as esferas numa organização coesa sob a direção do Reich, que deve não somente determinar as linhas do progresso mental e espiritual, mas também orientar e organizar as profissões<sup>116</sup>.

Sete subcâmaras foram criadas para orientar e controlar toda a vida cultural: as câmaras do Reich de belas-artes, música, teatro, literatura, imprensa, rádio e cinema. Todas as pessoas que trabalhassem nesses campos eram obrigadas a se associar às respectivas câmaras, cujas decisões e diretivas tinham força de lei. Entre outros poderes, as câmaras podiam expulsar ou recusar membros por “falta de confiança política”, o que significava que mesmo aqueles que fossem apenas indiferentes ao nacional-socialismo seriam, e comumente eram, excluídos de praticar sua profissão ou arte e privados, assim, de um meio de vida. Era impossível escapar da ciranda do nazismo.

Melhor sorte teve a música, talvez porque era a menos política das artes ou porque os alemães tivessem tão rica tradição desde Bach e Beethoven até Mozart e Brahms. Mas as obras de Mendelssohn foram proibidas, porque era um judeu – as obras de todos os compositores judeus foram proibidas –, como o foi a música do mais importante compositor alemão moderno, Paul Hindemith. Os judeus foram eliminados rapidamente das grandes orquestras sinfônicas e da ópera.

---

<sup>116</sup> SHIRER, W. op. cit. p 339.



A Alemanha, que havia dado ao mundo nomes como Albrecht Dürer e Lucas Cranacht, nos tempos modernos não se distinguiu nas belas-artes, embora o expansionismo alemão na pintura e na arquitetura de Munique fossem interessantes e originais movimentos e os artistas alemães tivessem participado, no século XX, de todas as transformações e manifestações representadas pelo impressionismo, cubismo e dadaísmo. Para Hitler, que se considerava um artista genuíno, apesar dos fracassos de Viena, toda arte moderna era degenerada e sem sentido<sup>117</sup>.

Não apenas as artes foram tomadas pelo domínio nazista. Todas as manhãs, os editores dos jornais diários de Berlim e os correspondentes da imprensa de todo o Reich se reuniam no Ministério da Propaganda, onde lhes eram transmitidas, por Goebbels ou por um de seus auxiliares, quais as notícias que deviam ser publicadas ou suprimidas, como escrever as notícias e as manchetes, que campanhas encetar ou instituir e que editoriais eram os desejados para o dia. Para ser jornalista no Terceiro Reich exigia-se, em primeiro lugar, que se fosse política e racialmente “limpo”. A Lei de Imprensa do Reich, de 4 de outubro de 1933, que fez do jornalismo um “vocação pública”, regulamentada pela lei, estipulava que todos os jornalistas deviam possuir cidadania alemã, ser de ascendência ariana e não ser casado com judeu.

O rádio e o cinema foram também, e rapidamente, aproveitados para servir à propaganda do Estado nazista. Goebbels sempre vira no rádio o principal instrumento de propaganda na sociedade moderna, e por intermédio do departamento de rádio de seu ministério e da Câmara do Rádio, ele manteve completo controle da radiodifusão, adaptando-a a seus próprios fins. Sua tarefa foi facilitada porque na Alemanha, como em outros países da Europa, a radiodifusão era um monopólio do Estado e por ele operado. O cinema permaneceu nas mãos de empresas privadas, mas o Ministério da Propaganda e a Câmara do Cinema controlavam todos os ramos da indústria, sendo sua missão – nas palavras de um comentário oficial – “afastar a indústria cinematográfica da esfera do pensamento econômico liberal (...), e, assim, capacitá-la a recebe as tarefas que tem de cumprir no Estado nacional-socialista”.

Essa nova era seria marcada por uma intensa abolição da liberdade pessoal, de um esmagamento geral da cultura alemã – substituída por uma estúpida barbárie –, e pela extrema regulamentação da vida e do trabalho em escala jamais experimentada, mesmo por um povo acostumado durante gerações a uma grande dose de disciplina. Ainda que o terror nazista e o medo de terminar os dias em um campo de concentração podassem qualquer comportamento

---

<sup>117</sup> SHIRER, W. op. cit. p 329.

alternativo ou ameaçador de todos aqueles que saíssem da linha, era algo surpreendente verificar que o povo alemão não parecia sentir que estava sendo intimidado e mantido sob uma inescrupulosa ditadura.

Ao contrário, ele a apoiava com verdadeiro entusiasmo, impregnado de uma nova esperança, de uma nova confiança e de uma fé assombrosa no futuro do país. No outono de 1936 o problema do desemprego fora grandemente reduzido, quase todos tinham novamente um emprego e os operários não viam nenhum problema no fato de terem sido privados de seus direitos sindicais – diziam, diante da boa alimentação diária de que desfrutavam, que com Hitler pelo menos já não havia a liberdade de morrer de fome. Hitler liquidava o passado com todas as suas frustrações e decepções. Passo a passo e rapidamente libertava a Alemanha das algemas de Versalhes, confundindo os Aliados vitoriosos e tornando novamente a

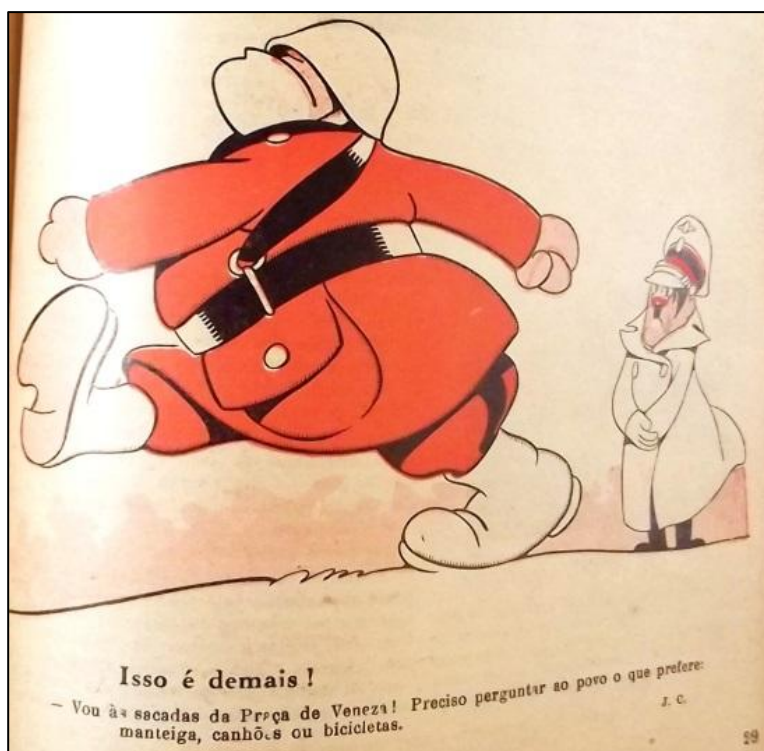


Figura 32 J. Carlos. *Caretta*, 19/12/1942, nº 1799, ano XXXV, p. 29.

Alemanha militarmente poderosa. Esta era a maior aspiração dos alemães, dispostos a fazer os sacrifícios que seu líder exigisse: a perda da liberdade pessoal, uma dieta espartana (“canhões em vez de manteiga”) e trabalho duro. A charge assinada por J. Carlos faz alusão a essa “dieta espartana”, mostrando um Mussolini decidido a questionar os italianos sobre sua vontade no Natal: manteiga, canhões ou bicicletas. A alternativa

canhões ou manteiga diz respeito a uma fábula econômica que diz que, se estivermos dispostos a abrir mão de certa quantidade de manteiga, poderemos ter certa quantidade de canhões, e se estivermos dispostos a abrir mão de uma quantidade ainda maior de manteiga, poderemos ter ainda mais canhões<sup>118</sup>.

Havia, portanto, uma aceitação coletiva do regime proposto por Hitler, que não derivava somente da coerção pela da força, mas também de uma educação ideológica e

<sup>118</sup> SAMUELSON, Paul. *Introdução à análise econômica*. Rio de Janeiro: Agir, 1979, p. 395.

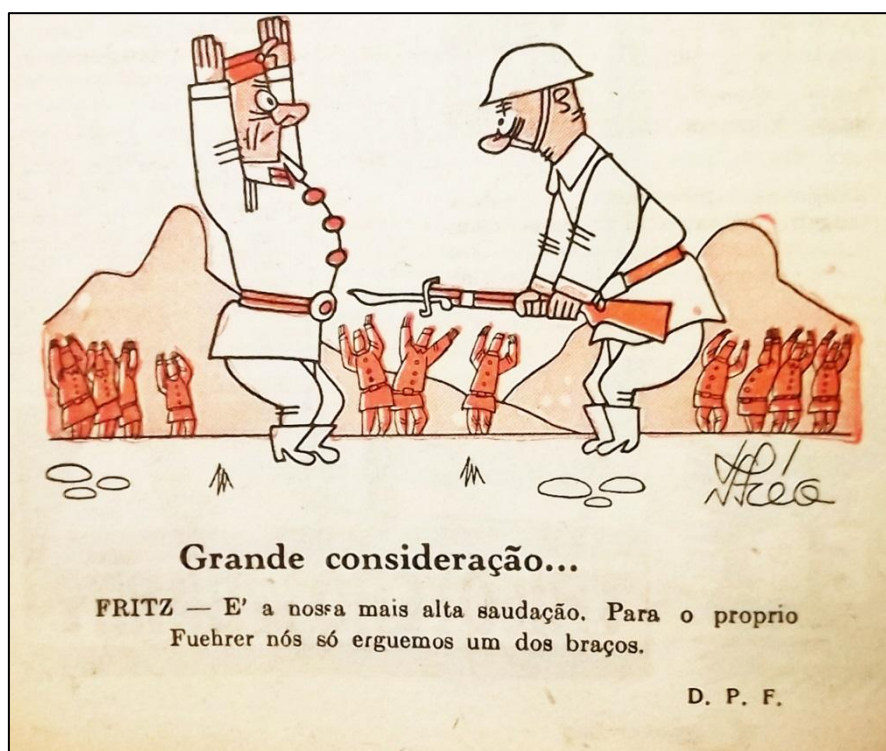
comportamental. Uma das maiores evidências dessa educação doutrinária popular era a saudação nazista, ou saudação a Hitler, a *Deutscher Gruß* como era conhecida na Alemanha. A saudação, tornada padrão em 1926, provavelmente fora copiada dos fascistas italianos, e por eles da Roma imperial<sup>119</sup>. Consistia, basicamente, em se levantar o braço direito a 45° com a palma da mão voltada para baixo enquanto se dizia *Sieg Heil!*, ou *Heil Hitler!*, ou ainda *Heil mein Führer!* (Salve! Salve Hitler! Salve meu Führer!<sup>120</sup>), na presença ou ausência de Hitler. Ela disseminou-se rapidamente. Para os servidores públicos, passou a ser compulsória um dia antes de o partido nazista se tornar o único permitido no país. Aqueles que não podiam erguer o braço direito em consequência de incapacidade física receberam ordens para erguer o braço esquerdo. E a “saudação alemã”, sinal exterior de que o país se transformara num “Estado do Führer”, não deixou de ser satirizada pelos caricaturistas da *Careta*, que fizeram uma interessante releitura do ato de erguer o braço para alguém.



Figura 33 Théo. *Careta*, 20/12/1943, nº 1808, ano XXXV, p. 12.

<sup>119</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. 153.

<sup>120</sup> Tradução livre do autor.



**Figura 34** Théo. *Careta*, 14/10/1944, nº 1894, ano XXXVII, p. 36.

As duas charges, assinadas por Théo, foram veiculadas em tempos diferentes, mas trazem em si a mesma sátira. Na primeira, dois soldados alemães – identificados pelo título “Kamerade!”, que é como os membros do exército alemão se chamavam entre si – travam um

diálogo na Rússia sobre a saudação nazista. A sátira está na fala do segundo soldado: o braço esquerdo se ergue junto ao direito para transformar a saudação em rendição, no caso ao general Semyon Timoschenko, peça fundamental do Exército Russo nas batalhas da frente oriental a partir de 1941. A segunda charge é a execução do ensaio da primeira: nela, o soldado alemão é rendido pelo inimigo, e afirma ser o gesto



**Figura 35** Osvaldo. *Careta*, 30/03/1940, nº 1657, ano XXXII, p. 8.

de levantar os dois braços a mais alta saudação, uma vez que para o próprio Hitler só se ergue o direito. O maior sinal de aquiescência, respeito e subordinação a Hitler foi, nas páginas da *Careta*, transformado no maior sinal de fracasso, o ato de erguer os dois braços em rendição. A charge de Osvaldo, em seu turno, desloca a crítica para a importância da saudação nazista. A personagem se espanta com o fato de os habitantes do distrito ao sul da Alemanha pagarem impostos ao Reich mas não fazerem a saudação, símbolo do reconhecimento e do respeito pelo nazismo. O que impressiona o falante é a coragem dos habitantes de Verenhof diante de um regime violento e punitivo como o nazismo.

O grande responsável por essa educação das massas era o setor de propaganda do partido, chefiado por Joseph Goebbels. As sete câmaras controlavam não só a propaganda, mas a forma como era executada e como as informações chegavam até a população durante os doze anos que compreenderam a ditadura de Hitler na Alemanha (1933-1945)<sup>121</sup>. Goebbels assumiu com grande energia e entusiasmo a tarefa de reorganizar a imprensa, o rádio, a produção cinematográfica, o teatro, a música, as artes visuais, a literatura e todas as outras formas de atividade cultural. A opinião pública foi facilmente conquistada por meio da propaganda<sup>122</sup>.

Cientes da importância coercitiva e política do trabalho de Goebbels, os caricaturistas da *Careta* não pouparam esforços para traçar em linhas satíricas e cômicas suas práticas, buscando desacreditar um dos mais fundamentais aspectos do regime nazista. Hitler encarava a propaganda com extrema seriedade: era um propagandista por excelência. A imagem pública era vital. A cada eleição, a Alemanha era tomada pelo mar de propaganda nazista – como disse um contemporâneo, os nazistas seguiam a máxima: “ ‘Depois de uma vitória, agarrem-se mais ao capacete.’ [...] Após a vitória na eleição (de 1930), eles arranjaram 70 mil comícios. De novo, uma ‘avalanche’ passou pelo Reich. [...] Cidade após cidade, aldeia após aldeia é tomada por assalto”<sup>123</sup>. Conhecimentos sobre a psicologia das massas foram aplicados na propaganda nazista e tiveram papéis sempre muito valorizados desde os anos anteriores à ascensão de Hitler ao poder. A partir daí, houve a totalização da exposição do público aos seus conteúdos, e a eventual não aceitação ou rejeição desses conteúdos já poderia ser considerada como uma resistência política, exigindo grande coragem pessoal no

---

<sup>121</sup> NETO, Vulmeron Borges Marçal. **A Propaganda Nazista**: seus instrumentos e estratégias. Pós Graduação. USP: São Paulo, 2003. p. 52-53.

<sup>122</sup> COUTO, Sérgio Pereira. **Dossiê Hitler**. São Paulo: Universo dos Livros, 2007. p. 65

<sup>123</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. 241

enfrentamento de cada dia com o “senso comum” de uma massa que passa a ganhar grande coesão em torno de uma ideologia, já então dominante<sup>124</sup>.

A propaganda, no movimento, não desempenha somente uma função estratégica, mas cumpre também um papel fundamental na formação e consolidação do imaginário<sup>125</sup> nacional-socialista<sup>126</sup>. Ela não pode, portanto, ser vista como um simples instrumento de conversão política. Considerando que o mundo totalitário se constrói em torno de uma “realidade” artificial caracterizada pela manipulação dos fatos, a propaganda tem a função de proteger as frágeis estruturas de tal realidade criada, evitando eu esta desmorone, quando confrontada com elementos fora de si mesma, ou seja, quando vista como dissimulada.

De acordo com Hanna Arendt, “*somente a ralé<sup>127</sup> e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo; as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda*”<sup>128</sup>. Ela é um instrumento do totalitarismo para enfrentar o mundo não totalitário. É importante salientar, desde o início, que as lideranças nazistas acreditavam nas doutrinas que seguiam, não apenas as usavam como propaganda. Contudo, o movimento nazista se valeu de inúmeras mentiras inventadas para sustenta-la, como o caso da conspiração mundial judaica, já que o que convence as massas não são os fatos em si, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência do sistema do qual esses fatos fazem parte. Com tais generalizações e criações, a propaganda totalitária criou um mundo fictício capaz de competir com o mundo real, cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado. Théó foi um dos caricaturistas que, através de uma excelente charge divulgada em março de 1943, expôs a face mentirosa dos nazistas aos leitores brasileiros.

<sup>124</sup> SZNITER, Célia. **Algumas considerações sobre a dinâmica psíquica envolvida na retórica das imagens**. FFLCH, USP. 2006. Mnemosine Vol. 2, nº2, p. 150-169.

<sup>125</sup> Na definição de Hilário Franco Júnior: Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente essas também se manifestam em quadros históricos, pois mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação. (FRANCO J., Hilário. **Cocanha: A história de um país imaginário**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 16-17.)

<sup>126</sup> DIHEL, Paula. **Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista**. São Paulo: Annablume, 1996. p. 83.

<sup>127</sup> Segundo a autora, ralé seria fundamentalmente um grupo no qual são representados resíduos de todas as classes. É isso que torna tão fácil confundir a ralé com o povo, o qual também corresponde todas as camadas sociais. Enquanto o povo, em todas as grandes revoluções, luta por um sistema realmente representativo, a ralé brada sempre pelo “homem forte”, pelo “grande líder”. (ARENDR, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 129).

<sup>128</sup> ARENDR, Hannah. Op. Cit. p.401.



**Figura 36** Théo. *Caretta*, 20/03/1943, nº 1812, ano XXXV, p. 4.

A charge exhibe três personagens: Hitler, que aparentemente fala sobre um palanque elevado, e dois soldados alemães, que dão razão aos dizeres de Hitler, segundo os quais “soldado alemão onde põe o pé não sai mais”. A imagem ao fundo, contudo, é o que dá sentido à charge: uma espécie de cemitério encimado por sua localização: Stalingrado, cidade russa que foi palco de uma das maiores batalhas da Segunda Guerra Mundial, travada entre nazistas e soviéticos, que se defendiam da invasão alemã. Novamente a ironia a favor da crítica: os soldados alemães realmente não saíam de onde colocavam os pés, mas não por capacidade bélica, competência e bravura, mas por estarem mortos. Nota-se, na charge, que os soldados alemães são de fato iludidos pelos dizeres de Hitler, dando razão às palavras do Führer sobre o conflito.

Segundo Hannah Arendt:

O verdadeiro objetivo da propaganda totalitária não é a persuasão mas a organização – o acúmulo da força sem a posse dos meios de violência”. (...) Não são os sucessos passageiros da demagogia que conquistam as massas, mas a realidade palpável e a força de uma organização viva. Os brilhantes dons de Hitler como orador de massa não lhe conquistaram a posição que ocupava no movimento, mas levaram os seus oponentes a subestimá-lo como simples demagogo (...) <sup>129</sup>.

<sup>129</sup> ARENDT, Hannah. Op. cit. p.411.

São claras as vantagens da propaganda totalitária, que está garantida contra argumentos baseados numa realidade que o movimento pretende mudar e contra a propaganda adversária, desqualificada pelo simples fato de pertencer ou defender um mundo que as massas ociosas não podem e não querem aceitar; suas inverdades só podem ser demonstradas por outra realidade mais forte ou melhor<sup>130</sup>, o que os nazistas tentam, a todo momento, escamotear.



Figura 37 Osvaldo. *Careta*, 19/06/1943, nº 1825, ano XXXVI, p. 12.

A charge da figura 37, dessa vez assinada por Osvaldo, novamente utiliza de uma frase proferida por um nazista para tecer suas críticas. As duas personagens da charge interpretam a frase de Goebbels a contrapelo: enquanto o ministro alemão se referia à complexidade da guerra e das relações entre os nela envolvidos, Osvaldo dá voz aos dois homens da charge e expõe o que realmente deveria ser entendido da frase de Goebbels – que o verdadeiro jogo de quebra-cabeças era entre os alemães e a propaganda nazista, acusada de noticiar vitórias inexistentes, cuja realidade deveria ser buscada por conta dos próprios alemães. A charge de Osvaldo conseguiu sintetizar, de certa maneira, a crítica central dos caricaturistas em relação à

<sup>130</sup> Ibidem, p. 412.



propaganda nazista: a de que os dirigentes nazistas divulgavam apenas inverdades, prendendo os alemães em uma teia de ilusões de vitória e paz.

Oswaldo voltou a assinar, em setembro de 1943, outra charge sobre a temática, novamente reiterando a ideia de que a propaganda alemã transmitia inverdades para seu povo. Enquanto o ministério de Goebbels afirmava que os nazistas estavam “dando trabalho” aos russos, no sentido de estarem oferecendo resistência e combatendo fortemente, fazendo o exército soviético ter que se esforçar



para derrotar os nazistas, os interlocutores da charge de

**Figura 38** Oswaldo. *Caretta*, 02/09/1944, nº 1888, ano XXXVII, p. 8.

Oswaldo acreditam, ao contrário, que o trabalho não está no combate, mas em enterrar os cadáveres dos soldados alemães mortos em combate. Na charge, desenhada com os traços típicos do caricaturista, além da propaganda enganosa, a eficiência do exército alemão também é criticada, sendo este inferior ao soviético.

As duas próximas charges foram assinadas por Théo, e trazem em si a mesma crítica a um mesmo aspecto: a habilidade de Goebbels em distorcer a realidade para usá-la a seu favor. Na primeira delas um integrante do exército, identificado pelo uniforme que veste, informa a Goebbels que os exércitos estavam cercados por tropas inimigas, e o questiona sobre como deveria redigir o comunicado. O ministro, por sua vez, em postura de tranquilidade – mãos no bolso – ordena que o homem diga que os exércitos da dita cidade estavam combatendo em todas as direções. Dessa forma, a informação perde sua conotação de fracasso e passa, inclusive, a demonstrar eficiência: afinal, um exército que combate em todas as direções está em posição diferente de um exército cercado. Ou não.



Figura 39 Théo. *Careta*, 15/05/1944, n° 1872, ano XXXV, p. 4.

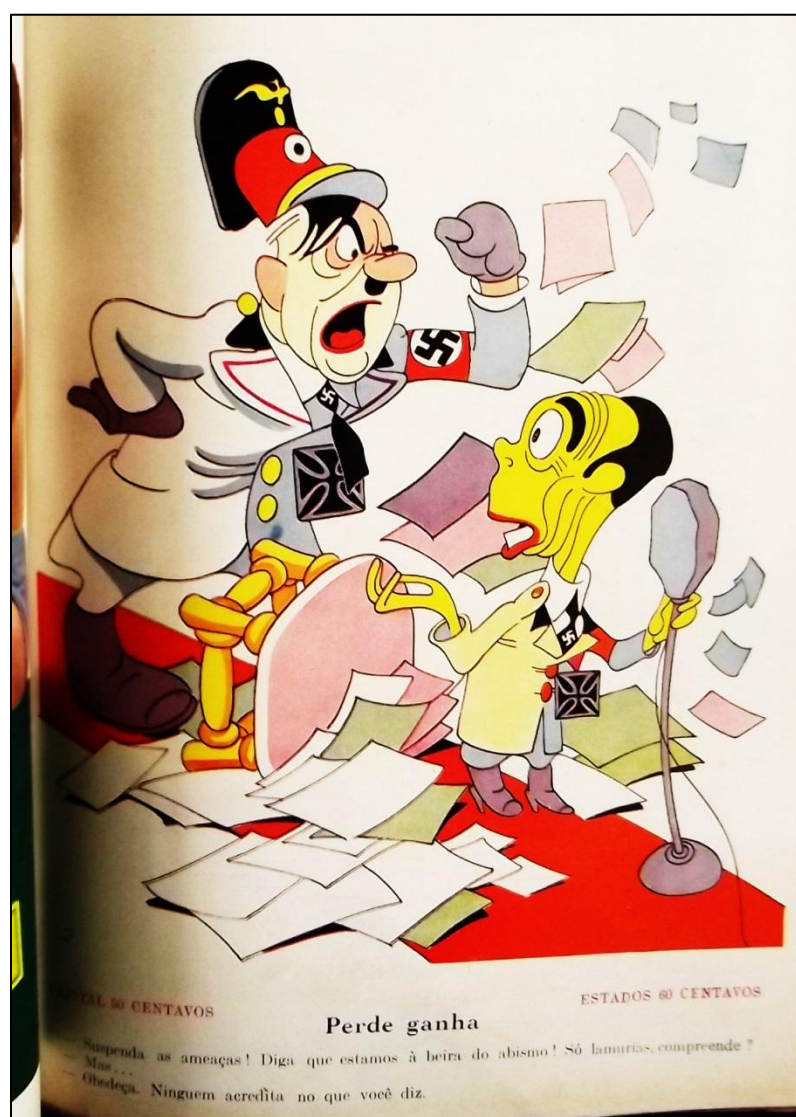


Figura 40 Théo. *Careta*, 17/07/1944, n° 1877, ano XXXVII, p. 4.

Na charge Théo reforça a ideia de Goebbels como norte midiático, e faz isso de forma genial: troca a figura do ministro pela de Hitler, que, contemplando uma bomba relógio, que simboliza as invasões dos exércitos russos e ingleses – representados pelas imagens de Stalin

e Churchill no quadro, respectivamente – considera recorrer aos auxílios de Goebbels, que saberia transformar as derrotas em vitórias. Nessa charge, Théo salienta o caráter enganoso e mentiroso da propaganda nazista, e atribui grande responsabilidade a Goebbels, a quem até o próprio Führer recorre em momentos de desespero. Mesmo o propagandista por excelência que era Hitler se rende às habilidades de Goebbels em distorcer os fatos e usá-los a seu favor.

J. Carlos, em seu turno, modifica um pouco a abordagem e enriquece as críticas da *Careta* em relação à propaganda nazista.



**Figura 41** J. Carlos. *Careta*, 29/07/1944, nº 1883, ano XXXVII, capa.

“Perde ganha

- Responda as ameaças! Diga que estamos à beira do abismo! Só lamúrias, compreende?

- Mas...

- Obedeça. Ninguém acredita no que você diz”

Na charge que foi capa da edição de número 1883, o que se vê é um Goebbels confuso e um Hitler furioso. O conflito é trabalhado por J. Carlos com maestria – entre as duas personagens em oposição, os papéis espalhados e a mesa tombada indicam a causa da discórdia. Aqui, o ministro é quem recebe instruções, mas a tarefa lhe parece completamente absurda: deveria emitir ao povo alemão apenas notícias ruins, “só lamúrias”. Segurando o microfone sobre um tapete vermelho, Goebbels fita Hitler com ar de confusão e tenta iniciar uma argumentação, que é repelida por Hitler em um ataque de fúria – muito bem representado por J. Carlos, que, além de desenhar Hitler em tamanho maior em relação à Goebbels, trabalha seus gestos com maestria (mão na cintura, braço levantado, quepe saindo da cabeça devido à precipitação para frente, em postura clara de ataque). Todos os discursos de Goebbels deveriam ser descartados e postos de lado – papéis espalhados por todos os cantos, provavelmente obra de Hitler, que em seu espasmo de raiva teria virado a mesa – e substituídos por notícias catastróficas, uma vez que as pessoas sempre deduziam o contrário do que Goebbels pronunciava no rádio. A charge de José Carlos foi veiculada em fins de julho de 1944, momento em que a derrota alemã era certa, em que nem mesmo as declarações otimistas do povo conseguiam esconder do povo a verdadeira tragédia que se passava por todo o III Reich.

A propaganda nazista, até o final do regime, cumpriu seu papel de disseminar confiança entre os alemães, aspirando apoio em suas políticas de guerra expansionista, e procurando motivar aqueles que se viam inclinados a contribuir principalmente com ações segregacionistas e antisemitas. Foi um excelente meio de coesão doutrinária na Alemanha do período, e contou com um importante trunfo. Hitler pretendeu dar a seu livro o título de *Quatro anos e meio de luta contra mentiras, estupidez e covardia*; Max Amann, contudo, o astuto encarregado das publicações nazistas, que devia cuidar do seu lançamento, rebelou-se contra um título tão pesado – e invendável – e abreviou-o para *Minha Luta – Mein Kampf*, em alemão. Orgulhava-se Amann de haver vendido 23 mil exemplares no primeiro ano e de que as vendas continuavam aumentando – pretensão essa recebida com ceticismo nos círculos antinazistas.

Graças à apreensão dos extratos de conta de direitos autorais da Eher Verlag – a editora nazista – feita pelos Aliados em 1945, a verdade sobre as vendas reais de *Mein Kampf* pode ser revelada. Em 1925 o livro vendeu 9.473 exemplares e, daí em diante, durante três anos as vendas decresceram gradativamente, caindo para 6.913 em 1926, para 5.607 em 1927 e, em 1928, para apenas 3.015. Subiram um pouco – para 7.664 em 1929 – e cresceram em 1930 com os êxitos do Partido Nazista, quando surgiu uma edição popular de oito marcos nas

livrarias, chegando a 54.086; declinaram ligeiramente no ano seguinte para 50.808 e, em 1932, saltaram para 90.351. A situação mudou quando Hitler se tornou chanceler. No primeiro ano em que exerceu esse cargo foram vendidos um milhão de exemplares de *Mein Kampf*, e o rendimento dos direitos autorais de Hitler superou um milhão de marcos, transformando-o no mais próspero escritor da Alemanha. Com exceção da Bíblia, nenhum outro livro foi tão vendido durante o regime nazista, quando bem poucas famílias se sentiam seguras sem um exemplar sobre a mesa. Em 1940, um ano após o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, seis milhões de exemplares da bíblia nazista haviam sido vendidos na Alemanha.

Nela estavam, detalhadamente, traçadas todas as ideias de Hitler, seus objetivos e as políticas que acreditava serem necessárias para reerguer o país. Segundo Willian Shirer:

Hitler pode ser acusado de tudo, mas jamais de não haver escrito claramente qual a espécie de Alemanha que ele desejava construir, se um dia chegasse ao poder, e que espécie de mundo tencionava criar com as conquistas armadas. Os planos do Terceiro Reich e, mais ainda, da bárbara Nova Ordem imposta por Hitler às nações europeias conquistadas, nos triunfantes anos de 1939 a 1945, estão expostos em toda a sua pavorosa crueza, e com pormenores, nas páginas desse livro revelador<sup>131</sup>.

Através das estratégias de propaganda e da consequente doutrinação do povo alemão, o partido nazista foi capaz de angariar apoio e legitimidade para executar o que pretendia na Alemanha, e que já vinha sendo repetido pelo programa e pelos oradores do partido desde o início dos anos 1920. Os temas variavam pouco: o contraste da força da Alemanha num passado glorioso com sua atual debilidade e humilhação nacional – um Estado doente nas mãos de traidores e covardes que haviam entregado a pátria a seus poderosos inimigos; as razões do colapso numa guerra perdida que fora desencadeada por esses inimigos e, por trás deles, os judeus; a traição e a revolução perpetradas por criminosos judeus; as intenções inglesas e francesas de destruir a Alemanha, como mostrava o Tratado de Versalhes – a “paz da vergonha”, o instrumento da escravidão da Alemanha; a exploração dos alemães comuns por tubarões e extorsionários judeus; um governo e um sistema partidário trapaceiros e corruptos que comandavam a miséria econômica, a divisão social, o conflito político e o colapso ético; a única maneira de se recuperar, contida nos pontos do programa do partido:

---

<sup>131</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 122.

combate implacável aos inimigos internos e construção de uma consciência e uma unidade nacionais, que levariam à renovação das forças, e, por fim, da grandeza do país<sup>132</sup>.

A ambição nazista, seu caráter expansionista, a brutalidade do regime que exterminou milhões de judeus, impulsionada por um antissemitismo disseminado, além de, obviamente, o povo alemão, considerado tão repugnante quanto os nazistas, todos estes foram objeto de crítica repulsiva e astuciosa sátira dos nossos artistas do lápis. A próxima charge, assinada por Osvaldo, é tanto uma crítica contra os alemães como contra a ambição que lhes era considerada própria.



**Figura 42** Osvaldo. *Careta*, 26/08/1944, nº 1887, ano XXXVII, p. 8.

As típicas personagens de Osvaldo, dessa vez um casal, discutem uma notícia que diz que um alemão ferido preferiu morrer a receber uma transfusão de sangue britânico. Osvaldo, provavelmente, desenhou uma abertura na boca da senhora para lhe dar voz, e, portanto, a autoria da frase-legenda da charge: “ – Era um alemão degenerado; uma exceção. Em geral eles querem tudo o que é dos outros...”. A senhora considera o alemão um desviante por

<sup>132</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 124.

considerar a todos eles seres ambiciosos e gananciosos, que desejam tudo o que não é seu. Reparem que a crítica se estende a todos os alemães, não se restringe apenas aos nazistas. Osvaldo considerou a grande vontade de Hitler – a de reconstruir a união nacional, através de um movimento fluido na estrutura da sociedade, de maneira que tornasse impossível a distinção entre alemães, partido, nazismo e Hitler. A charge também aborda a questão do fanatismo do povo alemão, cujo representante preferiu morrer a receber uma transfusão sanguínea de um britânico, inimigo do Reich, e comprova a eficiência do aparato de doutrinação nazista.



Figura 43 Théo. *Caretta*, 15/12/1942, nº 1797, ano XXXV, p. 4.

Théo também prestou sua contribuição à crítica contra a ambição dos nazistas, numa charge veiculada em dezembro de 1942, segundo ano da ocupação nazista na França. Na charge, um dos senhores conta ao outro que um cientista francês recomendara carne de rato como um excelente alimento; seu interlocutor, por sua vez, encara a notícia como mais uma jogada dos franceses contra os nazistas, e explica: ambiciosos, quando soubessem da notícia dada pelo membro da Academia de Medicina de Paris, iriam recrutar todos os ratos da Cidade Luz, acreditando estarem tirando vantagem da situação, quando, na verdade, estariam caindo numa armadilha francesa. É também assinada por Théo a próxima charge, que nos traz um pouco da genialidade de Djalma para tecer suas críticas. No diálogo entre dois guerrilheiros armados com facas e carabinas, um deles recebe a instrução de enforcar os traidores em



Figura 44 Théo. *Caretta*, 03/07/1944, nº 1874, ano XXXVII, p. 32.

quaisquer galhos, mas aos nazistas, em especial, seriam reservados os galhos mais altos. A piada adquire sentido quando se entende o título da charge: “*Deutsche über alles!...*”. É uma alusão ao primeiro verso da “Canção dos Alemães” – *Das Lied der Deutschen*, o hino nacional alemão – “*Deutschland, Deutschland über alles*”, que, traduzido para o português, significa “Alemanha, Alemanha acima todos”. Théo, entretanto, adaptou o título, substituindo “*Deutschland*” – Alemanha – por “*deutsche*” – alemão – o que dá luz à fala do guerrilheiro. Fazendo jus ao hino de seu país, os gananciosos, ambiciosos e superiores nazistas deveriam ser enforcados nos galhos mais altos, permanecendo, assim, *acima* de todos os demais.

A charge de Théo pode, ainda, ser observada por outro ângulo, que se mescla com o primeiro. Théo poderia estar evidenciando, e, portanto, criticando, a crença nazista segundo a qual os arianos eram a raça escolhida pela Providência para subjugar todas as demais. Fazia parte da “ideia social” de Hitler, que era simples, difusa e manipuladora. Equivalia a conquistar os trabalhadores para o nacionalismo, destruir o marxismo e superar a divisão entre nacionalismo e socialismo mediante a criação de uma nebulosa “comunidade nacional” – *Volksgemeinschaft* – baseada no conceito de luta e na pureza racial<sup>133</sup>. Para o fanático Hitler, o império estava se afundando em fétido pântano. Só poderia ser salvo pela raça superior, a alemã, reafirmando sua antiga e absoluta autoridade. As raças não germânicas, principalmente os eslavos, e, sobretudo, os tchecos, eram inferiores. Competia aos alemães governá-los com mão de ferro. Devia abolir-se o Parlamento e pôr-se fim a toda a considerada tolice democrática.

Socialmente, Hitler acreditava que apenas o impulso da autopreservação podia determinar o conquistador. A humanidade teria crescido numa eterna luta, e apenas numa paz

<sup>133</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 215.



permaneceria. A natureza povoaria a terra de criaturas vivas e ficaria a observar a livre ação das forças, conferindo então o direito de domínio ao filho favorito, o mais forte, mais corajoso e mais astuto. O mais forte deveria dominar, não poderia mesclar-se com os fracos, pois isso significaria o sacrifício de sua própria grandeza. Apenas aqueles que nasceram fracos, poderiam ver crueldade nisso. Para Hitler, a preservação da cultura estaria estreitamente ligada à rígida lei da necessidade e do direito da vitória ao melhor e ao mais forte. E quem seria o “filho favorito, o mais forte, o mais corajoso e mais astuto”, a quem a Providência conferiu o direito de domínio? O ariano. Em *Mein Kampf*, atingiu-se o âmago das ideias nazistas de superioridade racial, de concepção de raça superior, nas quais se baseavam o Terceiro Reich e a Nova Ordem de Hitler na Europa.

Toda a cultura humana, todos os resultados da arte, da ciência e da tecnologia que hoje aí vemos, são quase exclusivamente fruto da criatividade do ariano. Justamente este fato nos leva a concluir, não infundadamente, ter sido o ariano, e apenas ele, o artífice do que há de melhor na humanidade, e representar o protótipo de tudo o que entendemos pela palavra “homem”. É ele o Prometeu da humanidade, de cuja brilhante fonte eternamente nasce a centelha divina da genialidade, mantendo sempre acesa a chaa do conhecimento que iluminou a noite de silenciosos mistérios e permitindo ao homem galgar a senda do domínio sobre todos os outros seres desta terra. (...) Foi ele quem deitou os alicerces e ergueu as paredes de todas as grandes estruturas da cultura humana<sup>134</sup>.



**Figura 45** Autor desconhecido. *Careta*, 19/12/1942, nº 1799, ano XXXV, p. 36.

Munido da ideologia segundo a qual os arianos eram os escolhidos para reinar *sobre* todos os demais, Hitler partiu para a execução de outra vertente de sua ambição, que, por coincidência, faz menção ao segundo verso da Canção dos Alemães, hino nacional da Alemanha: "*Über alles in der Welt*" – “*acima de todos no mundo*”.

<sup>134</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 129.

“*Conceitos... imperfeitos*” apareceu na página 36 de um dos volumes da *Careta* sem a assinatura de seu caricaturista, e tampouco é possível identificar sua autoria através do traço – trata-se de um exemplar desviante. É, entretanto, boa para o início da discussão sobre a outra vertente da ambição nazista, seu caráter expansionista, baseado na ideia de que os arianos tinham o direito de conquistar seu Espaço Vital. Na charge, três macacos se empoleiram, e aparentemente brigam, em galhos de uma árvore seca, em que está pendurada uma placa com os dizeres “*expasso vital*”. A grafia errada da expressão, que corretamente equivaleria a “*espaço vital*”, faz jus ao título da charge – “*conceitos... imperfeitos*”, que se segue de uma estrofe intitulada “*cada macaco em seu galho*”. Os macacos, contudo, parecem não estar considerando a mensagem central da estrofe, e lutam entre si por um “*expasso*” vital imperfeito.

Já no primeiro ponto do Programa do Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores, datado 24 de fevereiro de 1920 e assinado em Munique, os nazistas já exigem a reunião de todos os alemães numa grande Alemanha, fundamentados, segundo eles, no direito dos povos a dispor de si mesmos<sup>135</sup>. Ao lado deste pangermanismo, estava a ideia da necessidade de um *Lebensraum* – Espaço Vital, questão sobre a qual discorreu Hitler longamente no primeiro volume de *Mein Kampf*, e que o atormentou até a morte. As noções imperialistas e geopolíticas que formaram a ideia de *Lebensraum* eram, na verdade, moeda corrente na direita *völkisch* da Alemanha de Weimar. O *Lebensraum* era um elemento importante da ideologia imperialista alemã desde a década de 1890. Para os pangermanistas, o *Lebensraum* podia justificar a conquista territorial lembrando a colonização das terras eslavas na Idade Média pelos cavaleiros teutônicos e, emotivamente, convocar à união no Reich daqueles que vieram a ser descritos como *Volksdeutsche* (alemães étnicos) espalhados pela Europa Oriental. Para os pangermanistas, a ideia de *Lebensraum* simbolizava a conquista histórica do Leste, ao mesmo tempo que, ao enfatizar o suposto excesso de população alemã, disfarçava ambições de poder político imperialistas, reais e modernas<sup>136</sup>. O “ano de 1942” nos prestará alguns esclarecimentos.

---

<sup>135</sup> O programa completo do NSDAP encontra-se no ANEXO I.

<sup>136</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 187

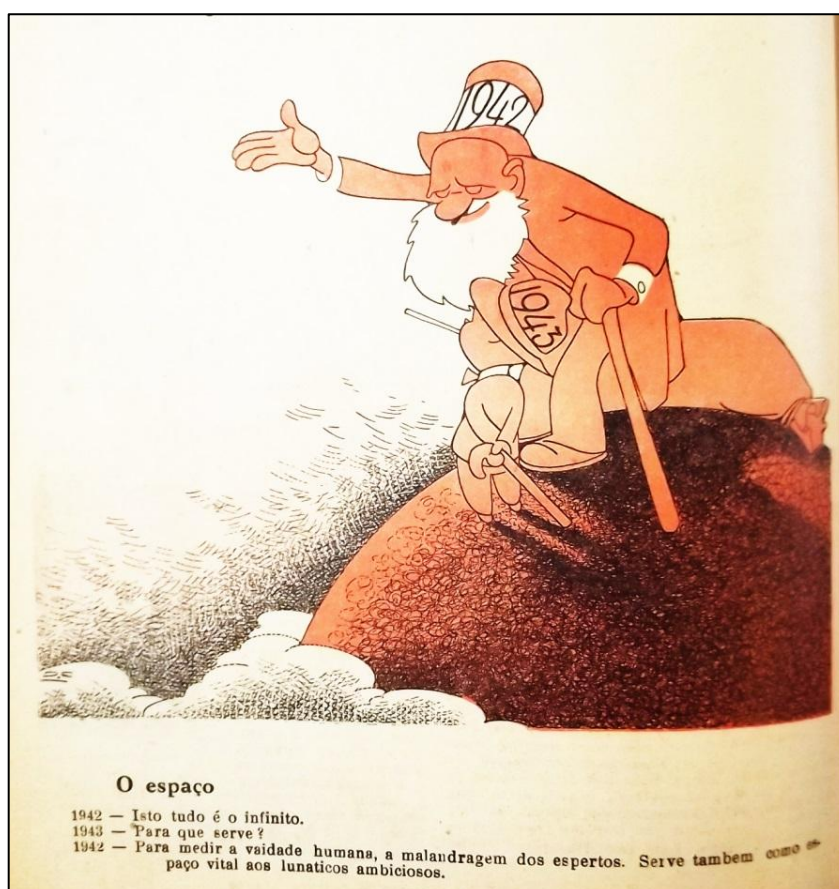


**Figura 46** J. Carlos. *Caretta*, 26/12/1942, nº 1800, ano XXXV, capa.

Em 26 de dezembro de 1942, ele surge na capa da *Caretta* se despedindo do Eixo, na pele de um senhor de barbas brancas e portando um chapéu vermelho que o identifica. Abraçando Hitler e sendo observado por Hirohito e Mussolini, 1942 lamenta não poder comparecer ao “bôta-fôra” do Eixo, uma vez que precisa partir, mas garante que seu sucessor está incumbido de representa-lo neste grande dia. A charge representava a grande vontade de J. Carlos – e de todos que se horrorizavam a cada dia com os acontecimentos da guerra – de ver o fim dos regimes totalitários e dos eventos trágicos do conflito no ano que se anunciava; era uma forma de torcer contra o Eixo na guerra e – por que não? – disseminar esperanças nas páginas do periódico.

Na edição seguinte, já em janeiro de 1943, o mesmo senhor aparece agora dialogando com seu sucessor, o ano de 1943. Os dois contemplam o espaço a partir de uma pedra – tão alta que ultrapassa as nuvens – e o monocromatismo da figura, somado às sombras no chão, dão a ideia de pôr do sol ou fim de dia. 1942, com a voz da experiência, apresenta o lugar ao pequeno 1943, que, observador, questiona sua utilidade; como resposta, o senhor, que antes havia apresentado o que via como “infinito”, diz que serve “para medir a vaidade humana, a malandragem dos espertos”, e “também como espaço vital aos lunáticos ambiciosos.” Novamente temos José Carlos utilizando o recurso das figuras de linguagem na construção da mensagem da charge –

neste caso, a opção foi pela elipse: embora ausentes, fica claramente subentendido quem seriam os lunáticos ambiciosos. Em um único desenho, os nazistas foram classificados como vaidosos, malandros, lunáticos e tão ambiciosos que estariam em busca do infinito, que José Carlos define brilhantemente como o



**Figura 47** J. Carlos. *Caretta*, 02/01/1943, nº 1801, ano XXXV, p. 28.

espaço vital.

No segundo volume de *Mein Kampf*, Hitler volta a tratar do assunto “Espaço vital”:

Apenas um grande e adequado espaço neste mundo garante a uma nação liberdade de existência. (...) sem levar em conta “tradições” e preconceitos, deve [o movimento nacional-socialista] encontrar disposição para unir nosso povo e sua força numa arrancada pela estrada, que levará este povo, hoje vivendo num restrito espaço vital, a novas terras e a novos solos. (...) o movimento nacional-socialista deve lutar para eliminar a desproporção entre nossa população e nossa superfície – compreendida como fonte de alimentos e, também, base de poder político. (...)

Precisamos manter inabalável nosso propósito (...), a fim de assegurar ao povo alemão a terra e o solo a que tem direito (...) <sup>137</sup>.

O objetivo da política alemã, dizia Hitler, era tornar firme e preservar a comunidade racial e engrandecê-la. Tratava-se, por conseguinte, de uma questão de espaço – O *Lebensraum*. Os alemães, expunha, tinham o direito de um maior espaço vital que os demais povos, e o futuro da Alemanha achava-se, portanto, inteiramente condicionado à solução do problema da necessidade de espaço <sup>138</sup>. Economicamente, o Espaço Vital também se justificava: Os problemas econômicos da Alemanha somente podiam ser resolvidos pela obtenção de maior *Lebensraum* na Europa, e isso é impossível sem invadir outros países ou atacar as possessões de outros povos <sup>139</sup>. Em terras brasileiras, não demorou para que surgissem releituras interessantes sobre a “busca por espaço” da Alemanha.



Figura 48 Osvaldo. *Careta*, 30/11/1939, nº 1692, ano XXXII, p. 8.

Em novembro de 1939, apenas dois meses após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Osvaldo utilizou um problema de falta de vagas em cemitérios enfrentado pelos zeladores

<sup>137</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Mestre Jou, 1962. p. 643, 645, 652.

<sup>138</sup> SHIRER, W. op. cit. p. 409.

<sup>139</sup> Ibidem. p. 638.

para tratar do assunto. Um dos típicos personagens do caricaturista teve, em sua fala, o *insight* de ligar os dois assuntos, definindo o problema dos zeladores como o da busca pelo espaço mortal. A charge nos faz captar a velocidade com que os caricaturistas da *Careta* se atualizavam sobre os acontecimentos que giravam em torno dos regimes totalitários e do conflito mundial, que narravam com tamanha maestria em traços e cores. Osvaldo, assim como J. Carlos, utilizou suas charges para construir uma espécie de narrativa, isto é, relacionava suas sátiras gerando continuidade entre elas – a diferença é que, enquanto J. Carlos separou as duas por uma edição, Osvaldo demorou anos para continuar sua história.



Figura 49 Osvaldo. *Careta*, 05/12/1942, nº 1797, ano XXXV, p. 12.

Osvaldo utilizou seu “espaço mortal” da charge da figura 46 para construir o título de uma charge publicada em 1942. Dois soldados alemães – identificados pelo nome típico alemão Fritz – conversam num cenário de escombros, e um deles vê uma situação de otimismo no fato de os alemães terem um espaço reservado para serem enterrados nos cemitérios poloneses, uma vez que não deviam ser enterrados entre gente de raça inferior. Conquistar o espaço mortal teria sido “sôpa” – expressão tipicamente brasileira para designar facilidade em uma ação – e agora restaria a busca pelo espaço vital. É brilhante a habilidade

dos caricaturistas em brincar com as palavras, criando sentido satírico a partir de antagonismos entre elas, como no caso de “mortal” e “vital”.

Théo não poderia deixar de comentar sobre o assunto, e prestou sua contribuição em setembro de 1943, dessa vez comparando o almejado espaço vital dos nazistas aos famosos *bunkers* dos tempos de guerra.



Figura 50 Théo. *Caretta*, 25/09/1943, nº 1839, ano XXXVI, p. 16.

Durante a Segunda Guerra Mundial foi comum a construção de abrigos subterrâneos super-resistentes, conhecidos como *bunkers*. O próprio Hitler tinha seu abrigo claustrofóbico debaixo da terra, uma construção de dois andares enterrada nas profundezas do jardim da Chancelaria. O enorme complexo do *bunker* fora aprofundado em 1943, ano da publicação da charge – ampliando o *bunker* anterior (construído originalmente para possível uso futuro como abrigo antiaéreo) que datava de 1936 – e muito reforçado durante a estadia de Hitler em seu quartel-general ocidental. O complexo era completamente autossuficiente, com aquecimento e iluminação próprios, e bombas de óleo diesel. Tinha, contudo, como o da charge, uma clara desvantagem espacial, pois seu estúdio tinha cerca de 2,70 por 3,60 metros e parecia opressivo, sobretudo para alguém acostumado com ambientes palacianos desde 1933, como Hitler.

Na charge, dois homens se escondem e conversam dentro de um *bunker*, visivelmente desconfortáveis, no subterrâneo de um território destruído pela guerra, transformado em ruínas. Um dos homens, contudo, acredita estar ali, naquele espaço apertado do subsolo alemão, a solução para o problema do espaço vital: tinham a Alemanha de cima e a de baixo.

O problema do espaço vital também está estritamente relacionado com outro muito mais obscuro, e que se tornou a maior mancha em toda a história do nazismo: a perseguição e o massacre dos judeus. Hitler estabeleceu em sua ideologia a conexão entre a destruição dos judeus e uma guerra contra a Rússia para adquirir o espaço vital. No segundo volume, escrito sobretudo em 1925, o inimigo de curto prazo ainda era a França. Mas, na linguagem descarada, declarava que o objetivo de longo prazo era obter “*Lebensraum*” à custa da Rússia.

Nós, nacional-socialistas, traçamos conscientemente uma linha abaixo da tendência de política externa de nosso período do pré-guerra. Nós retomamos onde rompemos, seiscentos anos atrás. Detemos o movimento incessante alemão para o sul e para o oeste e voltamos nosso olhar para as terras do leste. Rompemos finalmente a política colonial e comercial do período do pré-guerra e a mudamos para a política de solo do futuro.

Se falamos de solo na Europa de hoje, podemos ter principalmente em mente apenas a Rússia e seus Estados Vassallos de fronteira. [...] Durante séculos, a Rússia retirou nutrição dos núcleos germânicos de seus estratos altos importantes. Hoje, eles podem ser considerados quase totalmente exterminados e extintos. Foram substituídos pelo judeu. [...] Ele mesmo não é um elemento de organização, mas um fermento de decomposição. O gigantesco império ao leste está maduro para o colapso. E o fim do domínio judeu na Rússia será também o fim da Rússia como Estado [...].<sup>140</sup>

Nesse trecho se unem os dois elementos fundamentais da “visão de mundo” personalizada de Hitler, que viria a se transformar – num regime também personalizado – nos dogmas do governo do Terceiro Reich: a destruição dos judeus e a obtenção de “espaço vital”. A guerra contra a Rússia, através da aniquilação do bolchevismo judeu, traria ao mesmo tempo a salvação da Alemanha ao lhe proporcionar um novo *Lebensraum*.

Na busca de bodes expiatórios, os judeus, em especial, tornaram-se cada vez mais o foco de ódio intenso e agressões a partir da metade da guerra. Os sentimentos já eram conhecidos. A novidade consistia no grau em que o antissemitismo radical era propagado e como estava caindo em terreno fértil. Os eventos de 1917 na Rússia agitaram ainda mais o

---

<sup>140</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 188



caldeirão de ódio, acrescentando o ingrediente vital – que se tornaria a partir de então a pedra de toque da agitação antissemita – de retratar os judeus como dirigentes de organizações secretas internacionais voltadas a fomentar a revolução mundial. Quando perceberam que a guerra estava perdida, a histeria antissemita, agitada pelos pangermanistas, atingiu uma intensidade febril.



Figura 51 Osvaldo. *Caretta*, 07/08/1943, nº 1832, ano XXXV, p. 8.

A charge de Osvaldo, não por acaso intitulada “O bode expiatório”, retrata perfeitamente o que foi dito acima. Nela, os judeus se tornam responsáveis até pelos tremores de terra ocorridos na Alemanha. A consequência das providências de Hitler, numa exibição nítida da face assassina do regime, teria sido a ordem do massacre de três mil judeus. Com o regime de Hitler, inaugurava-se a possibilidade de se explorar os judeus enquanto explicativo de todo e qualquer mal que a sociedade viesse a sofrer. Assim, ao incorporar o antissemitismo à mitologia política da conspiração, os nazistas conquistam uma razão para justificar crises e derrotas. Como escreve Girardet:

Paradoxalmente, o mito do Complô tende, assim, a preencher esta função social de importância não negligenciável, e que é da ordem de explicação. Explicação tanto mais convincente quanto se pretende total de exemplar clareza: todos os fatos, qualquer que seja a ordem a que pertençam, acham-se reduzidos, por uma lógica

aparentemente inflexível, a uma mesma e cínica causalidade, a uma só vez elementar e toda poderosa<sup>141</sup>



Figura 52 J. Carlos. *Careta*, 13/04/1940, nº 1659, ano XXXII, p. 36.



Figura 53 Osvaldo. *Careta*, 22/06/1940, nº 1669, ano XXXII, p.12.

<sup>141</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 55.

Nesse clima de culpabilização generalizada dos judeus, surgiram duas charges, ambas em 1940, que abordam um grande absurdo veiculado pela imprensa de orientação nazista. A segunda imagem, assinada por J. Carlos, embora publicada dois meses após a primeira, oferece maiores informações sobre o caso. De acordo com a legenda, o jornal “*Der Stuermer*”<sup>142</sup>, para defender Nero, o imperador romano, teria atribuído aos judeus o incêndio de Roma no ano 64. No diálogo das duas personagens típicas de Osvaldo, contudo, não é possível perceber uma crítica à acusação ou alguma defesa dos judeus pelo caricaturista; para Zeferino, não importa a quem seja atribuída a culpa do incêndio, a maneira bárbara com que o crime fora executado é o que tornara o crime imperdoável. Seu parceiro de diálogo de certa forma compreende os métodos de quem quer que seja o culpado pelo crime, uma vez que, no ano 64, ainda não existiam aviões, como no tempo da publicação da charge, em que os leitores da *Careta* presenciavam, ainda que distantes, maneiras mais práticas de se dizimar um espaço.

Na primeira imagem a mensagem ainda é simples, mas sua execução mais elaborada. No lugar de personagens quaisquer, J. Carlos nos traz três judeus – dois que dialogam entre si e um transeunte figurante – perfeitamente caracterizados. O chargista se valeu do estereótipo geral de judeus para construir seu desenho: homens de grande barba, com narizes proeminentes, chapéus na cabeça (um deles com o quipá, um dos símbolos da religião judaica), um dos homens com uma calça estampada. Não bastasse a indumentária, José Carlos usou o recurso dos nomes típicos para dar identidade aos falantes – Jacob e Moisés são, indubitavelmente, dois judeus que comentam sobre a “pista falsa” (a acusação de que os judeus, e não Nero, atearam fogo em Roma). A informação, segundo o Moisés da charge, seria obviamente inverídica, uma vez que não existiam companhias de seguro naquela época, e, portanto, os judeus não poderiam ser os culpados, uma vez que não teriam como se aproveitar da situação.

É, no mínimo, inusitado que críticos tão ferrenhos das ditaduras e suas atrocidades como os caricaturistas da *Careta* tenham se posicionado de maneira tão discreta quanto à questão do antissemitismo nazista. Nas duas charges acima, embora o eixo temático gire em torno da criação absurda dos nazistas, expressa, aliás, em um ligeiro tom de ironia, a piada da charge se apoiou em outros temas: a primeira charge decidiu se valer de estereótipos para

---

<sup>142</sup> Trata-se do semanário alemão *Der Stürmer*, de orientação evidentemente nazista, que teve seu lugar no momento da constituição do movimento e do Estado Totalitário. Tendo o notório antissemita Julius Streicher como editor, o periódico se mostrava defensor da ideologia nazista, empregando um discurso propriamente nacional socialista. O jornal teve sua circulação gradualmente elevada na Alemanha, conforma a ascensão nazista no cenário alemão (LIEBEL, Vínicius. **Humor, Propaganda e Persuasão**: as charges e seu lugar na propaganda nazista. Dissertação de Mestrado. Faculdade de História da UFPR, 2006).

abordar a questão financeira, associar judeus com o capitalismo<sup>143</sup>, sempre lugar comum, e a segunda uma charge contextualizada sobre as novidades da guerra. O tema dos judeus foi coadjuvante. Ainda mais inusitada é a quantidade de charges sobre o antissemitismo nazista – ou sobre qualquer tema que se aproxime deste – publicadas pela *Careta* durante os longos anos que serviram de palco para a Segunda Guerra Mundial. Não passam de dez charges, algumas como as acima, com os judeus ausentes do primeiro plano de ação. Entre as aqui analisadas, duas são anteriores à declaração internacional de guerra. Uma delas é de Osvaldo, que dessa vez confere à questão um lugar maior ao sol, inserindo o tema dos judeus em um assunto de natureza diferente. Os alemães teriam sido avisados pelo Comitê Nazista de Peritos de que comer carne seria um crime de alta traição, o que obviamente faria qualquer alemão excluir o alimento da dieta, mas a razão de tudo era desconhecida por um dos senhores de Osvaldo. O outro, contudo, tem certeza que, na Alemanha, os bois andam atacando os judeus, e por isso estariam sendo poupados pelos nazistas.



Figura 54 Osvaldo. *Careta*, 26/08/1939, nº 1627, ano XXXII, p. 8.

<sup>143</sup> MULLER, Jerry Z. *Os Judeus e o Capitalismo Mundial: o que explica o sucesso judaico nas sociedades capitalistas?* São Paulo: Saraiva, 2011. p. 14.

O antissemitismo era o “cimento ideológico” do Movimento Nacional Socialista. Até a Alemanha tornar-se nazista, os judeus desfrutavam dos mesmos direitos constitucionais dos alemães. Mas, a partir de 1928, os isolados *pogroms*<sup>144</sup> e as esporádicas surras aplicadas nos judeus pelos adeptos da SA, tornaram-se cada vez mais frequentes. Um mês após Hitler ter assumido o poder, em 11 de abril de 1933, foram baixadas as leis arianas. As perseguições prosseguiram: prisões em massa e internamentos, sem processo, nos recém-construídos campos de concentração; boicotes econômicos; congelamentos de contas bancárias; proibição de ocupar qualquer função pública. Depois veio a proibição de exercer suas atividades comerciais, as profissões liberais, inclusive a medicina.

As demandas estridentes por uma legislação mais dura contra os judeus aumentaram na primavera e no verão de 1935, que culminaram nas conhecidas leis antissemitas de cidadania e de sangue, anunciadas em Nuremberg, e por isso conhecidas como Leis de Nuremberg. Já em seu primeiro artigo, constava a proibição dos casamentos entre judeus e cidadãos de sangue alemão ou aparentado, artigo cuja pena levava seu infrator aos trabalhos forçados. Também eram proibidas relações extramatrimoniais entre judeus e alemães, e judeus não podiam ter em suas casas criadas arianas ou aparentadas com menos de 45 anos. Em dezembro de 1939, logo no início da guerra, Théó usou de muito bom humor para trazer aos leitores brasileiros uma das inúmeras proibições a que foram sujeitos os judeus durante o domínio nazista do Terceiro Reich.

---

<sup>144</sup> O principal deles data de novembro de 1938 quando, após um atentado executado por um judeu que tirou a vida de Erns von Rath, terceiro secretário da embaixada alemã em Paris. A imprensa nazista, comandada por Goebbels, foi inundada por ataques violentos aos judeus, uma garantia de incitamento à violência. Nos dias 9, 10 e 11 de novembro, foram organizados, com a conivência do partido e a incitação dos líderes locais do NSDAP, pogroms por todo o país, como retaliação ao atentado contra o secretário da embaixada. Em toda a Alemanha, militantes do partido foram convocados para incendiar sinagogas e atacar e saquear propriedades de judeus. 75 sinagogas foram incendiadas, quinze delas em Berlim. A Noite dos Cristais (*Kristallnacht*, em alemão) teve seu fim por decisão nazista, como anotara Goebbels em seu diário: “Com pequenas alterações, o Führer aprova meu édito sobre o fim das ações. [...] O Führer quer tomar medidas muito severas contra os judeus. Eles devem arrumar seus negócios sozinhos. O seguro não lhes pagará nada. Depois o Führer quer gradualmente expropriar os negócios judeus” (K KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 491) (ABRAHAM, Bem. **Holocausto**: o massacre de 6 milhões. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985. p. 25)



Figura 55 Théo. *Careta*, 30/12/1939, nº 1645, ano XXXII, p. 36.

“O Biombo peludo

(não foram distribuídos aos judeus os cartões de racionamento de vestuário).

ISAAC – quando acabar essa roupa, como vai ser, Salomão?

SALOMÃO – Deixaremos crescer mais dois palmos de barba, se não quisermos entrar para o club dos nudistas...”

Antes mesmo de J. Carlos, Théo já trabalhava com o estereótipo físico e nominal dos judeus. Isaac e Salomão, dois nítidos judeus, conversam no cenário urbano quase cubista criado por Djalma sobre a restrição que os judeus sofreram ao não receberem os cartões de racionamento de vestuário. Isaac parece preocupado, as sobrancelhas arqueadas, sem saber o que fará quando a roupa que está vestindo acabar; a solução encontrada por Salomão, justificando o título da charge, é que ele e o companheiro deixassem a barba crescer mais dois palmos para que “as partes” ficassem cobertas, ou, ao contrário, teriam de entrar para o clube de nudistas. Através do realce de uma característica marcante dos judeus – ou pelo menos de seu estereótipo – Théo conseguiu transformar um caso delicado e desumano em objeto de crítica chistosa. Mas não apenas as proibições nazistas foram achincalhadas na *Careta*, as “concessões” nazistas também figuraram nas páginas do periódico, bem ao estilo “quando a esmola é muita o santo desconfia”, usando um ditado popular brasileiro, como Théo na charge abaixo.



“Dar dentes... a quem não tem nózes  
 (o governo do Reich resolveu permitir aos judeus o uso de dentaduras)  
 Dos jornaes.  
 - Não sei para que! Eles não têm mais nada para roer...”

**Figura 56** Théo. *Careta*, 17/06/1939, nº 1617, ano XXXII, p.19.

É de antes da declaração formal de guerra, mas produto do período tenso que antecedeu a eclosão de fato da Segunda Guerra, a charge de Théo, que traz a inversão da lógica natural de um dito popular em seu título. Na versão integral, o ditado é “Deus dá nozes a quem não tem dentes”, o que significa que muitas vezes as oportunidades são dadas a pessoas que não sabem ou não podem aproveitá-las. Foi uma excelente escolha para o título de uma charge cujo tema é a [surpreendente] permissão dos nazistas para que os judeus utilizassem dentaduras, já que não faria o menor sentido privar-lhes de comer, mas garantir-lhes o direito de mastigar. A concessão, no fim das contas, foi utilizada para criticar a proibição.

Os judeus não foram perseguidos somente na Alemanha. Com as invasões, e consequentes posses, nazistas, as minorias sociais vistas com maus olhos também experimentaram o terror que se vivia no Terceiro Reich. Na Polônia, país cuja invasão pela Alemanha e URSS foi o estopim para a eclosão da guerra, os judeus – uma proporção minúscula da população alemã, não eram apenas muito mais numerosos, mas também desprezados por muitos poloneses, e passaram a ser os mais reles entre os reles aos olhos dos brutais ocupantes do país. A nova guerra trazia as circunstâncias e oportunidades para a radicalização dramática da cruzada ideológica do nazismo. A Polônia era o *playground*

experimental dos teóricos da dominação nazista e dos tecnocratas do poder na liderança da SS, uma precursora do que aconteceria com a Rússia bolchevique em 1941.

É sobre um conhecido e peculiar método de resolução de problemas – muito utilizado pelos nazistas – a capa da edição de 1803, assinada por Jota Carlos, naturalmente.



**Figura 57** J. Carlos. *Caretta*, 16/01/1943, nº 1803, ano XXXV, capa.

J. Carlos presenteou os brasileiros com uma brilhante charge, logo em janeiro de 1943. Construída em três planos, no primeiro o que se vê é uma grande cartomante, parcialmente de costas para o leitor e defronte sua mesa de trabalho, um livro com a estrela de Davi – clara referência aos judeus – e um gato preto – ícone universal do azar; no segundo plano temos Hitler, em semblante severo e apontando o dedo indicador em sinal de ordem em direção a Goering, que obedece a seu Führer com a saudação nazista – é, inclusive, possível imaginar os dizeres “Heil Hitler!”; o terceiro plano não desempenha função relevante na cena, é composto pela silhueta de dois soldados nazistas, provavelmente encarregados da segurança de Hitler. A posição do livro, fora do campo de visão de Hitler, sugere que a charlatã teria se apoiado em ideias judaicas para prever o futuro do Führer – e naturalmente do Terceiro Reich



– ao mesmo tempo em que a negatividade do prognóstico estava garantida pela presença do gato preto. Não se sabe exatamente o que a cartomante teria dito a Hitler, mas “dias muito sombrios” aguardavam os nazistas. Qual a providência a se tomar? “Manda fuzilar o futuro!”, o mesmo método aplicado contra os judeus da charge de Osvaldo (figura 50), acusados de provocar tremores de terra na Alemanha.

Entrando, agora, no campo dos “talvez” e dos “pode ser” que o historiador dispõe quando a documentação é insuficiente ou ambígua, utilizando os termos de Natalie Zemon<sup>145</sup>, fortes indícios levam a crer que essa situação retratada por J. Carlos – Hitler interessado em conhecer seu futuro por meios sobrenaturais – realmente aconteceu. Embora nenhuma das obras consultadas – biografias oficiais, relatos pessoais, bibliografias acadêmicas – mencione o fato, consta que Hitler teria viajado até a casa de Baba Vanga, uma vidente búlgara muito conhecida na Europa do período, para conhecer o que o futuro lhe reservara; é relatado, contudo, que Hitler deixara não muito feliz a casa de Baba Vanga, após ouvir o que a vidente lhe dissera. O caso parece se confirmar nas páginas da própria *Careta*, já que em 9 de janeiro do mesmo ano, portanto antes da charge de J. Carlos, Théo desenhara uma charge em que Hitler consulta com uma Cartomante, que lhe dá más notícias, e em maio daquele ano, Théo voltou a abordar o assunto, dessa vez indiretamente, a “cigana” sendo mencionada por Stálin.



**Figura 58** Théo. *Careta*, 09/01/1943, n° 1802, ano XXXV, p. 8.



**Figura 59** Théo. *Careta*, 29/05/1943, n° 1822, ano XXXV, p. 32.

De qualquer maneira, houve esforços de nossos caricaturistas no sentido de desacreditar o ditador alemão, ressaltando a ideia de um chefe de Estado que se deixa influenciar por

<sup>145</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 312

prognósticos sobrenaturais. A charge de J. Carlos, ainda, mostra outra face da administração de Hitler, que costumava resolver seus problemas por meio de retaliações extremamente brutais. E os nazistas tinham quem executasse com extrema eficiência suas ordens. A seu serviço, o nazismo teve o apoio das SA (*Sturmabteilung* – as Tropas de Assalto), das SS (*Schutzstaffel* – que, em português, se aproxima de “escudo de proteção”) e da Gestapo, que teve contribuição significativa na perseguição de minorias e nas execuções dos malfadados campos de concentração<sup>146</sup>. Em 1939, Hitler programou, com a colaboração de médicos do partido, o assassinato burocraticamente organizado dos seres considerados inferiores. O programa de eutanásia propunha “a destruição das vidas que não valiam a pena ser vividas”.



Figura 60 Théo. *Careta*, 05/08/1944, ano XXXVII, p. 3.

Os cochilos do carrasco

GOEBBELS – E se houver reação nos países ocupados?  
 HITLER – o culpado será Himmler... teria ele deixado ainda alguém capaz de reagir?! ...

D.P.F.

Valendo-se de números que calculavam o custo para a sociedade da manutenção de velhos, doentes incuráveis, deficientes físicos e mentais, o programa propunha a eliminação desses seres em nome da pureza da raça<sup>147</sup>.

A charge monocromática ao lado, como tradicionalmente era todas as charges da página 3 da *Careta*, é assinada por Théo e traz três das principais lideranças do Terceiro Reich: Hitler, Himmler e Goebbels. Himmler, embora sequer abra a boca, seria o culpado caso houvesse alguma reação nos territórios ocupados. Henrich Himmler, Ministro do Interior do Reich, chefe da SS e responsável por “cuidar” da questão judaica, que, em 4 de

<sup>146</sup> COUTO, Sérgio Pereira. **Dossiê Hitler**. São Paulo: Universo dos Livros, 2007. p.80.

<sup>147</sup> CAPELATO, Maria Helena. **O nazismo e a produção da guerra**. Revista USP, São Paulo. p. 82-93, junho/agosto 1995. p. 91.

outubro de 1943 teria dito a seus oficiais que esse massacre era “uma página gloriosa da história alemã, que nunca fora e jamais seria escrita”<sup>148</sup>, era o homem responsável pela eficiência do genocídio comandado pelos nazistas. Num regime obcecado por encontrar culpados e bodes expiatórios, seria ele, naturalmente, quem receberia a culpa no caso de alguma reação nos países ocupados. A charge é uma grande denúncia da desumanidade que cercava o regime de Hitler, e, vale a ressalva, deslocou o foco da crítica de Hitler para Himmler, dividindo a responsabilidade do genocídio entre os membros da liderança nazista. Com isso, a crítica ao nazismo se enriqueceu, uma vez que, além de denunciar as atrocidades nos países ocupados, Théo colocou outros nomes em evidência. Na Polônia, um dos países que mais sofreu os reveses da ocupação nazista, as atrocidades foram tantas que, além dos assassinatos, cerca de 15% de todas as crianças polonesas foram deportadas para a Alemanha como escravas. Apenas 10% delas sobreviveram para voltar ao seu país natal depois da guerra<sup>149</sup>.

As torturas psicológicas pelas quais passavam os que estavam direta e indiretamente envolvidos na guerra também figuraram nas páginas da *Careta*. E, no geral, essas torturas pareciam sempre estar



ligadas a algum ato dos nazistas. A obsessão nazista por manter as aparências atingiu seu ápice na Segunda Guerra Mundial, e foi devidamente registrada pelo traço infalível de Théo. A desumanidade da notícia, segundo a qual, na Alemanha, as pessoas que perderam parentes na guerra eram proibidas de exteriorizar sua tristeza e sua dor, é reiterada pelo título e pela fala de Hitler. Trata-se

Figura 61 Théo. *Careta*, 16/01/1943, nº 1803, ano XXXV, p. 40.

<sup>148</sup> REVISTA BBC HISTÓRIA. Rio de Janeiro: Tríade, 2011. Mensal. p. 14.

<sup>149</sup> Idem.

de uma charge portadora de um humor mais pesado em relação às outras, ao fundo, um homem jaz enforcado. Sua família, tão vítima do nazismo quanto ele próprio, não deveria expor seu sofrimento, em prol do partido e do Estado. Tamanha era a doação que o nazismo exigia dos alemães, sua liberdade, sua disciplina, seus sentimentos e, por vezes, suas vidas.

Mas não era apenas gente comum quem tinha de se submeter às vontades de Hitler e se alinhar às diretrizes do nazismo. A notícia da charge ao lado conta que Ion Antonescu, marechal e primeiro ministro da Romênia, país que entrou totalmente na órbita alemã ao participar do Pacto Tripartite, em novembro de 1939, surgira sorridente após uma conferência com Hitler. A charge faz referência a uma das conferências que fez



Figura 62 Osvaldo. *Caretta*, 06/03/1943, nº 1810, ano XXXV, p. 8.

Hitler com seus aliados no primeiro semestre de 1943, quando estava no Berghof. Além de Antonescu da Romênia, autoridades da Bulgária, Hungria, Noruega, Eslováquia, Croácia e da França ocupada. Na ocasião, Hitler fez Antonescu saber que estava cômico das tentativas de aproximação dos Aliados feitas por ministros romenos. Como de costume, apresentou uma escolha simples entre vitória total ou “completa destruição” numa luta até o fim por “espaço vital” no leste. Parte do argumento implícito de Hitler, buscando evitar que o apoio se esvaísse, era jogar com a cumplicidade na perseguição dos judeus. Sua paranoia sobre a responsabilidade dos judeus pela guerra e todos os seus males levava facilmente à sugestiva ameaça de que não era mais possível recuar, não havia saída e a retaliação em caso de derrota viria a ser terrível<sup>150</sup>. Apesar das fortes ameaças de Hitler, Antonescu ainda surgia sorrindo após a conferência, mantendo as aparências “à moda da casa”.

<sup>150</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 794

Resta, ainda, abordar um ponto que era muito caro ao time de caricaturistas que cobriram as páginas da *Careta* com charges tão criativas, munidas de uma aversão profunda ao totalitarismo na Europa. Para eles, tão importante quanto denunciar os crimes nazistas e demonizar as figuras de seus líderes, era não deixar impunes os arianos/alemães, a raça que Hitler tinha tanto orgulho de anunciar como a escolhida pela Providência para subjugar todas as demais. Osvaldo publicou uma charge interessante sobre a questão racial nazista em meados de 1943.



Figura 63 Osvaldo. *Careta*, 14/08/1943, nº 1833, ano XXXVI, p. 12.

Nela, a discussão gira em torno de uma notícia divulgada no periódico alemão *Das Reich*<sup>151</sup>, segundo a qual corria a informação de que, na Alemanha, uma em cada catorze crianças era legítima. Obviamente, as treze outras crianças não possuíam o “sangue puro”, isto é, o pré-requisito para ser considerado ariano, desviando-se, assim, do padrão desejado pelos nazistas. A personagem de Osvaldo, contudo, não compreende qual seria o critério de segregação que classificaria crianças entre legítimas e ilegítimas – a ideia que lhe vem à cabeça é que, se apenas uma criança é legítima, todas as treze demais crianças seriam sintéticas. A segregação racial dos nazistas, incompreensível, era pintada como sem sentido

<sup>151</sup> Periódico de “qualidade” utilizado pelos nazistas para divulgar suas diretrizes. (KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 721)

nas páginas da revista. Nelas, os arianos conquistaram o “espaço” que tanto procuraram – e fracassaram procurando – na Europa. Esse espaço, no entanto, era sempre utilizado contra eles, não importa como. Théo, com poucas palavras, foi categórico quanto ao fim que deveriam esperar os arianos.



Figura 64 Théo. *Caretta*, 01/07/1944, nº 1870, ano XXXVII, p. 4

Três solenes senhores – líderes das três maiores potências envolvidas na guerra – observam transparecendo serenidade uma senhora gorda, portadora de grossas tranças, e que vem a representar a Alemanha. Em outras charges, normalmente a figura da mulher seria substituída pela de Hitler, mas não aqui: a crítica de Théo não é contra Hitler, ou contra o partido, ou contra o regime nazista, ou ainda contra tudo o que quer que Hitler possa representar. Dessa vez, Théo se dirigia a algo maior, que encobria até mesmo Hitler – seu alvo era toda a Alemanha, e os filhos que ela gerou e que podia vir a gerar. Quando questionados pela mulher o que pretendiam dela fazer, a resposta de Stálin foi categórica: “Vamos esteriliza-la”. Impedir que a Alemanha gerasse novos filhos funcionaria como uma medida profilática: uma tentativa de impedir que calamidades como os nazistas voltassem a surgir na Europa. Théo voltou a falar dos arianos no mesmo mês, desta vez se apoiando num informe do noticiário: “Contou à imprensa o General Montgomery que um prisioneiro alemão ferido

recusou uma transfusão de sangue britânico, preferindo morrer”. O general, segundo um dos homens de Théó, teria considerado o homem um pobre de espírito, já seu companheiro de conversa acha diferente, prefere julgá-los como fanáticos. A ideia com essas charges era buscar a homogeneização<sup>152</sup> das concepções dos brasileiros sobre os arianos, que se confundem com os alemães, que, por sua vez, se confundem com Hitler e o partido. Todos eram apenas um, e deveriam ter suas bases de sustentação solapadas em unidade.



Figura 65 Théó. *Careta*, 29/07/1944, n° 1883, ano XXXVII, p. 36.



Figura 66 Théó. *Careta*, 14/08/1943, n° 1833, ano XXXVI, p. 4.

<sup>152</sup> BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Sátiras dos mais diversos tipos apareceram nas edições que se seguiam da Careta. A Alemanha, além de parir filhos fanáticos, para Théo eles sequer possuíam coração. O noticiário informou que, na Alemanha, teria nascido uma criança com dois corações, o que espantou um dos distintos senhores em diálogo, que achou a notícia sensacional, uma vez que lá as crianças costumam nascer sem coração algum. Théo pintou os arianos como desprovidos de coração, da capacidade de amar, portanto, como seres sub-humanos, escória da pior espécie. Foi Osvaldo quem utilizou uma tentativa de suicídio por um alemão – Roberto Dietz – na Bahia para deduzir que todos os alemães fracassam no que tentarem.

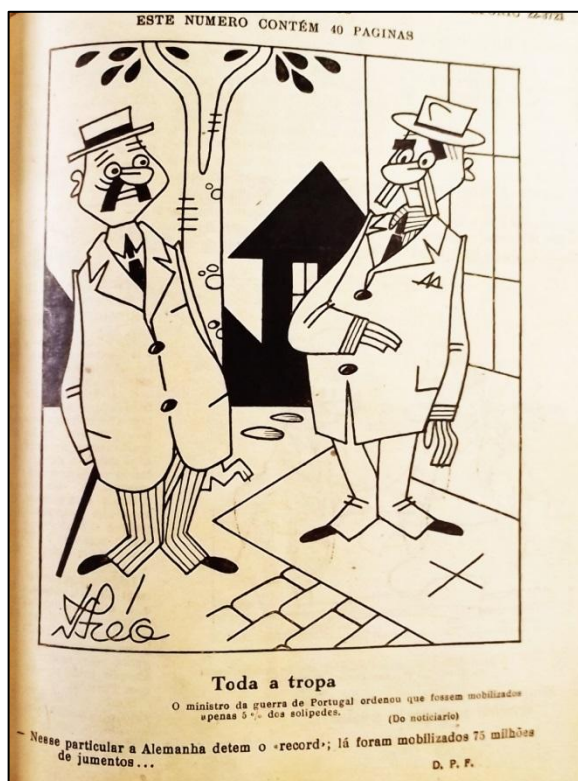


Figura 67 Osvaldo. *Careta*, 23/01/1943, nº 1804, ano XXXV, p. 8.

Mas é de Théo o destaque para a retaliação aos arianos pelos lápis e criatividade dos caricaturistas. Por duas vezes em 1943 e uma em 1944, Djalma comparou os nazistas, arianos, alemães a animais vinculados a valores e sensações da pior espécie. Em 23 de outubro de 1943, igualou os soldados alemães a jumentos. A notícia dizia que o ministro da guerra de Portugal ordenou que fossem mobilizados somente 5% dos solípedes. O distinto senhor que figura em mais uma excelente charge da página 3 aponta que “neste particular a Alemanha



detém o ‘record’; lá foram mobilizados 75 milhões de jumentos”, isto é, “toda a tropa”, como diz o título do desenho (figura 67).



**Figura 68** Théo. *Careta*, 23/10/1943, nº 1843, ano XXXVI, p. 3.



**Figura 69** Théo. *Careta*, 30/10/1943, nº 1844, XXXVI, p. 3.

Indo além dos jumentos, Théo ainda compara os alemães a ratos. O título “1 rato + 1 nazista = 2 alemães” – uma expressão algébrica –, maneira mais simples de se explicar um raciocínio lógico, é, além disso, uma expressão da proposta de fusão entre a figura do alemão e a do nazista. Após a notícia da invasão da “Grande Alemanha de Hitler” por 80 mil ratos, mais uma vez um dos sábios senhores distintos da página 3 de Théo conclui, então, que a Alemanha agora possui população dobrada.

Saindo da página 3, e de 1943, em julho de 1944 Théo voltou a fazer comparações entre nazistas e animais. Dessa vez os escolhidos foram os porcos. As personagens, dessa vez muito bem caracterizadas como dois holandeses, conversam a respeito da invasão nazista no país. Um deles dá a notícia de que ouviu dizer que os alemães, ao desocuparem o país, vão inundar a Holanda; a outra, por sua vez, diz que água seria o de menos, perto de tanta sujeira deixada pela passagem dos alemães. Entre jumentos, ratos e porcos, misturam-se nazistas, alemães e arianos.



Figura 70 Théo. *Caretta*, 10/07/1944, nº 1876, ano XXXVII, p. 40.

\*\*\*\*\*

Em um breve balanço, é possível perceber que Théo e Osvaldo foram os grandes pilares da crítica às políticas e ideias nazistas, os únicos a se voltarem contra os arianos em particular. José Carlos teve uma participação mais discreta – talvez porque charges de Hitler em pessoa nas capas da revista atraíssem mais olhares, e, uma vez que todas as capas da *Caretta* eram assinadas por J. C., o desenhista devia empenhar maior parte de seu tempo desenvolvendo charges nesse sentido. No capítulo anterior, foi apresentado um gráfico que mostra em quantidade o número de capas que foram dedicadas exclusivamente à pessoa de Hitler. No entanto, nas poucas contribuições que prestou, José Carlos mostrou porque pode ser considerado um dos maiores mestres da caricatura brasileira, seja desdenhando a propaganda nazista, seja desejando o “bóta –fora” dos nazistas no ano de 1943. De qualquer forma, Théo e Osvaldo foram capazes de conduzir – praticamente – por si mesmos as críticas brasileiras contra os fanatismos nazistas.

Inicialmente, procurou-se mostrar a eficiência do governo nazista em alinhar culturalmente os alemães às diretrizes do partido. A proposta doutrinária do regime de Hitler objetivava, acima de tudo, conquistar apoio, portanto legitimidade pública, para levar adiante a execução dos planos que possuía para o futuro da Alemanha. Tal era a dimensão da educação doutrinária dos alemães, que produziu o hábito (forçado, ou não) de *saudar o líder* levantando o braço direito, ato que não passou despercebido por nossos caricaturistas, e que

foi objeto de releituras derrotistas. A conquista da opinião pública, e sua consequente aceitação do nazismo, foi em muito facilitada pelo aparato de *propaganda* manipuladora chefiada por Joseph Goebbels<sup>153</sup> que, ao lado de Hitler, foi o líder nazista que mais deteve a atenção de nossos caricaturistas. Pintou-se nas páginas da *Careta* uma propaganda enganosa e manipuladora, responsável por veicular inverdades e falsas esperanças.

Comandado por *ambiciosos e gananciosos*, o regime nazista trazia consigo, na visão dos chargistas, ideais diabólicos. A incansável busca por um “*espaço vital* infinito”, baseada num ideal racista de superioridade da *raça ariana*, que subjugou e massacrou milhões de *judeus* e outras minorias na Europa, tudo isso foi objeto de chiste e intensa crítica do outro lado do Atlântico, justificando plenamente o caráter mundial da Segunda Grande Guerra. Os alemães, que não se distinguiam de ratos, porcos e jumentos, também não foram poupados das pontas afiadas de nossos lápis: sem coração, seriam fanáticos que deram a Hitler a oportunidade de conduzir o mundo para um conflito de dimensões mundiais.

---

<sup>153</sup> COUTO, Sérgio Pereira. op.cit. p. 65.

**CAPÍTULO III : “É RIR PRA NÃO CHORAR” - O “EIXO QUEBRADO” NA GUERRA MUNDIAL**

*“Aqui chama-se Paz a esse esforço de todos contra todos...”*

*Montesquieu*



**Figura 71** J. Carlos. *Caretta*. 18/05/1940, nº 1664, ano XXXII, capa.

Os selvagens (?)

UM CAFRE – O que mais admiro é o grau de civilização ao qual eles atingiram.

Comportamento selvagem. Atividade primitiva. Assim era retratada a Segunda Guerra Mundial pelos caricaturistas da *Caretta*. Particularmente por J. Carlos, como na charge escolhida para dar início ao capítulo. Escudos, lanças e pinturas corporais nos levam a três homens negros, membros de alguma tribo, que observam a guerra escondidos pela vegetação. À frente deles, um grande tanque ataca ferozmente uma imponente construção. Através dela, J. Carlos constrói sua linha de raciocínio: ao aproximar na mesma charge realidades tão

opostas – a selvageria e a civilização – o caricaturista nos leva a questionar a natureza da guerra, travada entre grandes sociedades civilizadas. J. C. inverte por completo a lógica e com isso critica veemente a barbárie humana – a selvagem maneira de resolver problemas criados por homens civilizados. O ponto de interrogação entre parênteses no título é o responsável por causar este estranho questionamento: quem são os selvagens, quem são os civilizados?

Este mesmo questionamento se faz J. Carlos ao desenhar a capa da *Careta* do dia 10 de agosto de 1940. A diferença é que aqui quem observa [e se espanta] com a barbárie humana são dois macacos. Trata-se de um processo educativo, no qual a macaca “mãe” ensina ao pequeno Chiquinho, ambos sobre um galho e trajando peças do vestuário humano, hábitos dos homens os quais não se deve imitar. Abaixo deles, as personagens bíblicas Cain e Abel, guerreando brutalmente com espadas e clavas, além de, inusitadamente, botas e capacetes de soldados contemporâneos.

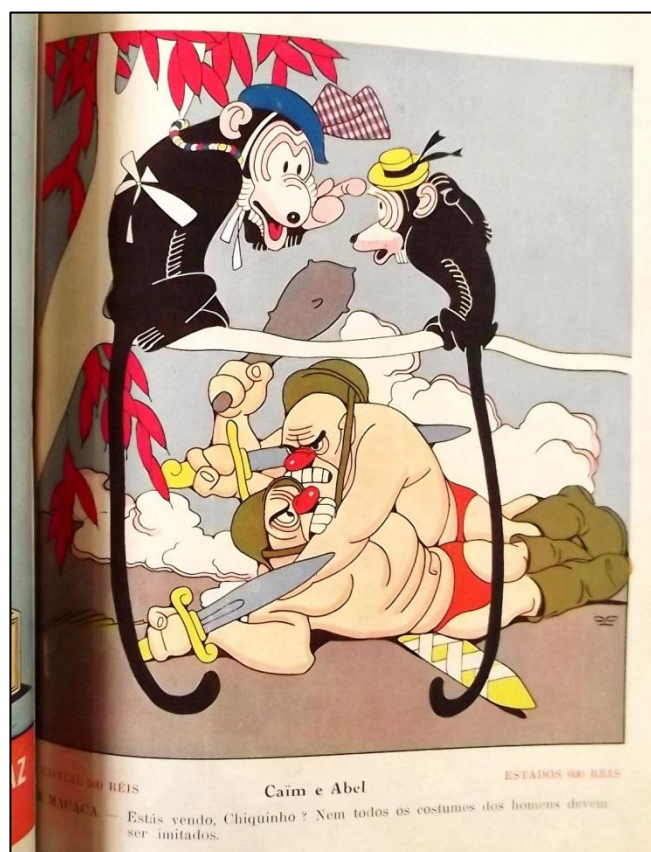


Figura 72 J. Carlos. *Careta*, 10/08/1940, nº 1676, ano XXXIII, capa.

#### Caim e Abel

A MACACA – Estás vendo, Chiquinho? Nem todos os costumes dos humanos devem ser imitados.

Neste caso, não são mais os selvagens quem se espantam com a guerra, mas primatas – os macacos, animais evolutivamente mais aparentados com o ser humano. Eles, inclusive, aprendem conosco a lição do que não se deve fazer, um hábito a não ser copiado. De fato, As luzes da civilização pareciam apagar-se sucessivamente – na Europa, na Ásia, na URSS. A barbárie parecia avançar por toda parte. 1940, 1941 e 1942 foram os anos mais negros de nossa era. Coincidentemente – ou não – nestes mesmos anos os exércitos do Eixo conquistaram suas mais significativas vitórias. A *Blitzkrieg* alemã mostrara-se mortalmente eficaz, e a declarada “guerra de aniquilação” contra a União Soviética em muito contribuiu com o número de vítimas no conflito. O total de mortes é calculado entre 50 e 55 milhões de pessoas, entre as quais a maioria esmagadora foi de civis – 33,35 milhões, contra 19,8 milhões de militares. Esta trágica peculiaridade da guerra foi percebida pelos chargistas, que chegaram a fazer comparações com a Primeira Guerra Mundial. A charge abaixo, chocante, pertence a J. Carlos.



Figura 73 J. Carlos. *Careta*, 07/12/1940, nº 1693, ano XXXIII, p. 36-37.

“Afinal, convenhamos: agora corre menos sangue”. J. C.

Esta charge ocupou duas páginas da *Careta*, e, particularmente, é provável que jamais tenha provocado o riso em quem a observasse. J. Carlos precisava caricaturar a barbárie da guerra, que de modo algum possui características engraçadas ou detalhes gozados que pudessem ser realçados e, assim, provocar o chiste. A guerra era trágica, e precisava ser representada dessa forma. Em tons escuros de cinza e vermelho, J. C. compara o primeiro Armagedom com a guerra que presenciava. Na primeira cena, o que se vê é um cenário de guerra, fumaça, muitos corpos, mas todos de soldados, o que é relativamente aceitável. Já na segunda, o cenário é outro: trata-se dos escombros de uma cidade, entre tijolos, cadeiras e janelas. Apenas um corpo jaz morto, e é esta a grande jogada da charge: uma criança abraçada em sua boneca. José Carlos provoca comoção e alerta para o fato da morte de civis e do bombardeio a cidades, matando milhares de inocentes. J. Carlos, quando desenhou a charge e elaborou sua legenda, ainda não sabia, mas a guerra duraria mais quatro longos anos, ultrapassaria em muito a Primeira Guerra Mundial em número de vítimas, e se tornaria o

conflito mais sangrento de todos os tempos.

Pouco tempo antes, J. Carlos já havia explorado numa capa a ideia de uma montanha de escombros civis para destacar a situação das cidades europeias durante a guerra e o desencadeamento dos ataques em lugares povoados por inocentes. Dessa vez, existe mais cor na cena, que não parece tão mortífera. A grande ironia está na fala do elegante homem, segundo a qual a nação vencedora colocaria sua bandeira no ponto mais alto da montanha de escombros. A vitória se daria à custa da morte de um grande contingente de



**Figura 74** J. Carlos. *Careta*, 09/11/1940, nº 1689, ano XXXIII, capa.

Os escombros

- Lá em cima então, bem no alto, a nação vitoriosa colocará a sua bandeira.

civis e da destruição de cidades inteiras. A charge muito provavelmente, inclusive pela obra de arte parcialmente soterrada pelos escombros, se refere aos ataques noturnos a Londres pela *Luftwaffe* de Göering, em retaliação aos bombardeios de Berlim pela RAF no final de agosto. A partir de 7 de setembro de 1940, foi a vez dos cidadãos da capital inglesa experimentarem noite após noite o terror que vinha dos céus. Foi com muito requinte e irreverência que José Carlos voltou ao assunto em 1941.



**Figura 75** J. Carlos. *Careta*, 24/05/1941, nº 1717, ano XXXIII, capa.

#### O Regresso do front

- John! Como você está bem disposto! Não imagina como é a vida numa cidade, sob o silvo das sirenes, a matraca das metralhadoras, a explosão dos obuses, o crepitar dos incêndios...

O robusto soldado inglês John acabara de regressar do *front* de batalha à cidade, e reencontra sua mulher e filha. A lógica da guerra se inverte, no entanto: pareciam – e parecem estar – num *front* a mulher e a criança, que sofriam incessantemente com a iminência da morte em decorrência dos bombardeios às cidades. É o soldado quem parece bem disposto e saudável, como se a guerra no *front* não existisse, apenas a urbana. O casal, contudo, não



parece seguro, pois J. Carlos adicionou à situação um explícito alerta da pequena inglesa, que olha assustada e boquiaberta pra o alto e puxa a saia da mãe, que parece não perceber, preocupada demais em relatar os acontecimentos da cidade para o marido. Algo estava prestes a acontecer, e a criança tentava avisar sua mãe.

Não obstante os terríveis bombardeios sobre Londres, as maiores vítimas foram os soviéticos – enquanto 8.670.000 militares perderam suas vidas nos fronts, 16.900.000 civis foram mortos. A proporção foi ainda pior na Polônia – dos 6.600.000 de poloneses mortos, 6.000.000 eram civis. Na China, as baixas chegaram a 13,4 milhões, dos quais apenas 3,4 eram militares. Ironicamente, a Alemanha inverteu a regra – foram 3.250.000 de militares mortos contra 2.000.000 de civis. Vale a ressalva de que as perdas civis aqui incluem vítimas judias que foram mortas durante o Holocausto. Não há dúvidas de que o número de mortes da Segunda Guerra Mundial foi o maior de toda a história, tornando menos relevantes as milhões de perdas da Primeira Guerra. Na Polônia, país que concentrou a maior parte dos campos de concentração e extermínio nazistas, cerca de 3.000.000 de judeus foram assassinados. O total de perdas judias foi estimado em 5,7 milhões. Houve também muitas outras formas de baixas, além de mortes propriamente ditas. Milhões de pessoas ficaram mutiladas ou foram psicologicamente desorientadas pela guerra, incluindo aquelas que sobreviveram aos ataques à bomba, e particularmente a bomba atômica, cujos efeitos posteriores continuaram a existir por meio da transferência genética para futuras gerações. Outros milhões foram deixados sem teto pelos bombardeios e combates em terra, forçados a viver em cabanas e porões ou



construções pré-fabricadas por anos após o fim da guerra.

É plausível supor que muitos dos leitores da *Careta* neste período (1939-1942) tenham vivido, ainda que não tão de perto, o pesadelo da Primeira Guerra Mundial, que se estendeu por quatro anos. Duas décadas separaram o fim de um

Figura 76 Osvaldo. *Careta*, 10/08/1940, nº 1671, ano XXXIII, p. 12.

conflito e o início do outro, e surgiram charges que se preocuparam com esse caráter frequente das guerras.



**Figura 77** Théo. *Careta*, 15/03/1941, nº 1707, ano XXXIII, p. 36.

Em ambas as charges, uma assinada por Osvaldo e outra por Théo, seja a ideia de uma guerra que durasse vinte anos, seja a de outra guerra que se iniciaria vinte anos à frente – ambas interpretações possíveis – o tema central é a presença de um futuro bélico e da consequente preparação e proteção dos “soldados do futuro”, quer levando as crianças para locais seguros, quer aumentando a taxa de natalidade. J. Carlos também explorou essa ideia, mas ao seu ilustre modo.



**Figura 78** J. Carlos. *Caretá*, 28/09/1940, n° 1683, ano XXXIII, capa.

Mais soldados!

(fugindo do serviço militar, os americanos recorrem ao casamento).

TIO SAM – Que negócio é esse? A guerra a pedir soldados e vocês nessa conversa de beija-flor?

O MARINHEIRO – É que nós estamos pensando na guerra do futuro.

Além de abordar outro personagem do teatro de guerra, os Estados Unidos, J. Carlos se vale de uma notícia para fundamentar sua crítica, construída, aliás, com muito bom humor. Em uma charge quase romântica, o caricaturista insere a questão da “guerra do futuro” em uma notícia da qual essa conclusão pudesse ser tirada. Ao noticiarem que os americanos estavam se casando para fugir do serviço militar americano, J. C. pôde criar uma charge que deduzisse disso que, em consequência do casamento, os “soldados do amanhã” estariam sendo gerados. O fato é que não apenas a guerra, mas a preocupação com uma guerra longa

ou com uma nova guerra em vinte anos, perpassava pelo imaginário dos cariocas logo nos anos iniciais da Segunda Grande Guerra.

No tocante à política externa, Hitler executou seu programa ponto por ponto. Fiando-se no espírito timorato das democracias enervadas pela “plutocracia-judeu-maçônica”, Hitler dividiu sua imensa “aposta” em parcelas sucessivas e se empenhou em conquistar cada uma dessas parcelas dissimulando cuidadosamente as etapas posteriores. Assim se exercia nos países “decadentes” um efeito aterrorizante, obrigando-os a ceder. A política de *appeasement*, da qual Neville Chamberlain e George Bonnet são as figuras mais conhecidas, consistia em prevenir a agressão, cedendo antecipadamente ao agressor. Para George Bonnet, era talvez um meio de ganhar tempo enquanto esperava que a França estivesse pronta militarmente. Para Chamberlain, era uma verdadeira doutrina: reparar as injustiças do Tratado de Versalhes aceitando as iniciativas alemãs e desse modo economizar uma guerra.

Stálin, ofendido por não participar da conferência de Munique em 1938, da qual participaram Inglaterra, França, Alemanha e Itália, substituiu Litvinov nos Negócios Exteriores, considerado um pró-ocidental, por um personagem mais importante, Molotov. A reviravolta consistiu na iniciativa de uma negociação secreta com a Alemanha, enquanto a negociação com os ocidentais ia de encontro aos detalhes. Em 23 de agosto de 1939, o mundo, amedrontado, soube que Ribbentrop<sup>154</sup> acabara de assinar em Moscou um tratado de não agressão com a União Soviética<sup>155</sup>.

A esse tratado estava anexado um protocolo secreto de divisão das zonas de influência. Bruscamente, Hitler reclamou Dantzig, cidade situada no norte da Polônia e povoada por alemães, e um caminho extraterritorial através do “corredor”. Ainda aí se mascarava um jogo. Hoje sabemos que desde 3 de abril fora dada a ordem de invadir a Polônia em 1º de setembro. Garantido pelo ataque germano-soviético, Hitler manteve a data e o ataque começou. Em 3 de setembro, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. Logo no início da guerra, a situação parecia estranha aos brasileiros, como demonstra Théó, com aguçada ironia, ao utilizar a ambiguidade da palavra “corredor” para construir uma charge de desinformação. O senhor da figura não compreende o porquê de conflitos por razões de rivalidades esportivas, uma vez que entende o termo “corredor polonês” como um atleta da Polônia.

---

<sup>154</sup> Joachin von Ribbentrop foi um grande figurão do NSDAP, devoto fanático de Hitler, e ministro das Relações Exteriores do Terceiro Reich.

<sup>155</sup> DUROSELLE, J. B. **A Europa de 1815 aos nossos dias**: vida política e relações internacionais. São Paulo: Pioneira, 1989. p. 102.

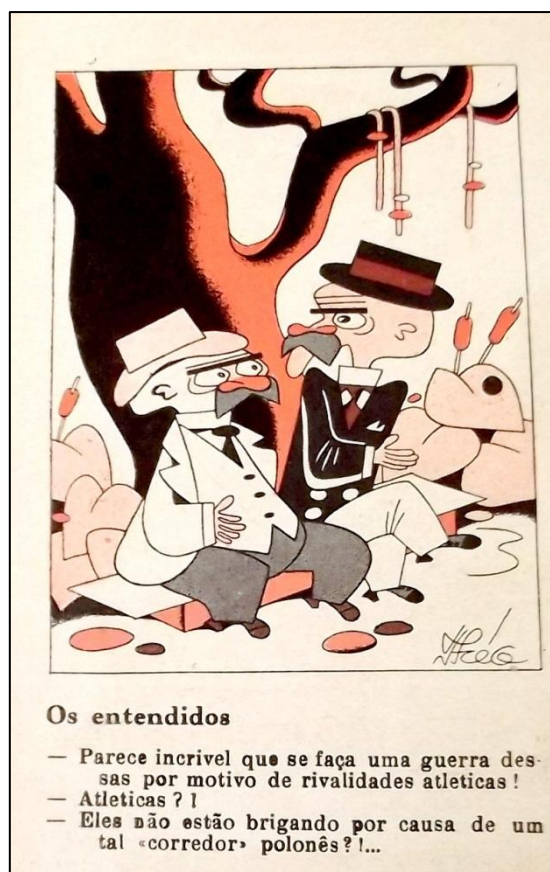


Figura 79 Théo. *Caretta*, 30/09/1939, n° 1632, ano XXXII, p. 40.

Entre fascismo e comunismo soviético, os elementos comuns são o partido único e o menosprezo às liberdades individuais. Por isso têm os liberais uma palavra para designar a ambos – os regimes “totalitários<sup>156</sup>”. Para os comunistas, o elemento comum às democracias liberais e os regimes fascistas é o fato de serem uns e outros emanações do capitalismo, mais ou menos virulentas, mas igualmente inimigas do proletariado. Finalmente, aos olhos dos fascistas, as democracias liberais e o comunismo têm esse traço comum de destruir o valor supremo da nação e da pátria, quer deixando-o corromper-se, quer pregando o internacionalismo que debilita as forças do Estado. Em outras palavras, entre regimes liberais, fascistas e comunistas, as contradições, tomadas duas a duas, são totais. É numa espécie de rivalidade triangular que se vai

jogar a sorte das nações.

A formação do Eixo Roma-Berlim-Tóquio – que tanto sofrerá na mira dos três caricaturistas – fora idealizado pela Alemanha, no outono de 1940, sob uma ideia de Ribbentrop de um bloco antibritânico composto por Alemanha, Itália, Japão e União Soviética. Para o Japão, a invasão da Holanda, a derrota da França e um sério enfraquecimento da Grã-Bretanha ofereciam um convite aberto à expansão imperialista no Sudeste Asiático. As Índias Orientais holandesas e a Indochina francesa constituíam uma tentação irresistível, sem falar das possessões britânicas – Cingapura, Bornéu Britânica, Birmânia e a própria Índia – como um eventual prêmio extra. Naquele momento, Hitler se opunha a uma aliança formal com o Japão. Mudou sua posição apenas no final do verão, persuadido de que a Grã-Bretanha não sairia do conflito e preocupado com uma possível entrada dos Estados Unidos na guerra. As negociações que se iniciaram no final de agosto levaram à assinatura do Pacto Tripartite em 27 de setembro de 1940, pelo qual Alemanha, Itália e Japão concordavam em ajudar-se mutuamente, caso um dos signatários fosse atacado

<sup>156</sup> Concepção que, obviamente, difere da de nosso título, uma vez que a União Soviética foi poupada dos ataques de nossos caricaturistas.

por uma potência externa não envolvida nos conflitos europeu e sino-japonês<sup>157</sup>. Outros pequenos países da Europa Oriental, a saber, Hungria, Bulgária e Romênia, alinharam-se ao acordo posteriormente.

Alemanha, Itália e Japão, os componentes do Eixo, foram severamente criticados pelas charges da *Careta*, que não hesitavam em se posicionar a favor dos Aliados nos diversos episódios que formaram a guerra. Mais do que se manifestarem a favor dos Aliados, os caricaturistas se posicionavam *contra* os países do Eixo. Eles eram descaradamente a torcida rival aos regimes fascistas, e, depois da Alemanha, é claro, a Itália foi a mais visada. Osvaldo sintetiza bem o que virá pela frente com uma brilhante charge, que se destaca da sua produção até agora analisada, que segundo Herman Lima, se resumiu ao infalível par de amigos ou ao casal que de modo mais disparatado dialoga sobre os fatos da hora quase sempre um caso exótico do noticiário da imprensa<sup>158</sup>. É, de fato, uma pena que Osvaldo tenha se deixado ficar monotonamente preso à este tipo de charge, ao invés de dedicar-se à charges como a próxima.



**Figura 70** Osvaldo. *Careta*, 10/10/1942, nº 1789, ano XXXV, p. 3

A charge nos traz o Duce de perfil, quase que posando para Osvaldo, que o retrata em um cenário devastador de guerra. Baseado na Aliança entre Itália e Alemanha, Osvaldo diz ser Mussolini o braço direito de Hitler, que, provavelmente deve ser canhoto e não pode

<sup>157</sup> KERSHAW, Ian . op. cit. 613.

<sup>158</sup> LIMA, Herman. Op. Cit. V.4. p. 1350

contar com seu braço direito para exercer as tarefas que precisa. No geral, é assim que os caricaturistas pintarão a participação da Itália na guerra.

Nas origens do fascismo, encontramos os seguintes elementos, que também observamos na Alemanha: existência de um regime democrático instável, ineficaz, vazio de autoridade; existência de fortes partidos esquerdistas, notadamente comunistas; existência de um importante grupo de ultranacionalistas (aqui os *arditi*), que acham que seu país foi tratado injustamente; desenvolvimento de uma grave crise econômica; cristalização, na pessoa de um dirigente de massas, de sentimentos nacionais e sociais<sup>159</sup>. O que deu ao fascismo (em geral) sua oportunidade após a Primeira Guerra Mundial foi o colapso dos velhos regimes, e com eles das velhas classes dominantes e seu maquinário de poder, influência e hegemonia. Onde estas permaneceram em boa ordem de funcionamento, não houve necessidade de fascismo<sup>160</sup>. Além disso, a ascensão da direita radical foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral, e à Revolução de Outubro e ao leninismo, em particular<sup>161</sup>.

O fascismo nasceu da necessidade de autoridade, do ultranacionalismo, muito espalhado entre os antigos combatentes e na pequena burguesia. A 21 de março de 1919, Benito Mussolini cria o “*fascio* milanês de combate” com um programa de reformas sociais, de conquistas e a vontade de criar um governo forte para eliminar os partidos, responsáveis por todo os males. A este *fascio* se juntaram outros. Depois de uma longa e sangrenta crise, em que os ativistas dos *fascio* agiam pela força principalmente contra comunistas, socialistas e sindicatos, Mussolini criou o Partido Fascista que obteve 35 cadeiras em 1921, o que era pouco para uma maioria opinativa. Mas, utilizando a força e a Marcha sobre Roma, Mussolini convenceu o rei Vittorio-Emannuele II a encarrega-lo de formar o governo.

Na guerra, a Itália em grande medida teve uma participação coadjuvante, ofuscada pelas conquistas alemãs e japonesas. Despreparada para a guerra, enfrentando contradições internas a esse respeito entre o próprio Estado Maior, a atuação italiana deu-se principalmente no Mediterrâneo e no Norte da África, onde fracassou em ambos.

No decorrer do outono de 1940, Hitler teve de fazer a maior escolha de sua carreira: continuar a luta principal contra a Inglaterra ou atacar a URSS. Obviamente, o acordo com a URSS, concluído com um objetivo absolutamente cínico, jamais significaria uma renúncia ao Espaço Vital ao leste. A escolha foi pela segunda opção, e a data para a operação –

---

<sup>159</sup> DUROSELLE, J. B. op. cit. p. 89.

<sup>160</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1919). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 129.

<sup>161</sup> Ibidem, p. 127.

denominada Barbarosa – foi marcada para 1 de maio. Mais adiante abordaremos a questão da guerra travada entre Alemanha e União Soviética. Agora, contudo, cabe lembrar que a Operação Barbarosa teve seu início adiado: a invasão da URSS, marcada para 1º de maio, só foi acontecer em 22 de junho<sup>162</sup>.

Esse atraso se explica pela preocupação de Hitler com a situação perigosa que a mal pensada invasão da Grécia por Mussolini em outubro de 1940 criara nos Bálcãs e com remediar as consequências de incompetência militar italiana no norte da África. Quando declarou guerra no dia 10 de junho, as perspectivas de Mussolini de obter uma vitória esplêndida no Norte da África eram excelentes. As forças francesas nessa zona eram leais a Vichy. As forças britânicas sofriam de inferioridade numérica esmagadora tanto em terra quanto no ar<sup>163</sup>. No entanto, as estratégias hesitantes e mediocrementemente concebidas levaram á captura de 40 mil italianos, tendo o restante do Exército Italiano fugido pela fronteira líbia na direção de Bardia, onde logo depois seriam encurralados pelos britânicos. A Itália teve, então, que recorrer à sua grande aliada na guerra, a Alemanha de Hitler.

Em 6 de fevereiro, Hitler deu instruções ao general que escolhera para deter o avanço britânico e assegurar a Tripolitânia para o Eixo. Tratava-se de Erwin Rommel, que, com uma combinação de brilhantismo tático e blefe, conseguiria, na segunda metade de 1941 e na maior parte de 1942, virar o jogo e manter os britânicos distantes do Norte da África<sup>164</sup>. A postura lamentável da Itália nos conflitos deram aos caricaturistas os motivos que precisavam



para denegrir a imagem Italiana. E a principal característica que os artistas procuraram associar à imagem da Itália é a de medrosa e covarde. A charge de Osvaldo a seguir aponta firmemente nesse sentido.

**Figura 81** Théo. *Careta*. 07/03/1941. nº 1758, ano XXXIV. p. 40.

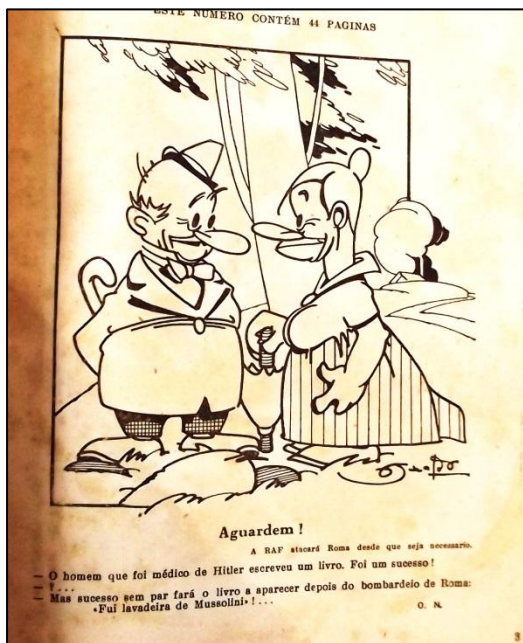
<sup>162</sup> DUROSELLE, J. B. op. cit. p. 104.

<sup>163</sup> KITCHEN, Martin. **Um mundo em chamas**: uma breve história da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia (1939-1945). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 55.

<sup>164</sup> KERSHAW, Ian . op. cit. 626.



A charge, que dispensa profunda análise, é uma das que tece a imagem de covarde e medrosa atribuída à Itália. Osvaldo voltou a explorar essa situação, a que aborda os purgativos e os assuntos a eles relacionados, dessa vez na famigerada página 3, a mesma que recebeu seu fabuloso desenho de Mussolini – braço direito de Hitler. Dessa vez, num momento posterior, em 1943.



**Figura 82** Osvaldo. *Caretta*, 20/02/1943, nº1808, ano XXXV, p. 3.

Aguardem!

A RAF atacará Roma desde que seja necessário.

- O homem que foi médico de Hitler escreveu um livro. Foi um sucesso!

- ?...

- Mas sucesso sem par fará o livro a aparecer depois do bombardeio de Roma: “Fui lavadeira de Mussolini”.

Na ocasião, a iniciativa da guerra no Norte da África vinha se transferindo do Eixo Para os aliados, e Rommel começava a experimentar suas primeiras derrotas. O anúncio de que a RAF inglesa bombardearia Roma caso fosse necessário – e o futuro mostrou que foi – levou ao diálogo da legenda, que se referiu ao sucesso do livro de Kurt Krueger – “Eu fui médico de Hitler”. Sucesso mesmo, contudo, faria o livro que a lavadeira de Mussolini escreveria após o bombardeio de Roma, no qual escreveria sobre as experiências adquiridas com o lavar das calças do Duce. Esse medo dos exércitos italianos era, para os caricaturistas, o motivo de suas fugas e recuadas, que deram à Itália a fama de covarde, disseminada nas páginas da *Caretta*. Retratar – em traços satíricos – um exército derrotado em combate não tem a mesma força de retratá-lo em fuga. A derrota em combate ainda carrega a honra da batalha, ao passo que a fuga representa covardia, admissão de derrota, fraqueza, inexperiência.



Figura 83. Théo. *Careta*, 14/11/1942, nº 1794, ano XXXV, p. 4.

O Contágio  
 Diz-se que o comando alemão do Egito deu ordem de “salve se quem puder”.  
 Dos telegramas.  
 - Os italianos não esperaram por ela; nunca fizeram outra coisa.



Figura 84 Théo. *Careta*, 12/12/1942, nº 1798, ano XXXV, p. 36.



**Figura 85** Osvaldo. *Caretta*, 07/11/1942, nº1793, ano XXXV. p. 12.

A sequência de três charges acima convergem no que tange à criação da ideia de covardia associada à Itália. Os italianos jamais esperaram o aviso de “salve-se quem puder” para fugir, a doença de Mussolini provavelmente seria “galopante” – termo ambíguo que tanto pode designar um tipo de doença pulmonar, como rapidez e agilidade – e, enquanto após a guerra Hitler seria da Inglaterra; “Hyrohito” seria dos Estados Unidos, Mussolini seria de quem conseguisse pegar, já que fugia muito bem.

Bom exemplo constitui o ocorrido em julho de 1943, quando grandes forças Aliadas do Norte da África foram transportadas para a Sicília, onde as tropas alemãs eram poucas para segurar a costa inteira. A defesa dependia muito das forças italianas. A superioridade aérea dos Aliados logo ficou evidente. Na Alemanha, chegaram notícias alarmantes de soldados italianos que jogavam fora suas armas e fugiam.

Em outras duas ocasiões, Théo relacionou a costumeira fuga atribuída à Itália às ajudas enviadas pela Alemanha a seus aliados do Eixo. Na crítica, sempre a Itália levava a pior.



**Figura 86** Théo. *Careta*, 17/05/1941, nº 1716, ano XXXII, p. 40.



**Figura 87** Théo. *Careta*, 12/06/1943, nº 1824, ano XXXV, p. 32

O mesmo jogo de palavras deu origem a duas charges diferentes – talvez Théo jamais tenha imaginado que elas pudessem, um dia, ser reunidas numa mesma página – uma veiculada em 1941, outra em 1943. Na primeira, ele aparece para diferenciar os dois países do Eixo, parecidos, mas não iguais. A diferença seria que, enquanto um deles “socorre” – a Alemanha – o outro “só corre” – a Itália. Com as charges próximas dessa maneira é possível perceber com clareza a ação da metonímia. Ambas querem criticar a postura “fujona” atribuída à Itália, mas uma menciona o país por seu nome, já a outra incorpora numa parte – Mussolini – o todo – a Itália. Essa técnica foi muito utilizada por Théo e também por J. Carlos em grande parte das charges já vistas. Na segunda charge, Théo utiliza o próprio desenho para dar sentido ao jogo de palavras, separando a primeira sílaba do restante da palavra “socorro”, sátira que encontra seu sentido no título, que representa a grafia correta da frase “só corro”. Nela, Mussolini, prestes a se afogar, implora pelo socorro de Hitler, que, observando o amigo com as mãos sobre os joelhos, não entende o sentido desejado por Mussolini e o manda nadar, ao invés de correr.

Como dito acima, o início da Barbarosa teve sua data adiada devido a dois acontecimentos particulares envolvendo a Itália. O primeiro deles esteve relacionado à

inconsequente invasão da Grécia por Mussolini, em 1940. A política relativamente cautelosa da Alemanha nos Bálcãs passou a correr sérios riscos quando deste ataque, em 28 de outubro. Os peritos militares alemães jugavam que seria extremamente difícil aos italianos derrotar os gregos. Tudo isso criava a possibilidade indesejável de intervenção britânica nos Bálcãs, algo que a Alemanha estava resolvida a evitar. Realmente, em abril de 1940, a Grã-Bretanha dera à Grécia garantia de apoio e o ministro-presidente Metaxas imediatamente solicitou assistência. Hitler resolveu agir antecipadamente e, pressionando os governos da Hungria e da Bulgária, conseguiu a autorização que necessitava e, em março de 1941, as divisões alemãs estacionaram-se na fronteira búlgaro-grega. Iniciou-se uma batalha anglo-germânica pela posse da Grécia, que daria aos Alemães o domínio territorial<sup>165</sup>.

Não obstante a ajuda alemã no norte da África e o brilhantismo estratégico de Rommel, as tropas alemãs só recebiam apoio italiano insignificante e hesitante, e foi esse fator, mais do que qualquer outro, que permitiu que os Aliados Ocidentais triunfassem no Mediterrâneo, em 1942. Montgomery venceu a batalha de El Alamein por ter conseguido uma tremenda superioridade em canhões, força aérea e tanques. A batalha de El Alamein destruiu o exército norte-africano da Itália. No final desse ano, a superioridade naval e aérea britânica havia se reconstituído naquela área, rompendo as linhas de suprimento para o *Afrika Korps* de Rommel. O Egito e Suez estavam garantidos. Com essa missão cumprida, desencadeou-se a contra-ofensiva dos Aliados Ocidentais, dirigida à Itália, via Sicília – o “frágil baixo ventre” da Europa, como lhe chamava Churchill. A este respeito, publicou J. Carlos uma brilhante charge.

---

<sup>165</sup> KITCHEN, Martin. Op. cit. p. 51



**Figura 88** J. Carlos. *Caretta*, 19/06/1943, nº 1825, ano XXXVI, capa.

A charge, cheia de metáforas, retrata bem o que foi dito por Churchill. Nela, a Europa é representada como uma grande fortaleza medieval, defendida por Hitler e Mussolini, ambos também representando papéis. A guarita do castelo, destoante do restante da construção, é pintada nas cores verde, vermelho e branco, as cores da bandeira da Itália. A sentinela da fortaleza é Mussolini, que se encontra coberto por ataduras, portanto completamente debilitado e impossibilitado de impedir a entrada de qualquer um, que é a ordem que recebe de cima – de um Hitler-soldado medieval. A charge ilustra com precisão o que Churchill definiu como o “frágil baixo ventre” da Europa – a fraca e incapaz Itália. Ela não foi poupada nem quando as derrotas eram principalmente alemãs.



Figura 89 Théo. *Caretta*, 23/01/1943, nº 1804, ano XXXV, p. 12.

As fugas e recuos alemães no norte da África surgem aqui como lições aprendidas com a Itália. Na charge, Hitler e Mussolini aparecem em fuga no deserto, o segundo dizendo ao aliado que este não pode dizer que não teria aprendido nada com ele, a despeito do papel secundário e coadjuvante da Itália no conflito. Théo já tinha se expressado a este respeito numa charge para a página 3 em 1942, quando Mussolini estende a mão para cumprimentar – apertar os ossos de – Hitler pela notícia de que “as forças *Africa Korps* abandonaram seus aliados italianos à própria sorte e fugiram para Trípoli em desabalada correria”. Até nisso a Alemanha superaria a Itália, que nem na arte da fuga conseguiu superar sua aliada germânica. Por meio de uma crítica já comum à Itália, Théo conseguiu atingir as duas potências do Eixo.

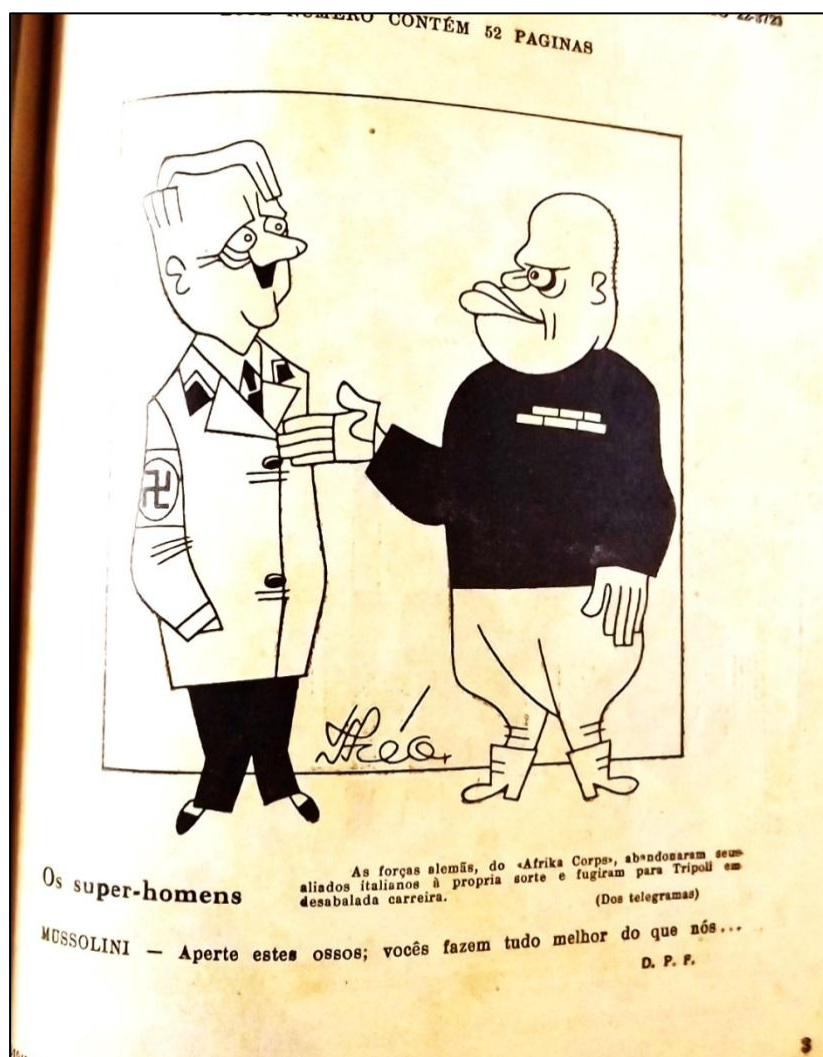


Figura 90 Théo. *Caretta*, 05/12/1942, nº 1797, ano XXXV, p. 3.

Imediatamente após o colapso do exército italiano e do *Afrika Korps*, em maio de 1943, a invasão da Itália estava na ordem do dia. Alanbrooke e Montgomery planejaram uma investida direta partindo de Túnis para a Sicília e a Calábria, a qual foi executada no verão de 1943, sem muita resistência nem muito custo. Ela permitiu que os exércitos anglo-norte-americanos acumulassem novas e preciosas experiências para a invasão final da Europa Ocidental.

Quanto mais a guerra se aproximava do território nacional italiano, mais perto estava Mussolini de ser derrubado. Para a classe dominante italiana, o problema já não era mais como partilhar os despojos da guerra; ela estava obviamente do lado perdedor de qualquer ação de redividir o mundo em esferas de influência imperialista. A questão chave, agora, era como salvar suas propriedades básicas e seu poder de classe dentro do próprio país, onde a insatisfação do povo estava por toda parte e onde explosões revolucionárias estavam na ordem



do dia, com as forças clandestinas de oposição sentindo-se mais seguras a cada derrota militar do *Duce*<sup>166</sup>.

Em Roma, a corte e o comando do exército agrupado em torno de Badoglio não enfrentaram qualquer dificuldade concreta para derrubar Mussolini, graças a seus cúmplices dentro do Grande Conselho Fascista. Assim que o Duce foi afastado da cena, iniciaram-se negociações secretas com os Aliados. Rapidamente se acertou um acordo de armistício. O problema real era coordenar a retratação diplomático-militar com os desembarques aliados na Itália. Em seguida ao desembarque na Calábria, um segundo foi planejado, em Salerno, para coincidir com a interceptação das tropas alemãs pelo exército italiano, ao sul de Roma, ou então ao sul de Florença. Mas a *Wehrmacht* agiu por antecipação. A corte e o comando do exército entraram em pânico. De maneira vergonhosa, o rei negociou sua segurança pessoal e a de sua família em troca de concessões militares importantes à *Wehrmacht*, que permitiram que essa ocupasse não apenas Roma, como também toda a faixa do território entre Salerno e a Capital. O resultado final dessa tragicomédia foi uma verdadeira tragédia: mais de dois terços da Itália caíram sob domínio nazista, exercido mediante um reinado de terror.

O afastamento do Duce se deu por meio de prisão domiciliar. A situação era, contudo, desconhecida em sua totalidade na Alemanha. Hitler encarou o golpe como uma grande traição de Badoglio, e reuniu todo seu alto comando para traçar os planos de ocupar a Itália. Ele ainda acreditava em Mussolini, enquanto fosse amparado por armas alemãs. Presumia que o Duce fora tirado à força do poder. Não se sabia se estava vivo, mas com certeza não estava livre. A atenção de Hitler concentrou-se, então, em descobrir onde estava o Duce e trazê-lo para a Alemanha o mais breve possível<sup>167</sup>.

Os sucessos rápidos da *Wehrmacht* na tomada da Itália proporcionou algum alívio. Hitler animou-se quando recebeu a notícia, em 12 de setembro, de que Mussolini, cuja localização fora recentemente descoberta, havia sido libertado de um hotel de esqui na montanha mais alta dos Abruzzi por meio de uma operação ousada de paraquedistas e homens da SS, realizada com um planador e comandada pelo *SS-Hauptsturmführer* austríaco Otto Skorzeny. A euforia não durou muito. Hitler recebeu o ex-Duce de forma calorosa quando ele, não mais o ditador ataviado, mas abatido e vestido sobriamente; Mussolini despojado dos adornos do poder era um homem destruído. As conversas em privado que tiveram deixaram

---

<sup>166</sup> MENDEL, Ernst. **O significado da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática. 1989. p. 141.

<sup>167</sup> KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 806.

Hitler extraordinariamente desapontado<sup>168</sup>. O resgate de Mussolini pelos nazistas foi capa da *Careta* de número 1844.

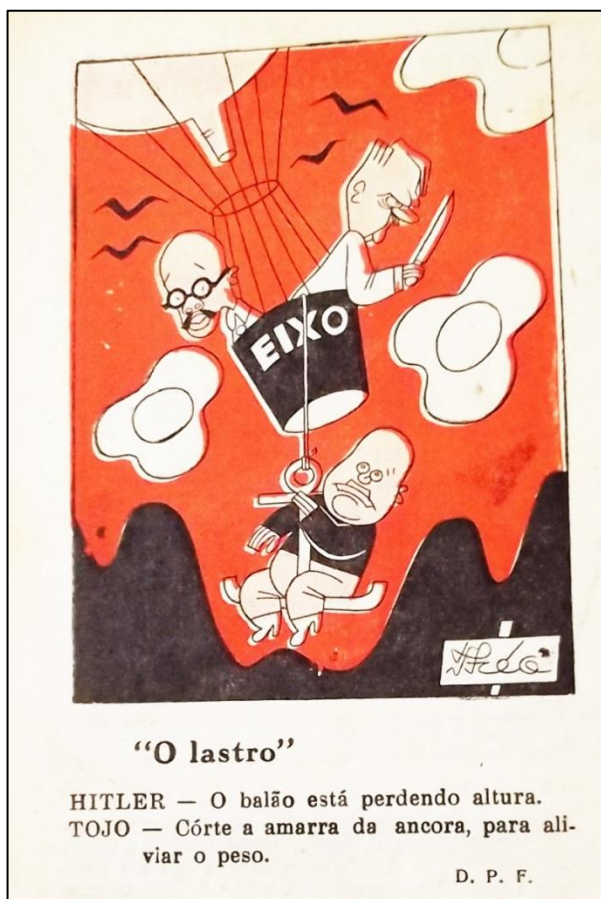


**Figura 91** J. Carlos. *Careta*, 30/10/1943, nº 1844, ano XXXVI, capa.

A charge retrata precisamente o que foi relatado. Mussolini, despido de seu traje formal, encontra-se realmente inoperante, sentado confortavelmente em uma poltrona. Hitler, em primeiro plano, é o autor da frase-legenda da charge: “*mão diplomata, pessimo estrategista e refen inoperante*”. A charge é uma completa destruição da figura de Mussolini enquanto chefe de Estado beligerante. A ideia de Mussolini como um “peso” excessivo carregado pelo Eixo foi explorada também por Théó, mas em uma ocasião anterior ao resgate do Duce.

<sup>168</sup> Ibidem, p. 810.

Na charge, pela primeira vez em nosso trabalho surge um representante oriental do Eixo: trata-se de Hideki Tojo, general do Exército Imperial Japonês e Primeiro Ministro do Japão. Ao lado de Hirohito, o imperador, Tojo será o representante da figura japonesa nas charges da *Careta*. Aqui, Tojo se encontra ao lado de Hitler num balão que metaforicamente representa o Eixo. O balão, contudo, estaria perdendo altura – o que, também



**Figura 92** Théo. *Careta*, 20/03/1943, nº 1812, ano XXXV, p. 32.

metaforicamente, significa que o Eixo estava levando a pior na guerra. Na charge, descobrimos a causa da perda de altura pelo balão: Mussolini se encontra agarrado a uma âncora, e Hitler, com uma faca na mão, está prestes a seguir a recomendação de Tojo e cortar a corda para aliviar o peso do “lastro”.

Relacionando o resgate do Duce com a inconveniência do mesmo, J. Carlos publicou uma charge no interior da revista, o que não era usual. A charge foi capaz, ainda, de criticar os alemães, responsáveis por saquear grande parte dos territórios ocupados pela Alemanha. Os soldados alemães, em fila indiana, carregam cada um uma espécie de objetos: são os cleptomaníacos de J. C. O primeiro carrega coroas, o segundo castiçais, o terceiro quadros – algo parecido com a

Mona Lisa –, o próximo uma caixa de joias, o outro porcelanas, e o último um abacaxi, isto é, Mussolini. Na linguagem popular, “abacaxi” é sinônimo de problema: assim, ao raptarem Mussolini, os alemães teriam levado pra casa um grande problema, além de tudo o que saquearam no país.

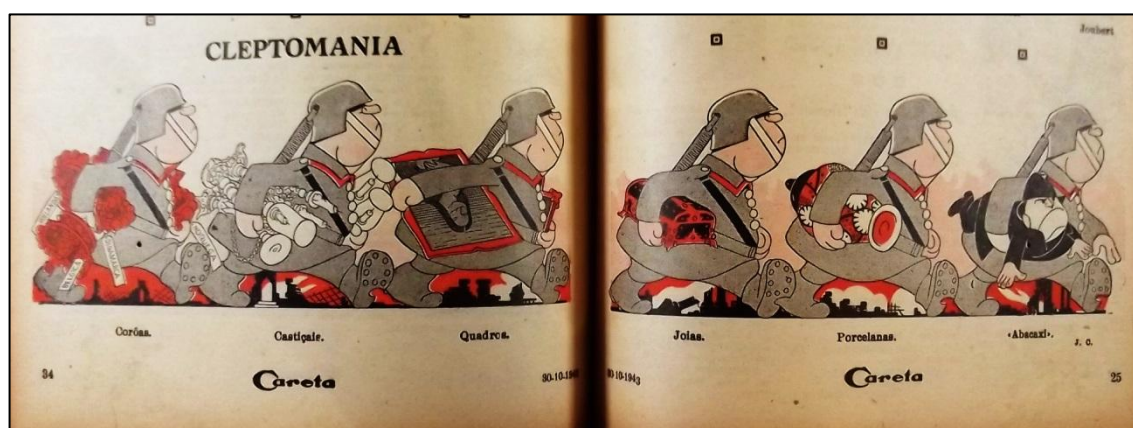


Figura 93 J. Carlos. *Caretta*, 30/10/1943, nº 1844, ano XXXVI, p. 34-35.

Nessas linhas foi pintada a participação da Itália na guerra. O país assumiu a forma de um aliado dispendioso e inoperante, incapaz de sucessos em operações militares e mau estrategista. As tropas italianas foram veementemente classificadas como covardes e medrosas. As estratégias militares alemãs no Mediterrâneo eram, de maneira geral, ditadas pelos atos da Itália, cuja incompetência militar impedia uma guerra por procuração, e foi satisfatoriamente retratada pelos caricaturistas da *Caretta*. A Itália foi completamente desclassificada enquanto inimiga, e, ironicamente, as tropas brasileiras da FEB enviadas para o *front* na Europa obtiveram seu maior êxito contra os italianos, como na batalha de Monte Castelo. A charge a seguir é uma excelente representação do que os caricaturistas tentaram impugnar à figura da Itália: a guerra era algo que o país não podia suportar, que estava além de sua capacidade e competência. Nela, os líderes das duas maiores potências democráticas dos Aliados, Churchill e Roosevelt, pilotam o bonde da guerra – vermelho sangue – em altíssima velocidade, cuja intensidade deixava para trás um rastro de fogo e fumaça. Na lateral do bonde, agarrando-se à duras penas à uma barra de ferro, encontra-se Mussolini, obviamente desconfortável com a velocidade do trem. É de Roosevelt a fala “Devagar, Churchill: parece que o Benito quer descer.”.

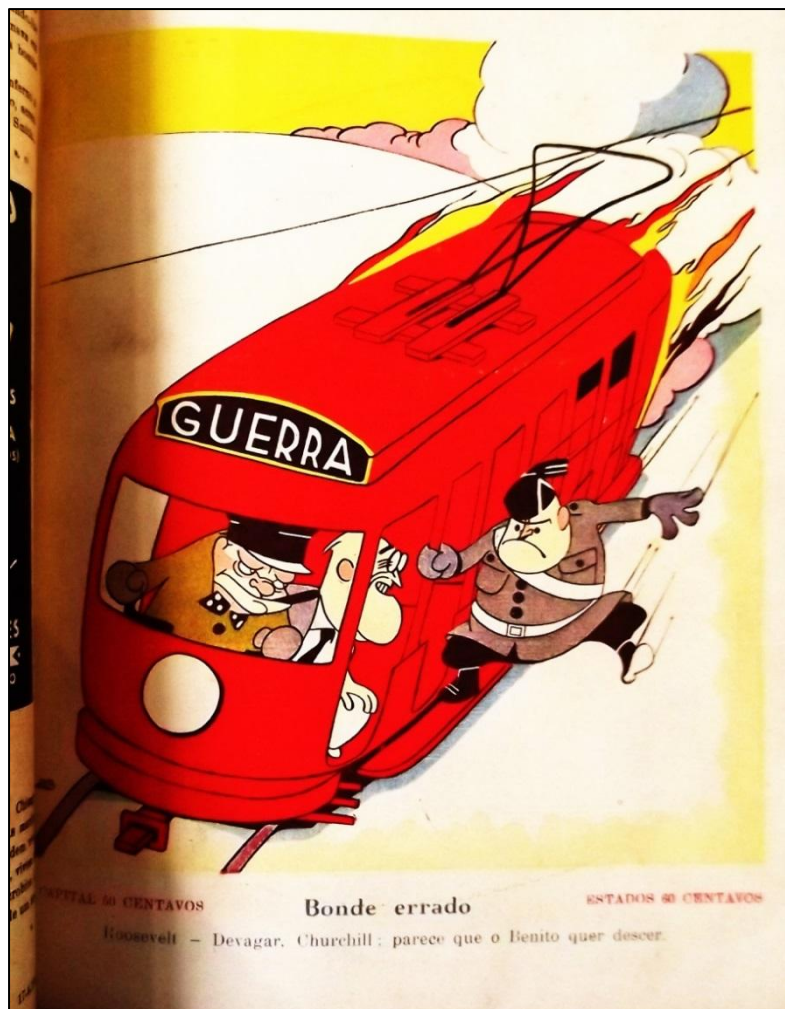


Figura 94 J. Carlos. *Caretta*, 08/05/1943, nº 1819, ano XXXV, capa.

A respeito da outra potência aliada à Alemanha, o Japão, as críticas foram mais arrefecidas. O Japão era chefiado por uma ditadura militar de orientação fascista, que governava ao lado do Imperador Hirohito, também chamado de Imperador Showa.

Tem-se afirmado muitas vezes que a Segunda Guerra Mundial foi uma consequência lógica e inevitável da Primeira Grande Guerra. Porém, reduz-se habitualmente o vínculo entre elas às cláusulas

antigermânicas do Tratado de Versalhes e, particularmente, à insensata política de reparações. Na verdade, embora as condições do acordo de paz certamente ajudassem a exacerbar os conflitos políticos, militares e, sobretudo, econômicos, que dominaram as décadas de 1920 e 1930, e abrissem caminho para a Segunda Guerra, elas não *criaram* esses problemas<sup>169</sup>.

No tocante a isso, é instrutivo observar, além da política estritamente europeia, o relacionamento peculiar que se desenvolveu entre a China, o Japão e os Estados Unidos, que levaria finalmente à Guerra do Pacífico. Na Primeira Grande Guerra, o Japão interveio como aliado dos Estados Unidos e das duas outras potências com interesses econômicos no Extremo Oriente: a Grã-Bretanha e a França. Ele não recebeu um tratamento impróprio pela Conferência de Paz de Paris, nem pelo Acordo Naval de Washington de 1922. Decorre daí que o fato de a política externa japonesa ter-se encaminhado gradualmente por um caminho de agressão violenta, nada diferente da do imperialismo alemão, não pode ser explicado por

<sup>169</sup> MENDEL, Ernst. Op. cit. p. 11.

qualquer “humilhação” imposta ao Japão por seus futuros inimigos. A ocupação da Manchúria pelo Japão, em 1931, e a guerra total por ele desencadeada contra a China, em 1937, tornaram inevitável o conflito armado com os EUA, que estava decidido a todo custo a impedir que a China se transformasse numa colônia ou possessão japonesa.

Inicialmente, a guerra na Europa e a guerra no Extremo Oriente pareciam distintas e independentes uma da outra. Contudo, o mero ímpeto das primeiras vitórias nazistas tornou inevitável que ambos os conflitos se interligassem. Incapazes, inicialmente, de se decidir entre uma opção “norte” e uma opção “sul”, os chefes militares japoneses foram então estimulados a deslocar-se contra as desprotegidas colônias europeias do sudeste da Ásia. O argumento final foi fornecido pelos EUA, decididos, após julho de 1941, a negar ao Japão as matérias-primas essenciais para o prosseguimento da guerra contra a China.

Assim, o segundo ato do drama imperialista desdobrou-se segundo a lógica interna do sistema capitalista mundial. Uma vez mais, o que estava em jogo era a hegemonia internacional de uma potência imperialista, a ser conquistada e mantida mediante associação ativa entre conquista ou pressão militar e dominação ou pilhagem econômica – a mistura exata dependendo da força ou da fraqueza relativas de cada um dos disputantes. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, essas potências eram os EUA, a Alemanha, o Japão e a Grã-Bretanha, com a França e a Itália no papel de aliados secundários, carentes da força necessária para serem verdadeiros competidores<sup>170</sup>.

O impulso do Japão limitava-se à criação de uma zona de influência no leste da Ásia e no Pacífico, e o expansionismo alemão em partes da Europa Oriental, África do Norte e Oriente Médio. O que se visava com a guerra era a subordinação não só do mundo menos desenvolvido, mas também de outros Estados industriais, fossem eles inimigos ou aliados, às prioridades de acumulação de capital de uma potência hegemônica. O Memorando de Tanaka estabelecia logo no início que, para o exército japonês, a conquista da China era apenas um degrau na hegemonia mundial, que seria atingida após esmagar a resistência dos EUA<sup>171</sup>.

---

<sup>170</sup> MENDEL, Ernst. Op. cit. p. 12.

<sup>171</sup> Ibidem. p. 14.



**Figura 95** Théo. *Caretta*, 11/04/1942, nº 1671, ano XXXIV, p. 12.

A respeito da corrida imperialista japonesa, Théo elaborou uma genial charge que ao mesmo tempo em que a criticava, alertava e torcia contra. Hirohito, portando a bandeira do Império Japonês, sobe em uma escala apoiada em uma árvore que revela o cenário da ação: trata-se da América do Sul, e as árvores são coqueiros. Dois sul-americanos observam atônitos a situação, e um deles se espanta com a situação, que não passa de uma grande metáfora. A escada que Hirohito sobe representa a corrida imperialista japonesa, e cada degrau tem o papel de um país ocupado. Ultrapassado o degrau das Filipinas, o próximo seria o australiano, seguido de um outro sem nome, apenas com um ponto de interrogação, que, pela lógica criada por Théo, obviamente seria – em um primeiro momento – a costa oeste da América do Sul, banhada pelo Pacífico.

Valendo-se novamente de um ditado popular, o título da charge encontra sua continuação na fala do segundo sul-americano: quanto mais alto, maior o tombo. Ainda que a ameaça do Japão na América do Sul fosse considerada, tal ponderação era acompanhada pela forte crença no fracasso do país.

A ideologia dominante do imperialismo japonês foi um extremado nacionalismo chauvinista, com um ingrediente cada vez maior de demagogia do “poder-antibranco-pró-asiático”. Demagogia, porque os imperialistas japoneses, se e quando vitoriosos, trataram os povos asiáticos de suas colônias, quando menos, pior do que os colonizadores britânicos, franceses, norte-americanos e holandeses. A propósito de como os países do Eixo tratavam os países ocupados, Théo fez uma charge em que um japonês conversa com Mahatma Gandhi, o idealizador do moderno Estado Indiano. O japonês tenta convencer Gandhi a se alinhar ao Eixo, que estaria aplicando suas teorias nos territórios ocupados – não sua Satyagraha, a

política gandhista de desobediência civil sem uso da violência<sup>172</sup>, mas sua campanha de jejum coletivo. A charge evidencia, de modo cômico, um dos muitos problemas enfrentados pelos países ocupados pelo Eixo. Talvez a maior vítima, nesse quesito, tenha sido a Polônia.



Figura 96 Théo. *Careta*, 26/09/1942, nº 1787, ano XXXV, p. 12.

Enquanto, na década de 1930, a Europa viu a ascensão e a expansão do nazismo alemão, do outro lado do globo, o imperialismo japonês estava, analogamente, empenhado numa conquista paulatina da China – embora tivesse em mira o sudeste da Ásia, como presa seguinte. Do ponto de vista dos círculos imperialistas mais radicais, dentro e em torno do Exército Imperial, um itinerário desse tipo não implicava necessariamente um conflito aberto com a Grã-Bretanha, e certamente não com os EUA. De fato, a conquista da China mostrava-se, cada vez mais, um empreendimento difícil de se levar a cabo – muito mais demorado e dispendioso do que os generais japoneses haviam calculado. Também, neste caso, a variante preferida era ter *faits accomplis* reconhecidos por Londres e Washington, ao invés de embarcar num confronto simultâneo com a China, a Grã Bretanha, os EUA e, possivelmente, também a URSS<sup>173</sup>.

Porém, qualquer que possa ter sido para Londres a tentação de um projeto desse tipo – para não falar da França e da Holanda, potências coloniais secundárias na região –, Washington estava tão inflexível contra esse tipo de aceitação das conquistas japonesas na

<sup>172</sup> ADAMS, Jad. **Gandhi**: ambição nua. São Paulo: Geração Editorial, 2012. p. 25.

<sup>173</sup> MENDEL, Ernst. Op. cit. p. 30.



Ásia quanto Londres estava contra a aceitação das conquistas alemãs na Europa. Em ambos os casos, a razão era a mesma.

O imperialismo norte-americano considerava que, em longo prazo, era inevitável um conflito com o Japão pela hegemonia sobre a área do Pacífico e da Ásia Oriental (inclusive a China). Nessas circunstâncias, seria tolice permitir que um inimigo futuro consolidasse conquistas formidáveis primeiro, permitindo-lhe aumentar exponencialmente sua força industrial, financeira e militar e, desse modo, capacitá-lo a desencadear o confronto final em condições muito piores para os EUA do que a correlação de forças então vigente. Daí ter o governo Roosevelt dado início a uma política de embargo informal de matérias-primas essenciais para o Japão e de crescente ajuda à China de Chiang Kai-shek. Diante da obstinada resistência de Washington, Tóquio tinha como opção ou retirar-se da China, ou continuar na direção de um confronto com os EUA. Deliberadamente, escolheu a segunda rota. A reação de Roosevelt foi tornar oficial o bloqueio dos Estados Unidos<sup>174</sup>.

As derrotas ocidentais no Pacífico foram extremamente rápidas. Contudo, o ano de



1942 assistiu a um desenvolvimento geral de forças em todos os mais importantes Estados beligerantes, tendo os êxitos da guerra oscilado primeiro para um lado, depois para o outro. No final desse ano, houve duas vitórias estratégicas. A *Wehrmacht* foi derrotada em Stalingrado, o que veremos mais adiante. E no Pacífico, a marinha norte-americana marcou uma sonora vitória contra os porta-aviões japoneses na Batalha de Midway. Esta vitória histórica em Midway deu aos EUA a

Figura 97 Osvaldo. *Caretta*, 21/11/1942, nº 1795, ano XXXV, p. 3.

<sup>174</sup> MENDEL, Ernst. Op. cit. p. 31.

iniciativa no Pacífico, tanto quanto a vitória em Stalingrado daria, depois, a iniciativa à União Soviética na Europa Oriental. Na ocasião da Batalha de Midway, Osvaldo retornou à página 3, dessa vez para criticar a força aérea japonesa.

Um americano questiona a um japonês qual seria o melhor avião de seu exército, e recebe a resposta “é o *Zero*”, da qual deduz que a denominação é dada de acordo com a eficiência. Os aviões “*Zero*”, ou Mitsubishi A6M Zero, foram os principais caças da marinha japonesa durante toda a guerra. Ficaram muito famosos também por serem os principais aviões usados pelos kamikazes, os suicidas japoneses. Théo não perdeu a deixa e construiu uma charge que relacionava os kamikazes com o potencial bélico japonês. O maior defeito do *Zero* era o de ser mais vulnerável ao fogo inimigo: para que pudesse ter a leveza e o poder de manobra que tinha, era privado de blindagem em relação à cabine do piloto e ao tanque de combustível. Por isso a crítica de Théo, que, além de denominar os “*Zero*” como aviões de bambu, cria duas personagens japonesas – segundo um deles, todos seriam suicidas ao pilotarem estes aviões japoneses, nos quais a vida do piloto valia o mesmo que o nome do avião: nada.



**Figura 98** Théo. Careta, 21/11/1942, nº1795, ano XXXV, p. 32.

A batalha de Midway, que restaurou a superioridade marítima norte-americana no Pacífico central, foi vencida por uma tática do serviço de informação norte-americano – a Segunda Guerra Mundial viu um grande aperfeiçoamento neste tipo de setor, que definiu em grande medida muitos resultados da guerra. Neste caso, o almirante Yamamoto não teve saída. A marinha norte americana havia decifrado os códigos japoneses e tinha conhecimento muito antecipado de seu plano de levar a força naval norte americana a uma batalha aberta em torno de Midway, sendo o plano de invasão simulada o chamariz para pegar os porta-aviões japoneses emboscados, afastados da suposta esquadra de desembarque.

Mas o caçador acabou caçado, uma vez que os planos se tornaram conhecidos dos norte americanos. Os porta-aviões dos EUA agiram por trás e não pela frente da força de tarefa japonesa mais importante. Concentraram-se não na defesa de Midway, mas na caça aos vasos de guerra japoneses. Ainda tiveram um golpe de sorte, quando os aviões japoneses interromperam os ataques iniciais para se transformarem de bombardeiros em lança-torpedos. Durante esse intervalo fatal é que os aviões dos EUA se lançaram a um ataque devastador e afundaram quatro porta aviões japoneses que haviam cometido o erro de atuar em formação errada. Daí pra frente, terminou de uma vez por todas qualquer esperança japonesa de eliminar a marinha dos EUA do Pacífico central: o caminho estava aberto para uma contraofensiva norte americana generalizada<sup>175</sup>.



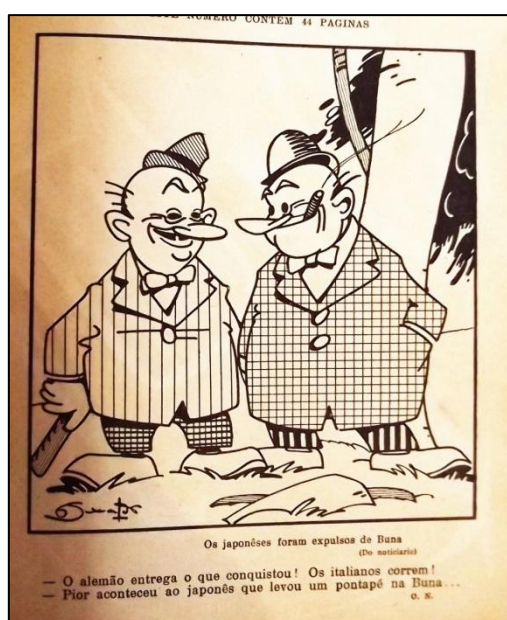
**Figura 99** Théo. *Caretta*, 13/06/1942, nº 1772, ano XXXV, p. 8.

De modo geral, o calcanhar de Aquiles japonês na *Caretta* foi seu caráter imperialista. Já em 1942, Théo publicou uma charge em que Hirohito encontrava-se sobre uma corda bamba, enquanto fazia malabares com quatro grandes discos – representando a China, o Império Britânico, os EUA e o Império Holandês. Não bastasse a difícil tarefa que executava, Hirohito era ainda observado por Churchill, Tio Sam e Stalin, que ameaçava acrescentar

<sup>175</sup> MENDEL, Ernst. Op. cit. p. 137.

aos discos de Hirohito mais um, o da URSS. Os EUA, contudo, considera desnecessário que mais um disco seja acrescentado para que Hirohito perca o equilíbrio – isto é, o Japão já se mostrava por demais “atrapalhado”, incapaz de administrar eficientemente todas as frentes de guerra que assumiu.

Charges simples também eram utilizadas para criticar os integrantes do Eixo, como esta utilizando jogos de palavras com acontecimentos da guerra. Foi uma charge de crítica geral aos três países, reiterando críticas correntes, como a que relaciona Itália e covardia, utilizando um acontecimento particular da guerra do Pacífico: a expulsão dos japoneses de Buna, em Osaka. Essa relação entre “Buna” e “traseiro” pode existir, possível somente em português, foi utilizada por um dos bem-humorados senhores da charge de Oswaldo.



**Figura 100** Oswaldo. *Caretta*, 13/02/1943, nº 1807, ano XXXV, p. 3

Os japoneses foram expulsos de Buna (do noticiário)

- O alemão entrega o que conquistou! Os italianos correm!
- Pior aconteceu ao japonês que levou um pontapé na Buna... O.N.

O Japão não poderia escapar da crítica da covardia. Pintada por Oswaldo Navarro, foi a vez dos japoneses borrarem as calças. Conversando sobre a notícia de que um general japonês teria praticado o Harakiri – o antigo ritual suicida japonês reservado à classe guerreira – um dos homens se questiona sobre a motivação ou a causa do brutal ato de dilacerar os intestinos. O amigo interlocutor, por sua vez, acredita ser pelas constantes evacuações das tropas sob seu comando. O exército japonês, visto como covarde, era ao lado do italiano, igualmente desqualificado enquanto defensor do Império Japonês.



Figura 101 Osvaldo. *Careta*, 11/04/1942, nº 1673, ano XXXIV

Para finalizar a discussão sobre as representações dos japoneses na guerra por nossos caricaturistas, duas capas de J. Carlos discutindo uma provável vontade – ainda que cômica – ou uma possibilidade de solução não poderiam estar de fora.



Figura 102 J. Carlos. *Careta*, 20/05/1944, nº 1873, ano XXXVII, capa.

A hora H  
O CLAMOR PÚBLICO – Tá na hora! Tá na hora!



Figura 103 J. Carlos. *Careta*, 08/07/1944, nº 1880, ano XXXVII, capa.

— Para que essas espadas?  
— Hara-kiri.

As capas parecem se complementar. Toda a mensagem da primeira se constrói sobre a coincidência de os nomes de dois líderes de potências do Eixo começarem com a letra H – que é o grande centro das atenções na charge, pintado em grande proporção e com tinta vermelha. As demais letras que se seguem à H, uma em fonte gótica e outra em caligrafia oriental, forma os nomes Hilter e Hirohito. Abaixo do grande título, Hirohito se agarra desesperadamente em Hitler, enquanto pontas de lanças são vistas ao fundo, provavelmente fruto do grande protesto popular que clama pela hora H, gritando “Tá na hora! Tá na hora!”. O grande *insight* de J. Carlos foi ter desenhado uma grande lâmina de espada ao fundo, que, ao lado da gigante letra H, sugere o que a capa de sete edições posteriores vem confirmar.

Nela, Hitler e Hirohito novamente estão presentes, mas o Führer ampara – e se agarra a, após ouvir o porquê das duas espadas – Mussolini que, visivelmente abatido, segura uma bomba relógio (que usualmente era assim representada nas charges da *Careta*). Atrás da dupla, uma grande Suástica está completamente coberta por arcos que sustentam bandeiras dos países Aliados que lutaram na guerra contra o Eixo. Dentre elas a brasileira, para lembrar aos leitores que o Brasil, embora vivesse sob uma ditadura – o contraste entre a bandeira do Brasil ao fundo, e três ditadores à frente dela é evidente – lutava externamente contra elas, a favor da liberdade e do humanismo. À frente deles, está Hirohito: o imperador japonês, portando sua própria espada, estende outras duas em direção à Mussolini e Hitler, que, em postura de total horror, se desespera ao saber que as espadas são para o ritual suicida do Hara-kiri, que a grande letra H da primeira capa sugere. Vale a ressalva de que Mussolini, nem após ouvir a finalidade das espadas, parece se espantar – o que aponta para o fato de que até a morte por brutal suicídio parecia aceitável ao ex-Duce fracassado, a bomba-relógio do Eixo. A situação dos governos Eixo-fascistas era tão calamitosa que Hirohito cogitou a hipótese de tirar a própria vida. É, portanto, possível presumir que este destino, tendo em vista as charges já analisadas que chegavam a demonstrar a vontade de ver Hitler morto, não era de todo desagradável a nossos caricaturistas.

A Alemanha, primeira potência do Eixo, também, naturalmente, foi rechaçada nas charges da *Careta*. Seu poder de guerra e seus fracassos foram duramente criticados em terras cariocas, bem como sua capacidade de vencer a guerra. As críticas surgiram, no entanto, em um momento posterior. Isso se deveu, em grande medida, à situação de neutralidade da política externa brasileira e à ação censitária do governo Vargas. Mas, é válido lembrar, deveu-se também aos inegáveis sucessos alemães do início da guerra até meados de 1942, que foi quando começou, de fato, a surgirem as charges mais impactantes.

“A alvorada de 1º de setembro de 1939 foi também o madrugalar de seus anos de guerra – a mais trágica e destruidora das guerras que até então o mundo já havia assistido”<sup>176</sup>. Dentro de um mês o exército e o Estado polonês deixaram de existir. Assim Hitler exibiu ao mundo sua nova técnica de *Blitzkrieg* – a guerra relâmpago mecanizada em escala gigantesca. Os aliados ocidentais, estonteados com a velocidade da *Blitz*, mal puderam erguer-se para ajudar os poloneses. Imediatamente após a queda da Polônia, Hitler propôs que as potências ocidentais aceitassem um acordo de paz, cuja oferta foi recusada pela Inglaterra e pela França.

Na primavera de 1940, a máquina de guerra de Hitler estava novamente pronta para golpear, dessa vez no Ocidente. Em 10 de maio começou a grande ofensiva: o exército alemão atacou a Holanda e a Bélgica sem aviso prévio. Forças francesas e britânicas marcharam vagarosamente para a Bélgica, a fim de enfrentar os alemães, exatamente como estes haviam previsto. Neste entretanto, uma vasta concentração de *panzer* germânica marchava entre os montes alcantilados da Bélgica Meridional para o próprio centro das linhas defensivas francesas, seu ponto mais fraco. A derrota da França era, agora, apenas questão de tempo. Em julho, os alemães atacaram mais uma vez em rumo ao Oeste e ao Sul. Paris foi evacuada pelo governo francês, a fim de impedir sua destruição; o governo fugiu para Bordéus. Ali, o gabinete pediu o armistício, e Henri-Philippe Pétain assumiu o posto de primeiro-ministro<sup>177</sup>. A França caíra sob domínio nazista, e a respeito disso nada foi comentado nas charges da *Careta*.

Com a queda da França, Hitler presumia que Churchill fosse negociar a paz, mas enganou-se. Os ingleses, reunidos sob a chefia de Churchill, começaram a se preparar para o ataque. Hitler, então, começou a preparar a invasão da Grã-Bretanha: não era possível um desembarque bem sucedido sem o domínio absoluto no ar. No início da Batalha da Inglaterra, a *Luftwaffe* possuía ligeira superioridade sobre a RAF (Real Força Aérea), em termos de número e qualidade dos aviões, bem como a vantagem da iniciativa da ofensiva – de saída contra aeroportos e fábricas de aviões. Não obstante, essas vantagens foram em grande medida neutralizadas pelo fato de que a RAF combatia sobre o próprio território, possuía melhores informações e sistema de comunicações, e empregava táticas melhores. O que realmente salvou a Inglaterra foi a determinação de Hitler de não se limitar a uma guerra simplesmente europeia, mas de lançar-se à conquista da hegemonia mundial. Para isso, necessitava de aviões que não podiam ser empregados contra as ilhas britânicas. As primeiras

---

<sup>176</sup> SAVELLE, Max (org.), op. cit. p. 237.

<sup>177</sup> SAVELLE, Max (org.), op. cit. p. 240.

derrotas de Hitler foram timidamente exploradas pela *Careta*, mas com o tradicional talento satírico de Théó, capaz de mesclar assuntos com maestria.



**Figura 104** Théó. *Careta*, 24/08/1940, nº 1678, ano XXXIII, p. 8.

Théo relacionou uma história bíblica, a derrota alemã na Batalha da Inglaterra e o antissemitismo nazista em uma mesma charge, insinuando que somente Moisés – o Tal – era capaz de tirar da Alemanha o problema da travessia até a Inglaterra, uma vez que atravessara à pé o Mar Vermelho, de acordo com a história Bíblica. A única solução desagradaria e constrangeria os nazistas, que jamais aceitariam

depender de um judeu para resolver um problema como este.

Após a batalha da Inglaterra, os britânicos decidiram destinar ao norte da África uma parte considerável do exército. Para a burguesia inglesa, a perda do petróleo do Egito e do Oriente Médio representaria tanto quanto a perda do solo pátrio, pois este seria perdido a seguir. Desse modo, o mediterrâneo tornou-se o principal teatro de guerra do imperialismo britânico e assim se manteve por três anos, como já visto anteriormente. Decorre daí a decisão já abordada que Hitler precisou tomar, a que envolvia a opção da guerra contra a Inglaterra ou contra a URSS. Sabemos qual foi a escolha do Führer, e essa decisão deflagrou uma enxurrada de críticas de nossos caricaturistas. De maneira geral, foi a ofensiva contra a Rússia e os episódios que a envolveram que deram o pontapé inicial para as críticas mais incisivas.



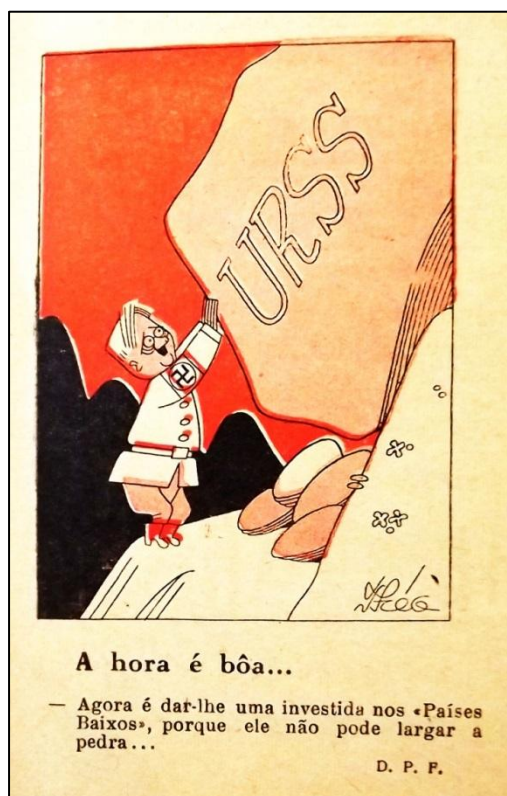


Figura 105 Théo. *Careta*, 09/05/1942, nº 1767, ano XXXIV, p. 12.

A charge de Théo ilustra bem a maneira como a guerra contra a União Soviética, que Hitler presumira erroneamente duraria apenas meses, era enxergada nas páginas da *Careta*. Nela, Hitler segura uma grande pedra – representando a URSS – no alto de uma montanha. Segundo um narrador desconhecido, que pode ser a voz de qualquer um envolvido na luta contra o nazi-fascismo, esta seria a hora de “dar-lhe uma investida nos ‘Países Baixos’”, o que, decodificando o aparato militar da frase, significa o mesmo que “dar-lhe um chute nas ‘partes’”. Dessa forma, Hitler teria se metido em uma grande enrascada ao declarar guerra à antiga “aliada” Rússia. A mesma ideia é expressa por Théo no ano seguinte, mas a metáfora é outra.

Valendo-se do recurso da zoomorfização e da

metáfora, o chargista representou a União Soviética como um urso, animal símbolo da Rússia. Hitler teria ido caçar o urso, isto é, teria tensionado conquistar a URSS, mas acabou voltando acorrentado. O caçador teria virado a caça, caindo em uma terrível armadilha.



Figura 8 Théo. *Careta*, 27/04/1943, nº1809, ano XXXV, p. 32.

O objetivo da operação Barbarossa era a destruição do grosso do Exército Vermelho a oeste dos rios Dwina e Dnieper, mediante uma série de vastas operações de envolvimento. Baseava-se numa série de pressupostos, alguns dos quais inspirados em informações e avaliações militares cuidadosas, enquanto outros implicavam total incompreensão da situação da URSS<sup>178</sup>.

Após o êxito dos primeiros movimentos de envolvimento em grande escala, os nazistas declararam que o exército soviético fora esmagado. Não se tratava tanto de propaganda enganosa, quanto de auto ilusão. Dietrich, o chefe de imprensa alemão, confirmou, posteriormente, que esse anúncio prematuro da vitória do leste correspondia a uma firme convicção de Hitler. A prova em contrário que se seguiu foi recebida como um grande choque. Em julho de 1941, foi estabelecida uma aliança força entre União Soviética e Grã-Bretanha, a que posteriormente aderiram os Estados Unidos, que se justificava pelo seguinte fato: não estando dispostos a travar uma guerra na Europa continental, os britânicos e norte americanos encararam a Aliança como algo que enfraqueceria simultaneamente a União Soviética e a Alemanha, após o que eles viriam para operações de limpeza. Para assegurar-se de que a URSS suportaria o impacto da agressão alemã sem sucumbir a ela, ambos os países forneceram ajuda material. Foi um baixo preço pago para evitar que a Alemanha dominasse a Europa e, portanto, fosse capaz, no futuro, de subjugar a Grã-Bretanha e de desafiar os EUA pela hegemonia mundial<sup>179</sup>.



Diversas foram as formas de críticas e sátiras envolvendo a triste escolha bélica de guerrear contra a Rússia. O mais implacável nelas foi Théo.

**Figura 107** Théo. *Caretta*, 10/04/1943, nº 1815, ano XXXV, p. 4,

<sup>178</sup> MENDEL, Ernst. Op. Cit. P 114.

<sup>179</sup> MENDEL, Ernst. Op. Cit. P 118.

A charge, brilhante em sua concepção, traz três grandes líderes da guerra – Churchill, Stálin e Hitler. O cenário é o de um bar: Churchill, fumando seu tradicional charuto, encontra-se atrás do balcão; Stálin é o garçom do bar, e – reparem a pose – parece se orgulhar de ter servido ao cliente – Hitler – uma dose valente de vodka. Novamente a metáfora: servir uma dose valente de Vodka – bebida originalmente russa – significaria o mesmo de fazer Hitler experimentar uma forte dose de algo russo, neste caso, os exércitos. Com isso, Hitler não tardaria a sentir os efeitos colaterais, e teria de pedir soda para alivia-los, novamente outra metáfora.



**Figura 108** Théo. *Caretta*, 20/03/1943, nº 1812, ano XXXV, p. 12.

Antes de ir para o bar, Hitler, contudo, havia ido ao parque de diversões com Mussolini, mas parece que de “divertido” este parque de nada tinha. Visivelmente amedrontados, o Führer e o Duce arriscam-se em uma montanha russa – novamente uma sátira que só pode ser construída no português, já que o brinquedo só é assim chamado neste idioma. De longe, Roosevelt e Churchill observam a aventura dos dois, e mal podem esperar para enfiá-los no trem fantasma, ao concluir que eles não estavam gostando nada da situação. Todos são

observados por Stálin, que exhibe um ar de satisfação. Se a guerra já equivalia a um fardo pesado sem a participação efetiva dos EUA e da Inglaterra, a situação em que se veria depois seria equivalente à passear no trem fantasma daquele parque de diversões.

Como dito anteriormente, no final de 1942 o exército alemão sofreu uma importante derrota em Stalingrado, a partir da qual a União Soviética passaria à ofensiva da frente oriental. Foi essa a batalha principal de 1942-1943. O ataque do Sexto Exército Alemão, comandado por Von Paulus, teve início a 28 de junho de 1942 e atingiu os arredores de Stalingrado exatamente um mês depois. A defesa da metrópole do Volga pelo Exército Vermelho foi improvisada em condições próximas do pânico. Porém, com a participação dos operários daquela grande cidade industrial, assumiu rapidamente proporções épicas. Ondas sucessivas de ataques alemães chegavam bem perto de tomar toda a cidade, mas eram detidas a cada vez que o Exército Vermelho e os operários de Stalingrado contra-atacavam e mantinham livre um setor da cidade – uma fábrica, uma cabeça de ponte. Sua prolongada e

histórica resistência permitiu que o Estado-Maior soviético (*Stavka*) preparasse uma contraofensiva. Enorme força de reserva foi reunida na retaguarda da frente do Don-Volga, fora das vistas do inimigo. Enquanto o general Halder se preocupava cada vez mais com a vulnerabilidade do extenso flanco norte e sul de Stalingrado, o *Stavka* conseguira reunir forças que lhe garantiam superioridade numérica e de poder de fogo.

Stalingrado foi vista como um lugar de onde não se volta. Pelo menos essa foi a ideia que Osvaldo procurou retratar em mais de uma ocasião. Em novembro de 1942, desviou-se de seu monótono par de amigos para caricaturar Hitler e um soldado alemão. O Führer se encontra um mister de assustado com acanhado, quando se vê diante do soldado que diz acabar de regressar de Stalingrado – “de onde não se volta”.



**Figura 109** Osvaldo. *Careta*, 21/11/1942, nº1795, ano XXXV, p. 4.



**Figura 110** Osvaldo. *Careta*, 28/11/1942, nº 1796, ano XXXV, p. 40.

Na semana seguinte, Osvaldo voltou ao tema, dessa vez com seus habituais temas do cotidiano. Um dos soldados conta ao outro que havia pedido licença ao comandante para se casar; a resposta havia sido positiva, porém após a conquista de Stalingrado. Seu amigo, em frase que evidenciou sua ‘brasilidade’, embora fosse alemão, deduz que o comandante é contra o casamento, sugerindo que não haveria conquista de Stalingrado. Dessa forma, a conquista de Stalingrado era uma missão impossível, o que muito agradou os caricaturistas e permitiu diversos tipos de abordagem.

É preciso realçar que, muito embora o aumento das reservas soviéticas, as linhas de suprimento mais curtas, o apoio militar norte-americano (especialmente em tanques e canhões), o rápido decréscimo das forças alemãs e a fragilidade interna dos exércitos Aliados do Eixo (romenos, húngaros e italianos), tudo isso tenha influído no resultado da batalha, o elemento decisivo foi a prolongada resistência dos defensores de Stalingrado. Foi essa resistência que exauriu as reservas alemãs e deu ao *Stavka* o tempo necessário para planejar e organizar nos mínimos detalhes o envolvimento do Sexto Exército.

A operação de Stalingrado (Operação Uranus), tão brilhantemente concebida, baseava-se na possibilidade de duas investidas, pelo norte e pelo sul da cidade. Teve êxito em quatro dias: o Sexto Exército foi cercado e, apesar de um violento contra-ataque armado por Von Manstein, jamais restabeleceria contato com o grosso das tropas alemãs nem seria mais suprimido adequadamente pela *Luftwaffe*<sup>180</sup>.



Figura 111 Osvaldo. *Careta*, 14/11/1942, nº 1794, ano XXXV, p. 36.

Osvaldo, particularmente, foi muito caro a este momento da guerra. Valendo-se dos episódios de Stalingrado – até quando estes eram favoráveis aos alemães – Osvaldo conseguiu “inverter a jogada” e ainda assim criticar os germânicos, com uma situação que era conhecida e temida por Hitler – o inverno russo. Ainda que os nazistas tivessem destruído o observatório de Stalingrado, o inverno cuidaria da situação, porque não havia como

<sup>180</sup> MENDEL, Ernst. Op. Cit. P 135.

evita-lo. Nenhuma vitória alemã poderia retardar a ação do frio glacial soviético.



**Figura 9** Osvaldo. *Careta*, 21/11/1942, nº1795, ano XXXV, p. 12.

O inverno foi novamente invocado por Osvaldo para aterrorizar os alemães. Dessa vez, teria sido responsável pelo congelamento das tropas alemãs, que outrora estiveram frescas. As charges, nessas categorias, consistiam mais em comentários tendenciosos contra a Alemanha do que propriamente em críticas agressivas como outras já vistas.

Contudo, é facilmente identificado o posicionamento antigermânico da

*Careta*, quer em charges que se valeram do inverno russo e teceram suas críticas em cima dele, quer em outras que denunciaram as atrocidades do regime nazista. A densidade da crítica é o que varia, não seu alvo ou seu objetivo.

Como aliada da Itália e do Japão, a Alemanha não poderia escapar das críticas de fuga e covardia.



**Figura 113** Osvaldo. *Careta*, nº 1845, ano XXXVI, p. 12.



**Figura 114** Théo. *Careta*, 11/11/1944, nº 1898, ano XXXVII, p. 4.

persistência cega de Hitler em ir até o final em todas as situações. Hitler confirmou o que disse a charge ao lado em janeiro de 1945, após o fracasso da ofensiva das Ardenas, ao dizer



**Figura 115** Théo. *Careta*, 28/08/1943, nº 1835, ano XXXVI, p. 8.

Oswaldo utiliza a ideia consensualmente estabelecida de que a língua alemã é uma língua difícil para construir a ideia de sua charge. Comparando a língua brasileira com a alemã, enquanto nós dizemos *fugir*, os dissimulados alemães, para não dar o braço a torcer, admitindo que descaradamente fogem, usam o termo “retificação da linha, de acordo com os planos pré

estabelecidos”. Essa postura alemã está muito relacionada com a

“Não capitularemos. Nunca. Podemos afundar. Mas levaremos o mundo conosco.”<sup>181</sup>

Na charge, Roosevelt e Stálin parecem se divertir às custas da declaração de Goebbels, coerente com a de Hitler, de que não há a palavra “capitulação” no dicionário nazista. Stálin diz não se importar, já que eles capitularão mesmo em russo ou inglês – isto é, as línguas dos países responsáveis por sua queda: URSS, EUA, Inglaterra.

Já era visível para os

<sup>181</sup> Kershaw, Ian. Op. cit. verso.

caricaturistas – e para o resto do mundo – qual seria o fim do conflito, e eles já começavam a discutir a eminente derrota da Alemanha e qual seria seu fim após a guerra.

Ainda a respeito da fuga, publicou Théo uma divertida charge que define as novas orientações de guerra de Hitler, que vê a necessidade de virar os canhões para trás, já que os alemães não estavam mais na ofensiva, e sim recuando. Já em 1940, brincando com a palavra *Blitzkrieg*, Théo promoveu uma aproximação do leitor com o termo, ao substituir “Krieg” por “fuga”, e assim passar a ideia de fuga relâmpago nos episódios que envolveram a tomada do norte da África pelos aliados. A ideia é reforçada ainda pela dúvida do mensageiro, isto é, se a

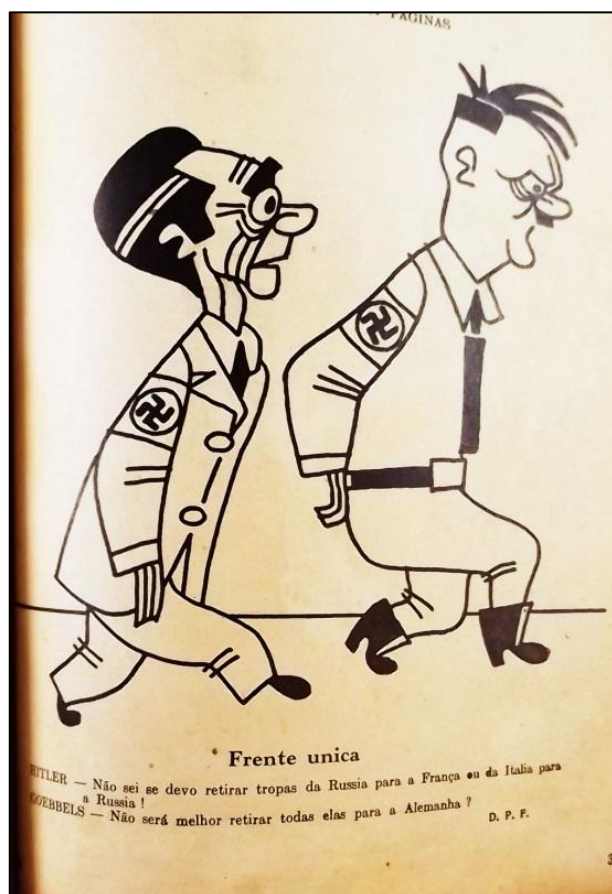


Figura 116 Théo. *Caretta*, 28/12/1940, nº 1696, ano XXXIII, p. 12.

informação sobre a retirada não chegaria depois de as covardes tropas alemãs já terem de fato fugido. A desqualificação da Alemanha enquanto exército, somada ao que já foi dito a este respeito sobre Japão e Itália, representa o empenho dos caricaturistas em amenizar a ameaça e o medo que a guerra e todos os seus terríveis ônus pudessem causar nos leitores.

Transformando os exércitos inimigos em algo passível de riso, dissolve-se grande parte de seu caráter de ameaça, tornando-os, enfim, palpavelmente superáveis.





**Figura 117** Théo. *Caretta*, 02/09/1944, nº 1888, ano XXXVII, p. 3.

A ideia do recuo novamente ocorreu a Théo na construção da charge da página 3 da edição de 2 de setembro de 1944. Nela, Hitler dialoga com Goebbels a respeito de estratégias de guerra. Não sabe se deve retirar tropas da Rússia para a França, ou da Itália para a Rússia. Goebbels sugere, ao contrário, que o Führer retire todas para a Alemanha, assumindo que já não pode mais vencer a guerra. A charge circulou depois de catastróficos eventos para o Eixo: o desembarque anglo-americano na Normandia, em 6 de junho de 1944; as ofensivas do Exército Vermelho de agosto de 1944 e janeiro de 1945, que trouxeram do Dniester ao Danúbio e do Vístula ao Oder, respectivamente, apossando-se da base industrial de Hitler na Silésia; e a

conquista das Filipinas entre a batalha do golfo de Leyte e o desembarque na baía de Lingayen (novembro de 1944 – fevereiro de 1945)<sup>182</sup>. Foram estes episódios que deram início à investida final contra o solo do imperialismo alemão e japonês, que culminaria em sua derrota final em maio e em agosto de 1945. Antes disso, no entanto, as investidas a leste pela União Soviética, e a oeste pelos ingleses e americanos após o desembarque do Dia-D, foram muito bem exploradas por Théo em julho de 1944.

Antes disso, porém, a chegada da Segunda Frente de Batalha ainda era uma possibilidade. No verão de 1942, os êxitos alemães levaram à campanha soviética pela abertura da segunda frente na Europa pelos Aliados. Em fins de 1941, inflamado com a vitória em Moscou, e crendo que a guerra estava praticamente ganha, Stálin apresentara ao seu emissário britânico, Eden, seus planos para a reorganização da Europa. O governo britânico, não desejando ofender seu aliado soviético, optou por procrastinar. Agora, seis meses depois, com quatro quintos de todo o exército alemão dentro de territórios soviéticos, e o Exército Vermelho sob risco de ser aniquilado, Stalin deixou de lado todas as suas pretensões para o

<sup>182</sup> MENDEL, Ernst. Op. Cit. P 148.

pós-guerra e solicitou ajuda ocidental sob a forma de uma segunda frente, que absorveria diversas unidades alemãs. Depois de várias viagens de Molotov, o melhor que a URSS poderia esperar era uma segunda frente em 1943<sup>183</sup>.



Figura 118 Théo. *Careta*, 13/11/1943, nº 1846, ano XXXVI, p. 3.

A ameaça de 1943 foi brilhantemente representada por Théo através de uma grande charge-metáfora. A Wehrmacht – o exército alemão – está separada de Hitler pelo Exército Vermelho. Atrás dela, uma bomba ameaça explodir. É a ameaça da segunda frente, a frente ocidental – e o senhor da situação é Churchill, que dá algum sentido à recorrente presença de seu charuto e se sente com vontade de encostá-lo no estopim, o que causa completo desespero em Hitler, que observa impotente a cena. A charge encontra sua consequência óbvia em outro trabalho de Théo, oito meses depois. Hitler se encontra apavorado e apreensivo sobre o barril

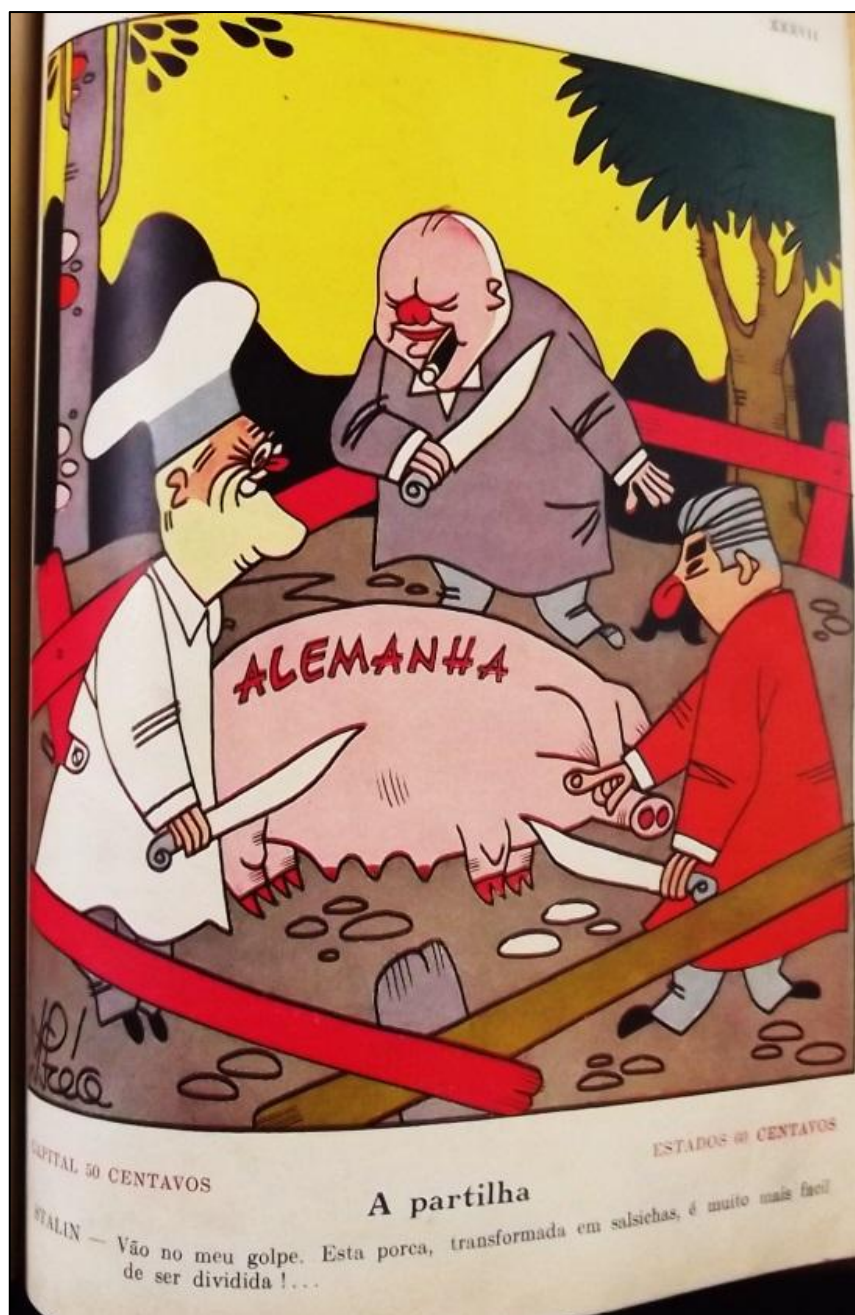
<sup>183</sup> SAVELLE, Max (org.), op. cit. p. 263.

de pólvora que representava a Alemanha àquela altura da guerra. À sua direita, Churchill abana um rastro de fogo na Frente Francesa, enquanto Stálin, à sua esquerda, cuida da aproximação do fogo pela frente Oriental. A Alemanha estava cercada, e não tardaria a explodir.



Figura 119 Théo, *Careta*, 15/07/1944, nº 1881, ano XXXVII, p. 8.

Com o famigerado fim da guerra se aproximando, os caricaturistas começaram, bem como fizeram com Hitler, a discutir o destino e o futuro da Alemanha e de seus dirigentes. J. Carlos assinou uma grande capa a este respeito em setembro de 1944. Já estava claro que alguma espécie de divisão ocorreria com a Alemanha após a guerra, com os despojos sendo divididos entre os grandes vencedores: Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética. Na charge de J. Carlos, que assim como Théo também se valeu de um zoomorfismo, a Alemanha é uma grande porca rosa e gorda, porém inofensiva, e se encontra imóvel no chiqueiro. Ao redor dela, os três chefes de Estado estão armados com grandes facões, mas é Stálin quem fala. Segundo ele, os outros dois devem segui-lo em seu golpe, e a porca que estava diante deles, quando transformada em salsichas, seria muito mais fácil de ser dividida. J. Carlos buscou na tradição alemã em comer carne bovina a inspiração para a construção de sua charge, que representa em traços cômicos o futuro que teria a ex-potência que havia sido a Alemanha durante o Terceiro Reich.



**Figura 120** Théo. *Caretta*, 23/09/1944, nº 1891, ano XXXVII, capa.

Antes, porém, que a guerra começasse a revelar-se próxima de um fim, ainda em agosto de 1943, Théo publicou uma charge em que discutia particularmente soluções encontradas por Goebbels para o futuro dos líderes nazistas, possíveis disfarces que possibilitassem a eles sobreviver após a derrota – tão esperada – da Alemanha. Théo arrisca, inclusive, um título em italiano para a charge, que tem um quê a mais de brasilidade.



Figura 121 Théo. *Careta*, 28/08/1943, nº 1835, ano XXXVI, p. 36.

Goebbels dá as diretrizes para as futuras ocupações da “família” nazi-fascista. Mussolini, honrando a fama da disseminação da profissão de engraxate na Itália, principalmente no final do século XIX, iria abrir um salão de engraxate na Galeria Cruzeiro, edifício conhecido do Rio de Janeiro, obviamente conferiria extremo reconhecimento por parte dos leitores, que sentiriam imersos na situação e seriam, assim, capazes de realmente imaginar Mussolini entre os engraxates da Galeria; outra rua carioca, dessa vez a Frei Caneca, próxima à avenida Presidente Vargas, seria o destino de Hitler, mais precisamente um casarão no qual ele pintaria paredes, já que sempre nutria o sonho de se tornar um pintor; Ribbentrop seria o propagandista-chefe de uma marca de cerveja, e o próprio Goebbels escreveria um livro que faria mais sucesso do que a obra do “Barão de Mumckausen. O livro – *As Aventuras do Barão de Münchhausen* – é composto pelos relatos das aventuras de Karl Frederico Hierocracias Von Münchhausen, um militar e senhor rural que viveu histórias fantásticas e

exageradas. Este seria, para Goebbels, o plano perfeito para a sobrevivência após a guerra. A realidade, no entanto, provou ser contrária a seus planos, e todos eles terminaram mortos, cada um a seu modo.

\*\*\*\*\*

Por este capítulo, creio ser possível concluir que as charges trouxeram a guerra e seus múltiplos desdobramentos para a língua do povo. E isso muito se deveu aos brilhantes recursos linguísticos que as elas possuem. Era preciso traduzir o emaranhado de acontecimentos envolvendo os múltiplos agentes de cada uma das potências em um código que fosse mais simples e direto, de fácil entendimento e fácil reprodução. Caricaturar todos os marechais e generais atuantes na guerra seria o mesmo que publicar um texto impresso; a adoção de figuras-chave – em geral os chefes de Estado dos correspondentes países – possibilitou forte reiteração, que se traduzia em familiaridade. Essa síntese permitia que mirabolantes acontecimentos se tornassem simples e reproduzíveis em um desenho – como os vários desdobramentos da guerra no Norte da África, por exemplo, que foram representados por Hitler e Mussolini correndo – tornando a guerra inteligível.

Eles não somente simplificaram a guerra. Théó, Osvaldo e J. Carlos atuaram nos três teatros de guerra: na Europa, no Mediterrâneo e o Pacífico. Dessa forma, as críticas avançaram para além do nazismo de Hitler, atingindo também os governos de Mussolini e Hirohito, os integrantes do Eixo. Ambos os exércitos foram desqualificados – eram todos despreparados e covardes. As potências do Eixo, gananciosas e desumanas, pareciam completamente perdidas na guerra, representada na revista como um comportamento primitivo.

## CONCLUSÃO

O primeiro capítulo foi denominado “O Bigodinho ‘Iluminado’” em respeitosa referência a dois aspectos satirizados por nossos caricaturistas: o típico bigode de “Adolfo” e sua suposta escolha pela Providência para subjugar o mundo. Essa sessão trouxe charges daquele que foi senão o protagonista, um dos principais responsáveis pela eclosão da Segunda Guerra Mundial – Adolf Hitler. O capítulo foi construído de forma que o protagonismo de Hitler fosse evidenciado: como se tornou indispensável a um movimento político cujo crescimento tanto se deveu a ele; como, através de uma eficiente máquina de propaganda, elevou a auto estima de um povo derrotado, conquistou sua confiança e consolidou-se no poder; como derrotou seus oponentes políticos e tornou nula qualquer oposição ao seu governo; e como, para atender aos objetivos de um governo expansionista por excelência, mergulhou o mundo no maior e mais sangrentos conflitos de toda a História.

O primeiro grupo de imagens abordou a questão estética do Führer, e o aspecto mais marcante de sua aparência, seu bigode, não deixou de se fazer presente. Diversos aspectos de sua liderança e personalidade foram satirizados em seguida: a maneira histérica e explosiva com que lidava com os que o cercavam; a loucura que muitos acreditavam acometer o chefe de Estado alemão; sua frustração de juventude, oriunda de seu fracasso na tentativa de ingresso na Academia de Belas Artes de Viena. Suas atividades como estrategista à frente do Exército alemão também foram temas do capítulo: sua ganância excessiva, seus problemas com seus generais e seu Estado Maior, suas más escolhas, tudo isso conduzindo a um previsível e eminente fracasso. E fracassado era o adjetivo que os caricaturistas da *Careta* queriam associar à figura de Hitler, tendo em vista as diversas charges que se empenharam em reforçar essa mensagem. Vimos também que o fracasso de Hitler deveu-se tanto à características internas – aspectos da personalidade do próprio Hitler – como externas a ele – causado por obra de seus inimigos e opositores.

O destino de Hitler foi discutido entre os caricaturistas, e a discussão também esteve presente – do fim semelhante ao de Lampião à exposição em uma jaula de amostras, o desejo de ver Hitler cair era forte e presente. Comparações foram feitas, e o Führer chegou ser equiparado ao demônio. O atentado contra a vida de Hitler, em julho de 1944, também foi satirizado, considerado por Théo como um serviço mal feito – a bomba não sabia como deveria explodir. O grande objetivo era pintar um líder fracassado, desacreditado, buscando esvaziar seu discurso, transformando-o em alguém digno de riso, não de respeito.

A segunda sessão teve início abordando a questão da conquista da confiança do povo alemão através da aliança entre um oportunismo circunstancial – fruto de um período específico de crise da democracia e desesperança – e bom marketing. Através de uma propaganda de massa e enganosa, os alemães foram convidados – ou por que não seduzidos? – ao pacto com o nazismo. Os alemães foram de tal maneira educados pelo regime, que se chegou ao ponto da criação de uma saudação oficial, primeiro ponto a receber atenção no capítulo. A grande promotora de todo este alinhamento, a máquina de propaganda nazista foi extremamente criticada nas páginas da *Careta*. Aqui, o sentido primeiro se refere à massificação da cultura através de um sólido monopólio, que teria criado alemães cegos e robotizados. A figura central foi a do ministro Goebbels, responsável pela veiculação de uma propaganda entendida por nossos caricaturistas como extremamente enganosa.

Após abordar a questão da massificação da cultura e educação do povo alemão, entrou em discussão a questão dos objetivos desse empenho em conquistar as massas. A tomada do poder significava e buscava um certo revanchismo em relação ao tratado de Versalhes e às punições sofridas pela Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, consideradas extremamente injustas pelos nazistas. Surgiram charges que apontavam para personagens assaz ambiciosos, que funcionaram como uma espécie de transição para outra categoria, que, de certa forma, deu origem à guerra e representou um grande dogma do nazismo, seu caráter expansionista. Esse expansionismo estava ligado à aquisição de um espaço vital que seria, por direito, propriedade do povo ariano, que via a si mesmo como superior a todos os outros. Isso seria representado por um pangermanismo que buscava reunir todos os arianos numa mesma comunidade, o que traria a necessidade da expansão e conquista de novos territórios, em detrimento dos outros povos.

Vimos que o expansionismo alemão esteve associado ao extermínio dos judeus, que se constituiu em outro grupo de charges. Essa era uma das questões pivô de toda a política nazista, a base da ideologia do partido. As charges sobre os judeus conduziram naturalmente a outro, a brutalidade do regime. Havia uma preocupação com a imagem internacional dessa política bárbara, sobre a qual Hitler preferia surgir somente nos bastidores e a opinião pública internacional deveria saber o mínimo possível. O último ponto abordado foi a enorme crítica recebida pelo *povo alemão* por compactuar com o regime nazista. Aqui, política e alemães se confundem para dar lugar a uma única figura, de monstros desumanos dignos de serem comparados a ratos e jumentos. Os caricaturistas desnudam toda a política nazista, indo além das críticas mais ou menos óbvias à figura de Hitler, central em todos os acontecimentos. Os



brasileiros leitores da *Careta* foram convidados a conhecer e desprezar não só os nazistas, mas suas políticas e os alemães.

O terceiro e último capítulo mostrou aos leitores como foi vista a atuação dos países do Eixo na guerra. Os acontecimentos da Segunda Grande Guerra, trágicos por excelência, foram transformados em imagens cômicas no Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, a guerra foi vista como atividade de bárbaros, homens primitivos não civilizados – para tanto, comparações com macacos e selvagens foram elaboradas para corroborar a ideia de selvageria dos envolvidos. Nossos caricaturistas também brincavam com a terminologia da guerra, transformando a *Blitzkrieg* e o corredor polonês objetos de estranhamento e, em consequência, de riso.

Japão e Itália também tiveram “sua hora e sua vez” nas páginas da *Careta*. A guerra no Pacífico e a atuação dos exércitos japoneses figuraram nas páginas do periódico, assim como o conflito no norte da África. Mussolini, o Duce, e o japonês Hirohito, também estiveram presentes no cotidiano dos brasileiros durante os longos anos de guerra, através do esforço hábil de nossos mestres da arte de caricaturar. Suas posturas e políticas foram tão denunciadas quanto às dos nazistas: afinal, a batalha não era somente contra Hitler, mas contra as *ditaduras*.

\*\*\*\*\*

Os leitores que até aqui chegaram concordarão com o seguinte fato: pouca coisa se ouviu além de três quase sincronizadas vozes – a de Théo, a de Osvaldo, e a de Jota Carlos. Deduz-se delas mais uma – a da *Careta*. Digo “sincronizadas” porque, como previamente avisado e presumivelmente percebido, uma vez que as charges não foram organizadas cronologicamente, mas por eixos temáticos, foi possível perceber a presença da voz dos três na grande maioria dos casos. E “quase” porque, embora estivessem sincronizados, isto é, sustentassem argumentos comuns, cada um manteve seu tom de voz. O que muito agradou, pois diversificou os discursos e possibilitou análises de grande riqueza e de diversa natureza. Deixemos, então, que os que mais falaram até aqui concluam seu próprio raciocínio. Abaixo, segue a transcrição de uma carta de Théo ao presidente Eurico Gaspar Dutra:

Sr. Presidente.

1 – Há, no projeto de lei de Defesa do Estado, um dispositivo que vai acabar com a vida dos caricaturistas. Nos países democráticos a caricatura é uma instituição; nos países totalitários ela é proscrita de cambulhada com a liberdade.

Quando, antes da guerra, Von Ribbentrop reclamou ao Foreign Office contra uma historieta de Low, publicada no *Evenin Standart*, o governo inglês se limitou a encaminhar ao humorista a nota azeda do governo alemão. O governo de Sua Majestade não tinha forças para censurar o bom humor de um cidadão do Império.

2 – O ridículo não é, como muita gente pensa, uma invenção do artista; ele apenas descobre e traz à tona o lado chistoso da vítima. Por isso mesmo, há pessoas e entidades que se colocam acima de qualquer sátira. O Cardeal Câmara, o Supremo Tribunal, Eduardo Gomes, o Exército, a Religião, nunca poderiam ser, no Brasil, alvo de uma campanha de ridículo. Que culpa temos nós, os caricaturistas, se o senador XX não tem uma cara que se apresente? Será ridicularizar um detentor dos poderes públicos ‘retratar’ o campeão das entrevistas confusas?

3 – No Brasil Império, o nosso grande Pedro II nunca se arreceu do lápis irônico de um brasileiro naturalizado, o desenhista Angelo Agostini, que sempre colocou nas suas charges irreverentes a figura austera do Imperador e dos seus chefes de gabinete. Não será monstruosamente ridículo por na cadeia quem rabisca S.D., o Pinocchio, quando nada sofreu quem satirizou Zacarias, Saraiva, Cotegipe? Algemar quem enxergara a face macilenta de A.M., o pai da lei malaia, quando nada sucedeu a quem caricaturou Rio Branco, o da Lei do Ventre Livre?

4 – No Brasil da 1ª República, Prudente de Moraes, o Biriba; Campos Sales, o Pavão; Rodrigues Alves, o Peru, não suportaram, sem pruridos de revolta, o humorismo popular? Que conseguiu, por acaso, quando rabiscava a pança avantajada do Barão do Rio Branco, ridicularizar aquele que, sem o uso sangrento da espada, conseguiu dilatar as fronteiras da Pátria?

Então, pintamos a figurinha do grande Rui e não podemos garatujar o nariz torto do Sr. N. R. ou do frontispício mal acabado do honrado senador J. A.?

5 – Irá essa lei monstruosa proibir a exibição dos desenhos animados, por causa da semelhança gritante entre o Ministro A.M.C e aquele corvo malandro que sempre leva a melhor, em sua luta constante com a raposa apalermada? E, nos rótulos de veneno e sinais de trânsito, será suprimida a caveira, para que não se pense em uma pérfida intenção de homenagear o senador A.S.?

6 – V. Ex.<sup>a</sup>, que já prestou tantos serviços à nação, suprimindo o jogo e não se deixando envolver pelos interesses escusos dos politiquinhos paulistas, não vacile em varrer a testada. *Quando, durante o Estado Novo, combatemos Hitler e Mussolini, nós o fizemos burlando a inepta censura e, se hoje combatemos Stalin, não o fazemos levados pela vasta propaganda oficial. Ontem, como hoje, nós combatemos os ditadores, todos eles, porque, nas ditaduras, se suprime a liberdade.*<sup>184</sup>

Com a palavra, Jota Carlos:

Em todos os setores da vida, e particularmente a respeito da arte, sou pela liberdade integral. Minhas charges dizem o que sinto e o que penso. *Critico e ironizo os que são inimigos da liberdade.* O nazismo viria a transformar todos os homens em parafusos de uma só máquina. Hitler quer que os homens sejam todos iguais entre o Direito e a Justiça, mas iguais como parafusos. Mas Hitler não quer ser igual a ninguém. Minha ojeriza pelo nazismo tem sua lógica simples. É que não quero ser parafuso. Além disso, um mundo onde todos os homens fossem a mesma coisa, fazendo a mesma coisa, seria bestíssimo<sup>185</sup>.

Raimundo Magalhães em 24 de abril de 1945, a respeito da *Careta*:

<sup>184</sup> LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.4. p. 1402. Grifos meus.

<sup>185</sup> LIMA, Herman. op. cit. p. 371.

Jornal feito para o povo, podendo ser encontrado em todas as barbearias, consultórios médicos e dentistas de norte a sul do Brasil. Careta sempre procurou ser, antes de tudo, desopilante e atrevida, servindo, através do riso são e desse atrevimento satírico, às inclinações do povo brasileiro. Careta está sempre alerta contra os males que mais afligem o morador dessa mui heroica e leal cidade quase sempre desgovernada e resistindo estoicamente, através da sátira verbal, do panfleto de esquina, da anedota bem condimentada, à inépcia de muitos dos seus eventuais governantes. (...) Careta transcende do plano municipal e nacional ao plano internacional, dando os seus tiros de atiradora solitária contra os tubarões do fascismo, contra os pretensos salvadores do mundo, do tipo de Mussolini, de Hitler, de Franco, de Salazar, etc. Careta foi um símbolo de resistência heroica da imprensa brasileira às tentativas de “modelação do espírito nacional” para aceitar Hitler e Mussolini como nossos aliados naturais. Numa época em que, amordaçada a imprensa, vasculhados os artigos à procura de expressões que revelassem a menor inclinação em favor dos aliados, muitos figurões que hoje posam como “amigos da democracia” queriam levar o país à guerra contra a Inglaterra, a Careta reagia e era repreendida severamente, ameaçada até de fechamento. Uma caricatura de J. Carlos ou de Théo, por vezes sem legenda, dizia muito e satisfazia o povo, porque bastava a catadura com que nela apareciam os infames açougueiros da carne humana, hoje julgados como criminosos de guerra, para que se descobrisse onde estavam as inclinações dos artistas e quais eram as simpatias da Careta<sup>186</sup>.

Não poderia haver melhor forma de se iniciar uma conclusão sobre tudo o que até aqui se leu. Através de suas falas, Théo e J. Carlos revelam qual foi a grande motivação que os levou a satirizar tão incisivamente os regimes totalitários, e a mergulhar em críticas seus implacáveis líderes. A carta de Théo para Dutra, que reiterou sua personalidade naturalmente piadista, procurou convencer o presidente, de maneira inusitada, a impedir a lei que viria a “acabar com a vida dos caricaturistas”. Mas é seu último parágrafo que nos interessa, em particular. Nele Théo menciona nominalmente seus inimigos ditadores de longa data, mas não só eles, “todos eles” – no momento das críticas a Hitler e a Mussolini, o Brasil era governado por um ditador: Getúlio Vargas. Já sabemos que, neste governo, a imprensa foi rigorosamente censurada, o que foi perceptível no trabalho com as charges – ao longo de todo o período contemplado pelo trabalho (junho/1939 – abril 1945) – charges e caricaturas a respeito de Getúlio Vargas estiveram completamente ausentes. Mas rebobinando ou adiantando o tempo, é possível perceber, no material não censurado, que o presidente Getúlio foi o alvo predileto de Théo durante anos a fio, sendo sempre implacavelmente criticado por ele, muitas vezes em sátiras verdadeiramente acerbadas. No particular, pode-se dizer que somente a caricaturista Hilde, em sua página da *Tribuna da Imprensa*, 1951-1954, alcançou a agressividade de certas capas da *Careta*, de autoria de Théo, depois da volta de Getúlio ao governo<sup>187</sup>.

É plausível presumir portanto, que, enquanto desenhava a favor da liberdade e da democracia contra os regimes totalitários extra americanos, Théo tinha na cabeça

<sup>186</sup> LIMA, Herman. op. cit. p. 150.

<sup>187</sup> LIMA, Herman. op. cit. p. 1398.

simultaneamente a ideia de um Brasil enclausurado também em uma ditadura, comandada por um homem, Vargas. Embora não pudessem criticar veladamente o Estado Novo, os caricaturistas da *Careta* procuraram outros meios de manifestar sua insatisfação, e encontraram nas charges sobre os regimes totalitários na Segunda Guerra Mundial uma boa oportunidade de fazer com que seus leitores se atentassem para a própria realidade vivida. Nas charges sobre a propaganda nazista essa válvula de escape pode ser captada, uma vez que, ao criticar a propaganda manipuladora e tendenciosa atuante na Alemanha, um paralelo seria facilmente estabelecido com a realidade brasileira.

O motivo apontado por Théo para o combate das ditaduras era simples: “nas ditaduras se suprime a liberdade<sup>188</sup>”. Essa também foi a razão que motivou o grande mestre da caricatura brasileira José Carlos de Brito e Cunha, que a citou duas vezes para dizer que critica e ironiza os que são inimigos da liberdade. Portanto, uma primeira conclusão pode ser tirada: com a publicação de centenas de charges que cercaram os regimes totalitários por todos os lados, buscava-se, sobretudo, atacar os raptos da liberdade. Eram a defesa da liberdade como ideal e como prática, nacional e internacional – o ataque à falta de liberdade na Europa era também um ataque à ditadura brasileira.

Foi transcrita também uma declaração do jornalista Raimundo Magalhães Jr. a respeito de nossa fonte, a revista *Careta*. À parte os prováveis exageros de R. Magalhães, que no impulso de enaltecer a *Careta* pode ter exagerado em algum adjetivo, é relevante e louvável observar que a *Careta* de fato cumpriu seu papel crítico de resistência, enunciado já em seu editorial de abertura. Já que a proposta das charges não é registrar o real, e sim significá-lo, concluímos com Luiz Teixeira que seus discursos nos informam menos sobre a sociedade em que foi produzida do que a tolerância política que assegura<sup>189</sup>. Dessa forma, os caricaturistas se mostraram extremamente intolerantes com as ditaduras e seu aparato de opressão; com seus

---

<sup>188</sup> A palavra Liberdade tem uma notável conotação laudatória. Por esta razão, tem sido usada para acobertar qualquer tipo de ação, política ou instituição considerada como portadora de algum valor, desde a obediência ao direito natural ou positivo até a prosperidade econômica. Os escritos políticos raramente oferecem definições explícitas de Liberdade em termos descritivos: todavia, em muitos casos, é possível inferir definições descritivas do contexto. O conceito de Liberdade se refere com maior frequência à Liberdade social. Esta conceituação precisa ser bem discriminada com relação a outras significações da palavra, quer em sentido descritivo, quer em sentido valorativo. As definições descritivas de Liberdade caracterizam situações identificáveis empiricamente e podem ser aceitas por qualquer pessoa, independentemente dos pontos de vista normativos de cada um no que diz respeito à Liberdade. O conceito de Liberdade interpessoal ou social se refere às relações de interação entre pessoas ou grupos, ou seja, ao fato de que um ator deixa outro ator livre para agir de determinada maneira. (BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Ginfanco. “Liberdade”. **Dicionário de Política**. Brasília: Edunb, 1993, p. 708)

<sup>189</sup> TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão, a charge**. Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 2005.

líderes e seus desmandos; com a guerra e com a morte de civis inocentes; com sua ideologia e seus dogmas.

A redação deste trabalho foi possível somente depois de recolhidas e analisadas as charges. Embora grande parte do inventário da *Careta* estivesse disponível ao alcance de todos na plataforma de documentos digitalizados da Biblioteca Nacional, existiam grandes lacunas documentais, e as charges publicadas anos iniciais contemplados pela pesquisa encontravam-se em preto e branco. Desta forma, a pesquisa exigiu a consulta pessoal aos acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, situada no mesmo bairro onde nasceu J. Carlos, Botafogo, no Rio de Janeiro, que possuía quase a totalidade de edições necessárias à execução dessa pesquisa, com apenas pequenas lacunas, superadas. O exercício de trazer essas fontes à luz e analisá-las sistematicamente pretendeu ter sido valioso na medida em que – sendo o primeiro trabalho a prestar esforços neste sentido – contribuiu para os estudos da resistência brasileira ao alinhamento às potências do Eixo com informações inéditas.

Para o final, surpreendentemente, foi escolhida uma charge de abril de 1942, breve tempo desde o rompimento das relações amistosas entre Brasil e os países do Eixo. Creio ter sido fácil perceber que as charges foram, com o decorrer dos anos, elaborando seu discurso e aguçando seu instinto satírico, de modo que a partir de meados de 1943, charges mais profundas e com um humor mais direcionado começaram a surgir. Entretanto, esta charge, mesmo datada de abril de 1942, foi escolhida por praticamente listar os objetivos que levavam os caricaturistas a combaterem a Nova Ordem. Foi assinada por J. Carlos, naturalmente.

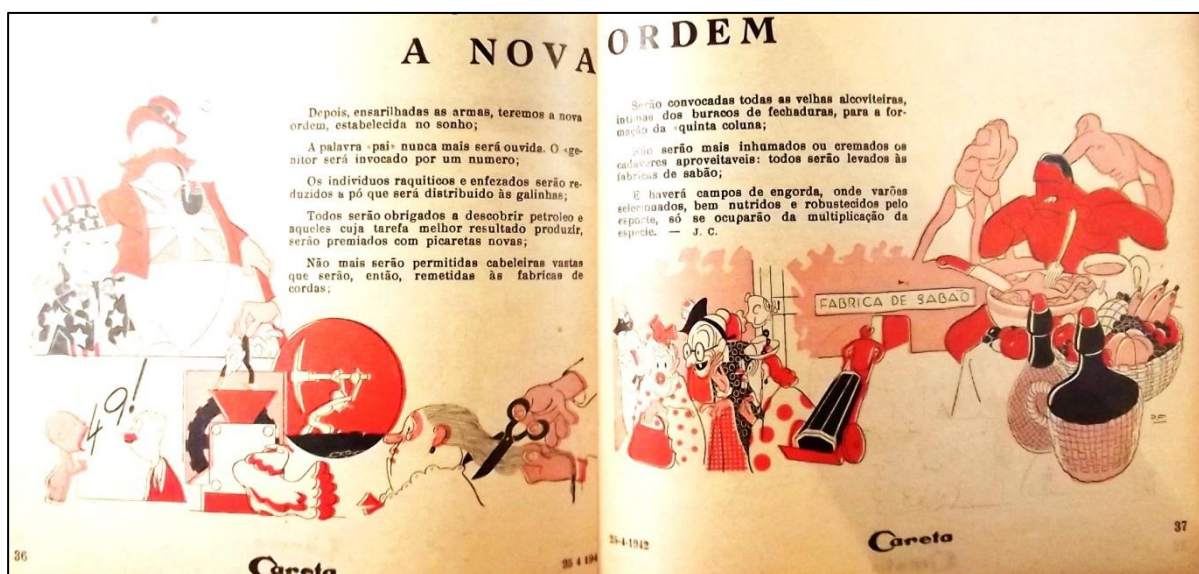


Figura 122 J. Carlos. *Careta*, 25/04/1942, nº 1765, ano XXXIV, p. 36-37.

### A NOVA ORDEM

Depois, ensarilhadas as armas, teremos a nova ordem, estabelecida no sonho;

A palavra “pai” nunca mais será ouvida. O genitor será invocado por um número;

Os indivíduos raquíticos e enfezados serão reduzidos a pó que será distribuído às galinhas;

Todos serão obrigados a descobrir petróleo, e aqueles cuja tarefa melhor resultado produzirem, serão premiados com picaretas novas;

Não mais serão permitidas cabeleiras vastas que serão, então, remetidas às fábricas de cordas;

Serão convocadas todas as velhas alcoviteiras, intimas dos buracos das fechaduras, para a formação da “quinta coluna”;

Não serão mais inhumáveis os cadáveres aproveitáveis: todos serão levados às fábricas de sabão;

E haverá campos de engorda, onde varões selecionados, bem nutridos e robustecidos pelo esporte, só se ocuparão da multiplicação da espécie.

J.C

Talvez a imagem a cima se afaste da ideia rígida de “charge” – pela dimensão e pelo conteúdo. Ela é, contudo, extremamente valiosa em seu sentido conotativo, e nos permite observar diversos aspectos que até aqui conduziram nossas análises. Bem como a grande maioria das charges, ela uniu o texto à imagem numa relação extremamente sincrônica que produziu uma crítica substancial contra a Nova Ordem. Ao redor do texto, posicionado no centro e sob o título, várias imagens ilustram o que se diz nas oito frases. Analiticamente, é possível perceber as conhecidas figuras de linguagem, emprestadas do discurso verbal, tais como a metonímia – que se valeu da humanização da Inglaterra e dos EUA para representar o capitalismo – e a hipérbole – corpos sendo jogados em moinhos. É possível perceber, também, já citada relação da charge com o meio em que foi produzida: neste caso, J. C. utilizou uma linguagem particular ao povo brasileiro, que detém as chaves para decifrar os códigos corretamente – como no caso do emprego da palavra “varão”.

Logo na primeira frase, J. Carlos alerta para o que aguarda o mundo ao término na guerra. O primeiro ponto abordado é a família, elemento fundamental na sociedade brasileira, ou seu provável fim, uma vez que os pais perderão sua identidade enquanto tais e passarão a ser designados por números – pode-se ver, ao lado, uma criança e seu pai, o número 49. O capitalismo, representados pelo Reino Unido e pelos EUA, também é denunciado como explorador, uma vez que bonifica os homens com mais trabalho.

As mazelas da guerra são igualmente denunciadas – como a prática da reutilização de cabelos humanos para produção de objetos – em Auschwitz, o maior campo de extermínio

nazista, os aliados encontraram 7,7 toneladas de cabelo humano embaladas e prontas para transporte<sup>190</sup> – e a lenda, criada principalmente da propaganda aliada, de que se faziam sabão com gordura humana. Os simpatizantes pelas ideias do Eixo e a propaganda subversiva também foram criticados, através da figura das velhas “fofoqueiras” e da expressão “quinta coluna”<sup>191</sup>, bem como o fanatismo racista tão característico dos nazistas – uma vez que, na Nova Ordem, apenas homens dentro do padrão desejados serão os responsáveis pela reprodução humana. Essa medida está intimamente ligada com a desqualificação do diferente enquanto ser humano – tão cara principalmente aos nazistas – representada por J. C. pela transformação em pó dos indivíduos raquíticos e enfezados. Ainda era cedo para que J. Carlos soubesse que o pó foi realmente o destino de milhões de judeus nos crematórios dos campos de extermínio nazistas. A Nova Ordem, estabelecida no sonho, tornaria a vida um pesadelo.

A Segunda Guerra Mundial provou, mais uma vez, que, longe de ser um tema saturado e um assunto esgotado, continua sendo fonte de profunda reflexão e inspiração. Muito ainda há de ser descoberto a respeito de seus eventos e das representações dos mesmos – o imaginário da guerra ainda permanece um campo fértil de exploração. A realização deste trabalho levou a outros questionamentos que podem render frutos: seria, por exemplo, interessante comparar os discursos das charges brasileiras com suas equivalentes inglesas ou americanas, para se averiguar até que ponto os caricaturistas foram autênticos nos discursos de suas charges, ou até que ponto foram influenciados e se alinharam aos discursos da iconografia Aliada. Não foi objetivo abordar, nessas páginas, a Segunda Guerra Mundial em si mesma, mas sim a crítica à atuação dos países do Eixo no conflito mundial, sua políticas e suas posturas. Há, contudo, grande riqueza documental ainda inexplorada sobre a guerra nos exemplares arquivados da *Careta*, que, acredito eu, pode contribuir para bons estudos sobre o imaginário da guerra no Brasil.

---

<sup>190</sup> OVERY, R. J. **A Segunda Guerra Mundial: 1944-1945**. São Paulo: Panda Books, 2011. p. 45.

<sup>191</sup> O termo quinta-coluna surgiu na Espanha à época da Revolução Espanhola para referir-se a existência de um quinto exército formado por nacionais que estariam na retaguarda lutando a favor de Franco através de atos de sabotagem, boatos, ou espionagem. Essa denominação também passou a ser usada no Brasil contra os brasileiros que foram acusados de ter simpatias pelos eixistas. Nesse sentido, o quinta-coluna passa a ser mais um inimigo incorporado à lista de traidores da pátria. (CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **Ascensão das ideias nazistas em Pernambuco: A quinta coluna em ação: 1939-1945**. 186 f. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2005. )

\*\*\*\*\*

Das lutas e resistências que opuseram jornalistas e artistas – órgãos da imprensa – ao sopro controlador dos órgãos de censura do Estado Novo e aos diabólicos regimes totalitários, surgiram charges de inestimável valor historiográfico, político, social e cultural. Com este trabalho, procurou-se revelar este tesouro documental e dar-lhe algum significado. Terá sido de imensa satisfação se o leitor puder tomar como suas as principais conclusões deduzidas após as análises das imagens. Se ele, contudo, delas inferir significados diferentes, terá sido igualmente satisfatório constatar que Théó, J. Carlos e Osvaldo conseguiram atingir o âmago das charges – o de causar em cada um que as observa sensações diversas, individualizadas.



## ANEXO

## ANEXO I

PROGRAMA DO PARTIDO NACIONAL-SOCIALISTA DOS TRABALHADORES ALEMÃES<sup>192</sup>

Munique, 24 de fevereiro de 1920.

O programa do Partido operário alemão é um programa para nossa época. Os seus líderes recusam-se, uma vez alcançados os objetivos nele inscritos, a formular outros unicamente com a finalidade de possibilitar que se prolongue a existência do partido excitando artificialmente o descontentamento das massas.

1. Exigimos a reunião de todos os alemães numa grande Alemanha, fundamentados no direito dos povos a dispor de si mesmos.
2. Exigimos igualdade de direitos entre o povo alemão e as demais nações, e a abolição dos tratados de paz de Versalhes e de Saint-Germain.
3. Exigimos terras (colônias) para alimentar nosso povo e nelas instalar a nossa população excedente.
4. Somente os membros do povo podem ser cidadãos do Estado. Só pode ser membro do povo aquele que possui sangue alemão, sem consideração de credo. Nenhum judeu, portanto, pode ser membro do povo.
5. Quem não é cidadão só poder viver na Alemanha como hóspede e deve submeter-se à legislação relativa a estrangeiros.
6. O direito de decidir sobre o governo e a legislação do Estado só pode pertencer ao cidadão. Por conseguinte, exigimos que toda função pública, seja ela qual for, tanto ao nível do Reich como do Land ou da comuna, só possa ser ocupada por quem é cidadão.

Combatemos o sistema parlamentar corruptor por atribuir postos unicamente em virtude de um ponto de vista de partido, sem consideração do mérito nem da aptidão.

---

<sup>192</sup> Extraído de BURON, Thierry; GAUCHON, Pascoal. **Os fascismos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, p. 87-91.

7. Exigimos que o Estado se comprometa a assegurar, antes de qualquer outra coisa, condições de vida e de subsistência aos seus cidadãos. Se não é possível alimentar o conjunto da população do Estado, cumpre expulsar do Reich os súditos das nações estrangeiras (não-cidadãos).
8. Toda imigração suplementar de não-alemães deve ser impedida. Exigimos que todos os não-alemães entrados na Alemanha desde 2 de agosto de 1914 sejam obrigados a deixar o Reich imediatamente.
9. Todos os cidadãos devem possuir direitos e deveres iguais.
10. O primeiro dever de todo cidadão deve ser produzir, intelectual ou fisicamente. A atividade do indivíduo não deve prejudicar os interesses da comunidade, mas ser exercida dentro de um contexto geral e em proveito de todos. Exigimos, por conseguinte:
11. A supressão dos rendimentos a que não corresponda trabalho ou esforço, o fim da escravidão ao juro.
12. Levando-se em conta os imensos sacrifícios em bens e em sangue derramado que toda guerra exige do povo, o enriquecimento pessoal graças à guerra deve ser qualificado de crime contra o povo. Exigimos, portanto, a recuperação total de todos os lucros de guerra.
13. Exigimos a nacionalização de todas as empresas (já) estabelecidas como sociedade (trustes).
14. Exigimos a participação nos lucros das grandes empresas.
15. Exigimos que se ampliem generosamente as aposentadorias.
16. Exigimos a constituição e a manutenção de uma classe média sadia, a estabilização imediata das grandes lojas, e o seu aluguel a preços baixos a pequenos comerciantes, cadastramento sistemático de todos os pequenos comerciantes para atender às encomendas do Estado, dos *Länder* e das comunas.
17. Exigimos uma reforma agrária apropriada às nossas necessidades nacionais, a elaboração de uma lei sobre expropriação da terra sem indenização por motivo de utilidade pública, a supressão da renda fundiária e a proibição de qualquer especulação imobiliária.

18. Exigimos uma luta impiedosa contra aqueles cujas atividades prejudicam o interesse geral. Os infames criminosos contra o povo, agiotas, traficantes etc., devem ser punidos com pena de morte, sem consideração de credo ou raça.
19. Exigimos que se substitua o direito romano, que serve à ordem materialista, por um direito alemão.
20. Com o fito de permitir a todo alemão capaz e trabalhador alcançar uma instrução de alto nível e chegar assim ao desempenho de funções executivas, deve o Estado empreender uma reorganização radical de todo o nosso sistema de educação popular. Os programas de todos os estabelecimentos de ensino devem ser adaptados às exigências da vida prática. A assimilação dos conhecimentos de instrução cívica deve ser feita na escola desde o despertar da inteligência. Exigimos a educação, custeada pelo Estado, dos filhos – com destacados dotes intelectuais – de pais pobres, sem se levar em conta a posição ou a profissão desses pais.
21. O Estado deve tomar a seu cargo o melhoramento da saúde pública mediante a proteção da mãe da criança, a proibição do trabalho infantil, uma política de educação física que compreenda a instituição legal da ginástica e do esporte obrigatórios, e o máximo auxílio possível às associações especializadas na educação física dos jovens.
22. Exigimos a abolição do exército de mercenários e a formação de um exército popular.
23. Exigimos que se lute pela lei contra a mentira pública deliberada e a sua divulgação através da imprensa. Para que se torne possível a construção de uma imprensa alemã, exigimos:
  - a) Que todos os redatores e colaboradores de jornais editados em língua alemã sejam obrigatoriamente membros do povo (*Volksgenossen*);
  - b) Que os jornais não-alemães sejam submetidos à autorização expressa do Estado para poderem circular. Que eles não possam ser impressos em língua alemã;
  - c) Que toda participação financeira e toda influencia de não-alemães sobre os jornais alemães sejam proibidas por lei, e exigimos que se adote como sanção para toda e qualquer infração o fechamento da empresa jornalística e a expulsão imediata dos não-alemães envolvidos para fora do Reich.

Os jornais que colidirem com o interesse geral devem ser interditados. Exigimos que a lei combata as tendências artísticas e literárias que exerçam influência debilitante na vida do nosso povo, e o fechamento dos estabelecimentos que se oponham às exigências acima.

24. Exigimos liberdade dentro do Estado para todos os credos religiosos, na medida em que não ponham em risco a sua existência e não contrariem o espírito dos costumes e da moral da raça germânica. Quanto ao partido, defende a ideia de um cristianismo positivo, sem, no entanto, vincular-se a um credo determinado. Combate o espírito judeu-materialista em nós e em torno de nós, e está convencido de que um saneamento duradouro do nosso povo só pode realizar-se internamente com base no seguinte princípio: o interesse coletivo prevalece sobre o interesse individual.

25. Para a realização de todas essas reivindicações, exigimos que se constitua no Reich um poder central forte; a autoridade absoluta do Parlamento central sobre todo o Reich e os seus organismos. A constituição de câmaras de ofícios e profissões para que se apliquem nos diferentes Estados federais leis de cunho geral editadas pelo Reich.

Os dirigentes do partido prometem empenhar-se totalmente, com o risco da própria vida se necessário for para a realização do programa acima.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Bem. **Holocausto**: o massacre de 6 milhões. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.
- ADAMS, Jad. **Gandhi**: ambição nua. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARRIGONI, Mariana de Melo. **Debatendo os conceitos de caricatura, charge e cartum**. In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, 2011.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Coleção Signos nº42, Lisboa: Edições 70, 1982.
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**: de 1930 a 1960. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- BASTIDE, R. **Arte e sociedade**. Tradução Gilda de Mello e Souza. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1971.
- BELMONTE. **Caricatura dos tempos** (as mais interessantes charges sobre os acontecimentos internacionais de 1936 a 1946, principalmente sobre os motivos da última guerra mundial). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.
- BERGSON, Henri. **O riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Edunb, 1993.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. A História-conhecimento e o documento fotográfico. In: **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BOUDON, R. & BOURRICAULD, F. "Ação". In: BOUDON, R. & BOURRICAULD, F. **Dicionário Crítico de Sociologia**. SP: Ática, 1993.
- BURON, Thierry; GAUCHON, Pascoal. **Os fascismos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- CANCELLI, E. **O mundo da violência**. A polícia da Era Vargas. Brasília: Ed. UnB, 1993.
- CAPELATO, M. H. **Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional**. In: Revista Brasileira de História – ANPHU. São Paulo: Contexto, vol. 16, nº 31 e 32, 1996.
- CAPELATO, M H. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In.: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- CARNEIRO, M. L. **O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)**. Fantasmas de uma geração. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- CARONE, Edgard. **A Terceira República (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1976.
- CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço: a força do coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- COGGIOLA, A. **A 2ª Guerra**. Um balanço histórico. São Paulo: Xamã, 1995.
- CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **Ascensão das ideias nazistas em Pernambuco: A quinta coluna em ação: 1939-1945**. 186 f. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2005.
- COSTELLA, Antônio F. **O controle da informação no Brasil: evolução histórica da legislação brasileira de imprensa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COTRIM, A. **J. Carlos**. Época, vida e obra. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- COUTO, Sérgio Pereira. **Dossiê Hitler**. São Paulo: Universo dos Livros, 2007.
- CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: EdUSP, 2000.
- DIHEL, Paula. **Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista**. São Paulo: Annablume, 1996.
- DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald – comunicação de massa e colonialismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DUROSELLE, J. B. **A Europa de 1815 aos nossos dias: vida política e relações internacionais**. São Paulo: Pioneira, 1989.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- EBERLE, Henrik (org.). **Cartas para Hitler**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha: A história de um país imaginário**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- FREUD, Sigmund. **O Chiste e sua relação com o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**. Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: E. Símbolo, 1977.
- GARCIA, N. J. **Estado Novo: Ideologia e propaganda política: a legitimação do Estado autoritário perante as classes subalternas**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GARCIA, Sheila Nascimento. **Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1930-1945)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ASSIS, 2005.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão**. Um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOMES JR., Wanderlei de Souza. (editor) **Os grandes filmes de Chaplin**. Barcelona: Ediciones Altaya, 1997.

HEIDEN, Konhad. **Der Führer**. Boston, 1944.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1919)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOLY, Martine. **Introdução á análise da imagem**. Campinas, São Paulo: Papyrus editora, 1996.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010,

LIEBEL, Vínicius. **Humor, Propaganda e Persuasão: as charges e seu lugar na propaganda nazista**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de História da UFPR, 2006.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.1.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.3.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.4.

LIMA, Herman. **J. Carlos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação. Coleção Artistas Brasileiros, 1950.

LIMA, Y.S. **A ilustração na produção literária**. São Paulo, década de 20. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1985.

LOBASSI, E. Washington. **A morte de Carlitos: O Grande Ditador – um marco entre o cinema mudo e falado do diretor Charles Chaplin**. Dissertação de Mestrado. Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2009.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Traços da política: representações do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX**. Pelotas: UFRS, 2006. 236p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. **O funcionamento discursivo de charges políticas**. Dissertação de Mestrado. Pelotas (RS): UCP, 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARTINS, Luciano. A Revolução de 1930 e seu significado político. In. **A Revolução de 1930**: seminário realizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, setembro de 1980. Brasília, EdUnb, 1983.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Rumo a uma “história visual”**. Material didático produzido para aula ministrada pelo Departamento de História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo FFLCH/USP aos 14 de junho de 2005. (versão 2).

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões**: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

NETO, Vulmeron Borges Marçal. **A Propaganda Nazista**: seus instrumentos e estratégias. Pós Graduação. USP: São Paulo, 2003.

OVERY, R. J. **A Segunda Guerra Mundial**: 1944-1945. São Paulo: Panda Books, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. São Paulo: Global Ed., 1982.

RIBEIRO, Pedro Krause. **O povo na retórica da charge**: Zé Povinho e Zé Povo na imprensa lusobrasileira (1875-1907). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 200p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

REVISTA BBC HISTÓRIA. Rio de Janeiro: Tríade, 2011. Mensal.

ROVAI, Mauro Luiz. **Imagem, tempo e movimento**: os “afetos” alegres no filme O Triunfo da Vontade de Leni Riefenstahl. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.

SAMUELSON, Paul. **Introdução à análise econômica**. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

SAVELLE, Max (org.) **História da Civilização Mundial**: o mundo em que vivemos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.

SCARBI, O. Introdução à História da caricatura brasileira. **Anuário da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda, 1942.



SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930 – 1964)**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

SCHACHT, Hjalmar. **Setenta e seis anos de minha vida**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

SCHROEDER, Christa. **Doze anos com Hitler, 1933-1945**: testemunho inédito da secretária do Führer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SHIRER, W. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich**: Triunfo e Consolidação – 1933-1936. Rio de Janeiro: Agir, 2008. vol.1.

SODRÉ, N. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SONTAG, Susan. Fascinante fascismo. In: \_\_\_\_\_. **Sob o signo de Saturno**. Porto Alegre: LP&M, 1986. p. 59-83.

SZNITER, Célia. **Algumas considerações sobre a dinâmica psíquica envolvida na retórica das imagens**. FFLCH, USP. 2006. Mnemosine Vol. 2, nº2.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão, a charge**. Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 2005.

VELLOSO, M. P. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996.